

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
DOUTORADO EM HISTÓRIA

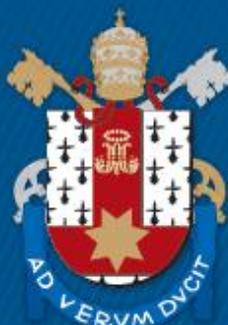
ANA PAULA GOMES BEZERRA

ENTRE MALGAS, URINÓIS E MANUAIS.

DA PRODUÇÃO AO DESCARTE DE LOUÇAS EUROPEIAS DE USO DOMÉSTICO NA PORTO
ALEGRE OITOCENTISTA (1837 - 1895).

Porto Alegre
2022

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES

ENTRE MALGAS, URINÓIS E MANUAIS.
DA PRODUÇÃO AO DESCARTE DE LOUÇAS EUROPEIAS DE USO
DOMÉSTICO NA PORTO ALEGRE OITOCENTISTA (1837 - 1895).

Ana Paula Gomes Bezerra

Porto Alegre

2022

ANA PAULA GOMES BEZERRA

ENTRE MALGAS, URINÓIS E MANUAIS.
DA PRODUÇÃO AO DESCARTE DE LOUÇAS EUROPEIAS DE USO
DOMÉSTICO NA PORTO ALEGRE OITOCENTISTA (1837 - 1895).

Tese apresentada como requisito para obtenção parcial do grau de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de Concentração: História das Sociedades Ibéricas e Americanas

Linha de Pesquisa: Cultura Material e Povoamento

Orientador: Prof. Dr. Klaus Kristian Peter Hilbert

Porto Alegre

2022

Ficha Catalográfica

B574e Bezerra, Ana Paula Gomes

Entre malgas, urinóis e manuais : Da produção ao descarte de louças europeias de uso doméstico na Porto Alegre oitocentista (1837 - 1895) / Ana Paula Gomes Bezerra. – 2022.

338 p.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Klaus Kristian Peter Hilbert.

1. Cultura material. 2. Arqueologia Histórica. 3. Civilidade. 4. Louças. 5. Consumo. I. Hilbert, Klaus Kristian Peter. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

ANA PAULA GOMES BEZERRA

ENTRE MALGAS, URINÓIS E MANUAIS.
DA PRODUÇÃO AO DESCARTE DE LOUÇAS EUROPEIAS DE USO
DOMÉSTICO NA PORTO ALEGRE OITOCENTISTA (1837 - 1895).

Tese apresentada como requisito para obtenção parcial do grau de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de Concentração: História das Sociedades Ibéricas e Americanas

Linha de Pesquisa: Cultura Material e Povoamento

Aprovada em: de de .

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Klaus Peter Kristian Hilbert (Orientador)
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

Prof.^a Dr.^a Claudia Musa Fay
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

Prof.^a Dr.^a Rafaela Gomes Lima
Secretaria de Educação do Estado do Ceará

Prof. Dr. Lucas Pereira de Oliveira
Universidade Estadual do Ceará

Dedico essa pesquisa ao meu filho
Annael Lucas por todo amor, amizade e
compreensão ao longo dessa caminhada.
Dedico a mim, por ter conseguido chegar
até aqui.

AGRADECIMENTOS

Os últimos anos foram marcados por medo, incerteza e tensão. Um período de instabilidade provocada não apenas pelas eleições, mas por uma pandemia, negligência por parte do governo federal, muitas perdas. Durante os quatro anos do doutorado passei por problemas pessoais que me afetaram profissional e pessoalmente, perdi um primo que amava muito, crises de ansiedade que me paralisam em alguns momentos e passei por um divórcio muito complicado e cheio de turbulências. Iniciei falando os aspectos negativos ou de aprendizado, pois consegui chegar até aqui. E isso só foi possível pela rede de amigos, familiares e professores. Amigos novos e antigos.

E muitas crises de ansiedade depois, estou aqui concluindo o doutorado. Foi um período de crescimento pessoal e profissional, além de conhecimento adquirido. Fiz grandes amigos e tive grandes professores. Foram tantos momentos compartilhados, amizades que me acompanham até hoje. Não posso dizer que o trabalho que aqui se apresenta, foi escrito por duas mãos apenas, pois, foram inúmeras contribuições, no que tange as orientações, as conversas, as discussões conceituais e metodológicas, e acima de tudo as orientações para a vida.

À Deus agradeço em primeiro lugar. Embora não tendo uma religião determinada, mas tendo uma fé.

Aos meus amados avós maternos, padrinhos e pais Francisco Gomes da Silva e Maria de Souza Gomes por contribuírem com minha educação, com a formação do meu caráter e com tudo o que sou hoje. Com eles aprendi a valorizar cada conquista.

Ao CNPq agradeço pelo apoio financeiro que, em muito, me ajudou nas pesquisas para o desenvolvimento deste estudo.

A PUCRS, por dispor de uma estrutura física voltada para o aprendizado e lazer dos alunos, e por seu quadro de funcionários que tanto contribuíram durante a minha permanência na instituição. Destaco aqui as amigas, Eni e Magda, pelo carinho e amizade que me acolheram.

Á todos que fizeram e fazem parte do Museu de Ciência e Tecnologia da PUCRS, em especial a toda a equipe do Laboratório de Arqueologia, que por um bom tempo foi minha primeira casa.

Ao PPGH da PUCRS, na figura do Professor Luciano, as secretárias Henriete, e em especial a Daniela por todo carinho, pelas conversas, pelo apoio e atenção no

decorrer desses anos. Aos Professores Drs. Luiz Martins, Charles Monteiro, Antônio Ruggiero, Guilherme Galhegos e Maria Cristina, Luciano Arrone, Claudia Musa Fay e todos os demais professores que contribuíram com suas observações ao longo das disciplinas.

Em especial ao Professor Klaus Hilbert por sua inestimável contribuição no estudo das louças e do consumo, no decorrer dessa trajetória. E por sua atenção, carinho, disposição e conselhos, durante todo o doutorado, como meu professor e orientador na PUCRS. Agradeço ainda por sua compreensão e apoio nos momentos difíceis.

As professoras Ângela Cappelletti e Gislene Monticelli, pelo apoio e contribuição tanto no campo acadêmico como no cultural.

À professora Fernanda Tocchetto por sua contribuição na construção desta pesquisa no que se refere ao campo da Arqueologia Histórica, aos conselhos e conversas.

Aos meus queridos estagiários que tanto contribuíram com a pesquisa, em especial a Alex Latrônico, Jordana e Akemi. Sou muito grata pelo carinho e profissionalismo.

As Instituições de pesquisa e seus funcionários que tanto contribuíram para a realização deste trabalho.

Aos professores Marcélia Marques e Pádua Santiago pelas longas conversas e em especial pelo apoio e carinho.

À minha amiga Cristina Holanda por seu incentivo, palavras de carinho, pelo abrigo muitas vezes e ajuda ao longo deste processo.

Agradeço aos meus amigos Rafaela Lima e Lucas Pereira por estarem comigo nessa caminhada que se iniciou na sala de aula do MAHIS e se estendeu as terras gaúchas, onde vivemos momentos de constante aprendizado, brigas (isso faz parte, como diz Rafaela) e amizade. Sou muito feliz por tê-los como amigos. Tenho por vocês um carinho que só se tem por irmãos. Consolamos-nos em momentos de saudade, de angústia, de escrita e nos divertimos juntos durante o período do doutorado.

Aos meus amigos queridos Filipi Pompeu, Daiane Bittencourt, Paul Montoya, Renata Dariva, Eduardo Ortiz e Henrique Perin. Nossa amizade ultrapassou os limites acadêmicos.

Ao meu psicólogo Claudio Soares por me ajudar nesse processo tão importante para mim, como ele diz “feito é melhor que perfeito”. Sua ajuda foi muito importante.

A minha amiga Ana Cecília que sempre esteve do meu lado me apoiando, incentivando e sendo uma pessoa tão importante na minha vida.

Aos meus amigos Ana Alice, Tito e Pedrinho, por terem sido meu suporte em muitos momentos, pela amizade e apoio.

Ao Fabrício Klein que entrou na minha vida em um momento tão difícil e tornou-a mais leve, por seu apoio, pelos risos, conversas e por sua amizade.

A Diretoria da ANPUH – CE pelo apoio durante esse período.

A Secretária da Cultura e Turismo de Sobral, pelo apoio e incentivo, em especial ao meu querido coordenador Edilberto Florêncio pela amizade e apoio. Aos amigos que fiz na secretaria e que me acompanharam durante esse período final de escrita. Aos queridos Stenio, Cris e Neyci e todos que estiveram comigo nesse processo, obrigada pelas risadas, pelas conversas e pelo apoio.

A meu querido William Paredes por seu apoio, pela paciência, aconchego, amizade e carinho até hoje.

À minha mãe Neurimá, meus tios Edilberto, Nenmaura e Everardo, minhas irmãs Ana Cecília e Ana Cristina e aos sobrinhos Camilo, Gustavo e Benício, e aos meus primos Paulo Victor e Guilherme, por suas palavras de incentivo e carinho.

Agradeço especialmente ao meu filho Annael Lucas, pela escuta, pelo apoio, pelo carinho, pela paciência durante esse período, por me compreender e me amar acima de tudo. Obrigada por acreditar em mim e me apoiar incondicionalmente. Meu agradecimento e amor é para você!

A Anne Beatriz, a quem chamo de minha nora ou minha filha, por seu apoio, pela escuta, carinho e amizade ao longo de todo esse período.

Ao meu gato Simon, companheiro de longas noites de estudo que se estendiam até a madrugada, e por vezes dias e dias na frente do computador e ele sempre ao meu lado. E não menos importante a família felina que tanto amo, Rocket, Eleanor, Frida, Simone, Lobinho e Juno por todo amor e carinho.

À todos que contribuíram direta e indiretamente e que torceram por mim ao longo desta caminhada,

OBRIGADA!

[...] Agora coleciono cacos de louça quebrada há muito tempo. Cacos novos não servem. Brancos também não. Têm de ser coloridos e vetustos, desenterrados — faço questão — da horta [...] (Coleção de cacos, Carlos Drummond de Andrade, 1979)

RESUMO

Esta tese tem, como objeto de estudo, a louça europeia de uso doméstico exumada na segunda intervenção arqueológica realizada no sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa), em 2009, na cidade de Porto Alegre (RS), onde hoje se encontra o Shopping Popular de Compras ou Centro Popular de Compras. As louças, aqui referidas, compreendem os artigos utilizados na mesa e cozinha, como os serviços de chá e café e aparelhos de jantar. O recorte temporal proposto inicia em 1837 quando a área é designada para ser uma lixeira coletiva e finda em 1895 quando na área é realizada a colocação de uma camada de paralelepípedo. A presente pesquisa, tem como objetivo analisar a inserção da cidade de Porto Alegre (RS) no modelo europeu de civilidade e consumo, a partir da análise da trajetória das louças europeias de uso doméstico; perpassando as suas etapas de produção, comercialização, consumo e descarte. Para tanto, fez-se necessário analisar as redes de comércio, consumo e civilidade, formadas entre os centros produtores de louça, no continente europeu, até os centros de distribuição porto-alegrense, na segunda metade do século XIX. Pretendendo-se, também, investigar as estratégias utilizadas para a inserção e manutenção das louças europeias no mercado. Os conceitos norteadores deste trabalho estão: civilidade (ELIAS), capitalismo (WALLERSTEIN), tradução cultural (BURKER) e distinção (BOURDIEU). Sendo estes, dialogados, ao longo de todo o texto, com algumas das várias fontes encontradas no decorrer da pesquisa, como as correspondências da alfândega e mesa de rendas, jornais, anuários, leis provinciais, códigos de posturas policiais da cidade de Porto Alegre (RS), diários de viajantes, cadernos de campo, relatório parcial de escavação, cultura material presente nos artefatos arqueológicos e as fichas de registro destes. Busca-se, portanto, compreender a relação entre as referidas louças e as mudanças dos hábitos e costumes da sociedade porto-alegrense. A louça, nesta tese, desempenha o papel fundamental de fio condutor. A partir da análise da trajetória da referida louça foi possível compreender as estratégias de inserção e permanência das mesmas no mercado consumido, em especial na cidade de Porto Alegre. Um estudo mais aprofundado das fontes forneceu ainda uma melhor compreensão acerca das etapas de fabricação, comercialização, consumo e descarte das louças, assim como entender o processo de formação de redes de consumo e civilidade, as semelhanças e diferenças.

Palavras-Chave: Cultura material; arqueologia histórica; civilidade; louças; consumo.

ABSTRACT

This thesis has, as its object of study, the European tableware for domestic use exhumed in the second archaeological intervention carried out at the RS JA 06 site (Praça Rui Barbosa), in 2009, in the city of Porto Alegre (RS), where the Shopping Mall is located today. Popular Shopping Center or Popular Shopping Center. The crockery referred to here comprises the items used in the table and kitchen, such as tea and coffee services and dining appliances. The proposed temporal cut starts in 1837 when the area is designated to be a collective dump and ends in 1895 when a layer of cobblestone is placed in the area. This research aims to analyze the insertion of the city of Porto Alegre (RS) in the European model of civility and consumption, from the analysis of the trajectory of European tableware for domestic use; passing through its production, commercialization, consumption and disposal stages. Therefore, it was necessary to analyze the trade, consumption and civility networks, formed between the crockery producing centers, on the European continent, to the Porto Alegre distribution centers, in the second half of the 19th century. It is also intended to investigate the strategies used for the insertion and maintenance of European tableware in the market. The guiding concepts of this work are: civility (ELIAS), capitalism (WALLERSTEIN), cultural translation (BURKER) and distinction (BOURDIEU). These are dialogued throughout the text with some of the various sources found in the course of the research, such as customs and lace table correspondence, newspapers, yearbooks, provincial laws, codes of police postures in the city of Porto Alegre (RS), travellers' diaries, field notebooks, partial excavation report, material culture present in archaeological artifacts and their registration forms. Therefore, we seek to understand the relationship between the aforementioned tableware and the changes in the habits and customs of Porto Alegre society. The crockery, in this thesis, plays the fundamental role of a guiding thread. From the analysis of the trajectory of the mentioned tableware, it was possible to understand the strategies of insertion and permanence of the same in the consumer market, especially in the city of Porto Alegre. A more in-depth study of the sources also provided a better understanding of the stages of manufacture, commercialization, consumption and disposal of tableware, as well as understanding the process of formation of consumption networks and civility, the similarities and differences.

Keywords: Material culture; historical archeology; civility; crockery; consumption.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|-----------|--|----|
| Figura 1 | Esquematisação dos Humores | 59 |
| Figura 2 | Siphão estomacal de Faucher para lavagem estomacal | 60 |
| Figura 3 | Bombas Estomacais Utilizadas no século XIX | 61 |
| Figura 4 | Sangria do braço..... | 62 |
| Figura 5 | Uso da lanceta..... | 62 |
| Figura 6 | Prato raso transfer printing, padrão decorativo <i>willow</i> , com corte proposital encontrado na amostra da santa casa em porto alegre | 64 |
| Figura 7 | Ventosa de borracha com cúpula de vidro..... | 65 |
| Figura 8 | Aquarela representando a prática de sangria, pintada por Jean Baptiste Debret... | 65 |
| Figura 9 | Sanguessugas utilizadas para fins medicinais, podendo ser utilizadas em sangrias..... | 67 |
| Figura 10 | Três formas diferentes de aplicação de sanguessugas no século XIX..... | 67 |
| Figura 11 | Anúncio da casa “Calisto Felizardo de Araújo & Filhos” no Jornal “A Federação”..... | 69 |
| Figura 12 | Botica doméstica portátil | 73 |
| Figura 13 | Vidros de medicamentos..... | 73 |
| Figura 14 | Escarradeiras inglesas, produzidas no século XIX..... | 75 |
| Figura 15 | Preceitos de higiene para evitar a disseminação da varíola, febre tifoide e disenteria..... | 76 |
| Figura 16 | Urinol encontrado na atual área do centro popular de compras, em 1995..... | 77 |
| Figura 17 | Planta do primeiro traçado da cidade, de Alexandre José Montanha, e imaginada por Tupi Caldas..... | 79 |
| Figura 18 | Estrutura digital da cidade de Porto Alegre, em destaque os cinco caminhos..... | 80 |
| Figura 19 | Mapa de Porto Alegre, em 1840..... | 88 |
| Figura 20 | Mapa de Porto Alegre com alguns locais de despejo de lixo e imundícies (1840)..... | 89 |
| Figura 21 | Tipos de aterramentos por estaqueamento..... | 91 |
| Figura 22 | Praça das Carretas, em 1885..... | 93 |
| Figura 23 | Fragmento do Jornal O Guarany (1874) com uma caricatura representando a falta de fiscalização na limpeza da cidade..... | 95 |
| Figura 24 | Fragmento do Jornal Figaro - Folha Illustrada (1878) | 95 |
| Figura 25 | Fragmento do Jornal Gazetinha (1896) com uma caricatura representando o despejo de destes pela janela das casas..... | 96 |

| | | |
|-----------|---|-----|
| Figura 26 | Composição de uma sala de jantar – século XIX..... | 101 |
| Figura 27 | A cartografia dos itens que compõem a sala de jantar (século XIX)..... | 102 |
| Figura 28 | Modelo europeu de civilidade e consumo (Século XIX) | 103 |
| Figura 29 | Cadeira nº 14 produzida por Michael Thonet..... | 107 |
| Figura 30 | Catálogos de móveis produzidos por <i>Thonet</i> . (1859 e 1873, respectivamente)..... | 109 |
| Figura 31 | Catálogo com a diversidade de modelos e tipos de mobília produzidos por <i>Thonet</i> | 110 |
| Figura 32 | Anúncio do leilão dos itens da casa do comendador <i>Johannes Friederich Breyer</i> | 112 |
| Figura 33 | Selos da Fábrica <i>Petrus Regout</i> , entre 1836 e 1880 | 119 |
| Figura 34 | Selos da Fábrica <i>Petrus Regout</i> entre aos anos 1852 e 1880..... | 119 |
| Figura 35 | Análise do selo da fábrica <i>Petrus Regout</i> , 1851..... | 120 |
| Figura 36 | Selo/Marca Fábrica <i>Petrus Regout</i> , Holanda..... | 120 |
| Figura 37 | Selos da Fábrica <i>Petrus Regout</i> , produzidos entre 1851 e 1900..... | 121 |
| Figura 38 | Selo da Fábrica <i>Société Céramique Maestricht</i> – Holanda..... | 122 |
| Figura 39 | Selos da Fábrica <i>Société Céramique Maestricht</i> – Holanda..... | 122 |
| Figura 40 | Vista da Fábrica de <i>Carl Tielsch</i> | 124 |
| Figura 41 | Selos da Fábrica <i>C. Tielsch & Co</i> (1845 - 1847)..... | 125 |
| Figura 42 | Fragmentos de louça com selos da Fábrica <i>Carl Tielsch</i> | 125 |
| Figura 43 | Selos criados pela fábrica de <i>Carl Tielsch</i> entre 1850 e 1900..... | 126 |
| Figura 44 | Fragmento de cerâmica com selo da Fábrica <i>Boch Frères</i> , Bélgica. Fabricado entre 1845 e 1860 | 128 |
| Figura 45 | Selos criados pela Fábrica <i>Boch Frères</i> entre os anos 1845 e final do século XIX..... | 128 |
| Figura 46 | Principais fábricas escocesas entre 1722 e 1952, enfatizando (1722 - 1890)..... | 129 |
| Figura 47 | Localização da Fábrica de <i>J. & M. P. Bell, Glasgow</i> | 130 |
| Figura 48 | Selo da Fábrica <i>J & M.P. Bell</i> | 131 |
| Figura 49 | Selos da Fábrica <i>J & M.P. Bell & Co</i> | 132 |
| Figura 50 | Categorias de Padrões Decorativos Destinados À Exportação..... | 133 |
| Figura 51 | Selos da Fábrica Francesa <i>Creil Et Montereau</i> | 134 |
| Figura 52 | Selos da Fábrica Francesa <i>Creil Et Montereau</i> (1884 -1876) | 136 |
| Figura 53 | Selos da Fábrica <i>Sarreguemines</i> (1840 - 1919)..... | 137 |
| Figura 54 | Selos da Fábrica Francesa <i>Sarreguemines</i> | 137 |

| | | |
|-----------|--|-----|
| Figura 55 | Selos da Fábrica <i>Pinder</i> (1848 – 1851) | 140 |
| Figura 56 | Selos da Fábrica <i>Pinder, Bourner & Hope</i> (1851 - 1862)..... | 140 |
| Figura 57 | Nota do Jornal sobre a dissolução da sociedade <i>Pinder, Bourne & Hope</i> | 141 |
| Figura 58 | Fragments de louça com os selos da Fábrica <i>Pinder, Bourne & Co</i> | 142 |
| Figura 59 | Selos da Fábrica <i>Pinder & Bourner Co</i> (1862-1882)..... | 142 |
| Figura 60 | Fragments de padrões decorativos produzidos pela <i>Davenport</i> | 144 |
| Figura 61 | Selos Da Fábrica <i>Davenport</i> impressos e gravados..... | 144 |
| Figura 62 | Selos da Fábrica <i>Davenport</i> utilizados entre 1793 e 1886..... | 145 |
| Figura 63 | Alguns selos usados pela Fábrica <i>Baker & Co</i> | 147 |
| Figura 64 | Selos da Fábrica <i>Baker & Co</i> , utilizada entre 1839 e 1893..... | 147 |
| Figura 65 | Nota do Jornal <i>The Pottery Gazette</i> sobre a Fábrica <i>Baker & Co</i> | 148 |
| Figura 66 | Mapa da Fábrica <i>Foley Potteries</i> , em 1879..... | 149 |
| Figura 67 | Anúncio da Fábrica <i>James F. Wileman</i> , Publicada no <i>The Potteries Gazzete</i> | 150 |
| Figura 68 | Anúncio da Fábrica <i>James F. Wileman</i> , Publicada no <i>The Potteries Gazzete</i> | 151 |
| Figura 69 | Nota publicada no Jornal <i>London Gazette</i> , 20 de janeiro de 1885..... | 151 |
| Figura 70 | Selos utilizados pela Fábrica Selos utilizados pela Fábrica <i>B.W.M & Co</i> durante seu período de produção..... | 152 |
| Figura 71 | Fragmento de uma louça com o selo da Fábrica <i>J .F. Wileman</i> | 152 |
| Figura 72 | Nota sobre a dissolução da sociedade entre os fundadores da Fábrica <i>B. W. M</i> & <i>Co</i> publicada no Jornal <i>London Gazette</i> | 153 |
| Figura 73 | Anúncio da Fábrica <i>Brown-Westhead, Moore & Co</i> , publicado no Jornal <i>The</i> <i>Pottery Gazette, American and Canadian Edition</i> | 154 |
| Figura 74 | Anúncio da Fábrica no catálogo para a ' <i>World's Columbian Exposition</i> ' de 1893, Chicago..... | 155 |
| Figura 75 | Fragmento de um prato com o selo da Fábrica <i>B W M & Co</i> | 155 |
| Figura 76 | Selos utilizados pela Fábrica..... | 155 |
| Figura 77 | Louças sanitárias produzidas pela Fábrica <i>Johnson Bros</i> | 156 |
| Figura 78 | Anúncio referente a Patent “ <i>Victrion</i> ” <i>Syphonic Closet Suite</i> | 158 |
| Figura 79 | Selo com o nome comercial <i>Victrion</i> | 158 |
| Figura 80 | Selos da Fábrica <i>Johnson Bros</i> , entre 1893 e 1900..... | 159 |
| Figura 81 | Selo da Fábrica <i>Johnson Bros</i> , entre 1893 e 1900..... | 159 |
| Figura 82 | Selos usados pela Fábrica <i>Powell Bishop & Co</i> , entre 1866 e 1878..... | 160 |
| Figura 83 | Selo da Fábrica <i>Powell, Bishop & Co</i> , usada entre 1867 e 1878..... | 161 |

| | | |
|------------|--|-----|
| Figura 84 | Selo usado pela Fábrica <i>Powell, Bishop & Stonier</i> , a partir de 1880..... | 162 |
| Figura 85 | Fragmento de prato da Fábrica <i>J & G Meakin</i> (1891 +) | 162 |
| Figura 86 | Selos usados pela Fábrica <i>J & G Meakin</i> | 163 |
| Figura 87 | Selos usados pela Fábrica <i>Wood & Son</i> | 164 |
| Figura 88 | Selo da Fábrica <i>Wood & Son</i> , utilizado entre 1891 e 1907..... | 165 |
| Figura 89 | Anúncio da Fábrica <i>Sampson Bridgwood & Son</i> , em 1880..... | 166 |
| Figura 90 | Selos usados Pela Fábrica <i>Bridgwood & Son</i> | 167 |
| Figura 91 | Selo utilizado pela Fábrica <i>Bridgwood & Son</i> , entre 1885 e 1891..... | 167 |
| Figura 92 | Fábrica <i>Trent</i> , de <i>George Jones</i> Em <i>Stoke-On-Trent</i> , Em 1865..... | 168 |
| Figura 93 | Marcas Utilizadas Pela Fábrica <i>George Jones & Co</i> (1861 - 1873)..... | 169 |
| Figura 94 | Marcas Usadas Pela Fábrica <i>George Jones & Sons</i> (1873-1900)..... | 170 |
| Figura 95 | Selos Utilizado Pela Fábrica <i>George Jones & Co</i> | 171 |
| Figura 96 | Selos da Fábrica <i>Copeland & Garrett</i> | 171 |
| Figura 97 | Fragmento de Louça Da Fábrica <i>Copeland & Garrett</i> | 172 |
| Figura 98 | Selos Usados Pela Fábrica <i>W Adams</i> | 172 |
| Figura 99 | Selos Usados Pela Fábrica <i>W. Adams</i> | 174 |
| Figura 100 | Mapa da área de <i>Sandyford & Newfield</i> , Norte da cidade de <i>Tunstall</i> , em 1879.. | 175 |
| Figura 101 | Nota do Jornal <i>The London Gazette</i> de 18 de abril de 1884..... | 175 |
| Figura 102 | Anúncio publicado no <i>Jornal Pottery Gazette</i> , em 1880..... | 176 |
| Figura 103 | Anúncio publicado no Diretório <i>Kelly & Co</i> , em 1880..... | 177 |
| Figura 104 | Selos usados pela Fábrica durante seu período de funcionamento..... | 177 |
| Figura 105 | Selo da Fábrica <i>W H Grindley</i> | 178 |
| Figura 106 | Planta da Grande Exposição de 1851 | 185 |
| Figura 107 | Esboço original de <i>Sir Joseph Paxton</i> em Papel Mata-Borrão do Palácio de Cristal. 11 de Junho de 1850..... | 186 |
| Figura 108 | Imagem interna do Palácio de Crystal, em 1851..... | 186 |
| Figura 109 | Palácio de Cristal, em Londres, em 1851..... | 187 |
| Figura 110 | Planta do palácio de cristal com os stands ou pavilhões distribuídos -1851, londres..... | 188 |
| Figura 111 | Interior do Palácio de Crystal – um dos stands de louça..... | 189 |
| Figura 112 | Anúncio da Fábrica <i>George Jones & Sons</i> (destaque para medalhas e premiações)..... | 193 |
| Figura 113 | Primeira página do impresso <i>The Pottery Gazette</i> , publicado em 1 de fevereiro de 1890..... | 194 |

| | | |
|------------|--|-----|
| Figura 114 | Fragmentos de selos/marcas de algumas fábricas de louças e sua participação nas exposições universais entre 1850 e 1897..... | 194 |
| Figura 115 | Capa do material publicitário produzido para a Grande Exposição Universal, em 1851..... | 197 |
| Figura 116 | Exposição brasileira-alemã, ocorrida em 1881, na cidade de porto alegre..... | 203 |
| Figura 117 | Capa do catálogo Da Exposição em 1881, na cidade de Porto Alegre..... | 213 |
| Figura 118 | Anuncio da Casa Comercial <i>Reys, Reuter & Comp.</i> | 214 |
| Figura 119 | Anúncio da fábrica de louças, para o anno de 1888..... | 214 |
| Figura 120 | Anúncio da Casa Comercial Fonseca & Oliveira, jornal a federação em 28 de fevereiro de 1884..... | 215 |
| Figura 121 | Anúncio da Casa Comercial Fonseca & Oliveira, para o anno 1888..... | 216 |
| Figura 122 | Anúncio de leilão divulgado no jornal “A Federação” 28 de abril de 1884..... | 217 |
| Figura 123 | Capa da obra <i>Über Den Umgang Mit Menschen</i> , em 1788..... | 227 |
| Figura 124 | Capas de dois dos principais manuais de civilidade que circulavam no Brasil.... | 229 |
| Figura 125 | Capas dos livros ‘Thesouro de Meninos’ e ‘Thesouro de Meninas’..... | 232 |
| Figura 126 | Fragmentos de louça..... | 241 |
| Figura 127 | Garfo encontrado no Sítio RS JA 06..... | 242 |
| Figura 128 | Talheres encontrados no Sítio RS JA 06..... | 243 |
| Figura 129 | Xicara para chá em porcelana..... | 244 |
| Figura 130 | Ritual do jantar | 245 |
| Figura 131 | Dicionário do doceiro Brasileiro e Doceiro Nacional..... | 248 |
| Figura 132 | Trecho do livro <i>Cozinheiro Nacional</i> , 1860..... | 249 |
| Figura 133 | Instrumentos de cozinha – talher para trincar..... | 250 |
| Figura 134 | Localização da última vala (trincheira) abeta na obra | 255 |
| Figura 135 | Trabalho de acompanhamento da obra e coleta de material arqueológico..... | 256 |
| Figura 136 | Diferentes níveis de ocupação do sítio - RS JA 06 | 256 |
| Figura 137 | Construção do Centro Popular de Compras (CPC), em 2007..... | 259 |
| Figura 138 | Primeiras perfurações da área do empreendimento CPC, em outro de 2007..... | 260 |
| Figura 139 | Primeiras perfurações da área do empreendimento CPC, em outro de 2007..... | 261 |
| Figura 140 | Corte estratigráfico - diferentes níveis de ocupação do sítio RS JA – 06 (2007).. | 262 |
| Figura 141 | Localização das quadras (perfurações) escavadas na Praça Rui Barbosa..... | 263 |
| Figura 142 | Camadas estratigráficas e o trabalho arqueológico, em destaque..... | 264 |
| Figura 143 | Material arqueológico identificado na camada estratigráfica do sítio..... | 265 |

| | | |
|------------|--|-----|
| Figura 144 | Etiquetas utilizadas nas caixas que acondicionavam o material arqueológico coletado em 2007..... | 267 |
| Figura 145 | Caixas onde foram acondicionados o material coletado em 2007..... | 268 |
| Figura 146 | Triagem do material férreo a ser trasladado para o laboratório..... | 268 |
| Figura 147 | Material em couro coletado em 2007..... | 268 |
| Figura 148 | Molde de madeira para confecção de sapato – século XIX..... | 269 |
| Figura 149 | Nomenclatura e descrição das partes de um cachimbo (Hissa e Lima, 2017)..... | 270 |
| Figura 150 | Fragmentos de cachimbo..... | 271 |
| Figura 151 | Itens de barbearia..... | 272 |
| Figura 152 | Fragmentos de vidro..... | 273 |
| Figura 153 | Travessa em faiança fina – século XIX..... | 273 |
| Figura 154 | Padrões decorativos utilizados em transfer printed, segundo Neale (2005)..... | 276 |
| Figura 155 | Fragmento com dois selos, sendo um com o nome da fábrica e outro com o selo diamante – patente britânica..... | 280 |
| Figura 156 | Selo diamante - registro de patente britânico (1842 - 1883) | 280 |
| Figura 157 | Selo com incisão..... | 282 |
| Figura 158 | Selo impresso..... | 282 |
| Figura 159 | Selo pintado..... | 283 |
| Figura 160 | Selo com impressão por transferência..... | 283 |
| Figura 161 | Selo da fabrica <i>J & G Meakin</i> com informações acerca da peça produzida..... | 283 |
| Figura 162 | Travessa em estilo <i>Chinoserie</i> | 287 |
| Figura 163 | Fragmentos de pratos, em estilo <i>Chinoserie</i> | 288 |
| Figura 164 | <i>Willow pattern</i> (<i>Spode</i> 1815 - 20) padrão três homens na ponte..... | 290 |
| Figura 165 | Fragmentos do padrão <i>Willow pattern</i> | 291 |
| Figura 166 | Fragmento de <i>Willow pattern</i> produzido pela Fábrica <i>Baker & Co</i> | 292 |
| Figura 167 | Selo da Fábrica <i>Elsmore & Forster</i> com o registro de patente do padrão <i>Ceres</i> , em 2 de novembro de 1859. | 296 |
| Figura 168 | Padrão <i>ceres shape</i> patentado pela Fábrica <i>Elsmore & Foster</i> , 1859..... | 297 |
| Figura 169 | Fragmento de xícara no padrão <i>Trigal</i> | 298 |
| Figura 170 | Mudanças no nome e proprietários da fábrica entre 1853 e 1887, período de funcionamento..... | 300 |
| Figura 171 | Nota de dissolução da <i>Elsmore, Forster & Blackhurst</i> | 301 |
| Figura 172 | Selos/ marcas da Fábrica <i>St. John's Stone Chinaware Company</i> | 302 |
| Figura 173 | Pratos com o padrão <i>ABC ware</i> com o alfabeto moldado e impresso..... | 304 |

| | | |
|------------|---|-----|
| Figura 174 | Fragmentos da borda de uma prato – padrão <i>ABC ware</i> | 304 |
| Figura 175 | Fragmento de uma placa com a fábula do Esopo – <i>The Dog In The Manger</i> | 305 |
| Figura 176 | Fragmento de <i>Shell Edged</i> na cor azul..... | 307 |
| Figura 177 | Fragmento de louça padrão decorativo <i>Shell Edged</i> , sem incisões..... | 307 |
| Figura 178 | Fragmento de <i>Shell Edged</i> na cor verde..... | 308 |
| Figura 179 | Fragmento de shell edged (recipiente para servir)..... | 310 |
| Figura 180 | Fragmentos de <i>Shell Edged</i> | 311 |
| Figura 181 | Fragmentos de <i>Flow Blue</i> | 312 |
| Figura 182 | Fragmentos de <i>Lustre Ware</i> | 313 |
| Figura 183 | Material para ser exposto em 2009..... | 314 |
| Figura 184 | Artefatos selecionados para exposição..... | 315 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|-----------|--|-----|
| Quadro 1 | Estudantes brasileiros formados em Medicina pela Universidade de Montpellier (séculos XVIII - XIX)..... | 50 |
| Quadro 2 | Estudantes de Medicina formados pela Faculdade do Rio de Janeiro (1831-50). | 51 |
| Quadro 3 | Quantitativo dos ‘Ofícios’ legalizados no Brasil entre 1808 e 1828..... | 53 |
| Quadro 4 | Uma Breve Histórico sobre a legislação e instituições criadas no século XIX. | 56 |
| Quadro 5 | Importações Sanguessugas em Porto Alegre..... | 68 |
| Quadro 6 | Itens da Botica De Guilherme Landell (1875)..... | 72 |
| Quadro 7 | População de Porto Alegre entre 1833 e 1900..... | 82 |
| Quadro 8 | Medidas adotadas em Porto Alegre para sanar os problemas de saneamento e limpeza urbana entre 1831 e 1895..... | 91 |
| Quadro 9 | Principais fábricas holandesas, quantidade de operários e cidade em que estão instaladas..... | 116 |
| Quadro 10 | Comparativo das produções das fábricas Petrus Regout (1837)..... | 117 |
| Quadro 11 | Denominação da Fábrica Petrus Regout e o período correspondente a sua atuação..... | 118 |
| Quadro 12 | Denominação e o período das primeiras fabricas holandesas..... | 121 |
| Quadro 13 | Lista com as fábricas e ano de participação.....195..... | 195 |
| Quadro 15 | Lista com as Exposições Universais ocorridas na segunda metade do oitocentos..... | 196 |
| Quadro 14 | Lista com as Exposições nacionais ocorridas na segunda metade do oitocentos..... | 198 |
| Quadro 15 | Lista com as Exposições ocorridas no Rio Grande do Sul na segunda metade do oitocentos..... | 203 |
| Quadro 16 | Expositores/ Fábricas Alemãs que participam da Exposição de 1881.... | 204 |
| Quadro 17 | Informações sobre à fábrica/expositores na Exposição de 1881, em Porto Alegre..... | 205 |
| Quadro 18 | Desmostrativo de despesas municipais com a Exposição de 1881..... | 205 |
| Quadro 19 | Lista de comerciantes que comercializam louças em Porto Alegre..... | 209 |
| Quadro 20 | Comerciantes e suas especialidades..... | 209 |
| Quadro 21 | Quadro demonstrativo - importação de louças..... | 210 |
| Quadro 22 | Comerciantes e mercadorias importadas - Jornal Gazeta de Porto Alegre..... | 211 |

| | | |
|-----------|--|-----|
| Quadro 23 | Comerciantes e mercadorias importadas - Jornal A Federação..... | 212 |
| Quadro 24 | Rol de louças importadas pela Fonseca & Oliveira..... | 215 |
| Quadro 25 | Valores atribuídos a faiança fina por Miller (1796 – 1855)..... | 241 |
| Quadro 26 | Categoria cerâmica doméstica – coletada..... | 258 |
| Quadro 27 | Em ordem crescente, as categorias cerâmicas coletadas (1995)..... | 274 |
| Quadro 28 | Tipo de material ou classe..... | 274 |
| Quadro 29 | Levantamento quantitativo de cinco técnicas/padrões decorativos..... | 281 |
| Quadro 30 | Ano de produção da manufatura (1842-1867)..... | 281 |
| Quadro 31 | Ano de produção da manufatura (1868-1883)..... | 281 |
| Quadro 32 | Elementos comuns aos mitos..... | 289 |
| Quadro 33 | Fábricas que produziram o Wheat Pattern, na Inglaterra..... | 298 |
| Quadro 34 | Fábricas produtoras do padrão decorativo Abc Ware na Inglaterra e América..... | 303 |
| Quadro 35 | Dados acerca da produção de Abc Ware nos pratos ingleses..... | 305 |
| Quadro 36 | Desenhos centrais em placas Abc Ware | 305 |
| Quadro 37 | Fábricas que produziram o padrão Shell Edged..... | 309 |
| Quadro 38 | Esquema elaborado para Exposição..... | 315 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | | |
|-----------|--|------------|
| Gráfico 1 | População da cidade de Porto Alegre entre 1833 e 1900..... | 82 |
| Gráfico 2 | Tipologia e quantitativo do material coletado na primeira intervenção..... | 256 |
| Gráfico 3 | Categoria cerâmica doméstica – coletada..... | 256 |
| Gráfico 4 | Sistema Taxionômico proposto por Majewski e O'brien..... | 276 |

SUMÁRIO

| | | |
|-----------|--|-----|
| | CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 26 |
| 1 | ARTE DA CURA, A URBANIZAÇÃO E O COMPORTAMENTO DE DESCARTE NA PORTO ALEGRE OITOCENTISTA..... | 46 |
| 1.1 | ENTRE ESCARRADEIRAS, URINÓIS E TIGRES. A ARTE DA CURA E A LIMPEZA DA CIDADE NO SÉCULO XIX..... | 47 |
| 1.1.1 | Da Fisicatura-Mor à Junta Central de Higiene Pública: uma breve trajetória. | 53 |
| 1.1.1.1 | Da Teoria dos Humores a Teoria dos Miasmas. Medicina Popular X Medicina Acadêmica..... | 57 |
| 1.1.1.2 | Manuais, boticas e medicamentos na Porto Alegre do século XIX..... | 71 |
| 1.2 | ESCARRADEIRAS E URINÓIS. DA LIMPEZA DO CORPO A LIMPEZA DA CIDADE. | 74 |
| 1.2.1 | Escarradeiras, urinóis e lavatórios..... | 74 |
| 1.3 | A HISTÓRIA URBANA E DO SANEAMENTO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE..... | 79 |
| 1.3.1 | Multar, fiscalizar e higienizar. Descartar e aterrar como estratégias de limpar e curar a cidade..... | 83 |
| 1.4 | JOGA LÁ FORA!? O COMPORTAMENTO DE DESCARTE E O SANEAMENTO NA PORTO ALEGRE OITOCENTISTA..... | 85 |
| 1.4.1 | A definição dos “lixões” áreas de descarte do lixo urbano..... | 97 |
| 2. | CIRCULAÇÃO DE IDEIAS, TÉCNICAS E MATÉRIAS-PRIMAS. UMA BREVE CARTOGRAFIA DOS OBJETOS..... | 99 |
| 2.1 | DA EUROPA PARA PORTO ALEGRE. A DIFUSÃO DE IDEIAS, TÉCNICAS E ARTIGOS DE LUXO. | 100 |
| 2.1.1 | Da Europa para Porto Alegre. O caso da cadeira n. 14..... | 106 |
| 2.1.2 | Da Europa A Porto Alegre. A louça..... | 113 |
| 2.1.2.1 | <u>Holanda</u> | 113 |
| 2.1.2.1.1 | <i>Petrus Regout</i> | 117 |
| 2.1.2.1.2 | <i>Société Cerámique</i> | 120 |
| 2.1.2.2 | <u>Alemanha</u> | 123 |
| 2.1.2.2.1 | <i>Fábrica C. Tielsch & Co</i> | 124 |
| 2.1.2.3 | <u>Bélgica</u> | 127 |
| 2.1.2.3.1 | <i>Boch Frerés</i> | 127 |
| 2.1.2.4 | <u>Escócia</u> | 128 |
| 2.1.2.4.1 | <i>J. M. P. Bell & Co</i> | 129 |
| 2.1.2.5 | <u>França</u> | 133 |

| | | |
|------------|---|-----|
| 2.1.2.5.1 | <i>Creil Et Montereau</i> | 139 |
| 2.1.2.5.2 | <i>Sarreguemines</i> | 136 |
| 2.1.2.6 | <u>Inlaterra</u> | 138 |
| 2.1.2.6.1 | <i>P.B & Co E P B & H. (Pinder, Bourne & Hope)</i> | 139 |
| 2.1.2.6.2 | <i>Davenport</i> | 143 |
| 2.1.2.6.3 | <i>Baker & Co</i> | 146 |
| 2.1.2.6.4 | <i>J. F. Wileman</i> | 149 |
| 2.1.2.6.5 | <i>B. W. M & Co</i> | 153 |
| 2.1.2.6.6 | <i>Johnson Bros</i> | 157 |
| 2.1.2.6.7 | <i>Powell & Bishop</i> | 160 |
| 2.1.2.6.8 | <i>J & G Meakin</i> | 163 |
| 2.1.2.6.9 | <i>Wood & Son</i> | 164 |
| 2.1.2.6.10 | <i>Bridgwood & Son</i> | 166 |
| 2.1.2.6.11 | <i>George Jones</i> | 168 |
| 2.1.2.6.12 | <i>Copeland & Garrett</i> | 171 |
| 2.1.2.6.13 | <i>W. ADAMS</i> | 172 |
| 2.1.2.6.14 | <i>W. H. Grindley & Co</i> | 175 |
| 3 | EXPOSIÇÕES, PUBLICIDADE E VITRINE. A COMERCIALIZAÇÃO DAS LOUÇAS | 179 |
| 3.1 | AS EXPOSIÇÕES COMO MEIO DE CIRCULAÇÃO DE IDEIAS, TECNOLOGIA E CULTURAL. AS EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS E CONTINENTAIS..... | 180 |
| 3.1.1 | As Exposições tomam forma e ganham o mundo. As Exposições Universais e Continentais e a participação do Brasil nas Exposições | 192 |
| 3.1.2 | As Exposições Nacionais e Estaduais no oitocentos | 198 |
| 3.1.3 | A Exposição Brasileira-Alemã Em 1881 | 201 |
| 3.2 | DA EUROPA PARA PORTO ALEGRE. AS REDES DE COMÉRCIO, CIVILIDADE E SOCIABILIDADE A PARTIR DAS VITRINES DAS CASAS COMERCIAIS PORTO ALEGRENSE..... | 206 |
| 3.2.1 | As Casas de Importação e Exportação | 208 |
| 3.2.2 | O Consumo de louças europeias em Porto Alegre | 210 |
| 4 | REGRAS DE CIVILIDADE E RITUAIS A MESA. O SER CIVILIZADO NA PORTO ALEGRE OITOCENTISTA | 219 |
| 4.1 | SER CIVILIZADO E LITERATURA DE CIVILIDADE..... | 220 |
| 4.1.1 | Literatura de civilidade | 225 |
| 4.1.2 | Literatura de civilidade cortesã | 230 |
| 4.1.3 | Literatura de civilidade pedagógica | 232 |
| 4.2 | SEJAM BEM-VINDOS! A CASA E SEUS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE | 233 |

| | | |
|---------|---|-----|
| | E PRIVACIDADE. | |
| 4.2.1 | A Sala de jantar. | 236 |
| 4.2.2 | A Sala de jantar. As louças em exposição | 242 |
| 4.3. | OS RITUAIS DE COMENSIDADE. O CHÁ E O JANTAR..... | 243 |
| 4.4 | LIVROS DE CULINÁRIA..... | 243 |
| 4.4.1 | Os utensílios de mesa e cozinha | 249 |
| 5 | DA LIXEIRA AO MUSEU. A LOUÇA EM EXPOSIÇÃO | 251 |
| 5.1 | A FORMAÇÃO DO SÍTIO RS JA 06..... | 252 |
| 5.1.1 | A Primeira Intervenção (1995) | 253 |
| 5.1.2 | A Segunda Intervenção (2007) | 258 |
| 5.1.3 | Os artefatos coletados no Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) | 266 |
| 5.1.4 | Os fragmentos exumados | 269 |
| 5.2 | O LABORATÓRIO..... | 273 |
| 5.3 | A CIRCULAÇÃO DE IDEIAS .E MATERIALIDADES..... | 277 |
| 5.3.1 | A imitação ao selo de produção. | 279 |
| 5.3.2 | A influência chinesa na cultura europeia | 284 |
| 5.3.3 | Chinoserie | 287 |
| 5.4 | A CIRCULAÇÃO DO MITO E SUA APROPRIAÇÃO..... | 288 |
| 5.4.1.1 | <i>Willow Pattern</i> | 290 |
| 5.4.1.2 | <i>Wheat pattern (TRIGAL)</i> | 296 |
| 5.4.2.3 | <i>ABC ware ou Alphabet ware</i> | 303 |
| 5.4.3.4 | <i>Shell Edged pattern</i> | 306 |
| 5.4.4.5 | <i>Flow blue</i> | 311 |
| 5.4.5.6 | <i>Lustre ware</i> | 312 |
| 5.5 | DO LABORATÓRIO AO MUSEU | 313 |
| 5.5.1 | A louça em exposição no MCT/PUCRS | 314 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 317 |
| | REFERÊNCIAS | 322 |
| | GLOSSÁRIO | 336 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta tese, intitulada **Malgas, Urinóis e Manuais: Da Produção ao Descarte de Louças¹ Europeias na Porto Alegre Oitocentista (1837 - 1895)**, tem como objeto a louça². europeia de uso doméstico exumada na segunda intervenção arqueológica no sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa), em 2007.³ A presente pesquisa, tem como objetivo analisar a inserção da cidade de Porto Alegre (RS) no modelo europeu de civilidade e consumo, a partir da análise da trajetória das louças europeias de uso doméstico; perpassando as suas etapas de produção, comercialização, consumo e descarte. Para tanto, fez-se necessário analisar as redes de comércio, sociabilidade, consumo e civilidade, formadas entre os centros produtores de louça, no continente europeu, até os centros de comercialização porto-alegrense, na segunda metade do século XIX.

O oitocentos foi marcado por muitas mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas, como por exemplo os códigos de postura policial e a produção em massa. Estas se deram em virtude das Revoluções Industriais e do Consumo, ocorridas concomitantemente. A primeira proporcionou mudanças nos meios de produção, passando da produção artesanal para a produção em massa ou industrial, e nas relações sociais, com uma nova divisão de trabalho: operários e patrões. Enquanto que a segunda revolução, proporcionou mudanças técnicas, culturais e sociais, modificando, dentre outras, as relações de trabalho e as formas de consumir.

Para compreender melhor as mudanças ocorridas no século XIX, se faz necessário destacar que nos séculos XVII e XVIII ocorreu um aumento no consumo de bens. Grant McCracken (2003, p.30) em sua obra, intitulada **Cultura & Consumo: Novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo**, afirma que:

Cada um deles consiste em um boom consumista através do qual o consumo tomou um resolutivo passo à frente, assumindo uma nova escala e mudando de caráter. Tais episódios funcionaram ao mesmo tempo como reflexos e propulsores de novos padrões de produção, troca e demanda. (MCCRACKEN, 2003, p.30)

¹ Compreendem os artigos utilizados na mesa e cozinha, como: os serviços de chá e café, aparelhos de jantar, travessas, sopeiras, malgas, molheiras

² Para Aristides Pileggi (1958, p.194) “é uma denominação genérica, compreendendo todos os produtos manufaturados de cerâmica, composto de substâncias minerais, sujeitas a uma ou mais queimas”.

³ A primeira intervenção ocorreu em 1995, apenas na Praça Rui Barbosa. A segunda intervenção ocorreu entre 2007 e 2009, nas Praças Rui Barbosa e Tamandaré.

Os “booms” do consumo ocorridos nos séculos XVII e XVIII culminaram nas formas de consumir no século XIX. O primeiro boom do consumo do século XVII, se configurou com o aumento drástico do mundo dos bens, promovendo uma competição social. Isto ocorria por meio dos altos gastos na aquisição de bens de consumo em busca de um status social.⁴ Tal competição se refletiu em toda a sociedade inglesa do período, a priori, nos grupos mais abastados e, posteriormente, nos demais grupos sociais.

No século XVIII observa-se que o mundo dos bens se expande rapidamente e em grandes proporções. É um período marcado pelas inovações técnicas, como a faiança fina, no qual os objetos ganham um caráter de status social. Outra mudança observada por McCracken (2003, p.38) é o marketing, afirmando que “depois de Wedgwood, as classes superiores se tornaram alvo da influência do marketing. Wedgwood buscou insinuar seus bens no estilo de vida deste grupo com a esperança de que estes bens iriam em seguida descer pela imitação às classes inferiores”.

O marketing passa a ser utilizado para a divulgação e o consumo das mercadorias, chegando primeiro aos grupos mais abastados e a partir deles, aos demais grupos. O marketing passa a ter novos usos e sofisticação em suas estratégias:

Considerando estes elementos conjuntamente com as colunas de publicidade na imprensa, com os trade cards dos comerciantes varejistas e com os perambulantes Homens de Manchester, negociantes escoceses, e Mascates Escoceses que levavam os bens comerciais às províncias, fica claro que o consumidor do século XVII tinha acesso a um novo volume de influência e de informação”. (MCCRACKEN, 2003, p.38)

Nos jornais A Federação e Gazeta de Porto Alegre, circulavam os anúncios dos comerciantes, e os mascates passam a levar bens de consumo às províncias com o objetivo de atrair novos consumidores. A publicidade passa a ser fundamental para que as mercadorias cheguem a lugares cada vez mais distantes.

McCracken (2003) destaca ainda o papel da louça, que proporcionou mudanças nos hábitos e costumes, e o desenvolvimento técnico na produção de louças, com a criação da louça Creamware⁵ e as estratégias de consumo criadas por Josiah Wedgwood. Ainda de acordo com McCracken (2003), Josiah Wedgwood era um formador de opinião, e por isso, criou estratégias de divulgação dos seus produtos, a

⁴ Ver McCracken (2003)

⁵ De acordo com Tocchetto (2001, p. 23) “Em 1759, Josiah Wedgwood aperfeiçoou o processo de produção da faiança fina, resultando em uma louça creme com esmalte de coloração esverdeada advinda da aplicação do óxido de chumbo.”

partir dos comentários das pessoas que os consumiam, e investiu em novos designs nos seus artigos a partir do índice de procura das peças.

Com as mudanças ocorridas, decorrentes do aumento do consumo de bens, observa-se que o modelo europeu de civilidade e consumo se globaliza e, com isso, surgem regras tanto para assegurar a patente do fabricante do produto, como para o uso das mercadorias de luxo que circulavam. Com o crescimento na produção e comercialização e consumo de artigos de luxo, destacando a louça, se faz necessário evitar ou diminuir a imitação⁶ de padrões decorativos⁷ e selos/marcas (no caso das louças⁸), tal evento era motivado pela concorrência entre diferentes fábricas, não apenas na Inglaterra. Tentando evitar as imitações, no ano de 1842, foi criada uma lei que obrigava as fábricas a inserirem em seus produtos seu selo/ marca devidamente registrada.

Para uma melhor compreensão das estratégias utilizadas na inserção e manutenção das louças europeias no mercado, assim como na formação das citadas redes, os conceitos de capitalismo, distinção e tradução cultural orientaram a pesquisa. Outros conceitos, entretanto, também compõem o quadro teórico aqui proposto.

O modelo europeu de civilidade e consumo ocorreu de formas e intensidades diferentes em cada grupo social, desde a classe abastada até as camadas populares. Considera-se, do mesmo modo, que esses objetos trazem uma carga cultural dos grupos que os produziram.

Klaus Hilbert em seu artigo *Diálogos entre substâncias, cultura material e palavras*, nos incita a pensar no objeto para além de sua função, forma e uso, a pensá-los como possuidores de histórias, que cumprem uma importante função na sociedade. Destaca-se aqui a louça doméstica, objeto de estudo desta pesquisa, para reforçar o que foi dito logo acima, uma xícara, por exemplo, é uma xícara, com uma forma (corpo, base e alça), com uma função de ser um contentor de bebidas quentes, como chá e/ou café e que pode ser produzida de inúmeros formatos e materiais. Mas ao pensarmos na

⁶ Para Gabriel Tarde (1907) a inovação tem a imitação como base. Imitar é diferenciar, onde toda invenção social abre espaço para um novo modo imitar, pois a imitação não é algo intuitivo ou mecânico. Ela ocorre com a aceitação da sociedade, isso não quer dizer que não possa haver conflitos. Uma técnica decorativa de uma louça pode ser imitada, mas desde que haja aceitação de um grupo social, se isso não ocorre, entram em conflito. A imitação diferencia-se da falsificação ou da cópia. Pois buscar, diferenciar ao mesmo tempo que a imita.

⁷ Corresponde aos 'desenhos' ou 'placas' que são criadas por *designers* e aplicadas, nesse caso, as louças, podem ser pintadas à mão, impressos por transferências, por exemplo.

⁸ Compreende diferentes categorias cerâmicas (pastas - faiança, faiança fina, *ironstone* e porcelana) presentes em serviços de chá, café, aparelhos de jantar, dentre outros.

louça para além dos seus formatos e de suas variações (tamanhos, cores e texturas, pastas e esmaltes⁹) ou de seus padrões e técnicas decorativas empregadas em sua produção, nos deparamos com a constatação de que o seu uso vai para além de sua função. O ter aqui não quer dizer saber ou querer usar como é definido nas regras de civilidade, pois posso tomar sopa em uma xícara, se assim o quiser.

A louça, perpassa todos os tópicos da pesquisa em tela, é o elemento norteador para compreender as relações formadas a partir de seu contexto histórico (vida útil) até o momento em que passa a integrar o contexto arqueológico (descarte) e é reinserida na sociedade (coleção museológica). A trajetória dos objetos tem sido relativamente pouco estudada, por historiadores e arqueólogos e, acredita-se que a potência da presente tese está em esmiuçar o circuito perpassado pelas louças.

Busca-se analisar o objeto para além de sua função (simbólica ou utilitária), mas analisar a trajetória, as escolhas e estratégias adotadas para produzir, especificamente nessa pesquisa, as louças de uso doméstico, assim como sua circulação e consumo, perpassando por questões como estilo, design e aquisição dos mesmos. As louças aqui apresentadas são provenientes de diferentes pontos do globo, assim como de diferentes temporalidades, tendo sido selecionadas uma amostra destas para uma melhor análise e compreensão de seus usos, hábitos e costumes, assim como dos diferentes grupos sociais e tempo histórico.

Para compreender a cidade, suas histórias e a sua relação com os objetos, utiliza-se a cidade como palimpsesto, compreendendo que a mesa é sobreposta em diferentes camadas, e que é nestas, onde se encontram os objetos aqui analisados, Busca-se montar um quebra-cabeça de onde as peças (as louças) guiam, a fim de se compreender a cidade, seus agentes e suas ações, e ainda a forma como está se inseriu no modelo europeu de civilidade e consumo, através da aquisição e uso das louças.

As etapas de produção, circulação e consumo de louças doméstica, se intensifica principalmente no século XIX:

Já no início dos oitocentos, portanto, os fabricantes de louças despejavam nos quatro cantos do mundo a produção inglesa, fazendo com que um mesmo produto fosse simultaneamente consumido em todo o globo, no que veio a se constituir como a expressão pioneira e prematura da produção e consumo de

⁹ Segundo Pileggi (1958, p. 194) “é um grande agregado de substâncias minerais, as quais, quando fundidas, aderem às peças cerâmicas, tornando-as impermeáveis. Os esmaltes são coberturas vítreas, inalteráveis à ação dos ácidos e dos agentes atmosféricos. Devem ser bastante duros, a fim de resistir também ao uso normal da peça”.

massa, prenúncio da mundialização do mercado. (LIMA apud. ZARANKIN,2002, p. 122)

O mercado em expansão proporcionou a formação de redes de civilidade e consumo, assim como o desenvolvimento técnico na produção das mesmas. O estudo de tais redes permite compreender como funcionava a comercialização de objetos, neste caso as louças, assim como as regras de civilidade e a sociedade de consumo.

A trajetória perpassa a produção nas fábricas europeias e chega até as exposições universais, através da divulgação em catálogos e/ou stands, onde sua produção é apresentada em prateleiras ou vitrines. Atraindo a atenção de curiosos e compradores, sendo estes comerciantes e representantes comerciais que intermediam a venda de tais artigos até o consumidor final. No caso em questão, a camada mais abastada da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

A escolha da cidade de Porto Alegre, como recorte espacial, se deu pelos fragmentos de selos e padrões decorativos encontrados durante as escavações arqueológicas nas Praças Rui Barbosa e Tamandaré. Foram realizados dois momentos de escavação arqueológica nos respectivos espaços, o primeiro deles ocorrido no ano de 1995 e o segundo em 2007. Na presente pesquisa fez-se a escolha de utilizar apenas os fragmentos encontrados na segunda intervenção arqueológica. Segundo Marcelo dos Santos Lazzarotti (2013), no sítio em questão "se estabeleceram oficinas artesanais e estaleiros de reparo e construção de embarcações (p. 44). O local também funcionou como uma lixeira coletiva, onde se depositavam todo tipo de lixo. Os fragmentos encontrados possivelmente eram resultado do lixo doméstico descartado ali por diferentes camadas sociais. Porém, no que se refere às louças em questão, estas teriam sido despejadas ali por um grupo mais abastado, pois os selos/marcas presentes nas louças nos permitiram confirmar tal afirmação.

Na segunda metade do século XIX observa-se no Brasil um aumento do número de casas comerciais de origem estrangeiras voltadas para atividades de importação e exportação, o que aumentou, consideravelmente, o consumo de artigos de luxo pelos grupos mais abastados. A partir dessa prerrogativa busca-se, no seguinte trabalho, analisar as relações comerciais entre a cidade de Porto Alegre (RS) e o continente europeu, de que modo se formaram as redes de civilidade e consumo, investigando por meio do método comparativo entender as similitudes e peculiaridades do processo civilizador nos referidos espaços.

O estudo em tela é pautado nas discussões referentes à comercialização e ao consumo de louças domésticas e outras mercadorias, que chegavam aos lugares mais distantes do planeta, contribuindo para criação de redes formadas ao longo do trajeto em questão. Observa-se que tal comércio atende, a priori, um grupo mais restrito da sociedade e depois se expande, a partir da proibição das importações, o que provocou a produção ainda mais refinada e mais barata de louças, agora nacional. Isso não quer dizer que a louça nacional só tivesse iniciado sua produção neste momento, na verdade a produção de louça nacional já havia iniciado com a chegada da família real, em 1808. Essa diversificação no consumo de louças europeias e o aperfeiçoamento da louça nacional, no entanto, estão relacionadas com a expansão do então processo civilizador capitalista, que influenciou as mudanças de hábitos e os costumes locais, tornando o modelo europeu o ideal.

Entre a segunda metade do século XIX e meados do século XX, o Brasil passava por um período de grandes mudanças, tanto do ponto de vista econômico, político, social e cultural, como da vida material. De acordo com Caio Prado Júnior (2008, p.192), isso se podia “[...] observar nitidamente logo depois de 1850. [...] O país entra bruscamente num período de franca prosperidade e larga ativação de sua vida econômica.”. As mudanças observadas pelo autor foram decorrentes da modernização do processo civilizador capitalista, percebido de diversas formas, tanto no que diz respeito à urbanização, à higienização, à sociabilidade e à circulação de mercadorias nacionais e importadas. Algumas cidades que passaram a se destacar economicamente, foram inseridas no referido processo de mudanças, porém nem todos os habitantes receberam da mesma forma tais transformações.

Partindo dessas constatações, podemos afirmar que temos um grande compromisso com a Arqueologia Urbana, no que diz respeito à relacionar a cultura material com as fontes emergidas das escavações arqueológicas, com as peças de museus e com as demais fontes que serão estudadas. Apesar desse compromisso, nossa pesquisa é de cunho histórico, influenciada pela História Cultural, que atua segundo às palavras de Pesavento (2003, p.98) “das imagens às materialidades do mundo dos objetos, o Historiador da Cultura se dispõe a fazer as coisas falarem. Casas, prédios, monumentos, traçados das ruas, brinquedos apontam no sentido de que as coisas materiais são detentoras de significados e se prestam à leitura”. Do mesmo modo, segundo a historiadora gaúcha, as fontes são vestígios do passado, e estas podem ser:

cacos, traços, fragmentos, registros que chegam e são desvendados, como documentos, a partir dos questionamentos apresentados pela História.

Nessa perspectiva, de fazer as coisas falarem, entendemos que a louça doméstica cumpre um papel importante no modelo europeu de civilidade e consumo, considerando que a mesma é um instrumento estruturador do capitalismo, seja a partir de sua produção, das técnicas envolvidas nesta etapa, ou no consumo, definidores de civilidade e sociabilidade vinculadas aos Códigos de Bom tom. A partir de tal reflexão, acerca da cultura material, nos aproximamos de Tânia Andrade Lima (2011, p.19), quando esta afirma que a louça, é “mais que um reflexo direto do comportamento, ela age de volta sobre ele, com seu poder transformador, como parte das estratégias de negociação social”. A louça possibilita refletir acerca da vida social das coisas, onde estas estão carregadas de significados, e como constituem o meio de reproduzir, legitimar e transformar os valores, as ideias e as distinções sociais, ou ainda, de permitir a instalação de uma trama de relações sociais que só é possível a partir da cultura material (LIMA, 2011).

Destaca-se aqui a necessidade e importância de analisar a trajetória da mercadoria, observando-a por diferentes pontos, como o da produção, o da comercialização e a do consumo. Entendendo, em cada um desses momentos, a sua relação com as mercadorias de seu tempo e espaço. As mercadorias podem ter significados e pontos de vista diferentes, como afirma Igor Kopytoff.

De um ponto de vista cultural, a produção de mercadorias é também um processo cognitivo e cultural: as mercadorias devem ser não apenas produzidas materialmente como coisas, mas também culturalmente sinalizadas materialmente como coisas disponíveis numa sociedade, apenas algumas são apropriadamente sinalizáveis como mercadorias. (Kopytoff, 2008, p.89)

Dessa forma, a análise da mercadoria do ponto de vista da cultura material, considera que esta não é inerte e que tem uma trajetória. No caso das louças, essa trajetória perpassa as etapas de produção, comercialização, consumo e descarte. A louça doméstica cumpre um papel importante em qualquer processo civilizador, é isto que Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses (1993, p. 113), em seu artigo *A cultura material no estudo das sociedades antigas*, observa:

Para analisar, portanto, a cultura material, é preciso situá-la como suporte material, físico, imediatamente concreto, da produção e reprodução da vida social. Conforme esse enquadramento, os artefatos – que constituem, como já

foi afirmado, o principal contingente da cultura material – têm que ser considerados sob duplo aspecto: como produtos e como vetores de relações sociais. De um lado, eles são o resultado de certas formas específicas e historicamente determináveis de organização dos homens em sociedade (e este nível de realidade está em grande parte presente, como informação, na própria materialidade do artefato). De outro lado eles canalizam e dão condições a que se produzam e efetivem, em certas direções, as relações sociais. (MENESES, 1993, p.113)

Embora a reflexão acima se trate do estudo da cultura material no âmbito das sociedades antigas, o mesmo torna-se pertinente no que se refere ao estudo da cultura material no processo civilizador capitalista, pois este é capaz de fornecer informações acerca das relações sociais, de suas configurações e interdependências entre indivíduos e em formas grupais, em qualquer sociedade.

Quanto aos artigos europeus comercializados no século XIX, Lima (1995) destaca que a louça tem um papel muito importante no período em estudo pois tem a força de transformar os hábitos e os costumes das famílias. Sobre isto assinala, o “[...] considerável investimento na quantidade e na diversidade dessas louças domésticas permite supor que elas cumpriam, à época, uma função social de tal forma relevante, que o fenômeno merece uma investigação em maior profundidade” (LIMA, 1995, p. 129). Buscou-se, então, fazer uma investigação, como sugerida pela autora, na qual se observou que a louça cumpria uma função social, notadamente de distinção. Estando as raízes dessa função relacionadas ao processo civilizador capitalista, no qual o uso da louça torna-se um exemplo de civilidade, quando a civilidade se confunde com distinção.

O presente estudo aborda a análise da trajetória das louças desde a sua produção até o seu descarte. Para tal proposta, evidenciou-se a cultura material exumada, mais especificamente as louças, na segunda intervenção arqueológica, ocorrida em 2007, no Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa).

Deve-se ressaltar que é a partir da expansão do consumo que inúmeras fábricas que produziam louças, surgem. Diferenciando uma produção da outra por meio da técnica, da matéria-prima ou do valor a ela atribuído. Dessa forma, é a partir da análise do material de descarte, do estudo de lixeiras coletivas, segundo Branchelli (2007, p.8), que se faz possível “identificar como era materializado tal consumo, num estudo das lixeiras coletivas que materializam esse processo de consumo revelando formas, diferentes tipos de objetos, motivos decorativos, marcas, fabricantes, origens, etc.”.

Assim, a arqueologia se faz aliada na reflexão acerca do consumo na cidade de Porto Alegre (RS).

Ressaltamos, portanto, que esta pesquisa busca mapear as principais redes de importação/exportação e circulação de artigos de mesa, principalmente no que se refere a louça doméstica, até chegar ao seu consumidor final. Estabelecendo as relações existentes que alimentam e retroalimentam configuração e interdependência no processo civilizador capitalista.

O aporte teórico que norteia esta pesquisa está pautado nas discussões referentes a três conceitos principais: o capitalismo, a civilização e a tradução cultural.

Esse capitalismo é percebido através da materialidade de suas relações, como é o caso das mercadorias europeias de uso doméstico. Partindo dessa percepção, o trabalho de Wallerstein (2001) sobre o conceito de capitalismo histórico é o que mais se aproxima. O autor mostra o surgimento do referido sistema econômico apontando todas as suas características e enfatizando o seu âmbito ideológico-cultural e destacando a sua contínua necessidade de criar produtos, necessidades e comportamentos, visando a expansão do mercado:

[...] era necessário criar uma estrutura cultural burguesa mundial, passível de ser enxertada nas variações 'nacionais'. Isso foi particularmente importante em termos de ciência e tecnologia, mas também no espaço das ideias políticas e das ciências sociais. (WALLERSTEIN, 2001, p.72)

Desse modo, entende-se o capitalismo, através das relações de materialidade, na qual tudo organiza e torna-se compreensível a partir da circulação das mercadorias para a acumulação de capital. Partindo dessa percepção, nosso conceito se baseia no que Wallerstein (2001) define como capitalismo histórico, cujo surgimento e desdobramentos das características também encontra a completude de sua natureza no âmbito ideológico-cultural. Por isso, cultura e cultura material que define “civilização capitalista” não é dada à compreensão sem a necessidade premente de se criar produtos, necessidades e comportamentos para, assim, se auto expandir.

A partir do conceito apresentado, observa-se que as mercadorias que entravam pelo porto da cidade de Porto Alegre (RS) eram escolhidas e encomendadas por casas ou representantes comerciais, demonstrando a voracidade do mercado por capital. Mostra ainda sua capacidade de atração e inserção de povos e culturas diferentes em torno do mundo. Com a inserção capitalista, ocorre, concomitante, o processo de urbanização que vai desenvolver um ideário de sociedade civilizada, percebida, por

exemplo, através do alargamento de ruas e do florescimento do comércio, que se amplia e se organiza em função do consumo, cujo indícios emergem das vitrines das lojas e dos anúncios dos jornais. O conceito de capitalismo, tal como é compreendido por nós, tem uma relação direta com o conceito de civilização compreendido por Norbert Elias em sua obra, *O processo civilizador: uma história dos costumes*, como reunidora de uma variedade de fatos:

[...] ao nível da tecnologia, ao tipo de maneira, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às idéias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo poder judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. (ELIAS, 1994, p.23)

Percebe-se em nossa pesquisa que Porto Alegre foi se inserindo no modelo civilizador capitalista a partir da inserção de mercadorias europeias, provocando “deformações” nos seus usos, contribuindo para a transformação do cotidiano local, fazendo surgir uma identidade no cruzamento da mundialização e da tradição.

Outro conceito discutido aqui é o de distinção, para Bourdieu (2011, p. 144) “é a diferença inscrita na própria estrutura do espaço social quando percebida segundo categorias apropriadas a essa estrutura”, percebe-se que a sociedade em questão busca, a partir do refinamento das maneiras e a aquisição de mercadorias estrangeiras, se aproximar do modelo europeu de civilidade e consumo. E que os artigos adquiridos, assim como as mudanças nos hábitos e costumes se alinhando ao referido modelo, estabelece uma distinção social.

O último conceito, aqui abordado, é o de Tradução Cultural, de Peter Burke (2008). Este é entendido como a forma que diferentes grupos buscam se alinhar ou se assemelhar a uma sociedade hegemônica. Segundo o autor, a tradução cultural é melhor utilizada pelo historiador, do que mestiçagem ou conceito similar, porque tem a vantagem de “ênfatisar o trabalho feito por indivíduos ou grupos para domesticar o que é estrangeiro, em outras palavras, as estratégias e táticas empregadas”. (BURKE, 2008, p. 58)

Portanto, os conceitos acima, capitalismo, distinção, civilização e tradução cultural serão de suma importância para pensarmos a produção, o consumo e a circulação das louças. Não só para pensarmos a mundialização a um nível local, mas para pensarmos na cultura local redefinindo a civilização capitalista por um processo de deformação, cujos aspectos geográficos e culturais agem como limites para a

uniformização. Criando, assim, no bojo da experiência capitalista, as identidades de pertencas imbricadas e contraditórias; a identidade de pertença imposta pela civilização capitalista e a identidade de pertença à cultura local, com tudo aquilo que a persistência da tradição possa implicar.

O consumo de artigos de luxo de uso doméstico envolve um estudo detalhado de um corpus documental bem variado, buscando a partir da cultura material analisar a trajetória dos mesmos. Entende-se que as diversidades de fontes, assim como seu volume, permitem uma análise mais aprofundada acerca da trajetória de tais objetos e das estratégias adotadas para aquisição de tais mercadorias e para a expansão de seu consumo. Outro ponto importante é entender como eram formadas as redes de consumo estabelecidas a partir da relação de produção, de comercialização e de consumo das louças. Além de compreender o cotidiano dos sujeitos da cidade de Porto Alegre (RS), que as comercializavam e consumiam, assim como seus hábitos e costumes.

Para elaboração da tese aqui proposta foram pensadas cinco etapas. A primeira corresponde à coleta e a catalogação das fontes, sendo estas escolhidas de forma a dialogar com os conceitos de consumo, de civilidade, de distinção e de tradução cultural presentes no trabalho. Desse modo, as seguintes fontes são: correspondências da alfândega e mesa de rendas, jornais, leis provinciais, código de posturas policiais da cidade de Porto Alegre (RS), diários de viajantes, cultura material presente nos artefatos arqueológicos e as fichas de registro dos artefatos arqueológicos.

As obras produzidas por viajantes nos permitiram entender, a partir da análise de seus relatos, os hábitos e os costumes da sociedade porto-alegrense, a partir do contexto em que estes estavam inseridos. As informações coletadas alimentaram uma planilha com as seguintes informações: as mercadorias de uso doméstico, as pessoas citadas e a transcrição da passagem do texto correspondente e, ainda, confrontamos os nomes listados com os objetos presentes na descrição dos viajantes. As referidas obras encontram-se disponibilizadas em nosso acervo pessoal (impressa).

O comportamento social da sociedade porto alegrense, seus hábitos e costumes podem ser analisadas a partir de fontes impressas, que são ricas e variadas. Destacamos, no entanto, os jornais e seus anúncios referentes ao consumo de tais objetos e a sua procedência, que permitiram entender como os utensílios domésticos produzidos na Europa se destacavam e influenciavam a sociedade porto-alegrense. Para tal, elaboramos uma planilha que será alimentada com as seguintes informações: descrição do jornal, seus integrantes, tiragem, redator chefe, transcrição do anúncio, informações

acerca do produto e da imagem do anúncio, além de algumas observações. A análise e o mapeamento dos anúncios publicados nos referidos jornais, durante o mesmo período, servirá para identificar os tipos de produtos que eram inseridos no mercado.

Os documentos cartoriais analisados foram: os Códigos de Posturas, sendo estes um dos representantes das melhores fontes para compreensão da dinâmica das cidades estudadas, pois versavam sobre diferentes temas, desde a limpeza da cidade, as atividades comerciais, a conduta social no meio público, até a segurança pública. Os artigos eram elaborados pela Câmara Municipal e enviados para a análise na Assembleia Legislativa, para que posteriormente fossem sancionadas em lei pelo presidente da província. Utilizaremos os artigos relacionados ao código de postura da cidade de Porto Alegre (RS), localizado no Arquivo Moyses Velinho. Para a análise da referida documentação foi feito um levantamento dos artigos para compreendermos as referidas cidades.

Quanto aos manuais de civildade nos permitem compreender os rituais domésticos e o comportamento da sociedade em questão. Faremos um levantamento das normas referentes aos rituais domésticos e de civildade e, posteriormente, compararemos com as regras de civildade presentes nos jornais e em obras literárias.

Quanto a entrada das mercadorias europeias, analisaremos a correspondência da alfândega de Porto Alegre e toda a documentação referente a esta encontrada a disposição no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), na qual serão observados os ofícios e requerimentos enviados ou recebidos pelas autoridades em exercício. Esses documentos fornecem informações referentes, principalmente, à importação e exportação, além de relatarem problemas administrativos. Toda a documentação analisada é constituída dos seguintes documentos: ofícios expedidos e recebidos, os mapas de exportação e importação, mapas de entrada e saída de navios nacionais e estrangeiros e mapas de funcionários das referidas repartições. Faremos uso apenas da documentação que contempla nosso recorte temporal e espacial.

O tema da presente pesquisa está ganhando espaço na historiografia nacional. Prova disso são algumas pesquisas que se aproximam da abordagem aqui proposta. Entre elas destacam-se: a obra de Luis Cláudio Symanski (1998) intitulada Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre no Século XIX, a obra de Fabiano Aiub Branchelli (2007) com o título Vida material e econômica da Porto Alegre Oitocentista e a obra de Fernanda B. Tocchetto (2010), com o título: Fica dentro ou joga fora? Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista.

Todas elas mostram a significativa importância do uso de fontes escritas e materiais, sendo que entre as fontes documentais utilizadas pelos autores citados destaca-se o uso de inventários post-mortem, as Atas da Câmara, Escrituras de Compra e Venda, o Código de Posturas, assim como de produções historiográficas para contextualizar a cidade de Porto Alegre no oitocentos. Ressaltamos que é necessária a diversificação das fontes para se apreender, tanto como o processo civilizador é experimentado, quanto traduzido.

Outra obra que merece destaque é a dissertação de Marcelo dos Santos Lazzarotti (2013), com o título *Arqueologia da margem Porto Alegre: A formação de uma cidade portuária (do século XVIII a meados do século XIX)*, na obra o autor analisa a cidade de Porto Alegre que surge a partir de um porto e que passa por mudanças ao longo do período acima e deixa vestígios materiais das atividades portuárias realizadas. A referida obra contribui significativamente para a compreensão das relações comerciais e sociais que surgem nesta região.

Alguns outros trabalhos como o *Entre a casa e o armazém - relações sociais e experiência da urbanização - São Paulo, 1850-1900*, de Maria Luiza F. de Oliveira (2005), abordam os aspectos do consumo voltado para as relações entre a casa, lugar de moradia e o armazém, lugar de trabalho, nos fazendo pensar sobre a ecologia material do interior das casas e edifícios. Carina Pedro (2015), em sua obra *Casas importadoras de Santos e seus agentes* destaca as relações sociais, culturais e econômicas a partir das mercadorias que circulam pelo porto de Santos, assim como aborda a importância das casas comerciais, principalmente estrangeiras, para o desenvolvimento da cidade. Livro importante de se ler, num trabalho como o nosso, porque não se pode pensar o processo civilizador capitalista sem os seus agentes. Nesse aspecto, Pedro (2015), nos dá uma base para entender quem são eles e como organizam seus circuitos.

As obras aqui apresentadas refletem apenas alguns dos trabalhos que têm contribuído para o desenvolvimento da presente pesquisa. Algumas outras obras nos permitiram entender a relação entre os objetos e a sociedade, a partir do interior das casas, suas relações sociais, o consumo de utensílios domésticos. Destacamos, nesse caso, alguns autores, como: Gilberto Freyre em *Os ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil* (2000) e em *Vida social no Brasil nos meados do século XIX* (2008), obras que descrevem a relação entre os objetos e o cotidiano das sociedades carioca, pernambucana e baiana e a inserção do modelo capitalista-civilizador no século XIX.

Destacamos, enfim, o trabalho de Daniel Roche (2000), *História das Coisas Banais – nascimento do consumo séc. XVII - XIX*, que trata dos objetos de luxo que foram introduzidos na sociedade francesa, antes da Revolução Industrial, tornando-se banais, mas que servem para compreendermos como a sociedade se comportava e como tais objetos impunham efeitos de distinção social. Existem outras obras que tratam da cultura material e da sua relação com a sociedade, mas que foram deixadas de lado, momentaneamente, com a possibilidade de, posteriormente, serem utilizadas em trabalhos futuros, nos permitindo uma maior precisão no trato com a temática proposta neste estudo.

Outros trabalhos foram realizados com temáticas próximas a da presente pesquisa, como a obra *As casas e as coisas: um estudo sobre Vida Material e Domesticidade nas moradias de Belém – 1800 -1850* de Luiz Antônio Valente Guimarães (2006); *Cultura material, espaço doméstico e musealização* (2011) e *Gênero e Artefato* (2008) de Vânia Carneiro de Carvalho; *Cotidiano e Cultura Material nos espólios familiares da Capitania no Maranhão, sécs. XVIII-XIX* de Antônia da Silva Mota (2007), *A faiança fina e o comportamento de consumo na Fazenda São Bento e Engenho Jaguaribe no século XVIII-XIX na sesmaria Jaguaribe, litoral norte de Pernambuco* (2017) de Vanessa Rodrigues da Silva. As obras acima analisam a partir da cultura material o cotidiano e as relações sociais estabelecidas.

A arqueologia cumpre um papel importante na elaboração desta tese, pois é a partir dos fragmentos coletados na segunda intervenção arqueológica realizada em 2007, na Praça Rui Barbosa e na Praça Tamandaré que a construímos.

A Arqueologia Histórica contribui para uma melhor compreensão do circuito de produção, circulação, consumo e descarte de louças europeias de uso doméstico, objeto dessa pesquisa, considerando que,

[...] grande parte da arqueologia histórica é a escavação de sítios arqueológicos, mas esses sítios não são a única fonte de informação. Eles podem fornecer informações que não estão disponíveis em outras fontes, e o valor desse material é aprimorado ainda mais com o suporte de informações acima do solo. (DEETZ, 1996, p. 7)¹⁰

Desta forma entende-se que um sítio arqueológico fornece informações que não são possíveis de adquirir em outras fontes, como afirma o arqueólogo James Deertz,

¹⁰ Of course, much of historical archaeology is the digging of archaeological sites, but these sites are not sole source of information. They can provide information that is not available from other sources, and the value of this material is further enhanced through the support of aboveground information. (DEETZ, 1996, p. 7) – Tradução em português nossa

em sua obra intitulada “*In Small Things Forgotten – An Archaeology of Early American Life*”¹¹, a cultura material, coletada em sítios, permite compreender as estratégias de descarte de lixo e a formação de aterros, que permite a formação deles. Para uma melhor compreensão, acerca da formação dele. A Arqueologia Histórica surge na década de 1970, com o arqueólogo Michael Schiffer (2004, Apud TRIGGER, 2004, p. 349) que propõe “a tese de que os dados arqueológicos consistem em materiais encontrados em relações estáticas, produzidos por sistemas culturais dinâmicos e sujeitos a processos culturais e não-culturais”. Para Schiffer é possível analisar o sítio, pois este estaria conservado pelas camadas deposicionais, e, dessa forma, seria possível ao arqueólogo interpretá-lo. O arqueólogo Lewis Binford refuta a teoria de Schiffer e propõe uma Teoria de Médio Alcance:

a fim de desenvolver meios confiáveis de conhecer o passado, eles devem engajar-se em pesquisas de médio alcance, que consistem em estudos realistas destinados a estabelecer controles para relações entre propriedades dinâmicas do passado, de que procuram tomar ciência, e as propriedades materiais estáticas comuns ao passado e ao presente. (TRIGGER, 2004, p. 351)

As teorias de Michael Schiffer e Lewis Binford foram rebatidas nos estudos de Cornelius Holtorf (2002, p. 49) “Both approaches share the assumption that although people are free to give to a thing any meaning they want, their material essence necessarily remains unchanged.”¹² Holtorf elabora uma teoria etnográfica que analisa a vida dos objetos (2002. p. 49) “All the thing’s properties and characteristics, including its material identity and age, are taken to be the outcome of processes taking place in the present.”¹³ Daniel Schávelzon contrapõe as teorias de Schiffer e Binford,

Era arriscado dizer que havia a possibilidade de que ninguém estivesse certo ao lidar com sociedades industriais, mas não pude provar nada porque não havia escavado aterros da era industrial, apenas aterros ou fossas de lixo, e aí a questão permaneceu. Hoje podemos garantir que um aterro urbano não é um contexto sistêmico nem arqueológico; é e foi por um longo tempo os dois; os objetos perderam o uso primário por um século e meio, o que é verdade em muitos deles, mas entraram em um uso secundário que às vezes nunca terminava e poucos o observavam. E, quando estudados, começaram a

¹¹ Pequenas coisas esquecidas – a arqueologia do início da vida americana.

¹² Holtorf (2002, p. 49) “Ambas as abordagens compartilham a suposição de que, embora as pessoas sejam livres para dar a uma coisa qualquer significado que desejarem, sua essência material permanece necessariamente inalterada.” (Tradução livre da autora)

¹³ Holtorf (2002, p. 49) Todas as propriedades e características da coisa, incluindo sua identidade material e idade, são consideradas o resultado de processos que ocorrem no presente. (Tradução livre da autora)

acreditar que os depósitos de lixo da modernidade se tornaram locais estáticos em algum momento.¹⁴ (SCHÁVELZON, 2019, p. 13)

O arqueólogo Cornelius Holtorf e o arquiteto Daniel Schávelzon concordam que os sítios não são estáticos. Para Holtorf (2002) a história dos objetos pode ser considerada, através de processos que ocorrem no presente. Para Schávelzon (2019), a formação do sítio ocorre de forma dinâmica, portanto não seria possível analisar do sítio a partir das teorias de ambos. A análise do ciclo de vida dos objetos é realizada para obter uma melhor compreensão de sua trajetória, possibilitando percebê-los para além de forma ou função. O objeto em si conta sua história e a partir dele pode-se compreender os substratos da cidade e suas relações existentes e seus usuários e as redes formadas a partir destes.

Quanto ao descarte do objeto, observa-se que possui um ciclo de vida, quando seu reuso ou reciclagem não é possível, ele é descartado por seus usuários. Com isso, os objetos descartados deixam de compor um sistema cultural e passam a integrar um contexto arqueológico, por isso torna-se objeto de investigação arqueológica. (SYMANSKI, 1998, p. 125). A análise proposta permite perpassar todas as etapas, partindo da formação do sítio, através do descarte de diferentes tipologias de artefatos, seguindo para as etapas de fabricação (produção), aquisição (circulação) e uso e manutenção (consumo), e por último retornando ao descarte.

Ao analisar o contexto histórico, através das cinco etapas apresentadas por Michael Schiffer observou-se que estas poderiam ser subdivididas em quatro etapas, são elas: produção (1), circulação (2), consumo (3) e descarte (4), no caso específico de louças provenientes da Europa e que chegaram até os lares porto alegrensenses. Conforme o quadro abaixo.

A louça analisada cumpre um papel importante para compreender as etapas que perpassam seu ciclo de vida, desde sua fabricação a seu descarte. A escolha de iniciar a partir do descarte foi para apresentar a cidade através das suas camadas invisíveis, percebidas, por meio da escavação arqueológica. E ainda, a partir das louças coletadas

¹⁴ SCHÁVELZON (2019, p. 13) Era aventurado decir que había la posibilidad de que ni el uno ni el otro tuvieran razón al tratar sociedades industriales, pero no podía probar nada porque yo no había excavado basurales de la era industrial, sólo rellenos o pozos de basura, y ahí quedó el tema. Hoy podemos asegurar que un basural urbano no es ni un contexto sistémico ni uno arqueológico, es y fue por mucho tiempo ambas cosas; los objetos fueron saliendo de su uso primario durante siglo y medio, eso es cierto en muchos de ellos, pero entraron en un uso secundario el que a veces nunca terminó y pocos lo observaron. Y cuando han sido estudiados lo fueron creyendo que los basurales de la modernidad pasaban a ser sitios estáticos en algún momento. (Tradução livre da autora)

busca-se avaliar o circuito realizado por elas. Para tanto, se faz necessário ressaltar a importância da louça como fio condutor, sendo aqui considerada sua vida útil, ou melhor, seu ciclo de vida útil e social.

Considerando que a louça descartada é um dos vestígios que aparecem em todos os sítios arqueológicos pós colonização e servem como marco cronológico para o sítio em estudo. Desse modo, também possibilita compreender a sociedade e/ou grupo que o ocupava ou o utiliza como espaço de descarte, a análise da louça parte de alguns aspectos como a quantidade, qualidade, diversidade, produção e circulação, e possibilita entender as escolhas das louças, como seu uso, circulação, aquisição e descarte.

Dentre os aspectos a serem analisados, destacamos em segundo plano, o descarte apresentado por Symanski (1998), quando se refere ao reuso¹⁵ e reciclagem¹⁶ dos objetos, no caso da louça a sua reutilização e reciclagem pode ser percebida, através, por exemplo de fragmentos que são retrabalhados e se tornam peças de jogos ou pingentes. Desse modo permanece a mesma matéria prima para diferentes funcionalidades. Quanto ao reuso, pode-se pensar em: jarros de plantas, peças expostas em museus. É nessa perspectiva que buscou-se analisar a louça em diferentes aspectos, seja, enquanto sua função ou forma, ao seu uso, seu reuso, como contentor de alimentos ou como transmissor/expositor de cultura e civilidade.

Como se pode observar um sítio arqueológico, nesse caso histórico, se forma de três formas distintas, sendo a primeira a formação de aterros. Neste contexto, de acordo com Schávelzon (1999) estes aterros ocorrem por nivelamento de ruas e casas, por determinação estatal, ou por questões higienistas; a segunda forma trata das enchentes que provocam o deslocamento dos sedimentos de um ponto ao outro; o terceiro e último aborda a formação de lixeiras, sendo essas coletivas ou individuais, e por último, o descarte acidental no desembarque de artigos de luxo. A análise de um sítio arqueológico permite compreender a dinâmica da cidade e sua expansão, assim como os hábitos e costumes dos grupos de consumo e das demais camadas sociais.

É dentro dessa perspectiva que a cidade de Porto Alegre foi analisada, a partir das camadas estratigráficas relacionando-as às camadas sociais que consumiram e descartaram suas louças de uso doméstico, no caso em questão. A análise do contexto de descarte foi analisada, assim como o estudo do contexto histórico e arqueológico da

¹⁵ Foram coletados três fragmentos de peças de jogo produzidas a partir de fragmentos de louça, e dois em vidro.

¹⁶ VER SYMANSKI, L. C.; OSÓRIO, S. R. Artefatos reciclados em sítios arqueológicos de Porto Alegre. In: **Revista de Arqueologia**, v. 9, n. 1, 1996.

área do sítio e suas relações com a expansão da cidade. O sítio RS JA 06 foi formado entre os anos de 1837 e 1895, o estudo das camadas estratigráficas, ou ainda, a cidade como palimpsesto permitem compreender a mesma em seus diferentes períodos históricos e sua ocupação. Para Schiffer,

Se um artefato não pode realizar qualquer dessas funções (utilitárias ou simbólicas), e a reutilização não ocorre, o utilizador é normalmente transformado para o contexto arqueológico. Este processo, que pode envolver vários passos de armazenamento e transporte, é chamado de descarte.¹⁷ (Schiffer, 1996, p. 47)¹⁸

Uma louça após sua quebra é descartada, podendo ser reutilizado ou apenas descartado em uma lixeira, podendo ser coletiva ou individual. De acordo com Schiffer (1996) existem diferentes tipos de refugos, o primário descartado em seu contexto original de uso; o secundário, local de descarte final não é o mesmo do local de uso; o refugo de fato, quando o material alcança o contexto arqueológico sem o desempenho de atividade. A ideia acima apresentada foi ampliada por South (1977) que “expandiu esta divisão, identificando para os sítios históricos duas modalidades de refugo secundário: periférico, quando o material é descartado afastado de uma edificação ou em terrenos baldios; e adjacente, quando ocorre descarte em porções imediatas à edificação.

No caso do sítio RS JA 06, pode-se afirmar que é um refugo secundário, pois os objetos descartados não são provenientes da área onde se localiza o referido sítio. Ele resulta de lixeira coletiva, o descarte de objetos quebrados, como louças e vidros, ou objetos inteiros que perderam seu uso/função (simbólica ou utilitária). A função mista, quer dizer o uso público da praça assim como de comércio local e de produção (estaleiros) é observado nos artefatos encontrados, como: retalhos de couro, fragmentos de louça e outros. A área analisada deixa de ser um ponto de despejo de dejetos, permanecendo as carretas no local, para se tornar a Praça Visconde do Rio Branco.

Dialogando com diferentes tipologias de fontes como: arquivística, material e iconográfica. Na pesquisa em tela a arqueologia urbana contribui na compreensão da relação da cidade com os objetos escavados e a arqueologia industrial permite entender o contexto em que os fragmentos de louças europeias estavam inseridos. Buscando

¹⁷ Tradução da autora.

¹⁸ If an artifact cannot perform any of these functions (utilitarian or symbolic), and reuse does not occur, their is usually transformed to archaeological context. This process, which may involve several storage and transportation steps, is called discard. (Schiffer, 1996, p. 47)

realizar uma discussão teórica nas considerações iniciais, onde o aporte teórico será apresentado, assim como a metodologia e as fontes.

O consumo de artigos de luxo de uso doméstico envolve um estudo detalhado de um corpus documental bem variado, buscando a partir da cultura material analisar a trajetória dos mesmos. Entende-se que as diversidades de fontes assim como seu volume permitem uma análise mais aprofundada acerca da trajetória de tais objetos e, ainda, das estratégias adotadas para aquisição de tais mercadorias e para a expansão de seu consumo.

Em relação a metodologia empregada, foi utilizado o diálogo entre as fontes. Em um primeiro momento foram realizados os levantamentos bibliográficos e das fontes. Posteriormente, as informações foram inseridas em tabelas e, por último, foram analisados os dados coletados.

A estrutura da tese encontra-se dividida em cinco capítulos, onde questões teórica-metodológicas e de contextualização encontram-se presentes. O primeiro capítulo busca analisar a arte da cura, urbanização e comportamento de descarte, tem como objetivo analisar a formação do sítio arqueológico, onde este surge a partir da formação de uma lixeira coletiva. O segundo capítulo aborda a circulação de ideias, técnicas e matérias-primas a partir de uma cartografia dos objetos, em especial a louça. É importante ressaltar que a trajetória percorrida por mim até aqui, para construir este capítulo, se deu a partir de uma literatura e fontes, acerca das fábricas de louça europeia, destacando entre elas: jornais nacionais e estrangeiros produzidos no século XIX, manuais/guias sobre louças, entre outros. Para uma melhor compreensão busca-se analisar a produção e o consumo, desde uma discussão com teóricos como Grant McCracken (2003), Mary Douglas & Baron Isherwood (2013), Arjun Appadurai (2008), Gabriel Tarde (1907), Adrian Forty (2007), Val Dusek (2006) e Daniel Miller (2000). E ainda, como se deu a formação de uma rede de consumo e sociabilidade, recorrendo a discussão, em relação de autor-rede proposta por Bruno Latour (2012). Para compreender a trajetória dos objetos recorreu-se as fontes impressas: jornais (anúncios de leilões, anúncios de venda de artigos de luxo e rol de mercadorias) e fontes materiais (fragmentos de louças).

O terceiro capítulo analisa as Exposições como meio de circulação de ideias, tecnologia e cultura, sendo elas estadual, nacional, nacional e continental. Os selos/marcas cumprem um papel importante aqui, pois para compreender como se ocorreu a difusão de tais louças e como estas chegaram as casas comerciais porto

alegrenses, recorreremos aos catálogos das exposições e a anúncios das fábricas de louça, identificadas entre os referidos selos/marcas, as fabricas que participaram das referidas exposições universais, e a partir dos anúncios dos jornais estrangeiros das referidas fábricas, onde evidenciam a participação nas exposições. Em destaque a Exposição Brasileira Alemã, que se diferencia das ocorridas em outros estados, e se percebe a inserção de louças produzidas na Alemanha, foi possível mapear e relacionar as fábricas alemãs e as casas comerciais porto alegre, pertencentes a alemães. O quarto capítulo busca analisar o refinamento das maneiras e busca demonstrar a inserção das regras de civilidade, a partir da literatura de civilidade, guias de culinária e dos itens de mesa coletados no sítio analisado. O quinto capítulo aborda o descarte a partir de autores como Schiffer e Schavelzon, as intervenções arqueológicas realizadas no referido sítio e análise das louças exumadas e selecionadas para compreender o consumo e as estratégias de inserção adotadas pelos fabricantes de louça. E ainda, a louça sendo exposta no museu de Ciência e Tecnologia da PUCRS.

1 ARTE DA CURA, A URBANIZAÇÃO E O COMPORTAMENTO DE DESCARTE NA PORTO ALEGRE OITOCENTISTA

Este capítulo trata da cidade de Porto Alegre partindo da premissa, de que a cidade é dinâmica e encontra-se em constante movimento. Neste contexto, é um lugar em constante construção, reconstrução, expansão e retração, deixando rastros, pistas de seu passado sepultado a cada nova etapa que se inicia (TOCCHETTO, 2001). Observamos, como a arqueóloga sugere, processos dinâmicos de transformações na cidade como um todo, mas também, por meio dos vestígios materiais criados, consumidos, descartados, reciclados e ressignificados por diferentes grupos sociais, em períodos distintos e descartados nos mesmos lugares. Considerando, que a cidade se expande, se transforma e se adapta nas e às diferentes épocas e, em sincronia com as pessoas e grupos sociais que ali vivem ou viveram, agregamos aqui a noção da cidade como “palimpsesto”, metáfora apresentada pela historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2004). Como se fosse um texto, por exemplo, uma história escrita sobre um pergaminho, e depois apagada para oferecer lugar a um outro novo texto, que narra uma nova história e assim sucessivamente, a cidade se reescreve periodicamente e sempre sobre o mesmo documento, acerca do mesmo lugar.

Entretanto, as escritas mais antigas, não foram completamente apagadas e permanecem, parcialmente visíveis, por baixo dos novos textos. Desse modo, a cidade contemporânea convive com o passado e com o presente e, dessa maneira, é visível o contemporâneo no não-contemporâneo. Nesse cenário genérico de permanências, de mudanças e de transições, que ocorrem certamente em todas as cidades, escolhemos a cidade de Porto Alegre, como exemplo para nossos estudos.

Para uma arqueóloga, que usa a cultura material como fonte principal das suas pesquisas, esses vestígios materiais são como as letras e palavras escritas, sobre um pergaminho. Suas fontes de pesquisa, materializações dessas constantes transformações, aparecem inseridas e acumuladas nos sítios arqueológicos formados, por camadas estratificadas de sedimento e de objetos descartados, através dos quais, aos poucos, contaremos as histórias das pessoas que nessa cidade viveram ou por aqui passaram. Portanto, neste capítulo partiremos da análise das questões sanitárias, acerca da limpeza e a higiene na cidade de Porto Alegre e, como estão relacionadas a formação do sítio RS JA 06.

1.1 ENTRE ESCARRADEIRAS, URINÓIS E TIGRES. A ARTE DA CURA E A LIMPEZA DA CIDADE NO SÉCULO XIX

O oitocentos foi um século de mudanças, transformações e novas percepções, onde ocorre uma circulação de ideias, tecnologia e mercadorias. Tais mudanças são percebidas com a fuga da família real portuguesa ao Brasil.

[...] a inserção de portos brasileiros nas rotas mundiais de navegação marítima se deu de forma gradativa ao longo do século XIX. Essa participação já existia desde os tempos coloniais, mas com o fim do monopólio comercial praticado pela coroa portuguesa e a abertura dos portos a partir de 1808, o comércio marítimo legal na costa brasileira deixou de ser realizado exclusivamente entre colônia e metrópole para ser estabelecido diretamente também com outras nações do mundo. (PEDRO, 2015, p. 27)

Nesse período observa-se a inserção do modelo europeu de civilidade, por meio de uma diversidade de artigos, como: louças (aparelhos de chá e jantar), manuais de civilidade, entre outros. Assim, como as camadas mais abastadas buscam meios para se inserirem em tal modelo. Entretanto, tal modelo não era acessível a todas as camadas sociais, sendo os grupos mais abastados detentores dos meios, para aquisição de artigos de luxo, como as louças. Observa-se uma mudança, ainda pequena, no comportamento de consumo de itens de uso doméstico, como os citados artigos.

Com entrada de mercadorias e a presença da corte portuguesa, ocorre uma mudança no comportamento de descarte, embora lento, mas que, na primeira metade do oitocentos já percebida. Tais mudanças, como o despejo de dejetos em pontos definidos pela Câmara de vereadores, como no caso de Porto Alegre, entre outras mudanças foram percebidas, a partir da chegada da corte portuguesa. Embora a família real portuguesa não tenha residido em Porto Alegre, como o fez no Rio de Janeiro, os efeitos de sua presença também foram sentidos na então vila. Como percebe-se na descrição do viajante e comerciante inglês John Luccock ao tratar da vila de Porto Alegre¹⁹, em 1809,

Como capital, sua influência larga; como centro comercial, é chave de uma grande extensão de território e de muitos rios navegáveis. Grande grupo de ingleses de há muito que se estabeleceu em redor dessa localidade favorecida, mas o lugar ainda não progrediu bastante nas artes da vida civilizada, para que já seja residência agradável. (LUCCOCK, 1942, p. 152)

A presença de ingleses após a abertura dos Portos o que possibilitou não apenas a entrada de mercadorias vindas da Inglaterra e da França, mas a instalação de

¹⁹ No ano de 1808, Porto Alegre é elevada à categoria de vila e em 1822 é elevada a categoria de cidade. No caso do Rio Grande do Sul, em 1809, a então Capitania é dividida em quatro municípios, sendo eles: Porto Alegre, Rio Grande, Santo Antônio e Rio Pardo. (MONTEIRO, 2012).

negócios franceses e ingleses em algumas cidades, como foi o caso da vila de Porto Alegre e provocando mudanças nos padrões de comportamento de consumo das camadas mais abastadas e intermediárias, com a inserção de itens de luxo, manuais de civilidade, guias médicos, itens de higiene, como: lavatórios, escarradeiras e urinóis.

Com a chegada da corte o que se observa, como dito anteriormente, é a inserção de um modelo de civilidade que até pouco tempo, tal modelo era conhecido apenas pelas camadas mais abastadas que viajavam para Europa, ou os imigrantes que chegaram ao Brasil, como os imigrantes açorianos, italianos e alemães que chegaram a Porto Alegre, na primeira metade do oitocentos. Entretanto é importante destacar que, as mesmas não aconteceram de forma homogênea em todo o Brasil, nem tão pouco foram concomitantes. Ainda sobre a chegada da corte portuguesa e sua comitiva a cidade do Rio de Janeiro, a mesma

[...] encontrou uma cidade de aspecto sujo, enlameada e malcheirosa, com a população concentrada no Morro do Castelo e arredores, evitando as partes baixas, invariavelmente inundadas com as chuvas. Pouco a pouco açudes e pântanos começaram a ser aterrados, numa tentativa de melhorar as condições higiênicas locais, porém “permanecem” ainda, por um tempo considerável, inúmeros focos de água estagnada responsáveis pela insalubridade reinante. (LIMA, 1989, p. 206)

Tais problemas, mesmo que já existentes, como aponta Lima, foram se agravando com o crescimento populacional, o desenvolvimento descontrolado de urbanização, o aumento das importações e exportações de mercadorias, de matérias-primas e produção agrícola, fez com que a situação ainda piorasse e os problemas de saúde pública só se agravassem. Buscava-se, incessantemente, com ações de limpeza eliminar os odores e as sujeiras das cidades (AVILA, 2010; LIMA, 1989, 1995/1996).

Com a vinda da corte portuguesa e sua comitiva ao Brasil, evidencia-se problemas que, até então não eram apontados, como: a sujeira e a medicina popular. Embora houvessem médicos formados pelas universidades estrangeiras, sendo ainda minoria. Desse modo, de acordo com o viajante inglês John Luccock (1942, p. 70) no Rio de Janeiro, entre 1808 e 1818, “Se os estrangeiros forem levados a concluir é demandista pela multidão dos seus advogados, o número de médicos poderia igualmente induzi-los a terem-na por insalubre. A fala do comerciante reforça a ideia que não haviam tantos médicos no Brasil, comparando com outras profissões como no caso da advocacia. E ainda continua, (1942, p. 70) “Tão-pouco não existiam cirurgiões, constituindo um ramo distinto da profissão; as operações menores eram praticadas por

barbeiros, enquanto que as mais importantes por homens completamente ignorantes da anatomia”. O que corrobora com Lima:

[...] o baixo número de médicos, insuficientes para ao atendimento da população e de qualificação muitas vezes duvidosa, fazia dos manuais e guias de medicina popular, que se colocavam ‘ao alcance de todas as classes sociais’ e aos quais as famílias recorriam em busca de tratamento para suas mazelas, presença obrigatória nas residências. (LIMA, 1995/1996, p. 51).

A pequena quantidade de médicos e a utilização de uma medicina popular apontada por John Luccock entre 1808 e 1818, evidencia a presença de outros agentes de cura, como: barbeiros, curandeiros, parteiras e outros, que exerciam junto as diferentes camadas sociais, o papel de curar os doentes. Outro ponto importante é a inserção de manuais e guias médicos, e ainda o seu uso por diferentes grupos sociais, como apresenta Lima, o que tornou “acessível” a arte da cura.

Entre as principais medidas adotadas pelas autoridades brasileiras no oitocentos, destacavam-se dois projetos conceituais: a primeira medida estava relacionada à Medicina Hipocrática aliada a Teoria dos Humores e a segunda ocorria por meio do Higienismo. O que gerou discussões, acerca das artes e das práticas de curas no Brasil oitocentista. Os princípios hipocráticos podem ter chegado ao Brasil, por intermédio da medicina portuguesa ou durante a colonização holandesa (Lima, 1995/1996). A autora discorre acerca da circulação de ideias entre Europa e Brasil e a medicina hipocrática:

[...] constantemente realimentadas nos séculos subsequentes pelo fluxo de idéias em circulação na Europa, de onde provinham os médicos e os manuais que difundiam as regras de higiene e práticas curativas aqui adotadas, acabaram se sedimentando, e medidas como sangrias, purgas, vomitórios, suadouros, formigações etc. foram intensamente praticadas, especialmente no século XIX. (LIMA, 1995/1996, p. 51)

Entre os anos de 1808 e 1828, tal reestruturação da cidade e da sociedade incide diretamente na oficialização alguns ofícios, entre eles os relacionados as Artes da Cura²⁰. Embora esses já fossem regulamentados.

Essa regulamentação já existia em Portugal desde a criação dos cargos de cirurgião-mor, no século XVIII, e de físico-mor, no XVI. Sucessivos regulamentos foram definindo melhor as atividades desses profissionais, até

²⁰Ou práticas da cura, de acordo com Winter (2003, p.18), “os usos destas expressões vêm de encontro a diversas necessidades dos pesquisadores, tanto em termos instrumentais quanto narrativos, de se identificar medicina (ou “medicinas”) com as práticas acadêmicas e de buscar termos mais amplos que possam incorporar diferentes práticas de curar”.

que, em 1782, foram substituídos pela Real Junta do Protomedicato, extinta em 1808. (PIMENTA, 2003, p. 307).

Os órgãos ou instituições criadas para fiscalização e regulamentação das chamadas artes da cura, inicia em 1782 com a criação da Junta do Protomedicato, cuja função era regulamentar e fiscalizar as atividades relacionadas às artes de curar, sendo extinta em 1808, dando lugar a Fisicatura-mor. Com a instalação da corte na cidade do Rio de Janeiro, observa-se que vários aspectos da vida política se transformam, como a cidade ter se tornado uma das principais entradas de artigos estrangeiros e nacionais, mas também de inúmeras doenças (ARAÚJO, 2021).

Neste sentido, foram criados os seguintes órgãos e funções dedicados à saúde pública: Escola de Cirurgia da Bahia, funcionando no Real Hospital Militar em 1808; a Escola Anatômica, Cirúrgica e médica do Rio de Janeiro funcionando no Hospital Real Militar da Corte do Rio de Janeiro; criação dos cargos de físico-mor, cirurgião-mor e provedor-mor e, ainda a Junta da Instituição Vacínica da Corte. Com isso, o saber científico se difunde no Brasil e influencia a fiscalização do exercício médico e farmacêutico no combate às práticas populares de cura (ARAÚJO, 2021). Em oposição as práticas médicas acadêmicas, encontra-se as práticas de cura da medicina popular, entretanto é importante ressaltar que, mesmo na medicina acadêmica algumas práticas populares eram realizadas, como as sangrias. E que alguns médicos utilizam a teoria dos humores para tratar os seus pacientes.

De acordo com Soares (2001, p.408) “até meados do século XIX, ainda eram pouquíssimos os médicos com formação acadêmica atuando no Brasil”, o autor apresenta uma tabela com o quantitativo de médicos formados na Universidade de Montpellier, entre os séculos XVIII e XIX. A província do Rio Grande do Sul está em quinto lugar entre os estudantes de medicina formados na citada universidade. Abaixo um quadro demonstrativo elenca as principais províncias e seu quantitativo.

Quadro 1 – Estudantes brasileiros formados em medicina pela universidade de Montpellier séculos XVIII - XIX).

| NATURALIDADE | SÉCULO XVIII (1767 -93) | SÉCULO XIX (1806 - 63) |
|-----------------|-------------------------|------------------------|
| RJ | N | N |
| MG | 6 | 5 |
| BA | 5 | 4 |
| PE | 1 | 1 |
| RS | 2 | 1 |
| Ignorada | - | 1 |
| Total | 14 | 15 |

Fonte: Extraído SOARES (2001, p. 412).

No quadro acima, no século XVIII o número de estudantes de medicina é maior que no século XIX. De acordo com Soares (2001, p. 413) “ao longo do século XVIII, em um intervalo de 26 anos, apenas 14 estudantes nascidos na colônia haviam cursado medicina em Montpellier”. Neste contexto, ao tratar do século XIX, o autor afirma que foram 15 médicos naturais do Brasil em um intervalo de 57 anos (SOARES, 2001, p. 413). Entre os anos de 1831 e 1850 o número de estudantes de medicina provenientes da província do Rio Grande do Sul, formados pela Faculdade do Rio de Janeiro representam 5,6 % dos estudantes por lá formados. Sendo a terceira província com maior índice de estudantes de medicina, como observa-se na tabela abaixo.

Quadro 2 – Estudantes de Medicina formados pela Faculdade do Rio de Janeiro (1831 - 50).

| Províncias | N | % |
|---------------------|----------|----------|
| RJ | 188 | 47,4 |
| MG | 68 | 17,1 |
| RS | 22 | 5,6 |
| BA | 17 | 4,3 |
| SP | 8 | 2,0 |
| AL | 7 | 1,7 |
| PE | 6 | 1,6 |
| MA | 5 | 1,2 |
| CE | 3 | 0,8 |
| GO | 3 | 0,8 |
| SE | 2 | 0,5 |
| PA | 2 | 0,5 |
| PI | 1 | 0,3 |
| MT | 1 | 0,3 |
| Ignorada | 24 | 6,1 |
| Estrangeiros | 39 | 9,8 |
| Total | 396 | 100 |

Fonte: Extraído SOARES (2001, p. 412).

Observa-se que, durante todo o século XIX ocorre um maior investimento na criação de institutos de pesquisa e universidades, como visto acima, o que provoca uma disputa pelas chamadas “artes da cura” (ARRUDA, 2021). A disputa em questão, pode ser melhor observada nas ações de fiscalização realizadas no oitocentos, onde ocorre uma legitimação para atuação nas artes da cura, sendo a primeira delas, a criação da fisicatura-mor (1808 - 1828), depois fora, ocorre a implantação do ensino médico e farmacêutico no Brasil (1832), onde se observa um maior distanciamento da medicina acadêmica e da medicina popular. Por conseguinte, em 1850 é criada a Junta Central de Higiene Pública em que preocupava a salubridade das cidades, após uma epidemia de febre amarela. Desse modo, na precaução com as epidemias, nesse momento observa-se que a Teoria dos Humores concorre com a Teoria dos miasmas, isso não quer dizer que

ambas não tenham suas práticas executadas, entretanto a medicina popular utiliza a Teoria dos Humores aliada a medicina hipocrática e a medicina acadêmica recorre a Teoria dos miasmas que está relacionada as questões de salubridade e limpeza da cidade. (ARRUDA, 2021)

De acordo com Rückert (2014, p.75) “no século XIX ocorreram grandes mudanças no campo da Epidemiologia e a compreensão do processo de contágio e transmissão das doenças tornou-se uma prioridade para o saber médico”. A preocupação causada pelas grandes epidemias de cólera e febre amarela proporcionara transformações nas questões relacionadas a limpeza e higiene das cidades, principalmente, por meio da teoria dos miasmas. O que se observa é que, por todo o oitocentos o saber médico passou por mudanças, desde a criação do ensino médico a legalização do exercício da profissão de médico, perpassando por teorias médicas e a busca por uma legitimação da profissão em diferentes campos, incluindo aqui o político. A participação de médicos na elaboração de pareceres referentes as questões de saúde e higiene permite compreender o papel, que o mesmo obteve por todo o oitocentos.

Tais mudanças se iniciam em 1808, com a vinda da corte e com ela a circulação de conhecimento, mercadorias e a formação de redes de consumo, de ideias e civilidade. Não se pode analisar tais mudanças de forma isolada, pois o saber médico, a delimitação do campo das práticas médicas, assim como a inserção de modos a mesa, civilidade, sociabilidade e consumo estão interligados.

A criação do ensino médico, como visto anteriormente, aliado a criação de leis que estabelecem quem está apto ou não para exercer as artes de cura, são importantes para compreender o que se pensava acerca da medicina no oitocentos. Assim como, a criação de instituições para fiscalizar e regulamentar as artes da cura.

1.1.1 Da Fisicatura-mor à junta Central de Higiene Pública: uma breve trajetória.

Em 1808 foi criada a Fisicatura-mor que, de acordo com Pimenta (2004, p. 68) era o “órgão responsável pela fiscalização e regulamentação de todas as atividades relacionadas às artes terapêuticas”, ou artes de curar, sediada no Rio de Janeiro entre 1808 e 1828 (período em que funcionou). Nesse caso, as práticas médicas eram centradas em dois cargos, físico-mor e cirurgião-mor, estando o primeiro relacionado a prescrição e fabricação de remédios, e o segundo as intervenções cirúrgicas.

Para atuar como médico, cirurgião, boticário, sangrador, parteira, curandeiro, entre outras, era necessária uma carta.

Qualquer um poderia se dirigir à Fiscatura requerendo o exame a fim de conseguir a carta, ou pedido de licença provisória. [...]. Bastava que apresentasse um atestado assinado pelo mestre com quem havia aprendido determinada arte, no qual constasse por quanto tempo havia praticado e que adquirira habilidade na arte em questão. Com alguma frequência, esse atestado era substituído por uma declaração de pessoas importantes da comunidade atendida por ele, em que se deixasse claro a importância concedida a este. (PIMENTA, 2003, p; 309)

As cartas eram destinadas aos médicos, cirurgiões, boticários, sangradores, parteiros e curandeiros, embora, ainda fossem emitidas cartas e licenças:

para “curar de medicina prática” (geralmente concedidas a cirurgiões com cartas que queriam remédios para moléstias internas), para dentistas (atividade amiúde associada à de sangrador), para curar moléstias específicas como embriaguez e morfeia²¹. (PIMENTA, 2003, p. 308).

Entretanto, apesar da exigência de uma carta ou licença temporária para o exercício das artes de cura, nem todos os que a exerciam o faziam de forma legal, quer dizer, obtinham tal documento. Com relação a tal prática, Pimenta (2003, p. 310) aponta que, entre 1808 e 1828, ou seja, “Durante os 20 anos de atuação da Fiscatura no Rio de Janeiro, apenas 207 sangradores, 66 parteiras e 27 curandeiros se oficializaram no Brasil, o que corresponde, respectivamente, a 16%, 5 % e 2% do total de títulos expedidos”. De acordo com a autora, isso é observado nos relatos de viajantes, periódicos e nas correspondências entre autoridades que descrevem uma situação bem diferente, onde o número de pessoas que atua nas artes de curar é bem maior. Os motivos que levou a esses viajantes a não buscarem ou a terem sua carta são vários, entre eles, a procura por seus serviços independente de ter ou não uma carta que legitime seu trabalho. No quadro abaixo observa-se o quantitativo de “oficializados”, durante o período de funcionamento da Fiscatura-mor no Brasil. Os dados apresentados correspondem a todo Brasil,

Quadro 3 – Quantitativo dos ‘ofícios’ legalizados no Brasil entre 1808 e 1828.

| OFÍCIO | OFICIALIZADOS | PORCENTAGEM |
|--------------------|---------------|-------------|
| Sangradores | 207 | 16% |
| Parteiras | 66 | 5% |
| Curandeiros | 27 | 2% |

Fonte: Bezerra (2022), adaptado de Pimenta (2003).

²¹ Grifo nosso. O mesmo que hanseníase.

No quadro acima, observa-se que a quantidade de sangradores é superior ao número de parteiras e curandeiros. Isso não quer dizer que esse seja o número correspondente a todos que realizam as práticas da cura. Nem todos se registavam, dessa forma não era possível ter um número real de sangradores, curadores e parteiras, por exemplo.

A hierarquização das artes de curar, em que se observa duas categorias estabelecidas Fisicatura-mor aos praticantes das artes da cura, é apresentada em duas categorias, sendo a primeira relacionada a médicos, cirurgiões e boticários; e a segunda com curandeiros, parteiras, barbeiros-sangradores, entre outros. Na primeira era solicitada a autorização e, para a segunda uma licença. De acordo com Pimenta (2004, p. 68) para a Fisicatura-mor “cada ofício correspondia a atividades bem delimitadas, às quais os respectivos praticantes deveriam se ater”. A partir da delimitação das atividades a serem exercidas por cada um dos ofícios, ocorria a fiscalização das práticas de cada um. Dessa forma, percebe-se uma hierarquia entre as categorias citadas, como afirma Pimenta (2004, p. 68) “segundo a qual os médicos ocupariam as posições mais prestigiadas e parteiras e sangradores, por exemplo, as mais subalternas”.

Em 30 de agosto de 1828 é extinta a Fisicatura-mor, e com ela os cargos de provedor-mor, físico-mor e cirurgião-mor. Pimenta (2004, p. 70) afirma que as câmaras municipais passam a exercer “as funções relativas à inspeção de saúde pública e para as justiças ordinárias, os processos findos e em andamento, até então sob responsabilidade do juízo da Fisicatura-mor”. O Ministério do Império, em 14 de novembro do mesmo ano, especifica melhor as atribuições das câmaras municipais, entre suas funções, destacam-se: a inspeção sobre a saúde pública que incluía exames e visitas as lojas de comestíveis, de drogas e boticas. Entretanto os processos de autorização e fiscalização do exercício das artes de curar ficaram até 1832, sem instância formal, dessa forma não eram julgados. Os sangradores, parteiras, boticários, entre outros não tiveram suas autorizações julgadas. Em 1831, as discussões acerca da fiscalização e regulamentação das artes da cura são retomadas. Algumas mudanças são estabelecidas, entre elas, destaca-se a lei de 1832:

[...] marcou o início do monopólio legal das artes de cura por parte dos médicos. Desenhava-se então uma nova forma de relacionar com os terapeutas populares, bem diferente daquela do tempo de Fisicatura-mor. Algumas categorias passaram a ser desqualificadas e deslegitimizadas, enquanto outras começaram a depender da Faculdade de Medicina. (PIMENTA, 2004, p. 71)

Tais mudanças não afetaram os alunos da Academia Médico-cirúrgica, nem os médicos e cirurgiões estrangeiros, isso deve a autonomia adquirida por eles em 1826, dessa forma, permitia o exercício da medicina e cirurgia em todo o Império, desde que ambos apresentassem suas cartas à autoridade local. A lei de 1826, de acordo com Pimenta (2019, p. 95) “considerava as cartas passadas pelas Escolas de Cirurgia suficientes para que os alunos pudessem exercer suas atividades”. Entretanto uma carta fornecida pela Fisicatura-mor dava o direito ao cirurgião habilitado o aprovado a exercer a cirurgia, enquanto que a carta emitida ao cirurgião formado permitia o exercício da cirurgia e medicina (PIMENTA, 2019, p. 95).

No caso de Porto Alegre, em seu artigo 57, do Código de Posturas Policiais, aprovado pela Lei Provincial de 23 de novembro de 1837, e publicado em Edital, de 19 de fevereiro de 1838, estabelece os critérios para realizar as artes da cura e quem estaria apto para realizar.

Ninguém poderá nesta Cidade, e seu Districto curar, ainda mesmo S.N. gratuitamente, de Medicina, ou Cirurgia, ter Botica, e manipular remédios, ou S.N. aviar receitas, e partejar, sem que primeiramente tenha apresentado á esta Câmara. S.N. Municipal o seu respectivo título, conferido por alguma das Faculdades de S.N. Medicina do Rio 30 de Janeiro, ou Bahia, ou aprovado por qualquer delas, em S.N. conformidade dos Artigos treze, e quatorze da Lei de 3 de Outubro de 1832 para o devido S.N. reconhecimento, e mais formalidades prescriptas no artigo cincoenta e quatro S.N. da Lei do 1º de Outubro de 1828, incorrendo quem contravier na pena de prisão S.N. por oito dias na Cadea, e na multa de trinta mil reis pagos dentro da S.N. e nas reincidências será agravada a pena por aquella forma em trinta S.N. dias, a multa em sessenta mil reis. Nas sobreditas penas, e multas, S.N. incorrerão tam bem os Medicos, Cirurgioens, e Parteiros, que não se prestarem S.N. promptamente a qualquer hora da noite, em que como taes forem chamados, com S.N. urgência, e do mesmo modo dos Boticarios, que não tiverem as suas Boticas S.N. abertas ate 40 as des horas da noite, e que destas horas por diante não se prestarem S.N. a aviar as receitas, com que para este fim urgentemente forem procurados. S.N. A presente Disposição não comprehende as mulheres, que costumão assistir aos S.N. Partos. (VIEIRA, 2013, p. 73).

No artigo acima, a Câmara de Vereadores de Porto Alegre, por meio do Código de Posturas da cidade, estabelece os critérios para o exercício das artes da cura. No ano de 1851, por meio do Decreto nº 828, de 29 de setembro do mesmo ano, manda

executar o regulamento da Junta de Higiene Pública. De acordo com o regulamento, em seu capítulo 1,

art. 2º - Nas Províncias do Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul haverá Comissões de Higiene Publica, compostas de três membros, nomeados pelo Governo, que d'entre os mesmos designará o Presidente; nas outras Províncias haverá somente Provedores de Saúde Publica. Os Presidentes, tanto da Junta como as Comissões, tem voto de qualidade. (BRASIL, [Leis etc], 1852)

O artigo acima estabelece a criação das Comissões de Higiene Pública nas províncias citadas e como sua composição. No caso da província do Rio Grande do Sul, a comissão começou a funcionar em 1851.

No quadro abaixo, apresenta-se um breve resumo das legislações e instituições criadas para fiscalizar e regular as práticas da cura e estabelece regras para o exercício da profissão de médico, farmacêutico e cirurgião e, ainda das parteiras, boticários, sangradores e curandeiros. Abaixo um breve resumo das leis e instituições do oitocentos, elaborado por nós.

Quadro 4 – Um breve histórico sobre a legislação e instituições criadas no século XIX.

| ANO | LEGISLAÇÃO |
|------|---|
| 1792 | Criação da Junta do Promedicato |
| 1808 | Fisicatura-mor |
| 1808 | Criação da Escola de Cirurgia da Bahia; Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro e Junta da Instituição Vacínica da Corte |
| 1828 | As Câmaras Municipais passam a exercer o papel de fiscalizadora e reguladora |
| 1832 | Implementação do Ensino médico e farmacêutico |
| 1850 | Junta central de Higiene Pública |

Fonte: Elabora por BEZERRA, 2021.

Por todo o século XIX foram criados órgãos e instituições para regularizar e fiscalizar as práticas de cura. Como observa-se um distanciamento entre as chamadas medicina popular e medicina acadêmica, tendo a última ocupado um espaço mais amplo, tanto no campo da medicina, como no político. É importante ressaltar que a relação entre as teorias adotadas nas práticas de cura e as práticas relacionadas a limpeza e saneamento da cidade são estreitas.

As principais teorias discutidas no século XIX foram: teoria dos humores, teoria miasmática e teoria microbiana. Observa-se uma transição entre as duas últimas, sendo esta última mais difundida no início do século XX. Dessa forma, serão abordadas: a teoria dos humores e a teoria miasmática. Com a instalação do ensino médico e farmacêutico no Brasil observa-se que, mesmo com a criação de cursos e a criação de

leis que diferenciavam as medicinas popular e acadêmica, não havia uma homogeneidade nas teorias utilizadas pelos médicos. No entanto, quanto as teorias existentes no oitocentos, Rückert (2015) afirma que

[...] durante a maior parte do século XIX, a teoria dos miasmas forneceu a principal explicação para a transmissão de doenças e para o surgimento de epidemias de determinados locais. Herdeira de uma tradição hipocrática de medicina, esta teoria justificava a preocupação dos médicos com as condições do ar, do solo e das águas e relacionava as doenças com a existência de “ares corrompidos”. Sob a influência da teoria dos miasmas, a higiene passou a receber uma expressiva atenção dos profissionais da medicina e da engenharia e assumiu aspectos de uma ideologia que pretendia conduzir o Brasil ao “progresso” e à “civilização”. (RÜCKERT, 2015, p. 84)

As Teorias acima apresentadas estavam relacionadas as questões de limpeza urbana, saneamento e ainda a regularização da profissão de médico, cirurgião e farmacêutico.

1.1.1.1 Da Teoria dos Humores a Teoria dos Miasmas. Medicina popular x Medicina acadêmica.

A primeira tentativa de cuidar da cidade, cuidando do corpo do indivíduo, como mencionado anteriormente, se deu através dos conceitos da Medicina Hipocrática aliada a Teoria dos Humores. Baseada essencialmente na observação do processo dos sintomas da doença, a Medicina Hipocrática, praticada na Grécia Antiga nos cinco séculos que antecederam o início da era cristã, preocupava-se mais com a prática da cura do que com os eventuais diagnósticos. Por tanto, a Medicina Hipocrática estava mais voltada para o reconhecimento de sintomas e não propriamente preocupada com as enfermidades em si e dentro de uma perspectiva mais ampla como uma perturbação no estado de saúde que era percebida decorrente de um desequilíbrio do corpo, visto sempre em sua totalidade. Para ela não havia doenças, mas sim doentes. A Medicina Hipocrática, busca o reconhecimento dos sintomas e não as doenças (LIMA, 1996).

No Brasil, segundo Lima (1996, p. 51), “supõe-se que os princípios hipocráticos tenham sido introduzidos pela medicina portuguesa”, assim como “por médicos que acompanharam a colonização holandesa”. Se faz necessária uma explicação acerca da chamada: “Teoria dos Humores”. Novamente citamos Tânia Andrade Lima a respeito do surgimento da teoria humoral.

Dessa estequiologia, ou seja, dessa doutrina de composição elementar dos corpos naturais, surgiu a teoria humoral. A partir da premissa de que pares de

oposições deviam ser mantidos em equilíbrio para saúde e harmonia do corpo, enquanto os humores estivessem balanceados, o indivíduo desfrutaria de saúde. (LIMA, 1995/1996, p. 47).

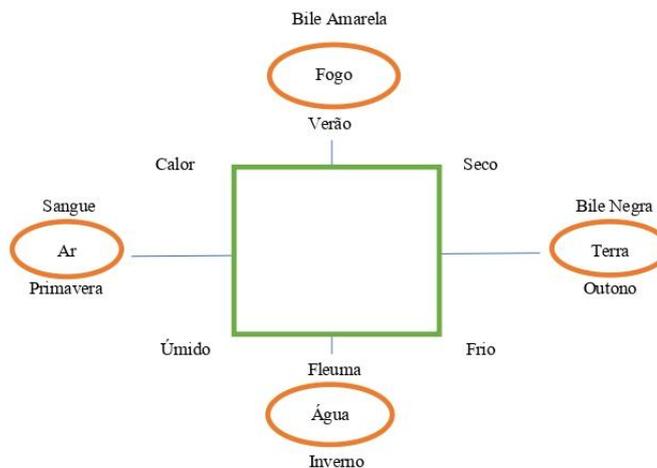
A busca pelo equilíbrio dos humores, para a saúde e harmonia corporal, como afirma a autora, aliada a medicina hipocrática, tinha como objeto prevenir que o desequilíbrio humoral provocasse doenças no corpo. O desequilíbrio poderia ser por excesso ou ausência de humores, como sangue, bílis negra, bílis amarela ou fleuma, sendo necessária, caso não ocorresse de forma natural, a intervenção de um médico ou curandeiro, ou o uso de medicamentos²² naturais ou industrializados para ajudar a produzir ou expelir tais humores. Outro elemento importante era a alimentação e o clima, pois esses poderiam contribuir para equilibrar ou desequilibrar o corpo. Para uma melhor compreensão das relações entre os diferentes humores com as doenças, a figura abaixo apresenta um esquema da Teoria dos Humores.

De acordo com Araújo (2021, p. 69) a teoria humoral, de tradição hipocrático-galênica, estava relacionada a quatro líquidos existentes no corpo humano. Esses humores eram o sangue, fleuma, bile amarela e bile negra. Ainda de acordo com a autora,

[...] um indivíduo era considerado saudável quando esses líquidos estivessem numa relação de equilíbrio, de força e de quantidade; e existiria a doença quando um deles estivessem em menor ou maior quantidade. Cada um desses líquidos, serviam a um propósito no corpo humano: o sangue era considerado a fonte da vitalidade; a bile amarela era o suco gástrico, fundamental à digestão; a fleuma era lubrificante e resfriador perceptível quando aparecia nas ocasiões de frio e febre; era líquido que correspondia a todas as secreções incolores. A bile negra era responsável pelo escurecimento dos outros fluídos, principalmente quando o sangue, a pele ou as fezes tornavam-se salobros. (ARAÚJO, 2021, p. 69).

Os quatro humores são responsáveis pela temperatura, cor e textura da pele, e relacionados aos quatro elementos da natureza. O sangue era responsável por deixar o corpo quente e úmido, e correspondia ao ar; a bile amarela o deixava quente e seco, e correspondia ao fogo; a fleuma, frio e úmido, correspondia a água e a bile negra, pelas sensações de frio e secura, correspondia à terra. E estavam relacionadas as estações do ano também. No caso do sangue estava relacionado a primavera, a bile amarela ao verão, a bile negra ao outono e a fleuma ao inverno. Conforme imagem abaixo

²² De acordo com Chernovitz (1890, p. 390) “dá-se este nome as substâncias empregadas para obter a cura de moléstias ou aliviar os doentes”. Deve-se ressaltar aqui a diferença entre medicamentos e terapêuticos. O regime, os banhos, as fricções, o repouso, e etc, são considerados terapêuticos, e quando associados aos medicamentos concorrem para o tratamento das doenças ou moléstias que afligem os doentes. (CHERNOVITZ, 1890).

Figura 1 - Esquemática dos Humores

Fonte: Adaptado de LIMA (1995/1996)

O esquema acima trata da Teoria Humoral, que apresenta os quatro humores e seu equilíbrio. Para manter seu equilíbrio podem ser adotadas meios de prevenção e correção. Entre outras práticas medicinais ou práticas de cura, destaca-se a excreção de humores, sendo essas realizadas pelos orifícios superiores e inferiores. Tais práticas poderiam ocorrer de forma natural ou provocada (LIMA, 1995/1996). Quando o corpo não expelia naturalmente os fluidos que causavam o desequilíbrio do corpo eram utilizados laxantes ou vomitivos para expeli-los e assim trazer o equilíbrio ao corpo do paciente (WITTER, 2007). Os excessos e as faltas que ocasionavam tal desequilíbrio poderiam ser tratados de forma natural, mas caso não acontecesse, poderia ser realizado procedimentos como: purgantes, lavagens estomacais, vomitórios e sangrias etc.

Tais práticas estavam relacionadas as chamadas ‘artes de purgar e sangrar’. Sendo que a arte de purgar é

[...] tão complexa e tão amplamente empregada quanto a de sangras; exigia que o praticante soubesse diferenciar plenamente os purgantes, segundo sua intensidade, entre a ampla variedade de substâncias laxantes, catárticas ou drásticas – estas últimas as mais intensas. (EDLER; GUIMARÃES, 2003, p. 136).

A primeira classe, os laxantes ou minorativos, são considerados brandos e podem ser usados em crianças; os catárticos, mais conhecidos como purgantes, são os mais utilizados; e por último, os drásticos, sendo este usado em casos que precisem de uma evacuação mais rápida. Tal arte estava relacionada aos medicamentos chamados

purgantes, que tinham como função produzir evacuações, quer dizer, tinham o objetivo de laxante, para tanto era utilizado um recipiente denominado urinol. De acordo com Chernoviz (1890, vol. 2, p. 849) “é o nome geral dos medicamentos que produzem evacuações alvinas. Esta classe de remédios contém, pela maior parte, substâncias vegetaes, e entre as mineraes, apenas alguns saes e águas salinas”. Entre os sintomas observados destacam-se: ânsia, náuseas, cólicas e somente ocorre a evacuação. É recomendado evitar alimentos sólidos e ingerir muito líquido. (ARAÚJO, 2021, p.50).

Outras opções para auxiliar na evacuação e equilíbrios, são as lavagens intestinais que eram utilizadas nos tratamentos estomacais, e principalmente nos casos de envenenamento. Segundo Chernoviz (1890, vol. 1, p. 1050) “hoje em dia empregam-se para este fim três instrumentos, o sifão estomocal de Faucher, as bombas estomachas de Collin e as de Galante”.

O ‘sifão estomocal de Faucher’²³, é composto por um tubo de cautchue²⁴, flexível e elástico do comprimento de 1 metro 50 centímetros, em uma de suas extremidades era fixado um funil que poderia ser de vidro ou metal e que na maioria das vezes o tubo²⁵ tinha a dimensão de milímetros (CHERNORVIZ, 1890, vol. 1). Conforme imagem abaixo,

Figura 2 - Sifão estomocal de Faucher para lavagem estomacal



Fonte: Extraída da obra CHERNORVIZ (1890).

Sua utilização, conforme o autor era de fácil manuseio e qualquer pessoa poderia fazê-lo, mas ressalta que as lavagens estomacais eram realizadas em hospitais.

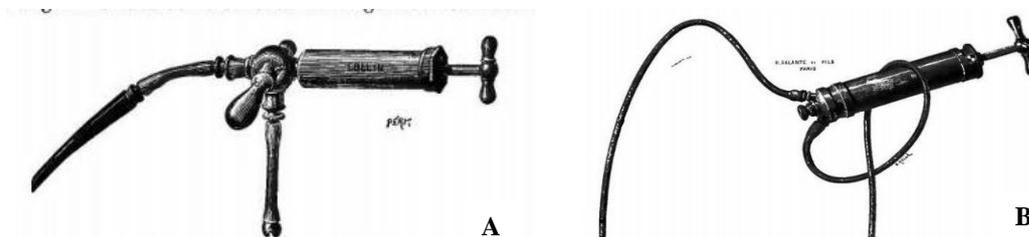
²³ Para saber mais sobre o manuseio do instrumento VER CHERNORVIZ, 1890, vol. 1.

²⁴ Goma ou borracha que resulta da coagulação do látex de diversas plantas.

²⁵ Existiam três dimensões de tubos, sendo de 8, 10 e 12 milímetros.

Outros instrumentos foram utilizados para lavagem estomacal, são duas bombas, sendo a primeira bomba de Colin e a segunda a bomba de Galante,

Figura 3 Bombas estomacais utilizadas no século XI.



Fonte: Extraída da obra CHERNOVIZ (1890).²⁶

De acordo com Chernoviz (1890, p.1052) a vantagem de utilizar a bomba estomacal de Galante é a facilidade de seu manuseio, por “ter uma torneira com três saídas que podem ser empregadas à vontade pelo tubo pistão. O operador tem na mesma mão o tubo do pistão e a chave da torneira”. O que não acontece com a Bomba de Collin.

O sifão estomacal de Faucher, as bombas de Cullin e de Galante são instrumentos utilizados para lavagem estomacal e foram elaboradas, para, por intermédio da inserção de um tubo de borracha pela extremidade superior (boca) de um líquido que tem como objetivo provocar a evacuação e dessa forma se faz a limpeza do estômago. O que se observa nos instrumentos citados, é a busca por torná-los menos ofensivos aos pacientes, e mais eficaz. As artes de “purgar” sejam pela utilização de medicamentos, como os laxantes, ou ainda as lavagens estomacais, tem como objetivo proporcionar o equilíbrio entre os humores. Outra forma de obtê-lo é através da sangria, utilização da ventosa ou sanguessugas, para extrair o excesso de sangue, que pode provocar seu equilíbrio humoral. Os purgantes e as sangrias foram prescritos pelos médicos até as últimas décadas do século XIX, com o objetivo de combater os males e as epidemias da população (ARAÚJO, 2021).

A ‘arte da sangria’ é tão complexa, como a ‘arte de purgar’. No caso das sangrias, o sangrador ou barbeiro-sangrador realizava uma operação que consistia na abertura de uma veia, artéria ou vaso capilar com o objetivo de eliminar uma certa quantidade. Os barbeiros sangradores poderiam ser indivíduos livres, escravos ou forros (PIMENTA & DANTAS, 2014). Entretanto Pimenta & Dantas (2014, p.8) observam

²⁶ **Nota:** **A** – Bomba estomacal de Gollin; **B** - Bomba estomacal de Galante.

que “[...] escravos e forros eram praticamente sempre sangradores, não podendo aspirar a um nível hierárquico mais alto, como boticários, cirurgiões e médicos, dentro dos princípios estabelecidos pela Fisicatura”. Os sangradores perdem espaço com as mudanças na legislação, como observa Pimenta (2003, p. 96) “com a lei que transformava as Academias Médicos-Cirúrgicas em Faculdades de Medicina, estas passavam a expedir os títulos de doutor em Medicina, de farmacêutico e de parteira – a partir de então o título de sangrador não seria mais concedido”. Isso ocorre no final de 1832, entretanto, mesmo sem autorização, muitos sangradores continuavam praticando sangrias. Embora a sangria fosse um ramo da arte da cirurgia, por lidar diretamente com sangue era considerada inferior, e por isso desvalorizada pelos médicos. (PIMENTA; DANTAS, 2014, p. 9). A sangria praticada pelos sangradores é vista com desconfiança, pois suas habilidades pelos médicos buscavam o monopólio das práticas de cura, entretanto mesmo com a proibição, muitos sangradores continuaram praticando as sangrias.

As sangrias poderiam ser realizadas em diferentes partes do corpo, como testa, face inferior da língua, entre outras. Até final do oitocentos, estas zonas tinham sido abandonadas, permanecendo ainda a sangria do pé e a sangria do braço, sendo a primeira menos usada. (CHERNOVIZ, 1890a; LIMA, 1995/1996).

A sangria do braço, era uma das operações mais praticadas, pois as veias do braço, como se observa na imagem abaixo, são mais grossas, superficiais e visíveis, diferente das demais. (CHENOVIZ, 1890a). A sangria do braço era realizada com o paciente deitado ou sentado na cama, preferencialmente.

Figura 4 - Sangria do braço



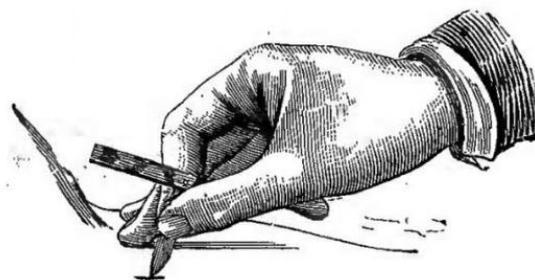
Fonte: Extraído de Chernoviz (1890a).

Na figura acima observa-se uma atadura amarada no braço, sua função era facilitar a visibilidade das veias. Para realizar a sangria no braço, primeiro era escolhida

a veia mais visível, depois era amarrada uma atadura no braço, que tinha como função facilitar a aparição das veias. O segundo passo, o paciente deveria sentar-se ou deitar-se, em seguida coloca-se uma toalha e um vaso embaixo do braço, para evitar que manchasse a cama ou cadeira. Em terceiro, era colocado o polegar sobre a veia a ser aberta, depois fazia-se uma incisão com uma lanceta para retirar o sangue. Por último, retirava-se a atadura e no lugar da incisão colocava-se um chumaço de algodão e enrolava-se uma atadura no local onde foi realizada a incisão (ARAÚJO, 2021, p. 52).

Entre os instrumentos utilizados para realização da sangria, destaca-se a lanceta, instrumento utilizado para fazer uma incisão na veia do paciente para permitir que o sangue possa sair. A utilização da lanceta, de acordo com Araújo (2021, p. 52) “por vezes, o procedimento com a lanceta causava incômodo e mal-estar no paciente”, tal incisão.

Figura 5 - Uso da lanceta



Fonte: Extraído de Chernoviz (1890, vol. 2, p. 941).

Mesmo assim havia uma demanda considerável de pacientes a procura desse procedimento. Segundo Lima (1996, p. 51) isso se dava devido ao “baixo número de médicos para atender a população e de qualificação por vezes duvidosa, fazia dos manuais e guias de medicina popular” que chegavam a todas as camadas sociais, sendo um apoio fundamental e muito difundido nas cidades.

É importante ressaltar que outro item compõe os objetos utilizados para realização das sangrias, destaca-se o “*babber’s and bloodletting plate*”. De acordo com Company (2011, p.162) “este tipo de prato começou a ser usado por volta de 1700 e poderia ser usado tanto para fazer a barba quanto para realização de sangrias”. Tal recipiente foi utilizado Santa Casa de Porto Alegre.²⁷

²⁷ Recipiente encontrado na escavação arqueológica realizada na Santa Casa de Porto Alegre.

Figura 6 – Prato raso *transfer printing*, padrão decorativo *willow*, com corte proposital encontrado na amostra da Santa Casa em Porto Alegre.



Fonte: Extraído de COMPANY (2011)

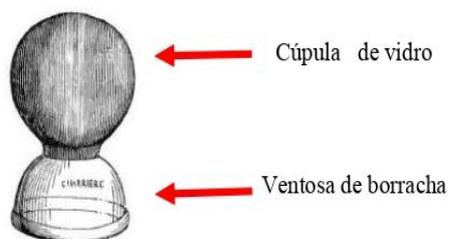
O mesmo poderia ter outra função como afirma Company (2007, p.160) “seria um prato desenvolvido para encaixar no pescoço para ajudar a fazer a barba, muito provavelmente dos enfermos acamados”. Para Company, tal item poderia ter sido improvisado, por não terem tido condições de comprar.

Deve-se destacar outras formas de realizar as sangrias, por meio da aplicação de ventosas e sanguessugas, De acordo com o médico Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, em sua obra Dicionário de Medicina Popular e Ciências Acessíveis (DMPCA), descreve o uso de ventosas, como:

Os vasos que costumam servir para ventosas são de diferentes espécies. Uns de chifre furados no ápice, por cujo furo se opera com a bocca a sucção do ar, e tapa-se com cera quando a ventosa está adherente; outros são de vidro, de formas mui variadas, os quaes podem ser substituídos por um copo qualquer. (CHERNOVIZ, 1890a, vol. 2, p. 1189).

Na imagem abaixo o autor apresenta um exemplo de ventosa, com a base (ventosa) em borracha e a cúpula de vidro, na parte superior existe um orifício (furo) que pode ser fechado com polegar ou cera, com o objetivo de realizar a sucção do ar.

Figura 7 - Ventosa de borracha com cúpula de vidro.



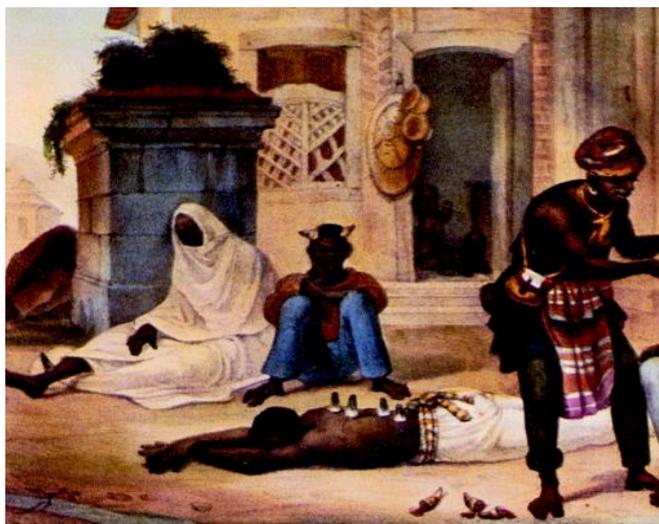
Fonte: Extraído e adaptado de Chernoviz (1890a).

A imagem acima representa uma ventosa de borracha com cúpula de vidro. Tem como função expulsar o “ar deprimido” com o dedo polegar a borracha. Produzidos em diferentes materiais, como: chifre, vidro e borracha. De acordo com Edler & Guimarães eram

[...] pequenos vasos destinados a fazer vácuo na superfície da pele, com o fim de atrair sangue ao lugar em que se aplica, um recomendado era fabricado com chifre perfurado no ápice, por cujo furo se operava com a boca a sucção do ar, sendo, em seguida, tapado com cera quando estivesse aderente à pele. (EDLER; GUIMARÃES, 2003, p. 135).

No século XIX a aplicação de ventosas era feita por escravos e forros, e à medida que a corporação médica se organizava concorriam com os cirurgiões e recebia a autorização para realizar algumas pequenas intervenções cirúrgicas. Essa atividade era exercida por negros e mulatos, na maioria das vezes (SOARES, 2001, p. 409). Abaixo a imagem de um escravo aplicando ventosas em praça pública.

Figura 8 - Aquarela representando a prática de sangria, pintada por Jean Baptiste Debret.



Fonte: Extraído de Soares (2001).

Na imagem acima observa-se a aplicação de ventosas realizada por um negro, possivelmente barbeiro ou barbeiro-sangrador. O médico Chernoviz(1890a) descreve a aplicação de ventosas,

[...] applica-se sobre o corpo, e deixa-se repor no seu logar o fundo; o vácuo do interior do aparelho produz a aspiração. Deixa-se a ventosa no logar durante alguns minutos. Para tiral-a, deprime-se com o dedo a pelle que rodeia a borda pela parte de fora; o ar exterior entra pela pequena abertura que se faz debaixo da ventosa, e esta despega-se immediatamente.

A ventosa chama-se *secca*, quando se applica sobre uma parte da pelle na qual não existe solução de continuidade.

A acção das *ventosas seccas* limita-se a chamar o sangue á superfície da pelle. Bem que esta acção seja mui branda, as ventosas seccas são comtudo muito uteis nas congestões pulmonares e cerebraes, nos doma de vidro. Indivíduos fracos que não podem supportar as emissões sangüíneas, nas mulheres e nas crianças. (CHERNOVIZ, 1890, vol. 2, p. 1189).

Outro tipo de aplicação de ventosas é a chamada ventosas sarjadas que tem como objetivo extrair uma quantidade de sangue,

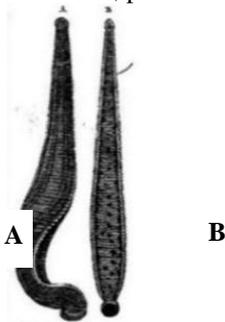
[...] para isso, applica-se a ventosa, como acabei de indicar, tira-se no fim de alguns minutos, fazem-se na superfície da pelle, com lanceta ou navalha, pequenas incisões chamadas sarjas; torna-se a applicar a ventosa sobre o logar sarjado, e deixa-se por todo o tempo que o sangue correr no seu interior, vem a ser 10 a 15 minutos. Passado este tempo, tira-se a ventosa, lava-se a ferida com agua morna, e torna-se a applicar a ventosa, até obter a quantidade de sangue desejada. (CHERNOVIZ, 1890, vol. 2, p. 1189).

As aplicações de ventosas sarjadas podem substituir as sanguessugas, com uma vantagem. De acordo com Edler e Guimarães (2003, p. 135) “aplicadas com o mesmo fim que as sangrias, as sanguessugas, ou bixas, como eram popularmente conhecidas, deviam ser aderidas a qualquer parte do corpo, à exceção das plantas dos pés”. E quando feita por “mãos hábeis” podem ser menos dolorosas que as sanguessugas ou bixas (CHERNOVIZ, 1890, vol. 2, p. 1189).

Além das ventosas e sangrias, destaca-se as sanguessugas, com um papel importante na extração de sangue, entretanto suas picadas são dolorosas.

Outro procedimento relacionado às curas e as limpezas do sangue, era a aplicação de sanguessugas. Os sanguessugas ou “bichas”, como eram conhecidos popularmente.

Figura 9 - Sanguessugas utilizadas para fins medicinais, podendo ser utilizadas em sangrias.



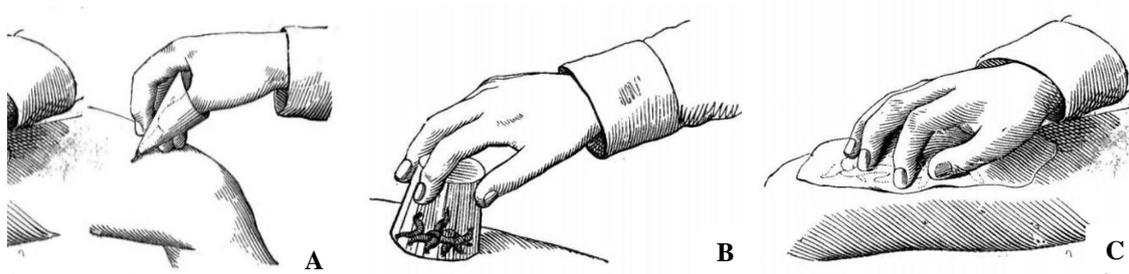
Fonte: Extraído de Chernoviz (1890a).²⁸

De acordo com Edler e Guimarães (2003, p. 135) “aplicadas com o mesmo fim que as sangrias, as sanguessugas[...] deviam ser aderidas a qualquer parte do corpo, à exceção das plantas dos pés”. As recomendações para sua aplicação são descritas por CHERNOVIZ (1890a), em sua obra *Dicionário de Medicina Popular e Ciências Acessíveis*, publicada pela primeira vez em 1842. Era um dos manuais utilizados tanto pelos sangradores, como pelos médicos.

Quanto a sua aplicação dos sanguessugas, Chernoviz (1890a) orienta que o sanguessuga é um “verme aquactico de que existem muitas especies, das quaes duas principalmente são empregadas e medicina, sanguesuga verde e sanguesuga cinzenta”. E que existem formas diferentes de aplicação, os cuidados com o sanguessuga, para que possa ser utilizado outras vezes.

Na imagem abaixo observa-se três formas de aplicar os sanguessugas, a primeira por meio do uso de uma carta enrolada, a segunda com o auxílio de um copo e a terceira com o ajuda de um pano.

Figura 10 – Três formas diferentes de aplicação de sanguessugas no século XIX.



Fonte: Extraídas de Chernoviz (1890a).²⁹

²⁸ **Nota:** A Vista de costas; B. Vista de frente.

²⁹ **Nota:** A. Aplicação por meio de uma carta-enrolada; B. Aplicação por meio de um copo. C. Aplicação por meio de um pano.

Acima observa-se algumas formas de aplicação da sanguessuga, o autor sugere três tipos de aplicação, e enfatiza os riscos e benefícios de tal prática. Quanto ao seu comércio

[...] o commercio das bichas é um grande objeto de especulação. Os paizes que as fornecem são Portugal, Italia, Hespanha, Russia, Suecia, Noruega, Turquia, Hungria, França, Tunis, Argel. O Brasil não é privado d'estes animaes; existem em muitos logares, e sobretudo no norte da província da Bahia, de Pernambuco, no Rio S. Francisco, nos arredores da cidade de Penedo, na província do Rio Grande do Sul, etc., que podem servir ás necessidades da medicina. (CHERNOVIZ, 1890, v. 2, p.948).

Chernoviz (1890a) afirma ainda, que as sanguessugas ‘mordem apenas na água em vivem’, ou seja, quando se importa e tenta mantê-las em outro ambiente que não o seu, elas não servem para serem aplicadas. Possivelmente, por esse motivo, quando importadas são mantidas na mesma água, com a qual foram transportadas. De acordo com Edler e Guimarães (2003, p 135) “as sanguessugas, facilmente encontradas nas lojas dos barbeiros, eram conservadas em vasos de vidro, contendo água até 2/3 de sua capacidade e 3 litros serviam para 30 delas, ou em caixas com barro úmido”. Poderiam ser mantidos, tanto em barro úmido, como em vasos com água, entretanto dever-se-ia ter o cuidado de retirar os sanguessugas mortos, pois após a aplicação ou aplicações isso poderia acontecer.

O quadro abaixo mostra algumas casas comerciais em Porto Alegre que importavam sanguessugas em grandes quantidades diretamente de Hamburgo, Alemanha.

Quadro 5 – Importações sanguessugas em Porto Alegre.

| Data | Edição/ Anno/ Página | Casa Comercial | Descrição |
|------------------|-----------------------------|----------------------------|---------------------------|
| 05/5/1884 | 103 – I – 3 | Warncke & Duerken | 10 tinas de sanguessugas |
| 28/7/1884 | 172 – I – 3 | Martel V. Porto Sucessores | 4 tinas de sanguessugas |
| 17/7/1885 | 160 – II – 3 | Martel V. Porto Sucessores | 2 caixas com sanguessugas |
| 28/5/1886 | 121 – III – 3 | Martel V. Porto Sucessores | 2 caixas com sanguessugas |
| 16/4/1887 | 85 – IV – 3 | H. Lüderitz &C. | 7 caixas com sanguessugas |
| 30/6/1887 | 145 – IV – 2 | Martel V. Porto Sucessores | 4 tinas de sanguessugas |
| 16/6/1888 | 136 – V – 2 | Martel V. Porto Sucessores | 4 tinas de sanguessugas |
| 03/9/1889 | 201 – VI – 3 | Martel V. Porto Sucessores | 6 tinas de sanguessugas |

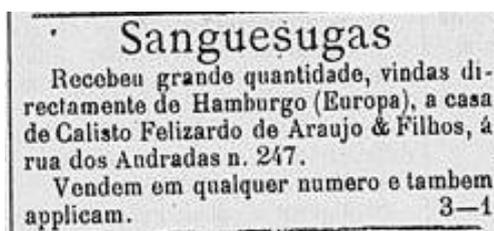
Fonte: Jornal A Federação.

O quadro acima aponta o consumo de sanguessugas, e destaca a casa comercial “Martel V. Porto Sucessores”, como um dos estabelecimentos que mais importava sanguessugas, conforme em anúncios e rol de chegada de mercadorias estrangeiras nos jornais locais, além de outros itens de saúde como, ervas medicinais, drogas, óleo de

fígado de bacalhau, xarope, vinho medicinal, com propriedades digestivas, ou ‘sidra’ indicada contra a desinteira. De acordo com Moreira & Witter (2020 p. 58) “Martel Vicente Porto Sucessores, instalado no centro da capital, na Rua Nova, esquina do Beco Leite”. A casa comercial aparece no inventário do boticário Guilherme Landell, cobrando a quantia de 463\$400 réis de mercadorias compradas pelo inventariado (MOREIRA; WITTER, 2020, p. 58).

Abaixo um recorte do jornal “A Federação”, anunciando o recebimento de uma grande quantidade de sanguessugas vindos de Hamburgo, dessa vez da casa comercial “Calisto Felizardo de Araújo & Filhos”, localizada na Rua dos Andradas, n. 247, no centro da cidade de Porto Alegre. O anúncio destacava que, além da venda, aplicava-se os sanguessugas, um serviço que nem em todas as casas.

Figura 11 – Anúncio da Casa “Calisto Felizardo de Araújo & Filhos” no Jornal “A Federação”.



Fonte: Jornal “A Federação” de Terça-feira, 13 de junho de 1886, Anno III, Ed, 157, p. 3.

A prática de sangrias, assim como o uso de laxantes são práticas realizadas tanto pelos sangradores quanto pelos médicos. Dessa forma se observa que a relação entre a medicina popular e a medicina acadêmica fica ainda mais intensa. O olhar dos médicos se volta a limpeza da cidade e do corpo, o chamado higienismo. A preocupação agora era com o corpo do indivíduo e da cidade. Dentre as soluções apontadas para curar a cidade, destaca-se o higienismo, o desejo de transformar um corpo doente, nesse caso a cidade, em um organismo sadio, como aponta Pechman (2002, p. 389) que ele é “a expressão da primeira forma de uma política urbana de enquadramento e controle da cidade”. Foucault (2002) chama de sociedade de controle a expansão da sociedade disciplinar, uma não exclui a outra. A disciplina é interiorizada, e é exercida principalmente por três meios: o medo, o julgamento e a destruição. Para o autor a disciplina se interioriza, dessa forma é possível expandir o controle que é uma forma de poder. Quer dizer, uma é exercida pelo confinamento, a outra ultrapassa a fronteira entre o público e o privado, no sentido que esse confinamento que antes era entre muros, como a fábrica, a casa, a família e outros.

Dessa forma, pode-se entender como um conjunto de medidas adotadas para o controle e enquadramento da população que habita a cidade. De acordo com Tânia Andrade Lima.

Como parte do processo histórico mais amplo, envolvendo aspectos econômicos, políticos, jurídicos e científicos, entre outros, instaurou-se no Ocidente europeu, ao longo do século XIX, um conjunto de princípios, normas e valores fundados sobretudo na observação, na disciplina, e, em última instância, no controle, como instrumento de dominação (cf. Foucault, 1983). A construção desta ‘sociedade disciplinar’, iniciada no século anterior, se intensificou e se consolidou com o fortalecimento da burguesia, impondo uma nova configuração ao sistema e às suas instituições, que se reordenaram ante a introdução de mecanismos sistemáticos de vigilância e estratégias de controle. (LIMA, 1996, p. 79).

Tais estratégias de controle e disciplina descritas pela autora, são observadas nas medidas higienistas adotadas nas cidades brasileiras, através dos Códigos de Postura ou outras leis e decretos criados pela municipalidade. Os discursos médicos tratavam de temas relacionados as questões de limpeza e higiene, de acordo com Fernanda Tocchetto.

Dejetos, lixo, excrementos, águas servidas, miasmas, insalubridade, epidemias, saúde, higiene, saneamento foram expressões largamente usadas em discursos médicos e estatais durante o século dezanove no Brasil e, não menos com cem anos de anterioridade, na Europa. (TOCCHETTO, 2010, p. 253).

Entre 1808 e 1829, buscou-se curar o “corpo” da cidade e sanar os problemas graves de saúde pública e da limpeza, ocasionados pelo acúmulo de lixo e imundícies, escondendo os entulhos simplesmente nas margens dos rios, dos lagos e dos mares ou de enterrando o lixo nos quintais das casas. Concomitantemente à essas práticas, criou-se os “Códigos de Postura Municipais” que deveriam ser empregados nas principais cidades do Brasil.

Entre as teorias difundidas no século XIX, destaca-se a Teoria dos Miasmas que aceita por parte da comunidade médica. De acordo com Rückert (2014, p.81), os teóricos defendiam que “as doenças poderiam ser transmitidas pelo ar através de substâncias geradas durante a decomposição da matéria orgânica”. O descarte e o despejo de imundícies passaram a ser uma preocupação da Comissão de Hyggynne, como se observa no caso de Porto Alegre.

1.1.1.2 Manuais, boticas e medicamentos na Porto Alegre do século XIX

Entre as artes da cura, a sangria e a purgação eram consideradas as mais complexas, sendo realizadas, primeiro por um barbeiro, sangrador ou barbeiro-sangrador, segundo por um curandeiro. Em meados do século XIX entre as mudanças ocorridas, observa-se a inserção de manuais de Medicina Popular, De acordo com Edler e Guimarães (2003, p.129) “muito mais que educação medica regular e o contato com os médicos, eles foram o principal instrumento de penetração de saberes e práticas sancionadas pelas instituições médicas oficiais no cotidiano daquela população”. Os manuais eram acessíveis também aos leigos.

Desde o fim da censura imposta aos livros pela Coroa portuguesa, houve aumento substancial do número de livrarias e de impressoras e o comércio de obras de medicina para leigos conquistara um mercado considerável. (EDLER E GUIMARÃES, 2003, p.129).

O uso de tais manuais é observado também em Porto Alegre, pois foram listados dois livros no inventário do boticário Guilherme Landell, sendo eles do médico polonês Pedro Luiz Napoleão Chernovitz, são eles: O Formulário ou Guia Médico do Doutor Chernovitz e Dicionário de Medicina Popular e Ciencias Acessorias. (MOREIRA; WITTER, 2020). Ainda de acordo com os autores o boticário possuía 3 volumes do Dicionário de Medicina Popular, tendo sido leiloado, foi arrecado por Francisco Leão por 7 mil réis. Entre os itens elencados no rol de objetos que integram o espólio de Guilherme Landell.

Quadro 6 - Itens da Botica de Guilherme Landell (1875)

| QUANTIDADE | DESCRIÇÃO |
|------------|---|
| 13 | Vidros de 8 libras boca larga e tampa |
| 39 | Vidros de 6 libras boca larga e tampa |
| 24 | Vidros de 4 libras boca larga e tampa |
| 14 | Vidros de 2 libras boca larga e tampa |
| 12 | Vidros de 1 libras boca larga e tampa |
| 56 | Vidros de 2/0 libras boca larga e tampa |
| 23 | Vidros de 4 libras boca estreita e tampa |
| 41 | Vidros de 2 libras boca estreita e tampa |
| 23 | Vidros de 1 libras boca estreita e tampa |
| 12 | Vidros de 1/2 libras boca estreita e tampa |
| 36 | Potes de louça branca de 2 libras com tampa |
| 26 | Potes de louça branca de 1 libras com tampa |
| 29 | Potes de louça branca de 8 libras com tampa |
| 10 | Potes de louça branca de 4 libras com tampa |
| 6 | Potes de louça branca de 1 libras com tampa |
| 2 | Barris com torneira |
| 38 | Latas vazias sortidas |

| | |
|---------------|-------------------------|
| 15 | Barricas |
| 26 | Caixões vazios sortidos |
| 34 mil | Rótulos diversos |

Fonte: Adaptado de Moreira e Witter (2020)

Os itens acima correspondem a uma parte dos itens relacionados no inventário do referido boticário. O ofício de boticário,

[...] majoritariamente masculino, transitava entre as lides do comércio e a manipulação de drogas, aliando letramento e conhecimentos práticos sobre as curas e os corpos de sua clientela. Seus espaços de trabalho tinham um lugar central na vida cotidiana das cidades e vilas. Ali circulavam informações, fazia-se política, concentravam-se e ebuliam ideias. (WITTER; MOREIRA, 2020, p. 63).

Os boticários realizavam perícias e práticas de cura, entretanto isso muda após a Criação da Junta Central de Higiene. Como pode-se observar no Decreto 828, de 29 de setembro de 1851, Cap. IV que,

Art. 42. Os boticários não prepararão receita que não esteja assignada por Facultativo matriculado, e nem na conformidade dos Artigos antecedentes. Não poderão alterar, nem substituir os medicamentos ou as substâncias que forem prescriptas para a sua composição. Quando as doses lhes pareçam excessivas representarão ao Facultativo que as receitou, e só as prepararão depois de declaração expressa este. (BRASIL, Decreto 828, de 29 de setembro de 1851, Cap. IV, Art. 42, p. 267).

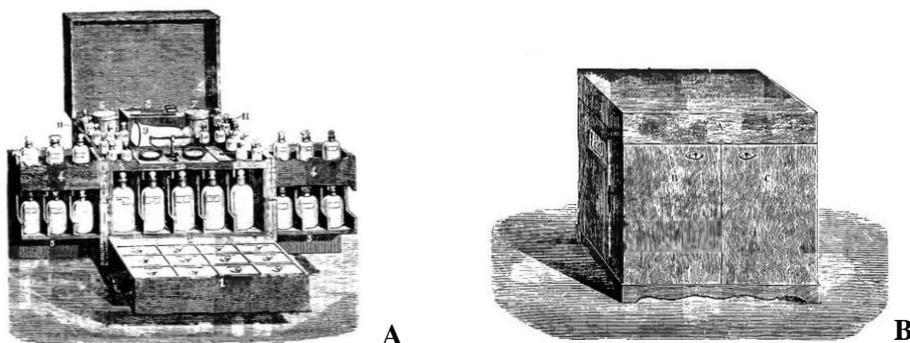
Os manuais integravam as bibliotecas de muitos boticários, pois estes eram, como visto anteriormente, quem diagnosticava a doença e preparava o remédio para curá-la. O interior das boticas é descrito por Luccock, como sendo.

Adornavam-se as boticas com estilo muito mais faustoso que o comum das casas de comércio, afetando um bom-gôsto superior. Em vez de balcão, como se costuma ter, tinham bem no meio uma espécie de altar, com a frente toda ornamentada com pinturas e douradas; o motivo mais comumente escolhido para o pincel constava de alguma paisagem, um naufrágio ou um simples ramalhete de flores. Viam-se colocados em cima balanças e pesos e dois ou três livros velhos, oráculos, sem dúvidas, da arte de curar. As partes de cima das paredes eram enfeitadas com longos renques de boiões holandeses, portadores de rótulos sábios, que nada indicavam senão aos iniciados na arte de arrancar da natureza relutante os segredos capazes de aliviar e alegrar o coração os homens. (LUCCOCK, 1982, p. 71).

O interior das boticas muda ao longo do século XIX, assim como a função dos boticários, como visto anteriormente. Era recomendado o uso de boticas portáteis e/domésticas para uso em locais mais afastados, de acordo com Chernovitz (1890, v. 1. p. 352) “às vezes, a menor demora na administração dos remédios pôde aumentar a gravidade da moestia”. Os remédios recomendados eram simples e de fácil

administração para aplicação no tratamento de doenças mais frequentes. As boticas portáteis e/ou domésticas também eram úteis quando o médico era chamado a atender um paciente, pois o preparo ou administração dos remédios se tornava mais ágil.

Figura 12 - Botica doméstica portátil.



Fonte: Chernovirz (1890).³⁰

Com a entrada e o consumo de medicamentos, utensílios de mesa e cozinha, vestuários, higiene, e outros artigos importados nas principais cidades brasileiras, de acordo com Velloso (2007, p. 128) “a partir de 1850 ficava favorecida pela interdição do tráfico negreiro intercontinental naquele ano, quando os ganhos obtidos nas vendas de produtos de exportação brasileiros, tais, como açúcar, café, tabaco, deixavam de ser reservados à compra de escravos”. A Sociedade Farmacêutica Brasileira denunciou irregularidades cometidas na prática farmacêutica na corte, encaminharam representações à Junta Central de Higiene Pública ou ainda ao Ministério do Império, entre os anos de 1858 e 1874, com o objetivo de acabar com a função de boticário, cada vez mais restrita pela legislação.

Figura 13 – Vidros de medicamentos



Fonte: Claudio Fachel (2007)

³⁰ **Nota:** **A** Botica portátil, aberta; **B** Botica portátil, fechada

Acima observa-se os recipientes utilizados para remédios. Observa-se cores e formatos diferentes, sendo alguns para uso individual (única dose).

1.2 ESCARRADEIRAS E URINÓIS. DA LIMPEZA DO CORPO A LIMPEZA DA CIDADE.

Outras formas e procedimentos de manter o equilíbrio dos humores corpóreos, era de expelir o excesso de saliva e mucosas pelos orifícios superiores. Para manter essas secreções separadas do contato com a população saudável, foram idealizados recipientes específicos como escarradeiras ou cuspidadeiras, além das tabaqueiras ou potes de vômitos. As escarradeiras ou cuspidadeiras eram, em sua maioria, de porcelana ou faiança fina, de vidro ou ainda de metal esmaltado. Tais itens eram importados pelas camadas mais abastadas da sociedade, como analisa Lima:

[..] para as grandes nações industrializadas – em especial a Inglaterra –, necessidade de ampliar os mercados consumidores para seus produtos, era fundamental a implantação de uma nova mentalidade nas colônias, condizente com os mais modernos padrões europeus, que favorecesse e assegurasse a penetração, a adoção e o consumo maciço desses bens, o que reforçaria duplamente, do ponto de vista ideológico e econômico, a sua subordinação.” (LIMA, 1989, p: 81).

Dessa forma, a Inglaterra, entre outros, poderia expandir seu mercado, não interessa, no entanto, que os consumidores das colônias, como o Brasil, por exemplo, soubessem utilizar tais produtos, mas que tivessem em mente a necessidade de consumir tais itens para se diferenciar dos demais grupos sociais (BEZERRA, 2015, p.215).

Com todas essas mudanças, observa-se uma maior preocupação com a higiene, que perpassava o indivíduo e se instalava na coletividade, na cidade. Se tornava cada vez mais urgente a limpeza dos corpos e das ruas, das casas, da cidade, para tanto era necessário disciplinar o indivíduo em nome da coletividade. Dessa forma, são postas medidas e artigos de higiene para disciplinar e ‘tratar as doenças’.

1.2.1 Escarradeiras, urinóis e lavatórios.

Os itens de higiene importados da Europa, como lavatórios, escarradeiras e urinóis não tinham como finalidade apenas a limpeza do corpo, mas da cidade também. O uso de tais itens por todo o oitocentos perpassam diferentes momentos do oitocentos, mas destaca-se apenas dois aqui, sendo o primeiro aliado a Teoria dos Humores, o

segundo ao Higienismo e a Teoria dos Miasmas. No primeiro seu uso era recomendado para expulsar o excesso de humores pelos orifícios superiores, no caso das escarradeiras, e no segundo pelos orifícios inferiores, no caso dos urinóis. No segundo seu uso foi colocado como meio de propagação dos miasmas.

O uso de escarradeiras era feito no uso doméstico, principalmente por camadas mais abastadas da sociedade, vindas da Europa, como a imagem abaixo.

Figura 14 - Escarradeiras inglesas, produzidas no século XIX.



Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo (Museu de Porto Alegre).

No contexto doméstico, as escarradeiras eram expostas nos espaços sociais como na sala e no gabinete de fumantes, e “deixadas à disposição das visitas, no chão em geral aos pares, ladeando os sofás” (LIMA, 1996, p. 66).

A escarradeira (*spittoon*) ou cuspidora (cuspidor), que surgiu possivelmente na China no século XVIII, era originalmente um pequeno e simples recipiente de aproximadamente 8 cm de altura e 10 cm de diâmetro (Lima, 1995/1996, p.67). Já no século XIX, com a popularização desse item de higiene, observa-se que tais recipientes tenham adotado tamanhos e desenhos variados como, por exemplo, as escarradeiras finas, escarradeiras com e sem pé, escarradeiras de porcelana com carranca etc. Essa diversidade é observada e publicada nas páginas de comércio dos jornais “A Federação” e “Gazetta de Porto Alegre”, que circulavam na cidade nessa época, nos avisos de leilões ou nos anúncios das casas de produtos importados, como a casa “João Antônio da Rosa & Filhos”. A casa “João Antônio da Rosa & Filhos” importou e anunciou a venda de uma (1) caixa com escarradeiras, em julho de 1881.³¹ O consumo de escarradeiras pode ser também observado, por meio dos anúncios de leilões publicados no jornal “A Federação” como esse:

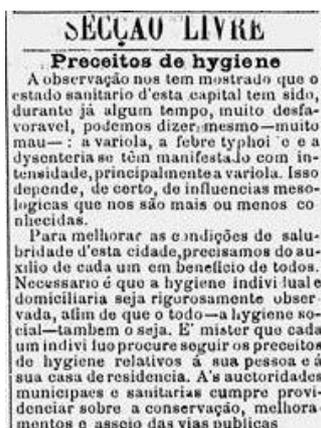
³¹ Jornal A Gazetta de Porto Alegre, publicado em 8 de julho de 1881, Anno III, edição 152, p. 3

Sala de visita
 2 primorosas escarradeiras de porcelana com carranca
 Na alcova principal
 1 escarradeira.
 (Jornal A Federação, Anno XVIII, Edição 132, Porto Alegre, segunda-feira,
 8 de junho de 1891, p.3)

Nesse anúncio, é relevante que as escarradeiras foram oferecidas junto com os móveis da sala de visita. Anuncia-se: “duas primorosas escarradeiras de porcelana com carranca” e “uma escarradeira (mais simples e presente) na alcova principal”.

Ainda, em relação aos anúncios nos jornais, é possível observar, de forma genérica, os cuidados com a higiene e a preocupação com a saúde da população na cidade de Porto Alegre, conforme o fragmento do aviso publicado no jornal “A Federação”, de 12 de maio de 1892.

Figura 15 - Preceitos de higiene para evitar a disseminação da varíola, febre tifoide e disenteria.



Fonte: Jornal “A Federação” de quinta-feira, 12 de maio de 1892, nº 108 – Anno IX p. 2.

No trecho acima, é feito, por parte das autoridades e editores desse jornal, um pedido, para que os leitores ajudassem a evitar a propagação de doenças, contribuindo com a limpeza e com a conservação da cidade. Os cuidados relacionados a higiene coletiva, se refere aos cuidados com a limpeza dos espaços e com isso a mudança dos hábitos domésticos, como, por exemplo, cuspir ou escarrar no chão.

As orientações referem-se, especificamente, ao uso correto das escarradeiras e da sua limpeza, como apresenta o trecho abaixo:

Não se deve escarrar no chão da casa e sim em escarradeiras, que serão diariamente lavadas, submetidas à barrela ou, melhor, ainda desinfectadas. [...]. As escarradeiras e vasos em uso na câmara do varioloso devem ser pelo menos diariamente lavados e desinfectados com uma das soluções de sulfato de cobre ou ferro, de ácido phenico ou sublimado.

(Jornal “A FEDERAÇÃO” de quinta-feira, 12 de maio de 1892, nº 108 – Anno IX p. 2).

Quanto a limpeza das escarradeiras, o que se pode observar é que nem todas as escarradeiras possuíam alça, o que permite inferir que elas não eram retiradas com frequência do chão. Dessa forma sua limpeza ocorria ali mesmo, o que deveria ocasionar um odor no local. Entretanto, não há registro nas fontes analisadas quem era responsável pela limpeza delas, o que podemos inferir é que seria de responsabilidade de um escravo ou escrava doméstica³².

A respeito do uso das escarradeiras e o hábito de expectorar nelas, afirma Lima (1996, p. 70) que “no Brasil, esses utensílios parecem ter se mantido por mais algum tempo, após desativados na Europa, e no início do século XX ainda podiam ser encontrados em uso nas residências”. Desse modo, na Europa o uso das escarradeiras foi muito criticado pelas autoridades de saúde, pois facilitava a proliferação de doenças como a tuberculose. Mesmo assim, observamos durante as nossas pesquisas sua presença em algumas residências, nos catálogos dos leilões, e anúncios publicados nos jornais, ainda no início do século XX.

No caso das excreções dos orifícios inferiores do corpo, se fazia necessário eliminar regularmente as matérias fecais. O urinol ou pinico era um recipiente criado para conter a evacuação intestinal e da urina. Estes eram produzidos em barro, metal, faiança fina e porcelana. O urinol possuía uma ou duas alças que auxiliavam na manipulação, na limpeza e no descarte dos dejetos.

Figura 16 - Urinol encontrado na atual área do Centro Popular de Compras, em 1995.



Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo (Museu de Porto Alegre).

³² Se faz um estudo mais aprofundado para identificar o responsável por tal limpeza. Da mesma forma pela limpeza do urinol.

A princípio, o urinol foi produzido para atender os anseios das camadas sociais mais abastadas, sendo inicialmente em porcelana fabricados por Meissen, Sèvres, e outras localizadas em Limoges (LIMA,1995/1996). Com a expansão e popularização da faiança fina³³, produzida principalmente na Inglaterra, os urinóis tornaram-se mais acessíveis e usados pelos diferentes grupos sociais. Diferente dos urinóis usados pelas camadas abastadas, que tinham elementos decorativos e muitas vezes uma tampa, os urinóis que chegavam aos grupos menos favorecidos economicamente, eram produzidos em cerâmica ou em faiança fina branca, sem elementos decorativos.

Uma das medidas adotadas para higiene foi o uso de lavatórios, sendo este, *a priori*, composto por duas peças, sendo elas: uma bacia e uma jarra que poderia ser fabricada com diferentes tipos de matéria-prima, como porcelana³⁴, faiança fina e vidro. Os móveis destinados à higiene individual teriam surgido por volta do século XVIII,

[...] os primeiros móveis com finalidade higiênica, os chamados toucadores, apareceram somente no final do século. Eram pequenos e colocados sobre uma mesa, banca ou cômoda. Inicialmente, os exemplares tinham origem inglesa. Com uma, duas ou três gavetinhas inferiores. (FLEXOR, 2009, p. 122).

Seu uso é apontado em um dos manuais de civilidade que circulavam no Brasil, intitulado de “Código do Bom Tom”, escrito por J. I. Roquette, Bezerra (2015, p.217) afirma que, o autor “orienta os anfitriões quanto à importância do referido utensílio, sendo este necessário para limpeza das mãos e boca após o jantar ou banquete, embora seu uso se prolongue por todas as refeições e asseio diário”. O uso de lavatórios de duas peças era comum, mas como os demais artigos de higiene passaram por mudanças, tanto em seu design como na matéria utilizada para sua produção.

Entre outros itens destinados a conter excreção dos orifícios inferiores, nesse caso mobiliário, podemos destacar os “criados mudos” ou mesas de cabeceira que tinham um compartimento destinado a guardar os urinóis, podemos mencionar os retretes, cadeiras furadas ou sanitárias de uso individual ou coletivo (Lima, 1995/1996). Todos esses recipientes destinados a coleta das excreções dos orifícios inferiores e superiores, surgiram no contexto histórico e cultural do Humorismo Hipocrático. Porém, tais práticas geram um acúmulo de dejetos (secreção, urina e material fecal) que precisam ser descartados em algum lugar fora do domicílio. Com o aumento

³³ Ver Glossário

³⁴ Ver Glossário

de produção agrícola, que tinha como objetivo abastecer a freguesia. As fortificações teriam iniciado em 1778,

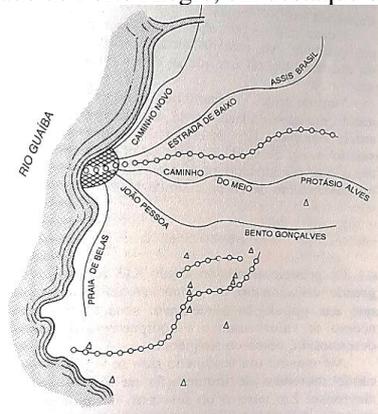
[...] eram apenas trincheiras de pau-a-pique com um valo na parte externa. ‘Portão’ tinha o sentido de acesso, de entrada, cuja posição era adequada, pois estava no ponto mais baixo do divisor-de-águas marcado pelas Ruas São José – Estrada dos Moinhos (Duque de Caxias - Independência). [...] Era, pois, um espaço e não uma peça, um objeto, com dobradiças, aldravas, fechaduras, etc. Apenas uma interrupção nas trincheiras. (MACEDO, 1993, p. 32).

A fortificação que cercava a freguesia demarcando os limites entre o urbano (entremuros) e o rural (extramuros) tinha como objetivo orientar o seu crescimento. Os problemas relacionados ao saneamento, limpeza pública, abastecimento de água e calçamento de ruas e criação de becos, como descreve o historiador Charles Monteiro, em sua obra *Breve História de Porto Alegre*, afirma que

[...] a malha urbana, entendida como a rede dentro das fortificações, estava constituída por três ruas principais, que, partindo da ponta da península, atravessavam-na em sentido longitudinal e se encontravam diante do portão da povoação. Nesse primeiro momento, elas eram bastante precárias, pois só receberiam um primeiro calçamento irregular por volta de 1840. (MONTEIRO, 2012, p. 14).

A cidade de Porto Alegre se expandia e com isso, foi necessária a abertura de estradas, denominadas de caminhos, que servia para interligar a capital as demais cidades, com o objetivo de estreitar as relações sociais e comerciais entre elas. E ainda, aproximar os locais de descanso das famílias mais abastadas, localizada na área rural que se situava nas proximidades da capital. Tais estradas foram as primeiras criadas com esse objetivo e que posteriormente possibilitaram o surgimento das principais vias da cidade. Dessa forma, foram a priori, definidas as principais estradas que conectariam a área rural da urbana e a capital das demais cidades da província.

Figura 18 - Estrutura digital da cidade de Porto Alegre, em destaque os cinco caminhos.



Fonte: MACEDO (1993).

No ano de 1808, a freguesia é elevada à categoria de vila, seu núcleo urbano se expandia. Seis anos depois a vila contava com uma população de seis mil habitantes. No primeiro quartel do século XIX, a cidade de Porto Alegre possuía

[...] poucas casas possuem jardim e muitas não tem mesmo pátio, redundando isso no grave inconveniente de serem atiradas à rua todas as imundícies, tornando-as de uma extrema sujeira. As encruzilhadas, os terrenos baldios e principalmente as margens do lago são entulhadas de lixo. (SAINT-HILAIRE, 1987. p.44).

Em 1814 a população era de aproximadamente 6.111 habitantes. Em 1820 era de aproximadamente 12.000 habitantes. Dessa maneira, a descrição acima foi feita em 1820, pelo botânico e naturalista francês Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire, em passagem pela vila de São Pedro, o viajante escreveu uma obra intitulada Viagem ao Rio Grande do Sul (1820 - 1821) que versa sobre os aspectos da fauna, flora e costumes locais. Embora o viajante descreva a cidade Porto Alegre, a mesma descrição pode ser aplicada nas cidades brasileiras. O viajante descreve a cidade em seus mais diversos aspectos, priorizando aqui a sujeira e o despejo de lixo nas margens do lago, o Guaíba, essa prática vai perdurar por cerca de cinquenta anos até que as medidas de saneamento e higiene nas ruas e dentro dos lares porto alegrenses.

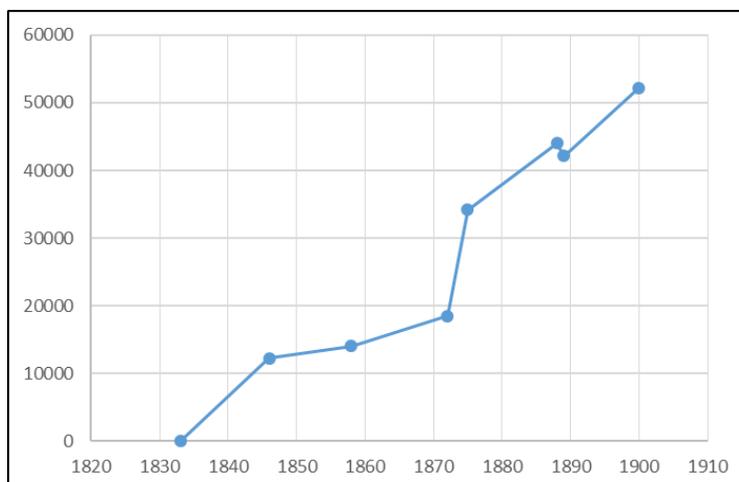
A descrição dos viajantes é semelhante ao tratar desse aspecto, ressaltando o odor e sujeira que se espalhava pelas cidades. A partir desses relatos, foram tomadas as primeiras medidas com o objetivo de proporcionar um aspecto mais limpo. O século XIX, principalmente na primeira metade foi marcado por discursos higienistas, ocasionado por doenças provocadas pelo descarte de lixo e despejo de imundícies nas ruas, becos e praças da cidade, a prática de descarte era comum nas cidades brasileiras. No ano de 1822, Porto Alegre foi elevada à categoria de cidade, com isso observa-se o aumento populacional, entre 1803 e 1822, ele triplica. Em 1820 se inicia a imigração alemã e italiana, como aponta Monteiro,

[...] em 1824, iniciou-se a imigração alemã para as terras onde funcionara a Real Feitoria do Linho- Cânhamo, posteriormente São Leopoldo. Os colonos tinham que esperar o transporte de barco difícil e demorado, de Porto Alegre para o seu lugar de destino. Dessa forma, começou a ocupação de uma área entre Porto Alegre e a desembocadura do rio dos Sinos: o Arraial dos Navegantes. (MOTTEIRO, 2012, p. 17).

O gráfico abaixo, observa-se que o crescimento populacional em poucos anos foi considerável. Isso se deve a vários fatores, dentre a reorganização da cidade. Tal

crescimento ocorreu, devido a imigração alemã, italiana e açoriana realizada no período apresentado acima.

Gráfico 1 - População da cidade De Porto Alegre entre 1833 e 1900.



Fonte: Adaptado de Macedo (1993).

No quadro abaixo, observa-se dois períodos: um período entre 1833 e 1900, sendo o primeiro entre 1833 e 1846 que corresponde a revolução Farroupilha. O segundo entre 1846 e 1900 observa-se um maior aumento e em outros um crescimento gradativo. Nesta perspectiva, observa-se um aumento populacional gradativo, principalmente entre 1858 e 1875.

Quadro 7 População de Porto Alegre entre 1833 e 1900.

| ANO | POPULAÇÃO (NÚMERO DE HABITANTES) |
|-------------------|---|
| 1833 | 14.200 (12.200) |
| 1846 | 16.300 (ou 14.057) |
| 1858 | 18.465 |
| 1872 | 42.478 (ou 34.183) |
| 1875 | 43.998 |
| 1888 | 42.115 |
| 1889/ 1890 | 52.186 |
| 1900 | 73.672 |

Fonte – Adaptado da obra de WEBER (1992, p. 54) e MACEDO (1993, p.75).

No quadro acima, observa-se que o crescimento populacional gradativo até 1858. Entre 1858 e 1872 o crescimento quase triplica. Isso se deve a vários fatores, dentre a reorganização da cidade. Tal crescimento ocorreu devido a imigração alemã, italiana e açoriana realizada no período apresentado acima.

Dessa forma, de acordo com Tocchetto (2001, p. 13) ao longo da primeira metade do século dezenove, já surgiam inúmeros problemas relacionados ao saneamento e destino do lixo urbano”. A expansão urbana associada ao crescimento populacional resultou no acúmulo de lixo e imundícies em diferentes locais da cidade, provocando o acúmulo de sujeiras nas ruas, becos, praças, quintais de demais áreas da cidade. O odor e a sujeira deixados pelo acúmulo de imundícies,

[...] despejos, lixo, excrementos, águas servidas, miasmas, insalubridade, epidemias, saúde, higiene, saneamento foram expressões largamente usadas em discursos médicos e estatais durante o século dezenove no Brasil e, não menos com cem anos de anterioridade, na Europa. (TOCCHETTO, 2010, p. 252).

A preocupação em minimizar os problemas com saneamento, higienização e insalubridade são abordados por Fernanda Tocchetto que aponta a relação, entre os discursos higienistas e as ações do Estado para sanar os problemas de saneamento e limpeza das ruas, becos e praças.

Em 1º de outubro de 1828 o Governo Imperial instituiu uma lei com o objetivo de disciplinar as Câmaras Municipais, restringindo a atuação da instituição. A referida lei estipulava dentre outras ações, as medidas referentes as posturas policiais buscando a organização do espaço urbano civilizado.

1.3.1 Multar, fiscalizar e higienizar. Descartar e aterrar como estratégias de limpar e curar a cidade.

Com a criação da referida lei de 1º de outubro de 1828, previa-se parâmetros de atuação das Câmaras de Vereadores, dessa forma, ocorria o controle do espaço urbano, através dos Códigos de Posturas Policiais. O primeiro Código de Posturas Policiais, na cidade de Porto Alegre, surge em 1829, e tinha como objetivo disciplinar o uso e a ocupação do espaço urbano, assim como designar pontos para o descarte de lixo e despejo dos esgotos, lixo e ainda locais para coleta d'água e evitar disseminação de doenças, por meio da preservação da água, entre outros (MONTEIRO, 2012; 1995). Como dito anteriormente, a sociedade disciplinar e a sociedade de controle, são discutidas na obra *Vigiar e Punir* escrita por Michel Foucault.

O problema com descarte do lixo, imundícies e dejetos perdurou até 1829, quando foram criados os Códigos de Posturas Policiais. Foram designados locais, para que a população, de uma forma geral despejasse seu lixo, imundícies e dejetos, na

descrição do viajante naturalista francês Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire, em 1820 descreveu a vila com

[...] poucas casas possuem jardim e muitas não têm mesmo pátio, redundando isso no grave inconveniente de serem atiradas à rua todas as imundícies, tornando-as de uma extrema sujeira. As encruzilhadas, os terrenos baldios e principalmente as margens do lago são entulhadas de lixo. (MONTEIRO, 1998, p.44).

Depois de demolida a fortificação a vila se expandiu. Há práticas referentes ao descarte do lixo na cidade.

Era hábito da população jogar os dejetos cotidianos nas ruas, entre outros locais abertos. Em 1829 a Câmara Municipal determinará que os habitantes optassem entre duas formas de procedimentos com o lixo. Enterrá-lo imediatamente em seus próprios terrenos ou depositá-lo em cinco lugares específicos determinados pelo poder público. (MONTEIRO, 1998, p, 13).

No caso da cidade de Porto Alegre, segundo Walter Spalding (1967, p. 94) “sua primeira lei de posturas policiais (hoje apenas posturas municipais) estabelecida em 1831, aprovada pelo Conselho Geral da Província a 10 de fevereiro. Compunha-se essa Lei de Posturas Policiais de 48 artigos e mais um adicional”. Em suas anotações o viajante, comerciante e naturalista francês Arsène Isabelle (2006, p. 70), afirma que “nestes dois últimos anos³⁵, sobretudo, ela começou a experimentar um crescimento rápido, que vai sempre aumentando. Não foi pequena a minha surpresa, quando me garantiram que, há dois anos, construía-se ali, uma casa por dia.” Em 1834, a Câmara dos Vereadores lança um edital, para que um empreiteiro particular fique encarregado da limpeza da cidade.

1.4 JOGA LÁ FORA!? O COMPORTAMENTO DE DESCARTE E O SANEAMENTO NA PORTO ALEGRE OITOCENTISTA.

Para se compreender a história do saneamento da cidade de Porto Alegre é preciso dividi-la em dois momentos, sendo o primeiro denominado, de acordo com Avila (2010, p.108) a ‘fase limpezista’, que abrange toda primeira metade do oitocentos “tendo por característica principal as ações do saneamento pautadas por discursos que visavam à saúde, mediante interferências diretas sobre o espaço”, o segundo momento é

³⁵ Refere-se aos anos de 1833 e 1834.

denominado como ‘fase higienista’, predominando por toda segunda metade do oitocentos.

Esta fase é marcada pela inversão das ações, ou seja, das práticas direcionadas prioritariamente ao espaço, que visavam conseqüentemente à saúde dos corpos em um primeiro momento, passa-se agora para uma ação cuja prática, apesar de continuar se concentrando sobre o espaço. (AVILA, 2010, p.108).

Os problemas surgidos a partir do descarte de lixo e despejo de esgotos continuam sendo uma preocupação também na cidade de Porto Alegre. No decorrer dos oitocentos, o comportamento de descarte mudou com a designação de espaços para o despejo deles, entretanto esses hábitos permaneceram, como se observa nos códigos de postura. Nos jornais e almanaques desse período, as charges evidenciam tais práticas, com se apresenta a seguir.

No ano de 1808, a freguesia é elevada à categoria de vila, seu núcleo urbano se expandia. Seis anos depois a vila contava com uma população de seis mil habitantes. No primeiro quartel do século XIX, a cidade de Porto Alegre possuía

Poucas casas possuem jardim e muitas não tem mesmo pátio, redundando isso no grave inconveniente de serem atiradas à rua todas as imundícies, tornando-as de uma extrema sujeira. As encruzilhadas, os terrenos baldios e principalmente as margens do lago são entulhadas de lixo. (SAINT-HILAIRE, 1987. p.44).

A descrição acima foi feita em 1820, pelo botânico e naturalista francês Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire, em passagem pela vila de São Pedro, o viajante escreveu uma obra intitulada Viagem ao Rio Grande do Sul (1820 - 1821) que versa sobre os aspectos da fauna, flora e costumes locais. Embora o viajante descreva a cidade de Porto Alegre, em que a mesma descrição pode ser aplicada nas cidades brasileiras. O viajante descreve a cidade em seus mais diversos aspectos, priorizando aqui a sujeira e o despejo de lixo nas margens do lago, o Guaíba, essa prática vai perdurar por cerca de cinquenta anos, até que as medidas de saneamento e higiene nas ruas e dentro dos lares porto alegrenses se concretizassem.

A descrição dos viajantes é semelhante ao tratar desse aspecto, ressaltando o odor e sujeira que se espalhava pelas cidades. A partir dos relatos destes, foram tomadas as primeiras medidas com o objetivo de proporcionar um aspecto mais limpo. O século XIX, principalmente na primeira metade, foi marcado por discursos higienistas, ocasionado por doenças provocadas pelo descarte de lixo e despejo de imundícies nas

ruas, becos e praças da cidade, a prática de descarte era comum nas cidades brasileiras. No ano de 1822 foi elevada à categoria de cidade.

Para Tocchetto (2001, p. 13) ao longo da primeira metade do século dezanove, já surgiam inúmeros problemas relacionados ao saneamento e destino do lixo urbano”. A expansão urbana associada ao crescimento populacional resultou no acúmulo de lixo e imundícies em diferentes locais da cidade, provocando o acúmulo de sujeiras nas ruas, becos, praças e quintais de demais áreas da cidade

[...] despejos, lixo, excrementos, águas servidas, miasmas, insalubridade, epidemias, saúde, higiene, saneamento foram expressões largamente usadas em discursos médicos e estatais durante o século dezanove no Brasil e, não menos com cem anos de anterioridade, na Europa. (TOCCHETTO, 2010, p. 252).

A preocupação em minimizar os problemas com saneamento, higienização e insalubridade são abordados por Fernanda Tocchetto que aponta a relação entre os discursos higienistas e as ações do Estado para sanar os problemas de saneamento e limpeza das ruas, becos e praças. Em 1º de outubro de 1828 o Governo Imperial instituiu uma lei com o objetivo de disciplinar as Câmaras Municipais, restringindo a atuação da instituição. A referida lei estipulava, dentre outras ações, medidas referentes as posturas policiais buscando a organização do espaço urbano civilizado.

Era hábito da população jogar os dejetos cotidianos nas ruas, entre outros locais abertos. Em 1829 a Câmara Municipal determinará que os habitantes optassem entre duas formas de procedimentos com o lixo. Enterrá-lo imediatamente em seus próprios terrenos ou depositá-lo em cinco lugares específicos determinados pelo poder público. (TOCCHETTO, 2010, p. 13).

Com a criação da referida lei de 1º de outubro de 1828, previa-se parâmetros de atuação das Câmaras de Vereadores, dessa forma, ocorria o controle do espaço urbano, através dos “Códigos de Posturas Policiais”. O primeiro Código de Posturas Policiais, na cidade de Porto Alegre, surge em 1829, e tinha como objetivo controlar o uso e a ocupação do espaço urbano, assim como designar pontos para o descarte de lixo e despejo dos esgotos, lixo e ainda locais para a coleta d’água para evitar disseminação de doenças, através da preservação da água, entre outros (MONTEIRO, 2012; 1995).

No caso da cidade de Porto Alegre, segundo Walter Spalding (1967, p. 94) “sua primeira lei de posturas policiais (hoje apenas posturas municipais) estabelecida em 1831, aprovada pelo Conselho Geral da Província a 10 de fevereiro. Compunha-se essa Lei de Posturas Policiais de 48 artigos e mais um adicional”. Em suas anotações o viajante, comerciante e naturalista francês Arsène Isabelle (2006, p. 70) afirma que,

“nestes dois últimos anos, sobretudo, ela começou a experimentar um crescimento rápido, que vai sempre aumentando. Não foi pequena a minha surpresa, quando me garantiram que, há dois anos, construía-se ali, uma casa por dia.” Em 1834, a Câmara dos Vereadores lança um edital, para que um empreiteiro particular fique encarregado da limpeza da cidade.

1.4.1 A definição dos “lixões” áreas de descarte do lixo urbano

A limpeza urbana da cidade passa a ser observada no Código de Posturas Policiais em seu Capítulo 50, de 1837, publicado em 1838, em que designa dez pontos nas margens do Lago Guaíba para despejo de dejetos. Foram identificados três dos referidos locais, através das escavações realizadas na cidade (Lazzarotti, 2003, p.185). Sendo o primeiro identificado como Praça Rui Barbosa,

[...] o segundo ponto, na esquina da Praça do Paraíso e o Porto dos Ferreiros, em parte correspondendo ao sítio do Mercado Público Central (RS-JA-05); e, por fim o oitavo ponto, entre a Rua Principal e a Passagem, correspondendo a parte das áreas dos sítios Praça Brigadeiro Sampaio (RS-JA-10) e Júlio Mesquita (RS-JA-68). (LAZZAROTTI, 2003, p. 185).

De acordo com o Código de Posturas Policiais, através da Lei Provincial de 23 de novembro de 1837 se informa que:

Capítulo 50
Os lugares designados nesta cidade para os despejos de ciscos, e imundices são de hora em diante a beira do rio no espaço, que mediar entre dois marcos de páus que a Camara mandará fincar, sendo o primeiro lugar entre a Rua da Misericórdia, e a do Rozario [...]
(LIVRO DE REGISTRO DAS POSTURAS MUNICIPAIS, 2013, p. 68).

Em 1837³⁶ com a determinação de que a área que posteriormente compreenderia a Praça Rui Barbosa, seria uma lixeira coletiva até, aproximadamente, o ano de 1895 com a colocação de paralelepípedo. No ano de 1838 foi publicado em edital e disponibilizado ao conhecimento da população os artigos do Código de Posturas Policiais, em que se destaca aqui o artigo 50, no qual aponta os locais para despejo de imundícies, cisco e descarte de lixo provenientes das casas e demais prédios comerciais.

A prática de descarte de lixo, na cidade de Porto Alegre, divide-se em dois momentos, sendo elas: o primeiro entre os anos de 1829 e 1850 período de criação dos Códigos de Posturas Policiais e suas adequações. Entre os anos de 1835 e 1845 ocorre

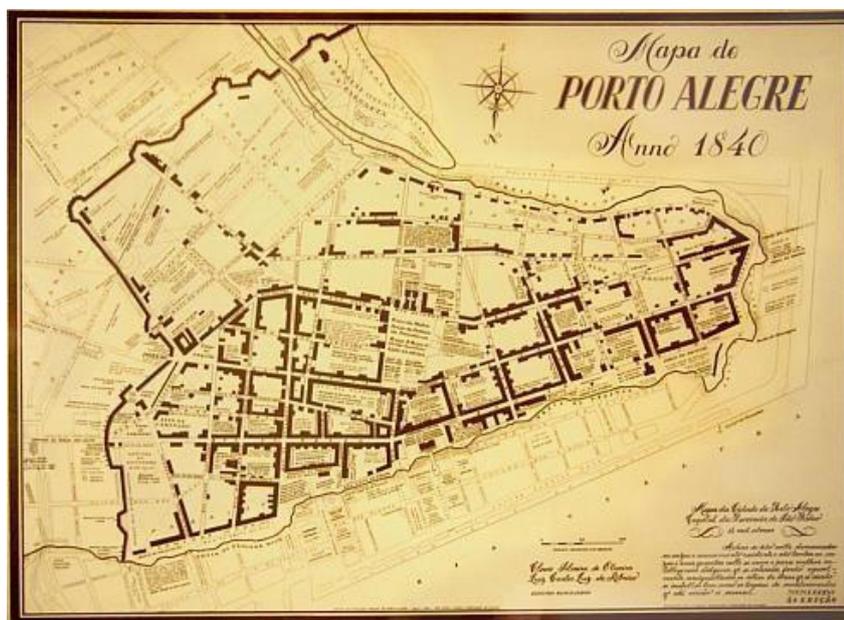
³⁶ De acordo com Código de Posturas Policiais, Capítulo 50 de 23 de novembro de 1837.

na cidade de Porto Alegre, a Revolução Farroupilha³⁷ ou Guerra dos Farrapos. Por ocasião da revolução, a cidade foi cercada e isolada pelas forças revolucionárias, sendo novamente fortificada, tendo sua área ampliada. No mapa de 1840 observa-se os muros que cercavam a cidade e quatro locais para o despejo de lixo e imundícies designados pela Câmara de Vereadores da cidade de Porto Alegre, em 1837.

Ainda no ano de 1839, período em que a cidade foi sitiada durante a Revolução Farroupilha, foram instalados matadouros da cidade no referido lugar. No ano de 1837, o Código de Posturas Policiais designou dez pontos para despejo “de cisco e imundices” ao longo da orla, na Ata da Câmara Municipal de Porto Alegre de onze de outubro de 1837 “Iniciam discussão de Postura sobre procedimento com desejos públicos”. Na ata de doze de outubro do mesmo ano “Formalizam a Postura indicativa dos procedimentos com despejos públicos”.³⁸

No mapa abaixo observa-se a cidade de Porto Alegre, em 1840, assim como sua expansão urbana.

Figura 19 – Mapa de Porto Alegre, em 1840.



Fonte: <https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/133964>. Acesso em 12/08/2019.

Quanto a cidade de Porto Alegre, Beatriz Thiesen (1999, p. 245) nos lembra que a mesma “estava sitiada pelos revolucionários Farroupilhas, tendo a Câmara

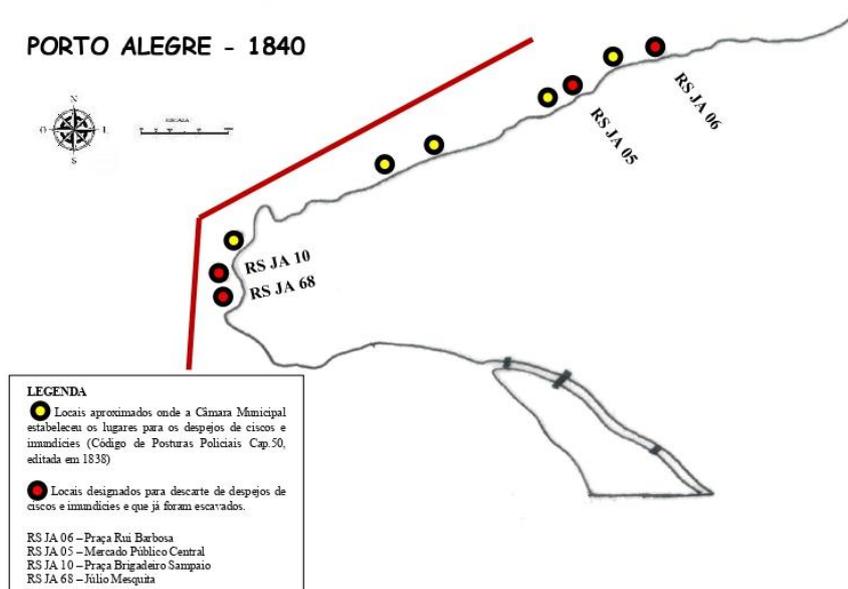
³⁷ Sobre o assunto VER Monteiro (1995; 2012) e Spalding (1967).

³⁸ Catálogo das Atas da Câmara de Vereadores de Porto Alegre (1836 - 1945) v. VIII, UE, Porto Alegre, 1998, p. 38.

designado lugares para colocação do lixo junto ao rio, e que abarcavam uma grande parte da praia. Mas a deposição do lixo na orla do Guaíba não era novidade”. Para tentar resolver os problemas foram escolhidos 10 locais para despejo de imundícies e ciscos. É importante ressaltar que tais locais ficavam as margens do Guaíba, o que posteriormente gerou problemas com a contaminação da água.

No mapa abaixo, observa-se nove dos dez pontos designados para despejo de imundícies e descarte do lixo.

Figura 20 - Mapa de Porto Alegre com alguns locais de despejo de lixo e imundícies (1840)



Fonte: Adaptado de COMPANY (2011, p. 216.)

No mapa acima observa-se nove dos dez pontos de despejo elencados no referido capítulo. Os locais designados para despejo de cisco e imundices são apontados no Código de Posturas Policiais da cidade de Porto Alegre, no cap. 50, editado em 1838.

Durante a revolução na cidade de Porto Alegre ocorreu uma redução no crescimento econômico, atrapalhando seu desenvolvimento. A cidade após 1845 se expandiu e ocorreu um crescimento populacional, sendo necessário a destruição das fortificações que a cercavam. Em sua passagem pela cidade, o médico e viajante belga Alexandre Baguet afirma que “a salubridade em Porto Alegre parece ser muito boa. Pela sua situação em declive para todos os lados, está sempre limpa e seca, lavada pela chuva, varrida pelo vento” (p. 113). Entretanto, as áreas afetadas com a ‘lavagem da chuva’ foram as áreas mais baixas da cidade que já eram consideradas locais de despejo

direto de lixos e dejetos. Em 1856, em decorrência ao surto de cólera essas foram as áreas mais afetadas.

De acordo com Lazzarotti.

Em meados do século dezenove, mais precisamente na década de 1850, começou a se modificar um hábito arraigado na população da cidade, o de descartar lixo e desejos no mesmo local de onde retiravam água para consumo. Contudo, este hábito se modificou em virtude da situação de calamidade pública ocasionada pela epidemia de cólera. A tentativa por parte da edilidade em disciplinar estes descartes em locais específicos da orla e a construção de trapiches públicos para captação de água longe da margem, onde a poluição era maior, não evitaram a contaminação e disseminação da epidemia. O hábito de se depositar estas imundícies junto ao litoral tornou as praias da cidade locais insalubres. (LAZZAROTTI, 2013, p. 240).

Dentre as medidas de limpeza da cidade, destaca a preocupação em ‘tapar’ as lixeiras.

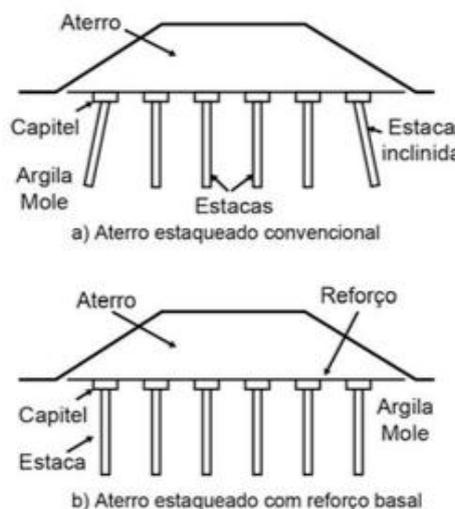
A municipalidade, entre as décadas de quarenta e setenta do século dezenove, “tapou”, literalmente, as lixeiras coletivas formadas com depósitos cotidianos. Mesmo com intenções de expansão urbana, de reordenação e reestruturação dos espaços, provocou a ‘limpeza’ destes locais de circulação de pobres, escravos e trabalhadores informais, ocultando a sujeira e a imundície. (TOCCHETTO, 2010, p, 260).

Para tanto foram realizados aterramentos, com o objetivo de nivelar as ruas e praças ou ainda como descreve Marcelo Lazzarotti servia,

[...] para os despejos foi proposto um sistema de estaqueamento, que permitia sustentar o aterro, a partir da qual a população poderia despejar o lixo diretamente nas águas do lago. Depois de esgotada a área de despejo, construía-se outra sessão de estacas e cobria-se o lixo com aterro, a partir da qual se voltava a despejar o lixo nas águas do lago. O projeto de estaqueamento foi aprovado pelo presidente da província em março de 1854. (LAZZAROTTI, 2013. p. 240).

No mesmo ano foi suspensa a construção de pontes destinadas para o despejo de dejetos, tais pontes funcionavam ao lado dos locais destinados a captação de água. Na imagem abaixo mostra-se dois tipos de aterramentos por estaqueamento, sendo o primeiro convencional, possivelmente utilizado no século XIX, nesse caso, em Porto Alegre e o segundo mais recente.

Figura 21 - Tipos de aterramentos por estaqueamento.



Fonte: Disponível em <https://www.filepicker.io/api/file/KvTfLF9eSziPqGQvhITV>. Acesso em 05.03.2021

De acordo com Oliveira (2005, p. 104), “por volta de 1879, após o aterro com material extraído das Ruas São Rafael, Pinto Bandeira e Praça da Conceição, o local foi transformado na Praça das Carretas”. Observa-se que além de ser uma lixeira coletiva, a área que corresponde ao sítio RS JA 06 recebeu uma camada de aterro para se tornar a referida praça.

A preocupação com a salubridade da cidade é também observada nos discursos médicos motivando a fiscalização da limpeza das ruas e praças e, ainda do litoral da cidade, como se observa no ato adicional ao Código de Posturas em 23/10/1862. Nos anos seguintes foram implementadas outras medidas com o objetivo de sanar os problemas provocados pelo descarte de lixo e despejo de dejetos na cidade.

Abaixo as principais medidas adotadas para sanar os problemas de saneamento entre 1837 e 1895, são elas:

Quadro 8- Medidas adotadas em Porto Alegre para sanar os problemas de saneamento e limpeza urbana entre 1831 e 1895.

| |
|---|
| - Os artigos criados entre os anos de 1831 e 1837, resultaram em um edital publicado em 1838, tendo nele artigos suprimidos ou acrescentados resultando em 50 capítulos. Entre estes, artigos destinados a designação de lugares de despejo de lixo e imundícies, coleta de água e disciplinarização dos espaços; |
| - Entre 1835 – 1845 ocorre um agravamento nos problemas; |
| - Em 1837 são designados dez pontos para despejos de “cisco e imundícies” ao longo da orla do lago de Guaíba; |
| - Em 1842 são revogados os pontos para despejos de “cisco e imundícies”; |
| - Em 1851 foram criadas pelo Decreto n. 828 Comissões de Higiene Pública e execução do Regulamento de Higiene Pública; |
| - Em 1857, o Decreto n. 2052 as Comissões foram substituídas pelo por um Inspetor de Saúde Pública; |

| |
|--|
| - No Ato de 23 de setembro de 1862, observa-se a preocupação com fiscalização da limpeza das ruas, das praças e do litoral da cidade; |
| - No Ato de 1868, determina que os moradores eram obrigados a manter limpos seus pátios, quintais e porões; |
| - Os artigos criados entre os anos de 1831 e 1837, resultaram em um edital publicado em 1838, tendo nele |
| -Em 1876 algumas medidas foram tomadas com o objetivo de sanar os problemas envolvendo o descarte de lixo e despejo de imundícies, foram elas: limpeza das ruas e das casas com a proibição de descarte de material no quintal das casas, encanamento de para esgoto de materiais fecais. O transporte dos dejetos era realizado através de recipientes de madeira, chamados cubos ou cabungos, também conhecido como tigre. |
| - Em 1879 foi contratada uma forma para recolher os cubos das residências, desde que aderissem ao serviço. |
| - No ano de 1887 – transferência do local de descarte, antes em valas abertas na Várzea (atual Parque Redenção) para as margem do riacho (Ponte de Pedra), alguns tempo depois o mesmo passou a ser incinerado. |
| Em 1895 foram regulamentados os serviços de saúde pública |
| Em 1897 foi criado por decreto a Diretoria de Higiene do Estado |
| No ano de 1898 foi regulamentado um serviço de regular de limpeza pública com cobrança de tarifas diferenciadas para contribuintes. |
| - Os artigos criados entre os anos de 1831 e 1837, resultaram em um edital publicado em 1838, tendo nele |

Fonte: Adaptado pela autora a partir de TOCCHETTO, 2010.

O sítio RS JA 06 passou por diferentes ocupações, e em 1839, recebeu a denominação de Praia do estaleiro, através da ata da Câmara Municipal, permanecendo com este nome até 1879. Entre os anos de 1869 e 1879, o local foi aterrado para receber a Praça das Carretas, onde eram deixadas as carretas puxadas a tração animal e provenientes de outros locais. O local foi denominado de Praia das Carretas, em 1879, tendo sido demarcada, aterrada e drenada, e sendo o último estaleiro transferido do local. O projeto de transferência das carretas para a Praça Rui Barbosa, de 1869, porém segundo Franco (1998, p. 354) “Em verdade, o projeto só se consumou dez anos depois”, de acordo com a Ata da Câmara de Vereadores de Porto Alegre, de oito de julho de 1879.

Mandam demarcar a praça que fica na Rua dos Voluntários da Pátria, no início das ruas do Dr. Flores e Senhor dos Passos, aterrando-a com material extraído das ruas de São Rafael, Pinto Bandeira e Praça da Conceição. (CATALOGO, 2004, p. 112).

Em um segundo momento entre os anos de 1850 e 1890 período de higienização da cidade, onde se observa ações mais eficazes com relação a limpeza das ruas, e ainda políticas públicas mais eficazes e fiscalizadoras. Entretanto, ainda em 1859, era uma atribuição dos proprietários das casas realizar a limpeza das ruas (TOCCHETTO, 2010).

Figura 22 - Praça das Carretas, em 1885.



Fonte: <http://ronaldofotografia.blogspot.com/2011/05/praca-xv-de-novembro.html>. Acesso em: 05.02.2020.

No ano de 1881, foi finalizada a colocação do primeiro calçamento de pedras irregulares na Rua Voluntários da Pátria e, em 1895 foi realizada a colocação de paralelepípedos. O núcleo urbano da cidade de Porto Alegre se forma as margens do Lago Guaíba, e no decorrer da primeira metade do oitocentos observa inúmeros problemas relacionados às questões de saneamento e despejo de lixo e dejetos. Nesse período, surgem outros problemas, tais como, estagnação das águas, esgotos e dejetos lançados na água. O saber hipocrático é percebido, apenas na segunda metade do século XIX.

Dessa maneira, a preocupação com a limpeza da cidade passa a ser mais evidenciada, a partir dos discursos higienistas motivados pelas epidemias. Dessa forma, o sistema de coleta de dejetos passa a ser realizado, desde a década de 1870, sendo aprovada pela Câmara de vereadores da cidade.

Concomitante às regulamentações quanto ao destino de lixo na tentativa de buscar aos problemas de insalubridade, o Estado executava aterramentos na orla da antiga praia do Guaíba: [...] na década de 1870, aterro do largo onde hoje está situada a Praça Rui Barbosa, para instalação da Praça das Carretas. (TOCCHETTO, 2010, p. 260).

A área em destaque, também recebeu o nome de Praça das Carreiras, de acordo com Franco (1998, p. 354). Em 1887, o último estaleiro foi transferido do local, da então Praça das Carretas. Em nove de janeiro de 1888, os vereadores de Porto Alegre decidem por denominar a área de Praça Visconde do Rio Branco (antes chamada de Praça das Carretas), permanecendo até 1936, quando passou a ser denominada Praça Rui Barbosa.

Na referida lei, os moradores deveriam recolher seus lixos e colocar em recipientes que se localizavam na frente de suas casas e por carroças destinadas a limpeza pública seriam multados. A limpeza de praças e espaços públicos, assim como a coleta do lixo são exemplos das medidas tomadas. Em 1898 é criado o serviço regular de limpeza pública, através da Ata da Câmara de Vereadores de Porto Alegre.

No ano de 1889, de acordo com as Atas da Câmara de 02 de fevereiro, solicita a limpeza de algumas das áreas, até então designadas para despejo de imundices e cisco Catálogo das Atas da Câmara de Porto Alegre (2004, p. 70), “Recebem ofício do Inspector de Higiene pedindo rigorosa limpeza na Praça das Carretas e margem do rio próximo das ruas Coronel Pinto Bandeira e Voluntários da Pátria, mandando proibir que os moradores façam depósito de lixo nestes locais”. A limpeza da Praça das Carretas (Praça Rui Barbosa) ocorre devido as epidemias que estavam ocorrendo na cidade. No mesmo ano, no dia 13 de junho os vereadores recebem um ofício do Inspector de Higiene solicitando que seja espalhado aterro na referida praça.

De acordo com Symanski (1998, p. 130) “partir de 1887, o lixo da cidade começou a ser depositado em valas de dois metros de profundidade por dois metros de largura, abertas na Várzea (atual Parque da Redenção). A deposição do lixo urbano em tais valas prosseguiu durante a última década do século XIX”. A busca por ocultar através da criação de valas para deposição do lixo, visava apresentar uma cidade saudável e ordenada demonstrada, por intermédio de suas praças e ruas aterradas e limpas.

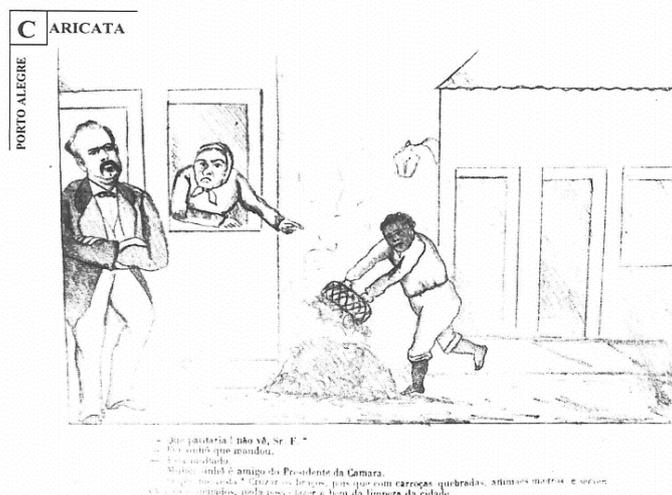
A deposição do lixo em valas, assim como o aterramento das lixeiras, possibilitou a conservação do material depositado. Sendo assim, a formação das camadas deposicionais proveniente dos aterros, descarte de lixo e suas diferentes ocupações, possibilitaram o surgimento do sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa).³⁹ Destaca-se aqui a área em questão, em que tinha em seu entorno pequenos comércios, como sapateiros e ainda um estaleiro próximo, fornecendo uma parte importante do acervo coletado.

Nos jornais, as caricaturas expressam de forma humorada, a preocupação com tais questões, sejam elas referentes como a falta de orientação da população e de fiscalização, quanto ao descarte de lixo e despejo de dejetos. Nas três caricaturas abaixo

³⁹ O material coletado encontrava-se bem preservado, e por ser uma lixeira coletiva e ainda um local de passagem de carroças, possuía uma diversidade tipológica do material arqueológico, como louças, restos construtivos, vidro e outros, como observa-se nas duas intervenções realizadas no local.

observa-se uma preocupação com a limpeza das ruas e as críticas pela falta de fiscalização, por parte da municipalidade.

Figura 23 - Fragmento do Jornal O Guarany (1874) com uma caricatura representando a falta de fiscalização na limpeza da cidade.



Fonte: Extraído de PESAVENTO (1993).

A imagem acima foi extraída do Jornal O Guarany 22 novembro 1874, de acordo com a Historiadora Sandra Jatthy Pesavento, em sua obra Caricatura. Observa-se o descarte de lixo, possivelmente desejos, na rua e uma senhora apontando para um senhor, provavelmente um fiscal que nada faz. O uso de caricaturas nesse período era uma forma de protestar através do humor.

Figura 24 - Fragmento do Jornal Figaro Folha Illustrada (1878)



Fonte: Extraído de TOCCHETTO (2010, *apud* Damasceno, 1962.).

Na imagem acima observa-se uma caricatura referente ao transporte de tigres na cidade de Porto Alegre em 1879. O autor da caricatura Candido Aragones de Farias, fundou o Jornal O Figaro em 6 de outubro de 1878, foram publicadas por ele 19 edições durante sua permanência na cidade.

Outra litogravura que expressa bem essa preocupação com a limpeza da cidade foi publicada no Jornal Gazetinha, na cidade de Porto Alegre, em 19 jan. 1896 e retrata o despejo de dejetos (imundícies) nas janelas das casas.

Figura 25 - Fragmento do Jornal Gazetinha (1896) com uma caricatura representando o despejo de destes pela janela das casas.



Fonte: Jornal Gazetinha, Porto Alegre, 19 jan. 1896. p.4.

As caricaturas acima, assim como os relatos de viajantes descrevem uma cidade suja e que mesmo com toda a preocupação com sua limpeza por questões sanitárias, ainda permanecem as mesmas práticas de despejo de lixo. O que se observa nas duas litografias acima é a presença do escravo que seria o responsável por despejar as imundícies. O transporte de tais dejetos era feito em barris, denominados de cabungos, cubos ou tigres, no caso de Porto Alegre, a denominação ‘cabungo’ era a mais utilizada é proveniente,

[...] do étimo *kibungo*, do *quimbundo*. Inicialmente, designava o buraco em que eram despejadas as matérias fecais e águas servidas. Posteriormente, passou a nomear o recipiente que armazenava tais resíduos, chamado também de cubo ou tigre. O ‘cambuqueiro’ era o trabalhador, até a abolição o escravo, que transportava esse recipiente e despejava esse conteúdo. (TOCCHETTO, 2010, p. 264).

O que se observa nas últimas imagens são, em sua maioria, escravos realizando o despejo de imundícies, como apontado pela autora supramencionada. Até a criação e

funcionamento do sistema de limpeza pública em Porto Alegre, em 1898, essa prática perdurou de forma legal ou não, além do descarte de lixo em locais determinados, como a Praça Rui Barbosa.

A historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2004), em seu artigo intitulado *Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto*, apresenta uma análise da cidade, a partir das camadas que se sobrepõem, que se revelam, por meio das marcas e registros deixados por diferentes grupos que a habitavam, em diferentes temporalidades. A autora sugere que o olhar do historiador deve perceber o invisível, o oculto, o que está escondido entre as camadas que formam a cidade, cidades dentro de cidades.

Há uma superposição de camadas de experiência de vida que incitam ao trabalho de um desfloramento, de uma espécie de arqueologia do olhar, para a obtenção daquilo que se encontra oculto, mas que deixou pegadas, talvez imperceptíveis, que é preciso descobrir. (PESAVENTO, 2004, p. 26).

Essa percepção da cidade em camadas, onde essa é construída e reconstruída, além de deixar marcas ou rastros que apenas precisam do olhar atento do historiador, está diretamente relacionada ao seu papel, assim como o do arqueólogo em descobrir tais marcas, encontrar o que está oculto, o que não é visível, o que está embaixo das camadas, os fragmentos e vestígios materiais. As cidades podem ser lidas como textos subscritos, tendo sido parcialmente apagados e deixam suas marcas em diferentes temporalidades.

A metáfora da cidade, enquanto palimpsesto que se justapõem e se inter cruzam, em meio ao emaranhado de vestígios e marcas do passado, uma tessitura, em que esta é construída e reconstruída, torna-a dinâmica e sempre cambiante. Um sítio arqueológico se forma de diferentes formas, dentre elas: o deslocamento do sedimento, assim como os vestígios de diferentes camadas sociais, decorrente de enchentes, a construção de aterros para nivelar as ruas e casas, e ainda as lixeiras coletivas e individuais formadas, a partir do descarte de objetos quebrados e jogados em primeiro lugar, em locais designados, por intermédio do Código de Posturas da cidade e, em segundo no quintal das casas.

O que se observa nas últimas imagens são, em sua maioria, escravos realizando o despejo de imundícies, como apontado pela autora supramencionada. Até a criação e funcionamento do sistema de limpeza pública em Porto Alegre, em 1898, essa prática perdurou de forma legal ou não, além do descarte de lixo em locais determinados, como a Praça Rui Barbosa. É nesse contexto que surge o sítio arqueológico aqui analisado,

proveniente de descarte de lixo doméstico entre os anos de 1837 e 1895, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A formação do sítio RS JA 06 é decorrente do consumo e descarte de diferentes tipologias de material doméstico, aterros e deslocamento de sedimentos resultantes de enchentes. A partir dos fragmentos de louça encontrados foi possível compreender como ocorreu a circulação de ideias, técnicas e produção, e ainda estabelecer uma cartografia dos objetos, a partir dos itens que compõe a sala de jantar e as estratégias utilizadas para comercialização de artigos cerâmicos.

2 CIRCULAÇÃO DE IDEIAS, TÉCNICAS E MATÉRIAS-PRIMAS. UMA BREVE CARTOGRAFIA DOS OBJETOS.

Este capítulo busca analisar o circuito de artigos de luxo, principalmente as louças de uso doméstico, objeto de estudo desta tese. Entendendo que o ato de consumir perpassa diferentes etapas e está relacionado ao comportamento econômico e social de um grupo. Dessa forma, perpassando pelas etapas de criação, produção e consumo, é importante entender como surgiram as redes de consumo e civilidade. A partir da análise da trajetória dos objetos que compõem a sala de jantar, mais especificamente as louças de uso doméstico destinadas a mesa, cozinha e higiene, conforme destaque às mudanças provocadas na produção, inovações tecnológicas e *design* dos referidos bens de consumo. O ponto de partida para tais mudanças, se inicia com o processo de industrialização motivado pelo progresso e desenvolvimento tecnológico, dessa forma, objetiva-se aqui apresentar um panorama pós-revoluções Industrial e do Consumo. Isso não quer dizer que não existissem inovações tecnológicas, entretanto se percebe maiores mudanças ocorridas no consumo, a partir de tais revoluções.

A trajetória da louça aqui analisada perpassa as etapas de produção, distribuição, consumo e descarte das mesmas, destacando a produção de louças em fábricas europeias, e difusão de técnicas, *design*, matéria-prima, moldes e outros elementos, assim como as estratégias adotadas para sua distribuição em diferentes pontos do planeta. E ainda, as mudanças nos hábitos e consumo dos grupos, a partir da inserção do modelo europeu de civilidade e consumo.

2.1 DA EUROPA PARA PORTO ALEGRE. A DIFUSÃO DE IDEIAS, TÉCNICAS E ARTIGOS DE LUXO.

O circuito de artigos de luxo no oitocentos é pautado por mudanças sociais, comportamentais (consumo e descarte de objetos), culturais, *design*, técnica, produção, estratégias de distribuição, consumo e uso, é importante ressaltar que isso só foi possível, a partir de duas grandes revoluções, sendo elas: industrial e do consumo, onde promovem um maior investimento na produção de artigos de luxo, destacando-se aqui os destinados a casa.

No século XIX ocorrem grandes transformações, tanto na técnica quanto na produção de novos itens para compor os itens de mesa, como os aparelhos de chá e jantar, a mobília, assim como a reorganização dos espaços de sociabilidade da casa. A casa passa a ter espaços destinados a intimidade da família e outros destinados a socialização. Entende-se a casa como espaço destinado a alimentação, repouso e destinado ao convívio familiar e social. De acordo com Lima (jan./jun.1995, p. 134) “novos cômodos foram criados para atender a funções específicas, como escritórios, gabinetes, salas de jogos, de fumar, costurar, engomar e principalmente de jantar. (Lima, jan./jun., 1995). Outros espaços foram criados, entre eles aposentos destinados aos filhos, os quartos das crianças, separado dos pais, e com isso, mobília destinada a tais espaços. A configuração da casa se modifica e se adapta as novas necessidades da sociedade, enquanto alguns espaços são criados, outros são deslocados, como afirma Lima (jan./jun., 1995, p. 135), o deslocamento das “áreas de processamento de alimento e de trabalho doméstico em geral – para os fundos das casas, longe do olhar dos estranhos, assegurando-se, com essas alterações, o isolamento acústico e visual da esfera agora considerada privada”.

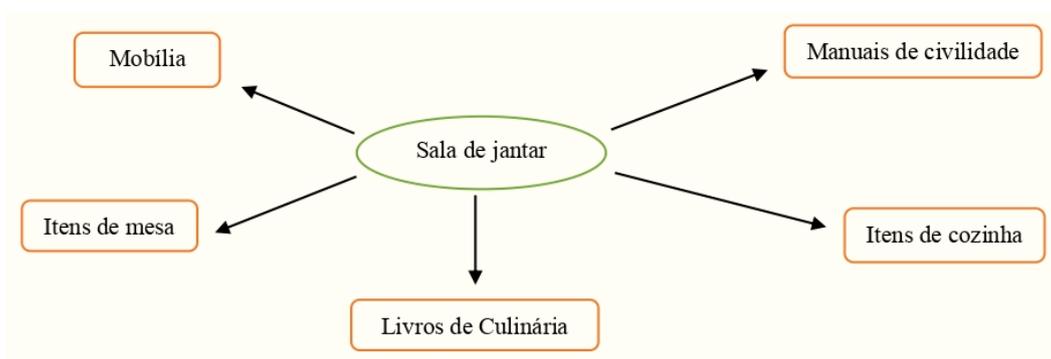
Os cômodos da casa ganham funções mais claras e com elas, novas regras de uso. O que se observa é que tal mudança é simbólica, enquanto espaços são realocados e/ou criados, isso não é observado em todas as casas, a distinção social é percebida, até mesmo em habitações do mesmo grupo social, e tal distinção se evidencia mais entre os grupos sociais em condições sociais opostas.

As relações de poder, embora simbólica é percebida inter e intragrupos sociais, e a sala de jantar tem um papel importante, como afirma Lima (jan./jun., 1995, p. 135) “com essa reformulação do espaço doméstico e a doção de um novo conceito de moradia, a casa tornou-se um instrumento não apenas para demarcar papéis sociais, mas sobretudo para assegurar e fortalecer redes de alianças em vários níveis.” Isso se deve,

por ser a sala de jantar, um espaço destinado a alimentação, regras de civilidade e poder, por meio dos objetos que a compõem.

Com a expansão do modelo europeu de civilidade e consumo, ocorre a necessidade de criar espaços destinados a socialização, entre eles: a sala de jantar e com ele a criação de regras de civilidade, como forma de controle do corpo e das pulsões. Entre os espaços destinados a sociabilidade e poder a sala de jantar ganha destaque. Na imagem abaixo observa-se itens que diretamente e indiretamente estão conectados,

Figura 26 - Composição de uma sala de jantar – Século XIX.



A sala de jantar passa a integrar a casa e tem um papel importante no processo civilidade e consumo, e passa a ser um dos espaços centrais da casa, sendo destinado a sociabilidade, assim como a sala de visita. Na imagem acima observa-se que a composição da sala de jantar, como espaço destinado a alimentação, sociabilidade, distinção e poder, se deve aos:

avanços tecnológicos e científicos em diversos setores da sociedade de consumo nos séculos XIX e XX estimularam a criação de vários recipientes. Entre as transformações impostas pela Revolução Industrial, estava o aumento do volume comercial não só a nível mundial, mas também em âmbito local. Houve um crescimento expressivo da variedade das mercadorias que devem ser armazenadas, distribuídas e colocadas à venda, buscando atender uma massa crescente de consumidores. (FRAGA, 2017, p. 63)

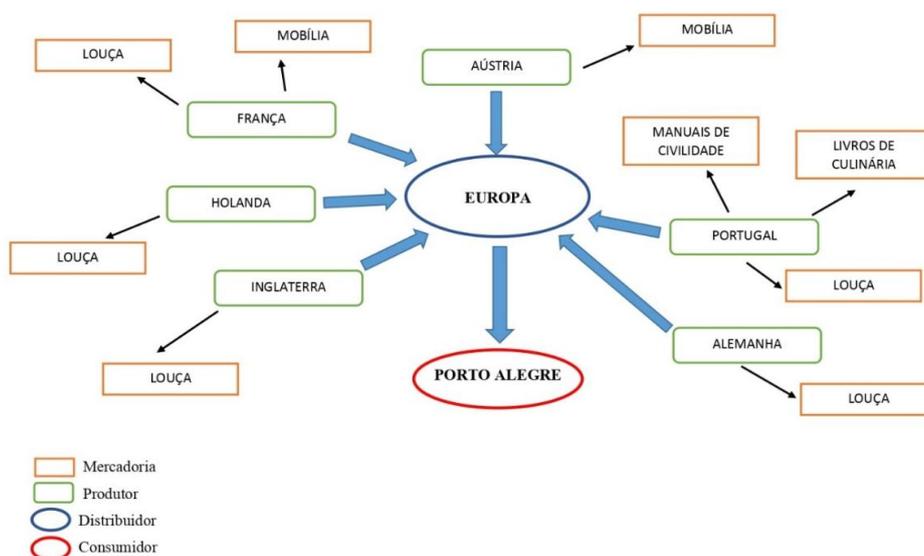
Embora a citação acima esteja relacionada a produção de itens farmacêuticos, pode-se entender que os itens relacionados a casa, em especial, os artigos relacionados a sala de jantar. De acordo com Elias (1994) no oitocentos ocorre um maior investimento na produção de artigos de luxo, como, por exemplo os itens que compõem os conjuntos de chá e jantar, incentivado pelo aumento do consumo.

Entende-se por boom do consumo o período, em que ocorre um aumento do consumo e da procura por determinados bens, como os supracitados. É importante ressaltar que o aumento pela procura de determinados itens provoca um crescimento em sua produção, uma demanda, além de proporcionar uma maior variedade e qualidade dos mesmos. Tal investimento é observado por Forty (2007) que destaca algumas atitudes para impulsionar ainda mais a produção e com ela o consumo de tais artigos.

O comportamento de consumo aqui analisado reflete as práticas e estratégias utilizadas por diferentes grupos sociais para se manter e/ou se estabelecer nas camadas mais abastadas. Após as revoluções industrial e do consumo observa-se uma expansão do modelo europeu de civilidade e consumo, por meio de artigos de luxo, manuais de civilidade, livros de culinária e espaços domésticos

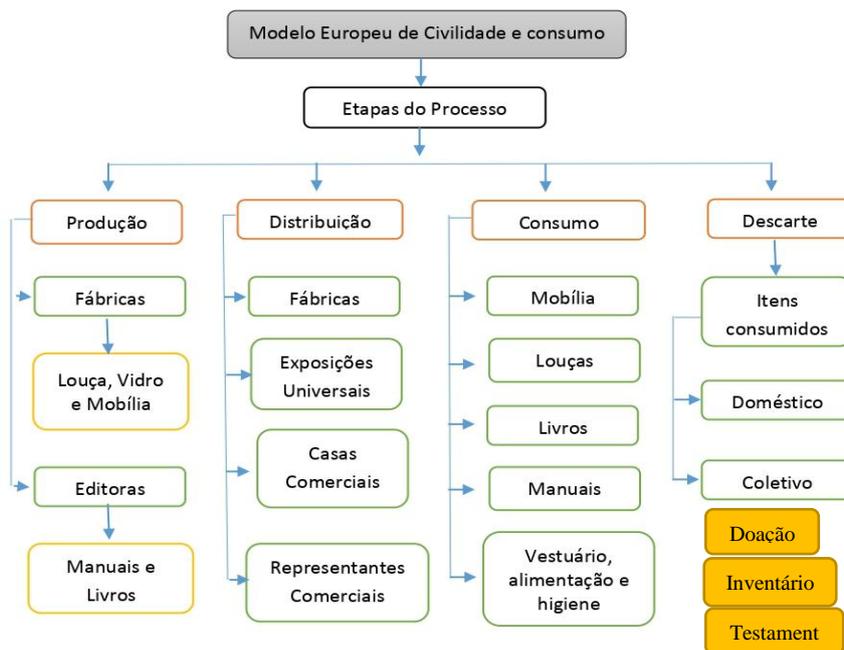
Para melhor compressão foi elaborada uma cartografia dos objetos que compõem a sala de jantar, especialmente a mobília, a louça de mesa, cozinha e higiene. O circuito de tais artigos é evidenciado na imagem abaixo.

Figura 27 - A cartografia dos itens que compõem a sala de jantar (Século XIX)



O circuito acima integra uma rede de sociabilidade, consumo e civilidade que se forma, a partir de um modelo europeu de civilidade e consumo, pois tinha como objetivo se expandir pelo mundo, desde regras de civilidade e consumo de itens destinados a sociabilidade.

Figura 28 - Modelo europeu de civilidade e consumo (Século XIX)



A imagem acima busca apresentar, de forma resumida, as etapas do processo de expansão do modelo europeu de civilidade e consumo, mediante um dos principais cômodos da casa, a sala de jantar, sendo um espaço de sociabilidade e distinção social. Embora o modelo acima aparente ser estático, ou seja, diferentes instrumentos são responsáveis para que cada etapa ocorra, e estas não se fecham em si, se faz necessário entender que estão em movimento.

Embora se apresente acima um modelo europeu, se faz necessário esclarecer que Europa não é aqui o centro nem as outras áreas, como o sul da Ásia, consideram-se aqui periferia. Para Miller (1987) ao realizar um estudo sobre o consumo, evidencia a existência de outras áreas mais avançadas tecnologicamente e, ainda, com maior conexão entre a produção e o comércio, organização mercantil dinâmica com potencial podendo ter sido o centro da revolução industrial (MILLER, 1987). Os produtos do sudeste da Ásia, como os temperos, eram muito procurados pelos europeus, entretanto criar rotas comerciais mais longas eram difíceis com eles, pois estes não se interessavam pelos produtos europeus. Para resolver esse problema, a Inglaterra agiu dentro de um padrão comercial bem organizado, para tanto levou tecido de algodão, desejados pelos habitantes do sudeste asiático, para comprar os referidos temperos. Com a procura dos temperos do sudeste da Ásia e o interesse no tecido de algodão inglês, fez com que houvesse um maior investimento na produção de tecido em linho e linho grosso, pois a Inglaterra não produzia algodão. Dessa forma, não seria mais necessário importar o

algodão. O investimento empregado possibilitou um maior avanço tecnológico o que proporcionou a Revolução Industrial, considerando que a Inglaterra pressionou o sul da Ásia para comercializar o algodão cru e, através dos seus maquinários a Inglaterra pode comercializar o algodão pelos temperos do sudeste da Ásia (Miller, 1987).

O que se observa é que o modelo europeu de civilidade está relacionado as práticas e estratégias adotadas para expandir pelo mundo regras e códigos de comportamento conectados ao consumo de artigos que são inseridos, a princípio nos grupos mais abastados, depois se expandindo para outros grupos menos abastados, com artigos de qualidade e características diferentes. Para manter um distanciamento social, os grupos mais abastados estavam sempre a procura por mercadorias que os diferenciasses dos demais grupos.

No caso do Brasil foram criadas estratégias de inserção de tal modelo, priorizando as principais cidades, como é o caso de Porto Alegre. No caso da civilidade, era ensinada através da Literatura de civilidade (cortesã e educativa) para os grupos mais abastados, no caso dos livros de culinária eram utilizados para trazer um pouco da Europa para as mesas brasileiras, através das receitas e dos itens de cozinha que eram sugeridos nos mesmos.

Para Rainho (1995, p. 140) “Tratados de cortesia, manuais de *savoir-vivre*, regras de etiquetas, elementos de moral, guia do bom-tom, tudo isso compões a chamada literatura de civilidade”. A literatura de civilidade tinha como função ‘orientar’ os modos como os grupos mais abastados deveriam se ‘comportar’ socialmente, ou seja, um ‘refinamento das maneiras’, não apenas a mesa, mas no convívio social.

Ressalta-se que:

A história das boas maneiras está diretamente relacionada às regras de comportamento social. Esta história envolve não somente a questão da etiqueta, mas também diz respeito à moral, à ética, ao valor interno dos indivíduos e aos aspectos externos que se revelam nas suas relações com os outros. (PILLA, 2003, s/p)

O refinamento das maneiras era internalizado, por intermédio dos manuais de civilidade, dessa maneira o comportamento social passa a ser exigido e um controle maior das manifestações de excesso.

Quando tratavam de maneiras à mesa, os manuais de civilidade medievais — ou talvez devamos dizer "manuais de cortesia", tendo em vista a época — condenavam as manifestações de gula, a agitação, a sujeira, a falta de consideração pelos outros convivas. Tudo isso persiste nos séculos XVII e XVIII, porém novas prescrições se acrescentam às antigas. Em geral, elas

desenvolvem a ideia de limpeza — já presente na Idade Média —, ordenando que se usem os novos utensílios de mesa: pratos, copos, facas, colheres e garfos individuais. O emprego dos dedos é cada vez mais proscrito, bem como a transferência dos alimentos diretamente da travessa comum para a boca. (FLANDRIN, In: CHARTIER, 2009, p. 264).

Dessa forma, ocorre a individualização dos itens a mesa, como pratos, copos e talheres. Com isso, se observa a criação de itens como; colheres de sopa, facas de peixe e facas de carne, pratos de sobremesa, pratos fundos entre outros. Tais itens são inseridos não apenas nos modos a mesa, mas como forma de se distinguir dos demais indivíduos e grupos, a partir do uso e da posse dos mesmos. De acordo com Elias (2011, p. 110) “Já não basta comer apenas com a faca, o garfo e a colher, em vez de se usar as mãos. Cada vez mais na classe alta, um implemento especial é usado para cada tipo de comida”.

Assim, como a literatura de civilidade, os livros de culinária foram importantes veículos de inserção do modelo europeu de civilidade e consumo.

Consideramos que nem *O Cozinheiro Imperial*, nem *O Cozinheiro Nacional* retratam o quadro alimentar brasileiro no contexto do século XIX. Ambas as obras têm como foco um projeto civilizador, seja pela via de uma ciência culinária moderna, seja pela via de uma cozinha europeia com ingredientes brasileiros. Conforme observamos, o apelo ao nacional surge não somente como um esforço de uma nação recém-independente, mas também como uma reação à presença de elementos estrangeiros na alimentação brasileira, sem, contudo, perder seu lugar na política internacional. (CORÇÃO, 2014, p. 209)

As receitas que se apresentam nos livros de culinária no oitocentos, buscam traduzi-las, quer dizer, substituem um ingrediente estrangeiro por um europeu. Entretanto, a importação de ingredientes europeus, principalmente, era evidenciada nos anúncios e no rol de importações destacado nos jornais locais, como *A Federação* e *A Gazeta de Porto Alegre*.

Entre os itens que compõem a sala de jantar, destaca-se a mobília. De acordo com Lima (jan./jun., 1995, p. 136),

[...] todos os demais elementos do seu mobiliário estavam diretamente relacionados a alimentação, funcionalmente destinados à guarda, exposição ou apoio dos objetos utilizados no decorrer das refeições, como aparadores, *étagères*, consoles, buffets, credências, cristaleiras, guarda-louças, etc. (LIMA, jan./jun., 1995, p. 136)

A separação do espaço destinado a preparação do alimento e do espaço de consumo é evidenciada no deslocamento da cozinha para os fundos da casa e a criação da sala de jantar, e ainda na função de distinção social empregada a ela. A sala de jantar

passa a ser um espaço destinado a exibição, representação, poder, masculino e de prestígio social. Contrapondo a cozinha, em que era um espaço sujo, escondido, feminino, de rejeição, mau cheiroso, com louça e mobília grosseiras. Esses são alguns dos pontos que diferenciam estes espaços.

No anúncio abaixo observa-se a inserção de diferentes artigos europeus na cidade de Porto Alegre, é importante destacar os itens de mesa e cozinha, entre eles as louças, vidros, *crystaes*, porcelanas, bandejas e talheres e, que todos foram importados diretamente da Europa.

LXX
 Virgilio Boeiras & C.
 Importando diretamente da Europa, tem sempre completo sortimento de louça, vidros, *crystaes*, porcelanas, lampeões e lustres para kerosene, bandejas, talheres, [...]
 [...]
 Rua 7 de setembro
 Esquina da do Commercio
 em
 PORTO ALEGRE (Almanak Litterario e estatístico para 1894, p. LXX)

No fragmento do anúncio acima evidencia a importação de artigos de luxo vindos diretamente da Europa, isso ainda, em 1894 e, que se estendeu até 1915. Os itens acima compõem a sala de jantar, como a mobília, que passou ao longo dos anos mudanças nas técnicas de produção, no *design* e na divulgação, através da catálogos e anúncios em jornais.

2.1.1. Da Europa para Porto Alegre. O caso da cadeira n. 14

Entre os itens que compõe a sala de jantar, destaca-se a mobília, composta basicamente de mesa, cadeiras e aparador. Na Inglaterra, na segunda metade do oitocentos, a fabricação de móveis, segundo Forty (2007, p. 78), estava dividida em dois segmentos, sendo um denominado de “‘elegante’, de trabalhadores regulares, com uma remuneração acordada, e um segmento ‘vulgar’, de trabalhadores autônomos, cujos ganhos eram muito mais baixos e determinados por uma negociação com o varejista pelo preço década peça de mobiliário feita”.

Entre as mudanças ocorridas no oitocentos, evidencia-se os referentes as técnicas de fabricação e *design* dos objetos. Para Brumetti (2000, p. 2) “mas foi Michael Thonet quem, efetivamente, encerrou a primeira idéia de ‘bom produto’ ou ‘bom design’, ao desenvolver um conceito de cadeira que reunia as qualidades de

simplicidade, durabilidade além de ser substancialmente econômica e em sua produção”.

A Áustria se fez presente nesse circuito de objetos, que ficaram conhecidos pelo mundo. Segundo Brunetti (2000, p. 02), Thonet desenvolveu “[...] um conceito de cadeira que reunia as qualidades de simplicidade, durabilidade além de ser substancialmente econômica em sua produção”. Devido à padronização e à concepção de divisão de trabalho e das etapas de produção, houve barateamento do produto. O referido produto é a cadeira nº 14, facilmente desmontável e leve, que ocupava pouco espaço ao ser transportada. Abaixo observa-se a cadeira n. 14, desmontada em suas seis partes e com seus elementos de conexão.

Figura 29 - Cadeira Nº 14 produzida por Michael Thonet



Fonte: <http://tipografos.net/design/thonet.html>. Acesso em: 14.04.2022

A imagem acima representa os itens que compõem a cadeira n. 14, antes de sua montagem, sendo a mesma de fácil execução. O que difere das demais cadeiras é seu formato curvado e por ser montável, o que facilitava o transporte para diferentes lugares do planeta.

Para desenvolver seus móveis, Thonet, em suas experiências que duraram décadas, usou compensado e cola. Em 1830 fazia experiências na Alemanha, em Bappard, região do Reno, com folhas de madeira compensada curvas, buscando um tipo de madeira mais maleável. No mesmo ano, inventou uma máquina para fabricar móveis de madeira curvada. Dentre seus móveis mais famosos, a cadeira nº 14 ficou conhecida mundialmente. Sua técnica consistia em pegar blocos de madeira sólida e torná-los maleáveis. Isso ocorria pela aplicação de calor e umidade através do vapor, sendo então moldados em novas formas, nesse caso, curvados. Em 1849 ele abriu sua fábrica de móveis. Buscando atingir um público cada vez maior Thonet, investiu na divulgação de suas peças, dessa forma, fazendo grande publicidade de seus produtos, por meio de

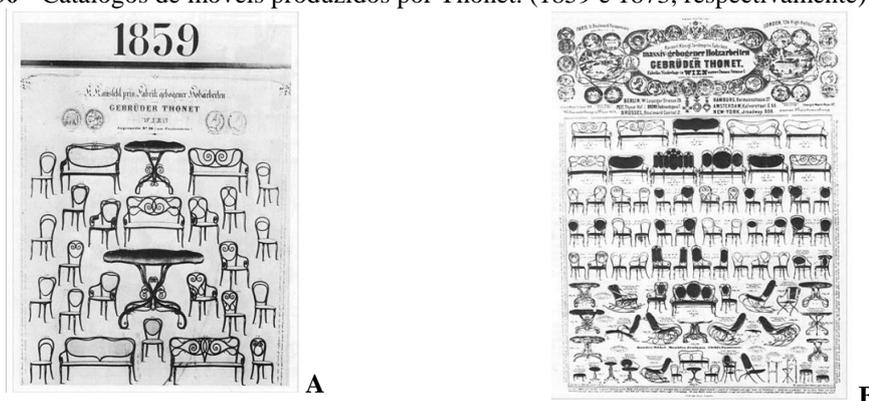
catálogos. Em 1859, o moveleiro desenvolveu um sistema de fabricação em massa, a partir de sua “Cadeira nº 14”, que foi difundida pelo mundo, passando a ser chamada de “estilo austríaco”.

As inovações tecnológicas empregadas na produção da cadeira n. 14, foram apresentadas na Exposição Universal de 1851. A importância desta exposição está em ser a ‘primeira exposição universal’ realizada, e tinha como objetivo evidenciar a materialização das ideias de progresso e modernidade da época. Outros itens de mobília produzidos por Thonet não despertaram o interesse desejado durante o evento.

[...] Também passou despercebida a importância da mesa com pé de madeira vergada criada pelo *design* austríaco Michael Thonet. O texto do catálogo do Art Journal detalha o caráter decorativo do tampo da mesa e acrescenta que os pés foram dobrados a partir de uma peça sólida. (KOSMINSKY, 2011, p. 78)

Em 1851, Thonet apresentou sua cadeira nº 14 na referida exposição, o que resultou em uma medalha por seu caráter inovador. Outro caráter inovador apresentado pelo austríaco foi a venda de seus produtos em catálogos, onde apresentava uma grande variedade de modelos e tipos de mobília, o mesmo apresenta imagens dos produtos, móveis, chamando a atenção pela diversidade. Isso o diferenciava dos demais fabricantes.

Figura 30 - Catálogos de móveis produzidos por Thonet. (1859 e 1873, respectivamente)



Fonte: **A** <http://www.aubonusage.com/bibliographie1/page1-en.html>. Acesso em: 14.04.2022

B <http://www.aubonusage.com/bibliographie1/page3.html>. Acesso em: 14.04.2022 ⁴⁰

De acordo com Roche (2000, p. 223), “[...] mobília e decoração ocupavam um lugar especial no itinerário onde comparamos necessidades, comodidades, luxos, com os meios e os recursos da sociedade, com o consumo e a produção”. Assim, com a

⁴⁰ **Nota:** **A** – Catálogo de móveis produzidos por Michel Thonet (1859); **B** – Catálogo de móveis produzidos por Michel Thonet (1873).

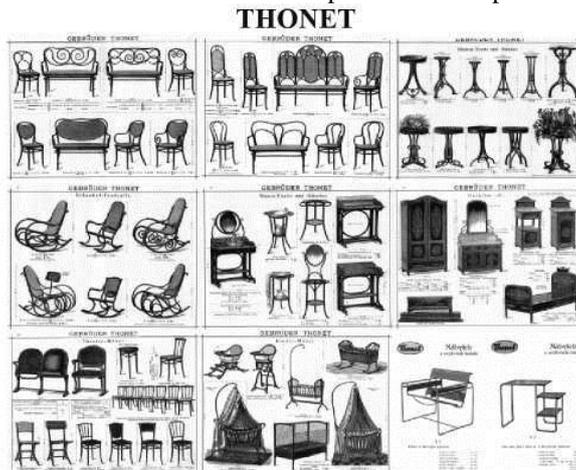
expansão do modelo europeu de civilidade e consumo, os artigos de luxo ocupam um espaço especial nas vitrines e nas casas das famílias mais abastadas. Roche (2000, p. 223), destaca que a “[...] Europa inteira copiava então modelos e modas francesas, fazia trabalhar nossos ateliês e nossos artistas, nossos decoradores e nossos arquitetos”. Essa busca por copiar levou os fabricantes registrar a patente de suas criações. Um exemplo disso foi a técnica utilizada por Thonet para fabricação de suas cadeiras e, no ano de 1841, a mesma pôde ser, como afirma Oates (1991, p. 162) “[...] patenteada na Inglaterra, na França e na Bélgica”, para evitar o risco de que seus produtos fossem falsificados, outros fabricantes passaram a registrar suas patentes e/ou inserir selos/marcas.

Entre os aspectos que impulsionaram a comercialização de móveis, entre eles destacam-se, o aperfeiçoamento das técnicas de produção, investimento em novos *designs*, a criação de uma mobília específica para meninos, meninas, mulheres e homens, divulgação de seus produtos, o que incentivou a aquisição dos mesmos, além de móveis específicos para cozinha, quartos e outros.

De acordo com Kosminsky (2011 p: 79) alguns críticos como Wornum “[...] deveriam ter um olhar mais “afiado” do que a maioria dos visitantes, não ter atentado para novidades tão marcantes quanto foram a cadeira giratória e os pés de mesa em madeira curvada de Thonet”. Assim como outras invenções que não foram percebidas pelos críticos.

Um dos maiores eventos que contribuíram para divulgação dos móveis domésticos foram as Exposições Universais, motivando as fábricas a investirem mais na produção de objetos de uso doméstico como mesas, cadeiras, guarda-louça, dentre outros. Uma das formas de divulgar seus produtos, eram as amostras, porém exigia mais gastos e cuidados. Uma das formas adotadas pelas fábricas foi o envio de catálogos com suas peças, dessa forma o consumidor poderia visualizar a imagem do objeto e assim realizar os pedidos ao fabricante ou comerciante que enviaria o pedido. Entre os fabricantes que utilizavam os catálogos como forma de divulgar seus produtos, destaca-se Thonet, conforme a imagem abaixo.

Figura 31 - Catálogo com a diversidade de modelos e tipos de mobília produzidos por Thonet.



Fonte: <http://www.ok-furniture.com/main/catalogues/thonet.jpg>. Acesso em: 14.04.2022

Com o aumento na procura de seus móveis, Michel Thonet expandiu seus negócios, em 1856, instala uma unidade no leste europeu, em Koritchan, na Moravia. A escolha do local para instalação da nova unidade se deu pela presença de grandes bosques de faias, a madeira mais usada nos móveis Thonet. Sua técnica consistia em

[...] um método especial para dobrar a madeira sem que esta quebrasse. A faia, que não era difícil de dobrar e que era difícil de dobrar e que tem poucos nós e longas fibras, era a madeira ideal. As ripas com uma secção de superfície reduzida, eram serradas mecanicamente e arredadas num torno; a seguir encurvavam-se com auxílio do vapor e ligavam-se por meio de grampos a tiras metálicas. A madeira e o metal eram encurvados juntamente, com o metal do lado de fora, para suportar a tensão e ficar num molde de ferro. Depois de se manter durante vários dias num compartimento de secagem, a madeira adquiria permanentemente a forma desejada. As peças, completamente secas, eram unidas e envernizadas. O trabalho especializado era necessário apenas para efetuar o entrançado da palhinha para os assentos e para as costas (OATES, 1991, p. 162)

Além da cadeira nº 14, Oates (1991, p. 166) afirma que “As cadeiras de balanço eram já populares na América”, onde Thonet era seu principal fabricante. Na América, segundo Oates (1991),

[...] outro fabricante de móveis, John Henry Belter, utilizava na mesma altura um processo semelhante ao de Thonet, de contraplacado pelo vapor, num estilo neo-rococó dotado de abundante decoração. O pau-rosa, a madeira que preferia, era demasiado quebradiça para o trabalho de talha, sendo difícil de aplicar como folheado às superfícies curvas; no entanto, pelo seu processo era possível adaptá-lo a elaboradas peças curvas e entalhadas.

[...]

Em 1874 foi registrada uma patente americana para certo tipo de cadeira arqueadas feita com três peças de madeira – a primeira formava o espaldar em contínuo, o assento e a perna da frente; a segunda reforçava o espaldar e continuava para baixo, formando a perna de trás; uma terceira formava uma travessa entre as duas. (OATES, 1991, p. 166).

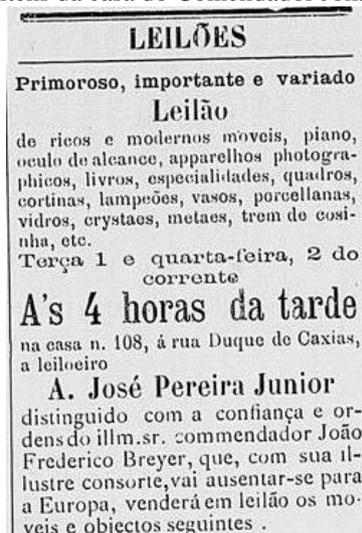
A produção de móveis nas fábricas de Thonet se expandiu e chegou ao Brasil, onde eram conhecidos como os móveis “de estilo austríaco”. Sua inserção no mercado brasileiro ocorreu, a partir de 1861, a mobília produzida em sua fábrica era variada, entre os itens produzidos destaca-se: cadeiras, poltronas, canapés, consolos e pequenas mesas. A cadeira nº 14 foi encontrada também em cidades do interior, de acordo com Bezerra (2015, p.) “assim como mesas, consolos, canapés e cadeiras de balanço eram encontradas em fazendas, conventos, igrejas etc., além das encontradas nas casas das famílias mais abastadas”. O mobiliário produzido por Thonet era conhecido como “*móveis austríacos*”, eram identificados por carimbo, etiqueta ou o nome Thonet, gravado no avesso do assento. Dessa forma, seu mobiliário passou a ser mais conhecido e seus produtos eram conhecidos mundialmente.

De acordo com Oates (1991, p. 162), “[...] as cadeiras leves e elegantes de contraplacado folheado que produziu constituem modelos percussores do mobiliário arqueado dum estilo que já estava amadurecido”. O mobiliário apresentado por Thonet teve grande aceitação, porém, Thonet buscou adaptar seu mobiliário aos locais e as temperaturas em que eram montados, como o autor Oates (1991, p. 162) “[...] quando começou a exportar para a América e descobriu que as condições dominantes do clima dissolviam o grude”. Desta forma, o moveleiro aperfeiçoando sua técnica para melhor aquisição de seus produtos. Entre as características únicas dos móveis de Thonet destacam-se as diversas formas, sempre com a madeira em corte circular, encurvada.

Com a expansão do comércio de mobiliário austríaco, é aberta na cidade do Rio de Janeiro, em dezembro de 1890, uma fábrica que se dedicou à produção de móveis no estilo Thonet. Tal iniciativa tinha como objetivo a inserção do mercado brasileiro na produção de mercadorias de uso doméstico, entre elas os móveis. A então fábrica tinha como presidente o Sr. Ernesto Eugênio da Graça Bastos e seu secretário o Sr. Leandro Augusto Martins. Recebeu o nome de Companhia de Móveis Curvados e tinha como objetivo a fabricação de móveis semelhantes aos móveis austríacos.

Na cidade de Porto Alegre a presença do mobiliário do austríaco Michel Thonet é observada nos jornais, destaca-se aqui o jornal “A Federação”,

Figura 32 – Anúncio do leilão dos itens da casa do Comendador Johannes Friederich Breyer



Fonte: Jornal A Federação, Porto Alegre, terça-feira, 25 de maio de 1886, nº 118 – Anno III, p. 3

Os itens em leilão pertenciam ao Comendador Johannes Friederich Breyer, comerciante alemão que morou na cidade de Porto Alegre.

[...] nasceu em Hamburgo, Alemanha, em 30 de julho de 1838; morreu na mesma cidade em junho de 1910. Veio para o Rio Grande do Sul em meados do século XIX. Foi comerciante na cidade de Rio Grande, RS; empregou-se na mineração e no ramo da construção de ferrovias como sócio de Holtzweissig, de Porto Alegre, RS. Após 28 anos de estadia no Brasil, regressou a sua cidade natal e dedicou-se aos negócios de exportação. (BELLOMO, ERTZOGUE & ARAÚJO, 2006, p.48)

Entre os itens presentes no anúncio acima, referente aos objetos pertencentes a Johannes Friederich Breyer, destacam-se os artigos utilizados na sala de jantar, como: a mobília, os itens de mesa e cozinha e, em especial a louça importada da Europa.

2.1.2. Da Europa A Porto Alegre. A Louça

A louça de uso doméstico é um dos itens que melhor representa a circulação de objetos e, é através dela que o modelo de civilidade e consumo foi sendo inserido pelo mundo. Entre os itens que compõe a sala de jantar e de higiene, a louça cumpre um papel importante no que se refere a distinção social, utilizada como elemento distintivo e posto em exposição/exibição em guarda-louças, ela ainda serve como objeto de desejo de muitos grupos sociais que não podem adquiri-la. Dito isso, se faz necessário pontuar que a louça atende a diferentes grupos sociais, embora a qualidade e os padrões decorativos também funcionam como elementos distintivos. A produção em massa

barateou o preço e proporcionou acesso a diferentes grupos, como dito anteriormente, mas em alguns casos, a qualidade do que era produzido não era boa. Pensando nisso, muitas fábricas em seus anúncios enfatizavam a qualidade e a diversidade de seus produtos e, ainda apresentava os tipos de pastas que comercializam.

A busca por novos mercados proporcionou a competição entre as fábricas que criavam estratégias, para se inserirem no mercado. Um exemplo disso, foi a mobília, vista anteriormente. Entretanto, com tantas mudanças ocorridas, a partir das Revoluções Industrial e do Consumo, as fábricas passam a expandir seu mercado, chegando a lugares cada vez mais distantes.

2.1.2.1. Holanda

A produção cerâmica nos Países Baixos fora impulsionada a partir do século XVI, período de sua independência. Sua primeira produção era simples e voltada principalmente para uso doméstico, sendo posterior os artigos artísticos e decorativos.

A influência italiana é observada nas primeiras cerâmicas produzidas, isso se deve aos primeiros artificios levados do sul da Europa, principalmente da Itália. Nesse período, os principais centros produtores da Holanda foram Roterdã e Harlem, somente após 1650, surge Delft, que por séculos se manteria como principal centro produtor da região. A primeira fábrica produtora de faiança, instalada em Delft foi supervisionada por “Guild de St. Luke”. Para instalar uma fábrica em Delft era necessário a licença prévia do “Guild”, após um século depois foram identificadas 30 fábricas instaladas. Produziam inúmeros artigos, até mesmo imitações de artigos de porcelana japonesa, saxônia e chinesa (PILEGGI, 1958).

O historiador Richard T. Griffiths (1979, p. 110)⁴¹ “no auge de sua fama internacional, no final do século XVII, a indústria de cerâmica de Delft se gabava de 45 estabelecimentos com 10.000 trabalhadores”⁴². Griffiths (1979) corrobora com Pileggi (1958), em relação a relevância de Defts, como centro produtor de cerâmica na Holanda. Para alguns ceramógrafos que a subdividem em três períodos, entre os séculos XVI e XVIII, entrando em declínio, isto se deve á agitações políticas internas causando um grande impacto para a produção de cerâmica na Holanda (PILEGGI,1958). Griffiths aponta que:

⁴¹ At the height of its international fame, at the end of the 17th century, the Delft ceramics industry boasted 45 establishments with 10,000 workers. (GRIFFITHS, 1979, p. 110).

⁴² Tradução nossa.

As vésperas do Batavo República, a indústria havia se esgotando para 28 estabelecimentos com apenas 280 trabalhadores. A queda continuou ao longo do primeiro semestre do século XIX, de modo que em 1850 a indústria já havia sido praticam extinta. Restaram apenas duas olarias, empregando 76 trabalhadores, e um fabricante de telhas, empregando 10, permaneceu da outrora florescente indústria de Delft.⁴³ (GRIFFITHS, 1979, p. 110).⁴⁴

Embora Delft fosse um dos principais centros produtores de cerâmica na Holanda, Pileggi destaca outros: Weesp, Amstel, Amstedã, Arnheim, Haia e Utrecht. (Pileggi, 1958). A Holanda se tornou um dos principais centros produtores de faiança, por vários motivos, entre eles, por suas contribuições nas técnicas e padrões decorativos. A primeira técnica decorativa utilizada era pintada a mão e depois passaram a empregar o transfer-printing em suas peças cerâmicas, aplicando outras técnicas e criando padrões decorativos próprios.

De acordo com Brancante (1981, p. 75):

Nos séculos XI e XII, o comércio europeu já era marcado pelo eixo dominante Flandres- Itália, que se processava tanto por mar, como por terra. No século XIII a Liga Hanseática iria integrar naqueles dois pólos uma série de outros centros produtores representados por numerosas cidades espalhadas pela Europa, inclusive no Báltico e na Inglaterra. Gênova e Veneza distribuíam mercâncias⁴⁵ de luxo (especiarias, sedas, estofos⁴⁶ raros, etc.), Bruges e outros centros de Flandres, produtos de consumo e tecidos mais comuns.

No século XV, dada a importância do tráfico, Gênova e Veneza mantinham feitorias nas Flandres com seus “cônsules de mar”. (BRANCANTE, 1981, p. 75)

No século XV Bruges se torna o maior empório financeiro da Europa, com uma população de 150.000 habitantes, um centro cultural radiante e que mantém negócios com a Inglaterra e a Escócia.

Outros centros se destacam, como Antuérpia e Flandres. Flandres se torna um grande centro, entre os séculos XIX e XV, de acordo com Brancante (1981, P. 75), pois “recebia as cerâmicas hispano-mouriscas de Paterna, na decoração primitiva de verde e de manganês, e no XVI começa a receber peças dos centros italianos notadamente de Faenza, já no estilo renascentista”. No século XVI, o referido centro passa a receber porcelana chinesa e especiarias.

⁴³ On the eve of the Batavo Republic, an industry was running out for 28 establishments with just 280 workers. The decline continued throughout the first half of the 19th century, so that by 1850 the industry had already been practiced extinct. Only brickworks remain, employing 76 workers, and a tile maker employing 10, two from the once thriving Delft industry. (GRIFFITHS, 1979, p. 110).

⁴⁴ Tradução nossa

⁴⁵ Relativo a bens

⁴⁶ Móveis estofados

A decoração da faiança holandesa vai receber as ondas que partindo de diversos focos do globo irão ser captadas por seus artistas e adaptadas as suas características. Assim, em primeiro lugar recebe o influxo do hispanomourisco em que predominam o gênero de áterna e Manises, seguido do sopro italiano renascentista de Orvieto, Faenza, Urbino e do Extremo-Oriental, e por fim o bafo francês do rococó. (BRANCANTE, 1981, p.76)

Sua contribuição para cerâmica, segundo Brancante (1981, p.76) está na “exploração dos motivos extremo-orientais para o Ocidente onde irão vicejar por seu exotismo e pitoresco, e dominar o Barroco, sobressaindo ainda mais nos arranjos ornamentais no período de Luís XV”. É importante ressaltar que a Itália inclui em sua ‘bagagem renascentista’ elementos árabes, persas e hindu, destacando a inspiração nas faianças persas, nos brocados, chitas, cashemirs, etc.

Para Brancante (1981, p. 76) “com a descoberta do novo caminho para as índias, por Portugal, este introduz motivos chineses em sua faiança, e a Holanda, que lhe sucede no tráfico, irá aproveitá-los junto com os do Japão para disseminá-los pela Europa”. Os novos motivos tiveram um papel relevante na decoração europeia, que surgiu na cerâmica e se expandiu para os tecidos, quadros, pratarias, tapeçarias, gravuras, arquitetura e papel de parede, sendo conhecidos como “chinoseries”.

De acordo com Brancante (1981, p. 76) o chinosiseries possui três fases distintas: a do Barroco tardio, inspirado pelas gravuras holandesas, a segunda pela Escola Francesa (BOUCHER, etc), e a terceira depois do Neo-clássico, quando ressuscita no século XIX.

Ainda, de acordo com Brancante (1981, p. 76) “As ‘chinoseries’, começavam com as interpretações da porcelana do reino do Imperador Wan-Li (1573/1619), pelos portugueses, cujos primeiros exemplares de faiança, em azul e branco, exibem na aba signos dela inspirados. Gênero esse que iria ser copiado depois de 1609 pelos holandeses e influenciar a Inglaterra (Lamberth), a Alemanha (Hamburgo, Nuremberg, Frankfurt), a Espanha (Catalunha) e a Itália (Savona). Porém os artistas flamengos dão-lhe maior amplidão, passando a explorar toda a iconografia do reino de Wan-Li: paisagens à borda de lagos, flores estilizadas, pássaros, cenas chinesas, etc. Por volta de 1650, já no período do Imperador Kang-Hsi, os oito objetos preciosos, a elegante representação ‘das damas esguias’, etc.

Entre as variedades cerâmicas comercializadas na Holanda, destaca-se a faiança fina, em 1764, em consonância com Brancante (1982, p 133) “[. .] Há menção da fábrica em Amsterdã que se transfere para Weesp sob o patrocínio do Conde de Grosfeldt”.

Entretanto, em 1830 suas atividades comerciais passam por um período de instabilidade, isso se deve a Secessão Belga, ocorrida entre 25 de agosto de 1830 e 14 de julho de 1831, ocorreu a secessão das províncias do sul do Reino Unido dos Países Baixos. Nesse período ocorre a proibição do comércio direto com as ‘províncias rebeldes’, Maastricht estava inserida. Embora fosse possível realizar o comércio pela Alemanha, não era uma opção financeiramente viável, pois os comerciantes entre Petrus Regout, deveriam arcar com o pagamento dos custos adicionais com transporte e tarifas de importação. O comércio foi restaurado em 1833, com as negociações para reintegração de Limburg na Holanda. Nesse período o comércio direto entre as duas áreas é restaurado, entretanto as mercadorias não poderiam ser belgas, e apenas em 1834, Maastricht pode realizar a importação de insumo industriais, o mesmo não foi autorizado para o restante do reino (GRIFFITHS, 1979, p. 110). Assim, a proibição não se estendia a importação de matéria-prima nem de produtos semiacabados, o que possibilitou a ceramistas como Petrus Regout adquirir matéria-prima belga e investir na produção cerâmica.

Maastricht torna-se, conforme Brancante (1981) um dos principais centros produtores da Holanda, entre as fábricas, destacam-se: Petrus Regout, Louis Regout e a Societé Ceràmique e, em Wick, ressalta-se a Fábrica M. Boch.

Na Holanda havia importante fábrica de faiança fina, a de M. Regout, em Maestricht, com mais de dois mil e seiscentos operários e que tentava disputar o mercado americano com a Inglaterra, depois a ‘Société Ceràmique’, em Wick, com duzentos e vinte, e M. Boch, também em Wick, com sessenta pessoas. (BRANCANTE, 1982, p. 133)

A primeira fábrica, a que Brancante se refere é a fábrica de Petrus Regout, pois não foi identificada nenhuma fábrica com a denominação de M. Regout, podendo ter sido um erro gráfico. A mesma fica localizada em Maastricht, na Holanda, essa é a grafia correta.

Quadro 9 - Principais fábricas holandesas, quantidade de operários e cidade em que estão instaladas.

| FÁBRICA | OPERÁRIOS | CIDADE |
|--------------------------|------------------|---------------|
| Petrus Regout | 2.600 | Maastricht |
| Société Ceràmique | 220 | Maastricht |
| M. Boch | 60 | Wick |

Fonte: Adaptado de Brancante (1982).

Os dados acima ressaltam a importância das fábricas holandesas de Petrus Regout e a Societé Ceràmique, para a produção cerâmica na Holanda, ambas se

localizavam em Maastricht, destacando a quantidade de operários em cada uma, sendo a Fábrica de Petrus Regout com uma quantidade muito maior de operários, o que evidencia sua relevância no mercado de cerâmica, destacando a faiança fina e a porcelana.

2.1.2.1.1. *Petrus Regout*

Entre as fábricas instaladas por Petrus Regout, em 1826 inicia a fabricação de cristal em pequena escala e funda uma empresa para polimento de vidros, com o nome de Petrus Regout & Co. Em 1835, após a aquisição de uma pequena máquina a vapor e 80 bancadas para realizar o polimento em suas vidrarias. Em 1834 instala uma pequena fundição para produção de pregos; no mesmo ano funda uma olaria de cerâmica esmaltada, localiza em prédios próximos. A produção de cerâmica não era então considerada atividade principal, isso muda na década de 1840, quando a produção cerâmica se apresenta mais estável que a produção de vidro e a importação de matéria-prima para produção de cerâmica passava por menos ‘assédio dos belgas’. As fábricas de vidro e cerâmica, foram separadas, e a divisão de vidro foi fundida a Stella em Kristalunie.

A fábrica de cerâmica em seus primeiros anos não produzia um produto de qualidade, o que não impediu que Regout investisse na qualidade de sua produção com o objetivo de se igualar e até mesmo superar a produção inglesa. Tal investimento é observado na tabela abaixo. Entre os anos de 1837 e 1853, observa-se a expansão na produção de cerâmica em comparação com as outras fábricas de Petrus Regout.

Quadro 10 - Comparativo das produções das Fábricas de Petrus Regout (1837 - 1853)

| | 1837 | 1841 | 1849 | 1852 | 1853 |
|--------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Crystal and Glass | 157 | 198 | 225 | 360 | 357 |
| Pottery | 30 | 59 | 241 | | 468 |
| Nails | 160 | 83 | | | |
| Gas | | | 17 | 14 | 9 |
| General | 120 | 77 | 55 | 133 | 156 |

Fonte: Griffiths (1979).

A tabela acima evidencia um aumento na produção de cerâmica, a partir da década de 1850, o sucesso das fábricas de cerâmicas em Maastricht é atribuído as técnicas decorativas empregadas por Petrus Regout e Societé Céramique. De acordo com Langeweg (s/d, p. 1) “Quase 18 mil decorações foram preservadas nos arquivos

das duas empresas, que se fundiram em 1958. As decorações abrangem um período entre aproximadamente 1850 e 1869”. As técnicas decorativas foram empregadas como uma das muitas estratégias adotadas para se aproximar das fábricas inglesas.

Na tabela abaixo, observa-se a denominação do período correspondente a atuação da Fábrica de Petrus Regout, destacando o período de 1834 a 1900.

Quadro 11 - Denominações da Fábrica Petrus Regout e o período correspondente a sua atuação.

| DENOMINAÇÃO | PERÍODO |
|--|-------------|
| Petrus Regout & Co | 1834 – 1870 |
| NV Petrus Regout | 1870 – 1899 |
| N.V. De Sphinx V/H Petrus Regout & Co | 1899 – 1958 |

Fonte: Adaptado de Langeweg (s/d).

Petrus Regout foi um dos primeiros ceramistas a fundar uma fábrica de cerâmica em Maastricht, entretanto em suas primeiras décadas de funcionamento não conseguiu obter a mesma qualidade que os ceramistas ingleses, o que o motivou a investir em qualidade, novas técnicas e *design* de suas peças. Uma das estratégias utilizadas por Petrus Regout foi a venda de seus produtos cerâmicos de 40 a 50% mais baratos.

Em 1850 foi realizada a contratação de um consultor inglês para resolver os problemas relacionados a qualidade de seus produtos, o investimento na produção de uma cerâmica de alta qualidade inserindo-a no mercado mundial, a contratação de especialistas na produção de cerâmica inglesa, adquirindo matéria-prima proveniente da Inglaterra para fazer experimentos, investimento na qualidade da sua produção, aumento quantitativo das peças fabricadas e, ainda, Petrus Regout encomenda placas de cobre diretamente de Staffordshire, aparentemente o único oleiro fora de Staffordshire a aplicar a técnica *Prattware*⁴⁷ e de usar muitas placas de cobre diferentes para produzir padrões multicoloridos.

Em 1851 o investimento técnico na decoração das cerâmicas foi importante para seu crescimento e expansão, um desses investimentos foi a compra de máquinas inglesas que aumentaram a qualidade e a quantidade de cerâmicas produzidas, tornando a Petrus Regout uma das marcas holandesas mais conhecidas. Os selos abaixo correspondem ao período de 1836 a 1880.

⁴⁷ *Prattware* é associado ao relevo decorado, cremes e pérolas pintados sob vitrificação produzidos por volta de 1780 a 1840. Inicialmente produzidos pela Fábrica F. & R. PRATT & C O. L TD de Felix Edward Pratt e Richard Pratt, em Fenton, Staffordshire.

Figura 33 - Selos da Fábrica Petrus Regout, entre 1836 e 1880



Nota: **A** – Selo utilizado entre anos de 1836 e 1880; **B** - Selo utilizado entre os anos de 1836 e 1880
Fonte: <https://www.infofaience.com/en/marks/sphinx-marks>. Acesso em 21.04.2020.⁴⁸

A produção foi gradualmente sendo aperfeiçoada, isso se deve a contratação de especialistas britânicos, para produzir uma cerâmica de melhor qualidade e apta a concorrer com a cerâmica inglesa. O nome da empresa foi então alterado para Petrus Regout & Co.

O que diferenciava a produção da fábrica era sua cerâmica impressa em transferência, o que não era usual naquela cidade. Até o final do século XIX, a fábrica veio a ser dirigida por filhos e netos, alcançando o monopólio comercial de 31 mercados de exportação.

A análise dos selos abaixo, possibilitam compreender as relações comerciais estabelecidas pela fábrica de Petrus Regout e suas estratégias para se inserir e fixar no mercado produtor de cerâmica. Entre os símbolos observados estão os que remetem aos selos ingleses. Outro ponto importante a ser ressaltado é a inserção de dois elementos, imagens A e B, sendo o primeiro do ano de 1851 e o segundo inscrito “prize medal” que corresponde a premiação da fábrica na Primeira Exposição Universal realizada em Londres, em 1851. Além do emprego da coroa e do nó de Stafford, como se observa nos dois primeiros selos abaixo (imagens A e B). O uso do diamante em seu selo, embora pareça estilizada, como mostra a Figura 9 (imagem C) remete a aplicação do selo em formato de diamante nas cerâmicas inglesas patenteadas.

Figura 34 - Selos da Fábrica Petrus Regout entre aos anos 1852 e 1880.



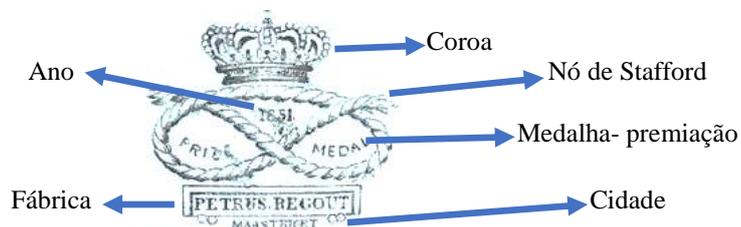
Fonte: <https://www.infofaience.com/nl/merken/sphinx-merken> e <http://www.thepotteries.org/allpotters/850b.htm> Acesso em: 21.04.2020.

Os selos acima se assemelham aos selos ingleses produzidos na região de Staffordshire, principal centro produtor de cerâmica inglês. Entre os elementos

⁴⁸ **Nota:** **A** - 1851 – 1880; **B** – 1851 – 1880; **C** – 1860 - 1890

observados, destacam-se: um ‘nó de stafford’ que era utilizado pelos ceramistas ingleses de Staffordshire. Entre os elementos dispostos no selo de 1851, observa-se:

Figura 35 - Análise do selo da Fábrica Petrus Regout, 1851



Fonte: Adaptado Birks⁴⁹ ([S. I], [20...]).

Outra estratégia adotada por Regout para expandir as vendas de suas cerâmicas, foi o emprego de elementos ingleses em seu selo. Observa-se que nos primeiros selos da fábrica não foram utilizados tais símbolos, somente em 1851 foram inseridos. Isso se deve a tentativa de inserção da fábrica no mercado mundial e, desta forma competir com o então muito popular creamware inglês. Após sua inserção no mercado seus selos foram sendo modificados até que 1883 o símbolo da esfinge foi registrado como símbolo de sua marca.

Em 1870 os filhos de Petrus Regout se tornam co-diretores da fábrica e, em 1878 a assume, após o falecimento de seu pai. Quando seus filhos se tornaram co-diretores. Em 1870, o nome da empresa foi alterado para NV Petrus Regout. No ano de 1899, a fábrica de Petrus Regout foi nomeada de "Esfinge" ou Sphinx, embora já utilizasse o símbolo de uma esfinge reclinada como sua marca/selo por vinte anos. Uma de suas maiores inovações foi o armário de água, em 1899. Embora o nome da fábrica tenha mudado no final do século XIX, a esfinge já era utilizada em seu selo desde 1879.

Figura 36 - Selo/Marca Fábrica Petrus Regout, Holanda

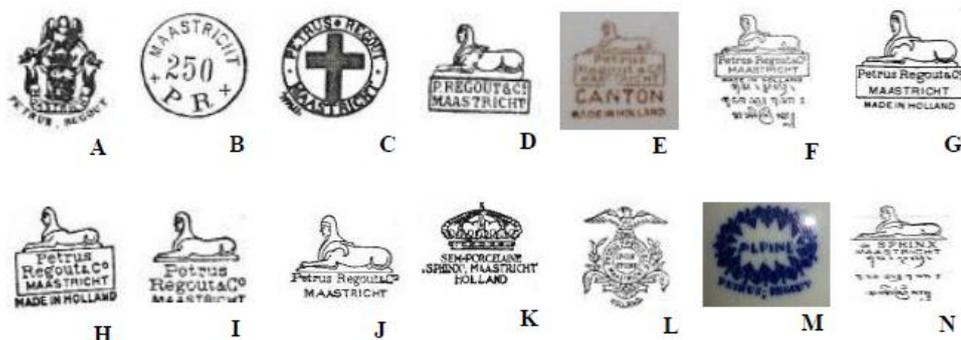


Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS.

⁴⁹ Disponível em <http://www.thepotteries.org/allpotters/850b.htm>. Acesso em: 21.04.2020.

O selo acima corresponde a Fábrica holandesa Petrus Regout, observa-se o emprego de dois carimbos, sendo um impresso e outro em relevo. O carimbo impresso passou a ser usado a partir de 1883, o segundo carimbo não foi identificado. Isso não quer dizer que os selos seguintes ou anteriores não fossem mais usados. Havia o emprego de selos comemorativos, ou de dois selos ou ainda de selos criados ou adaptados para padrões decorativos específicos. O selo era inserido no fundo das peças. O símbolo da Esfinge passou a ser utilizado como marca da fábrica, em 1879, embora seu registro só tenha saído em 1883.

Figura 37 - Selos da Fábrica Petrus Regout, Produzidos entre 1851 e 1900.



Fonte: <https://www.infofaience.com/nl/merken/sphinx-merken>. Acesso em: 21 de março de 2000.⁵⁰

Os selos acima representam as mudanças ocorridas entre os anos de 1851 e 1900, considerando o ano de início do uso dos mesmos. A concorrência com as fábricas inglesas e com as fábricas holandesas tornaram necessária a inserção de selos com a marca da fábrica e de algumas mudanças observadas, além da mudança de proprietário. Entre as fábricas de cerâmica holandesas, destacam-se:

Quadro 12 - Denominações e períodos das principais fábricas holandesas.

| DENOMINAÇÃO | PERÍODO |
|--------------------------|-------------|
| Petrus Regout | 1836- 1899 |
| Spinx | 1899 – 1969 |
| Societé Céramique | 1851 – 1969 |

Fonte: <https://www.infofaience.com/en/history/sphinx-hist>

Em 1958 as fábricas Spinx e Societé Céramiqué se fundem, devido as dificuldades de vendas de seus produtos, assim se obrigaram a formar uma empresa só, e ainda, mudarem de louça doméstica para louça sanitária. (LANGEWEG, s/d, p. 4).

⁵⁰ **Nota:** A - 1862 – 1880; B - 1862 – 1880; C- 1871; D – Registrado em 1883 e usado desde 1879; E – 1880 – 1890; F -1883; G – 1883; H – 1883; I -1883; J – 1883; K – 1887 – 1934; L- Final do século XIX; M -1883; N- 1900

2.1.2.1.2. Société Céramique

Fundada em 1851, no distrito de Wijck, Maastricht, pelos empresários Winand Nicolaas Clermont e Charles Chainaye. Sua fundação foi motivada pelo sucesso de Petrus Regout (Langeweg, s/d). Em 1859 foi adquirida pelo engenheiro belga Guillaume Lambert, sendo transformada em sociedade limitada. Em 1863, tornou-se uma sociedade de responsabilidade limitada, e passou a ser conhecida como 'Société Céramique Maestricht'. Em 1900, seus produtos já competiam com os fabricados pela Fábrica Spinx, em preço e qualidade.

Figura 38 - Selo da Fábrica Societé Céramique Maestricht – Holanda



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS. Base de uma malga.

As imagens abaixo passaram a ser utilizadas, a partir de 1863 e observa-se que no centro do selo há uma esfinge, diferente da utilizada por Petrus Regout. Evidencia-se ainda o nome da fábrica, a cidade e o país.

Figura 39 - Selos da Fábrica Societé Céramique Maestricht – Holanda



A



B

Nota: **A** - 1863 – 1955; **B** - 1863 – 1955

Fonte: <https://www.infofaience.com/nl/merken/sphinx-merken>. Acesso em: 21 de março de 2000.

Os selos acima foram utilizados pela fábrica até 1955, em 1958 a mesma foi incorporada pela Spinx.

2.1.2.2. Alemanha

A produção de louça alemã se inicia no século XII, sendo muito resistentes, pois eram fabricadas com argilas refratárias⁵¹ plásticas encontradas no baixo Reno, no Westerwald na Francônia, mas a produção de peças mais elaboradas só ocorreu no século XVI. (PILEGGI, 1958). A influência do estilo italiano é observada na produção alemã, principalmente no uso das cores como azul, verde, marrom e amarelo e, ainda nos motivos religiosos e regionais.

Embora tenha iniciado sua produção, assim como em outras regiões, a partir da imitação ou inspiração de outros centros produtores mais conhecidos e com maior aceitação no mercado. As fábricas alemãs passam a buscar por produtos próprios, como afirma Pillegi (1958, p. 99) “A louça do distrito de Colônia tornou-se muito famosa”. De acordo com o autor, isso se deu pelo investimento em novas cores e decorações, sendo utilizadas as cores acinzentada e azulada, e decorada com tons em ‘baixo esmalte’.⁵² A aceitação de tais produtos, possibilitou sua exportação para países como Inglaterra e Países Baixos.

As fábricas de cerâmica alemã produziam em grande escala, entre os produtos destacam-se: porcelanas de mesa e artísticas. Neste contexto, de acordo com Pileggi (1958, p. 99) sua cerâmica apresentava “decoração viva e de excelente qualidade, além de apreciável quantidade vêm sendo fabricadas na Alemanha”. Os primeiros centros cerâmicos alemães foram: Colônia, Aix-la-Chapele (próximo a Colônia), Siegburgo (próximo a Bonn), Höhrentre outros estavam localizados em Munique, Fulda, Fürstenberg, Ludwigsburg, Cassel e outros centros com menor produção. (PILEGGI., 1958).

As fábricas instaladas em Berlim e Meissen são consideradas as mais importantes da Alemanha na produção de porcelana. Ressaltando que foi na cidade de Meissen, na Saxônia, que em 1709, foi desenvolvida uma pasta dura, branca e translúcida que se aproximava da porcelana chinesa. Tal pasta segundo EBERLEIN & RAMSDELL, 1942, p. 178) foi desenvolvida por “Johann Friedrich Böttger, antigo aprendiz do boticário de Berlim, pertence o crédito por ter descoberto na Europa o segredo de fazer porcelana de pasta dura”. Além de aprendiz de boticário, Johann também era alquimista e foi chefe da primeira fábrica de Porcelana da Europa,

⁵¹ Ver glossário

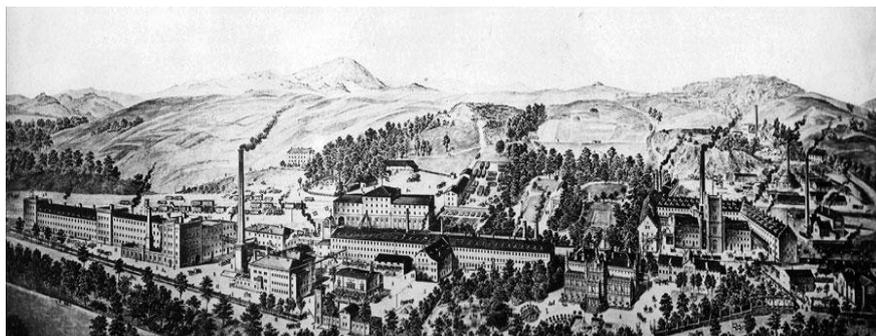
⁵² Ver glossário

Manufatura de Porcelana de Meissen, inaugurada pelo rei da Polônia Frederico Augusto II, a fábrica foi instalada no Castelo do Albrechtsburg, e teve como diretor E. W. von Tschirnhausen. Em 1719, morre Böttger deixando a fábrica solidificada, sendo considerada a primeira da Europa. (EBERLEIN & RAMSDELL, 1942, p. 178).

2.1.2.2.1. Fábrica C. Tielsch & Co

A Fábrica de cerâmica de Carl Tielsch foi fundada em 1845, e estava localizada em um terreno nos arredores de Altwasser (Stary Zdrój). A escolha do local para sua instalação, se deu por primeiro nas proximidades de uma linha férrea que estava sendo planejada. Iniciou seus trabalhos com três fornos e aproximadamente trinta funcionários.

Figura 40 - Vista da Fábrica de Carl Tielsch



Fonte: <http://slaskaporcelana.pl/walbrzych/fabryka-porcelany-tielsch/>

A produção era voltada para a fabricação de porcelana utilitária e barata, destinada a um grupo crescente da burguesia, bem como para os trabalhadores. Após 1850, a fábrica adquiri uma mina de caulim, localizada próximo a Meissen, somando a mina de carvão já adquirida.

A Fábrica C. Tielsch & Co produzia uma diversidade de produtos, variando dos mais simples aos artigos de luxo, além do investimento em novos *designs* e decorações nos seus artigos, o que levou a ser considerada uma das mais importantes da Alemanha:

Uma das razões para o sucesso de Carl Tielsch desde o início foi que ele tinha uma gama de produtos muito grande, começando com peças domésticas normais, passando pela porcelana de hotel e terminando com artigos de luxo. Além disso, a instalação sempre teve os melhores *designs* e decoradores. No início, Tielsch apenas marcava seus produtos com as iniciais 'TPM', que significava Tielsch Porzellan-Manufaktur. Como isso parecia semelhante ao 'KPM' usado pelo Königlich Preußische Porzellanmanufaktur, as duas cobras enroladas em torno de uma pouta foram adicionadas inicialmente, apenas

para serem substituídas completamente pela águia a partir de 1847 ⁵³ (CS MARSHALL, 2002)⁵⁴

Os selos/marcas utilizados pela fábrica C. Tielsch & Co para identificar seus produtos, passou por mudanças, no início apresentavam apenas as iniciais 'TPM', que significava *Tielsch Porzellan-Manufaktur* (Fábrica de porcelana Tielsch).

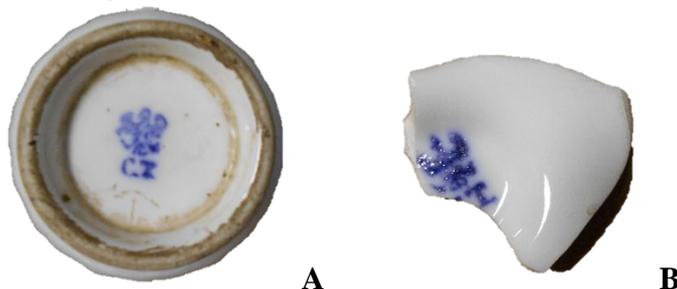
Figura 41 - Selos da Fábrica C. Tielsch & Co (1845 - 1847)



Fonte: <https://www.porcelainmarksandmore.com/related/silesia/altwasser-01/index.php> Acesso em: 21.03.2020.⁵⁵

Como isso parecia semelhante ao 'KPM' usado pelo *Königlich Preußische Porzellanmanufaktur*, as duas cobras enroladas em torno de uma pautas foram adicionadas inicialmente, apenas para serem substituídas completamente pela águia a partir de 1847.

Figura 42 - Fragmentos de louça com selos da Fábrica Carl Tielsch



Fonte: A Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS.
Fonte:

B <https://www.porcelainmarksandmore.com/related/silesia/altwasser-01/index.php> Acesso em: 21/03/2020

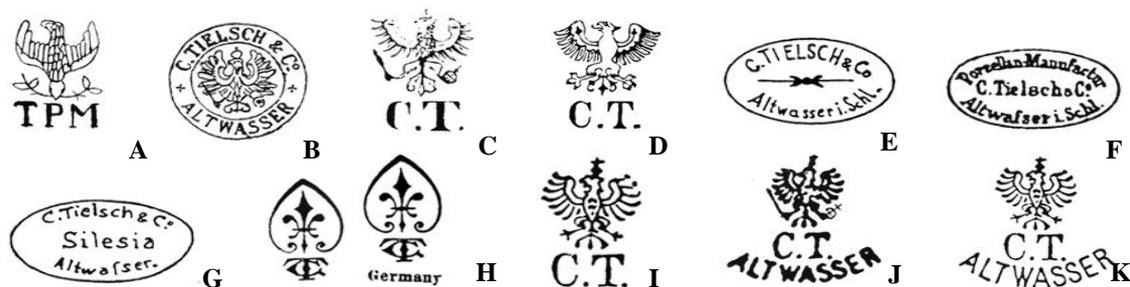
⁵³. One reason for the success of *Carl Tielsch* straight from the beginning was that he had a very large product range, starting with normal household pieces, going over hotel porcelain and ending with luxury goods. In addition, the facility always had the best *designs* and decorators. At first, *Tielsch* only marked his products with the initials 'TPM', which stood for *Tielsch Porzellan-Manufaktur*. As that appeared similar to the 'KPM' used by the *Königlich Preußische Porzellanmanufaktur*, the two snakes curling around a staff were added at first, only to be replaced completely by the eagle from 1847 onwards. (C S Marshal, 2002).

⁵⁴ (Tradução nossa). <https://www.porcelainmarksandmore.com/related/silesia/altwasser-01/index.php>. Acesso em 005.05.2021.

⁵⁵ **Nota:** A - Selo usado entre 1845 e 1847; B - Selo usado entre 1845 e 1847; C - Esta versão com uma águia muito foi usada apenas 1847.

Carl Tielsch continuou produzindo, por algum tempo, produtos semelhantes ao estilo da fábrica KPM, assim como seu selo, Carl Tielsch. A semelhança entre os selos motivou o diretor da fábrica KPM a enviar uma reclamação ao Ministério da Fazenda, solicitando que Tielsch fizesse a mudança do selo da fábrica, o que o fez em 1850, como pode ser observado na imagem acima. Ainda assim, a representação da águia ainda se assemelhar com a utilizada pela fábrica KPM, o Ministério entendeu que, a representação era diferente o suficiente para não ser mais confundida. Outras reclamações foram feitas pela KPM (Berlim) e sendo rejeitas. Outros selos foram criados, destacam-se aqui os selos iniciados de 1850 a 1900.

Figura 43 - Selos criados pela fábrica de *Carl Tielsch* entre 1850 e 1900.



Fonte: Adaptado por Bezerra, 2022 de <http://slaskaporcelana.pl/walbrzych/fabryka-porcelany-tielsch/sygnatury/> Acesso em: 21.02.2020.⁵⁶

Com o investimento na qualidade da porcelana fabricada, em 1865 a fábrica foi considerada a segunda maior da Silésia. Em 1865 a fábrica já era considerada a segunda maior da Silésia. O destaque aqui está na qualidade da porcelana produzida. Seus produtos eram conhecidos pela qualidade e valor artístico, sendo comparada com a qualidade das fábricas de Berlim e Meissen.

Assim como os artigos produzidos pelos ceramistas ingleses, a fábrica usava elementos chineses na decoração de suas peças, isso ocorria para aproximar-se dos consumidores e, assim inserir suas mercadorias, como a porcelana, nos diferentes pontos do globo. A fábrica empregava 1.400 funcionários, entre eles destacam-se: os desenhistas, responsáveis pelos padrões decorativos presentes nas porcelanas comercializadas pela fábrica. Substituir a porcelana chinesa era um desejo de muitos países europeus, pois assim poderiam se inserir e dominar o promissor mercado de

⁵⁶ **Nota:** A – 1850; B – 1860; C – 1870-1900; D – 1875-1900; E – 1880-1885; F- 1880-1885; G-1880-1885; H- 1895-1917; I- 1900; J – 1900; K- 1900

louças, cada vez mais exigente. Seus artigos eram conhecidos pela qualidade e valor artístico, sendo comparada com a qualidade das fabricas de Berlim e Meissen.

Em 1851, a fábrica apresenta seus produtos na Primeira Exposição Universal realizada em Londres. Por sua alta qualidade, seus padrões decorativos e preços acessíveis de seus produtos, ganharam homenagens, assim como seus serviços de mesa e café. Outros prêmios e homenagens foram recebidos, tanto em exposições nacionais, como: em Wrocław (1857, 1878, 1881) e Dresden (1891), como em exposições universais, como foi o caso de Londres (1862), Paris (1867), Trieste (1871), Viena (1873), Melbourne (1880) e Barcelona (1919). A qualidade de seus produtos, permitia competir igualmente com as demais fabricas alemãs. Em 1882, morre Carl Tielsch, e seu filho Egmont assume a fábrica de porcelana.

2.1.2.3. Bélgica

As primeiras produções de cerâmica belga, surgem inspiradas pela França, Espanha e Holanda. Embora tenha sua independência ocorrido em 1830, somente em 1838, a Holanda reconhece sua independência.

Bruxelas se destacou como uma das principais produtoras de cerâmica, produzindo uma “louça de Bruxelas” com características originais, embora alguns ceramógrafos atribuam influência francesa. Bruxelas possui numerosas fábricas de cerâmica. Entre os principais centros produtores de cerâmica destacam-se, de acordo com Pileggi (1958, p. 40) “Amberes, Tournai, Liège e Tervueren, que produzem cerâmicas e porcelanas de grande valor artístico, ressaltando-se jogos de pratos, estatuetas e belos bibelôs de cores vivas e estilos delicado”.

Entre os séculos XVIII e XIX observa-se maior produção de cerâmica e porcelanas, assim como, maior investimento. Entre as fábricas belgas, a Fábrica de Boch Frères se destaca.

2.1.2.3.1 . Boch Frères

A fabricação Boch Frères foi instalada na Bélgica, na cidade de La Louvière por Jean-François Boch, um dos principais proprietários de outra empresa conhecida, Villeroy & Boch. A direção de Boch Freres SNC foi em 1844 tomada por Victor

Boch. A produção pôde ser iniciada imediatamente graças a outras empresas de cerâmica da família Boch que vendiam placas de cobre Victor prontas para uso.

Este fabrico de faiança desenvolveu-se muito rapidamente. Em 1847 a empresa ganhou uma medalha de ouro na exposição da indústria belga. Em 1855 já empregavam 300 trabalhadores na fábrica de La Louvière (Keramis) e 100 na fábrica de Tournai (Boch Freres). Por volta de 1860 iniciou-se a produção de peças policromadas. No fragmento abaixo, apresenta dois selos, sendo um feito por incisão e o outro impresso, no segundo observa-se a marca da Fábrica Boch Frerès.

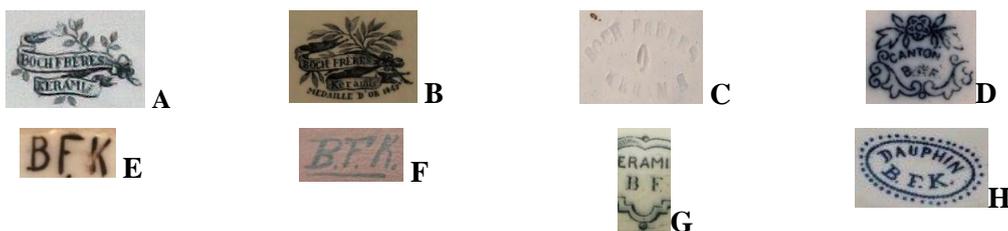
Figura 44 - Fragmento de cerâmica com selo da Fábrica Boch Frerès, Bélgica. Fabricado entre 1845 e 1860.



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS.

O selo acima corresponde ao período de produção (1845 - 1860), sendo o primeiro a ser utilizado pela Fábrica Boch Frères. Os selos abaixo correspondem aos criados, desde da fundação da fábrica até 1900.

Figura 45 - Selos criados pela Fábrica Boch Frères entre os anos 1845 e final do Século XIX.



Fonte: <https://www.theoldstuff.com/en/porcelain-marks/category/249-boch-freres-keramis-royal-boch-marks>. Acesso em: 21.07.2021⁵⁷

⁵⁷ **Nota:** **A** – 1845 – 1860 (marco); **B** - 1847 – 1880 (Medalha 1847); **C**-1850 – 1880; **D** – 1850- 1880; **E** – 1880 – 1920; **F** - 1880 – marco 1920; **G** – 1890; **H** – Final do Século XIX.

2.1.2.4. Escócia

Entre os principais centros produtores de cerâmica, destaca-se a Escócia. De meados do setecentos até meados do oitocentos, a Escócia possuía mais de quarenta fábricas de cerâmica. Sendo seus principais centros produtores: Glasgow, Bacia de Clyde, Kirk caldy e distrito, em Bo'ness e Alloa, costa de Mid-Lothian e East-Lothian. Entre as fábricas que mais investiram em sua produção e exportação de seus produtos, destaca-se a J & M.P. Bell, localizada em Glasgow.

Figura 46 - Principais Fábricas Escocesas entre 1722 e 1952, enfatizando (1722 - 1890)



Fonte: Adaptado de <https://www.scottishpotterysociety.org.uk/scottish-pottery-list-overview/>. Acesso em: 21.07.2021

Na imagem acima, observa-se um grande número de fábricas produtoras de cerâmicas, destacando a FÁBRICA J & M. P Bell⁵⁸ que inicia sua produção em 1840/1841, fundada pelos irmãos Bell.

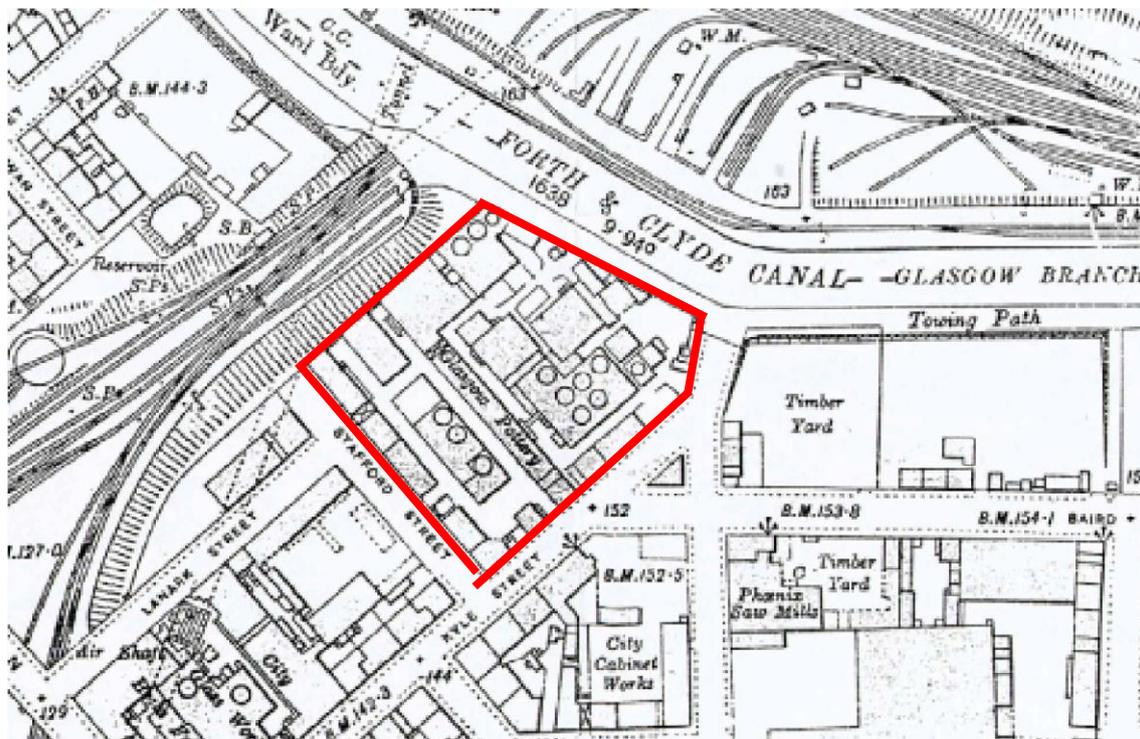
2.1.2.4.1. J. M. P. BELL & Co

Entre os anos de 1840 e 1841 foi fundada a Fábrica cerâmica J & M.P. Bell Earthenware Manufactures, cujos sócios e criadores eram os irmãos John e Matthew Perston Bell. A fábrica ficava localizada na esquina da Stafford St e Pulteney St, Glasgow. De acordo com Kelly (2006, p. 7) “ambos os irmãos aparecem na lista de eleitores de Glasgow para 1840 – 1841, que seriam constituídos em 1840, como ‘fabricantes de faiança’ descrita de várias maneiras na margem do canal e na esquina da

⁵⁸ Grifo nosso

Stafford St e Pulterney St.”⁵⁹ A Fábrica ficou conhecida como J& MP BELL, ou apenas BELL’s. Na imagem abaixo, observa-se sua localização.

Figura 47 - Localização da Fábrica de J. & MP BELL, Glasgow



Fonte: Adaptado da obra de Kelly (2006)

Na imagem acima observa-se em vermelho a área correspondente a localização da Fábrica J & MP Bell. A Fábrica situava-se na margem sul do Forth e Clyde Canal entre as esquinas das ruas Stafford e Pulterney, como evidencia-se acima.

A Fábrica mudou para J.& MP Bell & Co., após Robert Clough tornar-se o terceiro sócio. De acordo com Cruickshank (s/d, p. 8) “inicialmente, produziram utensílios de cozinha utilitários. Em 1860, após se firmarem como produtores de cerâmica, passaram a investir em uma cerâmica decorativa e utilitária”. A demanda pela cerâmica produzida pela Fábrica J & MP & Co era cada vez mais maior, o que motivou John Bell a investir na aquisição de um navio para facilitar o transporte.

Em 1870 morre Matthew e dez anos depois, seu irmão John, com isso a fábrica foi adquirida por um grupo de comerciantes, iniciando a produção de novos padrões decorativos, Os primeiros padrões fabricados eram testes, por isso não foi realizado o

⁵⁹ Both brothers appear in the Glasgow Voters’ Roll for 1840-41, which would be made up in 1840, as ‘earthenware manufacturers’ with a pottery variously described as on the canal bank and at the corner of Stafford St and Pulteney St. (Kelly, 2006, p. 7) Tradução nossa.

registro, foram exportados para Ásia (Cruikshank, s/d). Destaca-se a importância de John Murdoch, gerente da empresa, que continuou negociando como J & MP Bell Company Limited a partir de 1881. O sucesso da empresa se deu pela grande inovação, pois os projetos foram alterados, a produção disparou e o comércio de exportação estabelecido, tanto com o Extremo Oriente, quanto com outras áreas mais próximas. Entre os anos de 1887 e 1907, foram criados 37 padrões decorativos novos, isso se deve ao sucesso obtido na exportação de suas mercadorias, sendo que dessa vez os padrões criados foram registrados.

Na imagem abaixo observa-se três selos da Fábrica J & M.P. Bell & Co, infelizmente não foi possível identificar o período de uso dos mesmos.

Figura 48 - Selos da fábrica J& M. P. Bell



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS. ⁶⁰

Os três selos⁶¹ acima apresentam características distintas, sendo o primeiro um sino com as inscrições J.B. (John Bell), inserido dentro de um sino; no segundo e terceiro apresenta-se as armas reais (coroa, brasão e símbolos), e o nome ROYAL (real), sendo os três selos impressos por transferência.

Outros selos foram identificados no Kovel's New Dictionary of Marks Pottery & Porcelain 1850 to the present, escrito por Ralph & Terry Kovel, foram extraídos os selos relacionados a Fábrica J & M.P. BELL & Co.

Abaixo observa-se oito selos com seus respectivos períodos de uso, tipo de pasta, país e período de funcionamento da fábrica.

⁶⁰ **Nota:** A Selo com as inscrições "JB" dentro do sino; B Fragmento com as armas reais; C Selo com as armas reais.

⁶¹ Outros selos foram utilizados, mas sem maiores informações do período de uso (VER <https://www.scottishpotterysociety.org.uk/bells/>)

Figura 49 - Selos da Fábrica J & M.P. BELL & CO

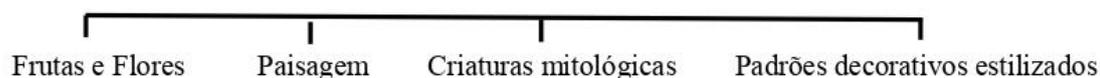


Fonte: Adaptado por Bezerra, 2022 (Extraído de KOVELS, 1986)

A Fábrica investiu na fabricação de uma cerâmica de uso diário, não apenas decorativa, e ainda em padrões decorativos para exportação, *designs* e estratégias de inserção em outros mercados consumidores.

Entre os padrões decorativos destinados à exportação foram observadas quatro categorias de desenhos, sendo o primeiro com flores, frutas e flores e frutas; o segundo com paisagens locais; o terceiro, as criaturas mitológicas, como os dragões; e por último, com desenhos estilizados. Como se observa na imagem abaixo.

Figura 50 - Categorias de padrões decorativos destinados à exportação.



Fonte: Adaptado de KELLY (2006).

A fábrica concorria diretamente com as fábricas europeias, principalmente inglesas, destacando-se os produtos destinados à exportação. Entre os itens mais vendidos, evidencia-se o prato de arroz. Glasgow era um dos principais centros produtores de cerâmica na Escócia.

2.1.2.5. França

A produção de cerâmica se estende por quase toda a França, de acordo com Pileggi (1958, p. 46) “O século XVIII foi, porém, o ‘século da cerâmica francesa’, quando manufatura alcançou magnífico progresso, em todos os sentidos. Nesse século, surgiu a Manufatura de Vincennes, futura Manufatura Real de Sèvres”. No ano de 1771, em Limoges, foi inaugurada a primeira indústria de porcelana e isso se deu, a partir da descoberta de caulim em Saint-Yrieix, por Darcet e Vilarris.

De acordo com Pileggi (1958, p. 46) “[...] em 1860 se define em Sèvres um tipo de arte cerâmica de grande beleza, estilo e bom gosto, adquirem os artigos ali fabricados, tal prestígio que se torariam perene e na história da cerâmica”. Sèvres e Limoges são descritos por Pileggi como os principais produtores de cerâmica franceses. O investimento na produção de cerâmicas, como observa:

no decorrer do século XIX, os aperfeiçoamentos técnicos, aos quais se acham ligados os nomes de Victor Regnault, Charles Lauth, George Vogt e Théodore Deck, possibilitaram a criação de uma nova massa dura e de outra mole caulinica, Esta última não é mais fabricada atualmente. (PILEGGI, 1958, p.47)

O investimento em novas técnicas, novas formas, possibilitou o surgimento de outros centros produtores de terracota, grés e faiança destacam-se: Sarreguemines, Lunèville, St. Clément, Estrasburgo, Montereau, Saint-Amand, Nevers, Digoin, Bourg-la-Reine, Longwy, Gien, Mettlach, Fives, Orchies, Hamage, Boucham, Oissel, Alencon, Tours, Quimper, Longchmap e Aubagne (PILEGGI, 1958, p. 106)

Entre as principais fábricas produtores de artigos de uso doméstico, sobretudo em faiança, destacam-se “Fayenceries de Sarreguemines”, Digoin & Vitry-Le-François

e Villeroy & Boch, entre outras. Além dos artigos de uso doméstico, eram produziam também cerâmica artística.

Além do investimento realizado na produção de novas pastas, foram empregadas novas formas, novos padrões decorativos, novas técnicas e estratégias de inserção e manutenção no mercado interno e externo. Entre tais investimentos destaca-se:

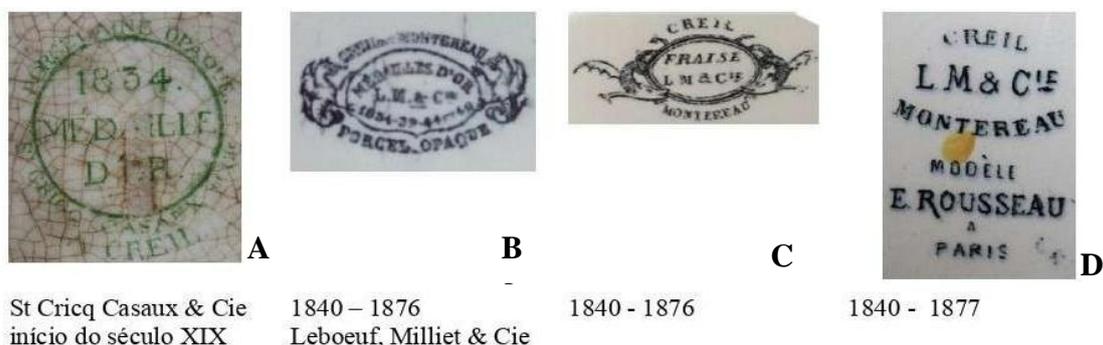
a produção de faiança fina, na França, iniciou-se em meados do século XIX e contou com uma manufatura cerâmica de Sarreguemines, que se estabeleceu em Moselle, região de Sarre, no ano de 1784, tendo sido um dos maiores exportadores de serviços de mesa em grande quantidade para o Brasil. (BEZERRA, 2015, p. 53)

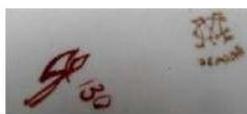
Entre as principais fábricas destacam-se Creil, Montereau e Sarreguemines.

2.1.2.5.1. Creil et Montereau

A Fábrica de faiança Creil foi fundada em 1796, de acordo com Brancante (1981, p. 131) “O ceramista francês St. Cricq Casaux e o inglês Bagnal fundam uma fábrica de faiança fina e grés preto”. Em 1840, morre St. Cricq e a fábrica fundiu-se a Fábrica Montereau Faïence (Seine et. Mane), produtora grés, louça e porcelana. Tornando-se “Creil Et Montereau Faïenceries” com o nome Lebeuf, Milliel & Co (L.M. & Co) até 1876. A fábrica produzia uma grande variedade de cerâmica: terracota, grés, porcelana e faiança, sendo sem dúvida as mais conhecidas, destacando-se sua produção de faiança fina. Abaixo alguns dos selos das Fábricas Creil e Creil Et Montereau.

Figura 51 - Selos da Fábrica Francesa Creil Et Montereau



**E**Século XIX
Gustave Asch**F**Século XIX
Gustave Asch**G**

1870 - 1884

**H**1884 - 1920
Société Anonyme Creil
et Montereau**I**1884 - 1920
Creil et Montereau
Terre de Fer**J**Final do XIX e início
do XX
Terre de Fer**K**

1894 - 1920

**L**Final do XIX e início do
XX

Fonte: Extraído de <https://www.infofaience.com/en/marks/creil-et-montereau-marks>. Acesso em: 01.07.2020.

Embora rivais as fábricas Creil e Montereau se fundiram para concorrer com uma das maiores fábricas de cerâmica da França, a Sarreguemines. Para tanto, houve um maior investimento na sua produção, principalmente após a pesquisa realizada por Boudon de Saint-Amans, fabricante de louça de barro. Entre os investimentos realizados destacam-se: novas técnicas e novos materiais, como a porcelana opaca (1834) ou a porcelana macia (1844), impulsionando o aumento da qualidade e a variedade dos produtos da fábrica de Creil. A produção em ambas foi semelhante até 1895, quando a Fábrica Creil fechou após um incêndio, entretanto a Fábrica Creil et Montereau usou o selo até 1920.⁶²

A faiança fina de Creil iniciou sua produção a partir de 1797,

Decoração particular da herborização: os pedaços de terra foram desbastados e quando atingiram uma certa consistência, eles foram imersos em deslizamento (terra líquida branca ou colorida). Enquanto a tira ainda estava fresca, o trabalhador derramou algumas gotas de bistro ou verde e mexeu o objeto em todas as direções produziu herborizações.

Em 1827, foi inventada uma nova pasta mais densa, com um vidrado mais sólido, que se adaptasse à decoração impressa: é barro fino duro. Nestas peças, a decoração de impressão pode ser feita no biscoito, mas também na peça queimada com seu esmalte. A peça é então recozida, em fogo pequeno

⁶² Pesquisado em <http://www.creil.fr/files/2014/T3/La-faience-fine-de-Creil.pdf>. Acesso em: 20.04.2022.

ou mufla, até a impressão passou sob o esmalte. Este sistema dá maior resistência. (GUILLEMÉ-BRULON, 1995, p. 4)

No primeiro selo evidencia-se as inscrições “L.M. & Co”, possivelmente utilizado entre 1840 e 1876; o segundo selo com as inscrições “B. & Cie”, possivelmente posterior a 1876. A Fábrica Creil et Montereau, funcionou de 1840 a 1894, segundo Bontillot (1997, p.5) foram conhecidas “alternadamente sob os nomes de Lebeuf, Milliel & Co (L.M. & Co) e depois Barluet et Cie”.

Figura 52 - Selos da fábrica francesa Creil et Montereau (1884 -1876)



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS. ⁶³

A produção da fábrica Creit et Montereau tinha uma produção variada: serviços de mesa, acessórios de toalete, pratos entre outros. De acordo com Bontillot (1997, p. 5) “Creit et Montereau, então o segundo maior grupo de faiança da França, tinha apenas um rival, Sarreguemines.” Ambas exportavam para todo mundo e concorriam diretamente com as fábricas inglesas.

2.1.2.5.2. Sarreguemines

Em 1790, de acordo com Brancante (1981, p. 131) “Em Sarreguemines, na Alsácia, é instalado o primeiro estabelecimento cerâmico”. Fundada por François Paul Utzschneider, o mesmo foi diretor entre 1796 e 1836. Considerado o “Wedgwood francês” por seu tratamento do grés, faiança fina e ‘faiança opaca’ (BRANCANTE, 1981). A fábrica foi uma das mais importantes,

Entre seus exportadores, destaca-se Sarreguemines, mantida pelos descendentes de Utzschneider e que conheceu na segunda metade do século, grande voga no meio francês e um enorme desenvolvimento e demonstrou uma impressionante versatilidade e criatividade, tanto na produção com na decoração de seus artigos que abrangiam a louça vidrada, grés finos no

⁶³ **Nota:** **A** Selo com as inscrições “L.M. & Co” (1840 - 1876); **B** Selo com as inscrições “B. & Cie” (posterior a 1876).

gênero de Wedgwood, peças decoradas em lustre, à maneira inglesa, e, sobretudo, a faiança fina. (BRANCANTE,1981, p. 504)

Em 1867, os centros produtores eram Choisy, Creil, Montereau, Chantilly, Tolosa, Luneville e Sarreguemines (Brancante, 1981). Entre os centros produtores enfatiza-se Creil, Montereau e Sarreguemines, destacando-se na produção de faiança fina, faiança opaca e grés.

Em 1871, a Fábrica Sarreguemines, de acordo com Brancante, (1981, p. 504) “fundou outras duas surcusais: a de Digion e a de Vitry-Le-François. Produziu um sem números de placas, taboletas e cartelas indicativas, com nomes de moradias (Vila Kyrial, etc), de profissões e de comércio, de belo efeito decorativo”.

Durante o tempo de funcionamento da fábrica foram utilizados muitos selos, na imagem observam-se três selos relacionados a faiança opaca de Sarreguemines, em períodos diferentes.

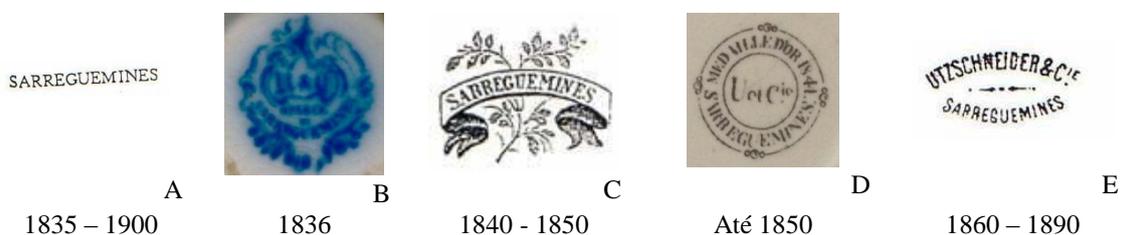
Figura 53 - Selos da Fábrica Sarreguemines (1840 - 1919)



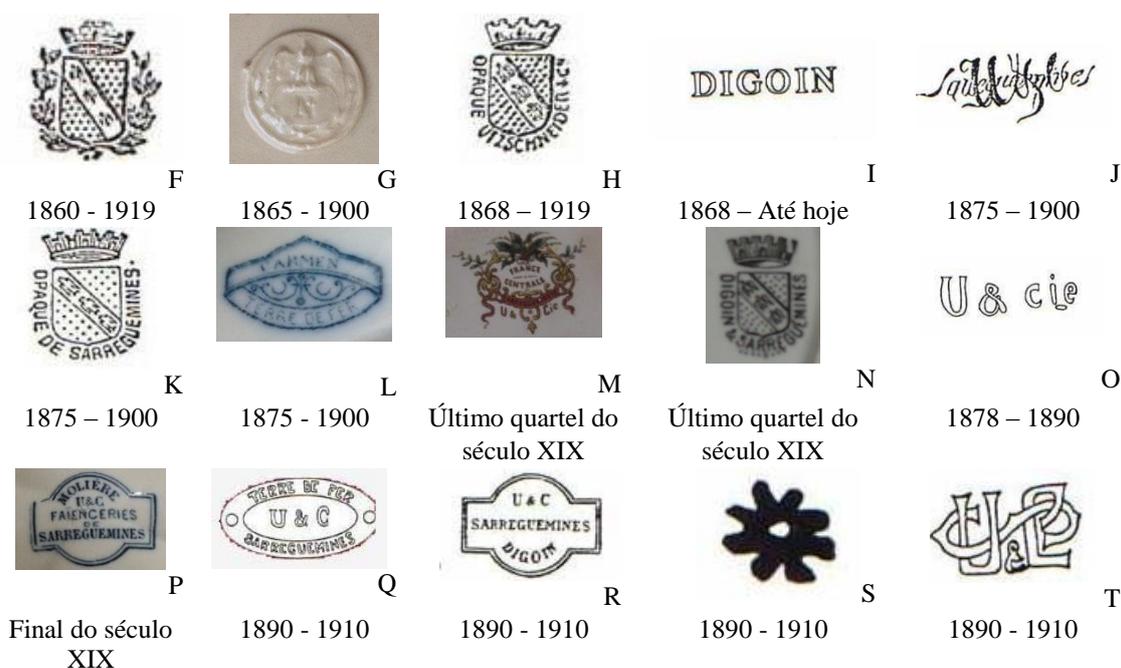
Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS. ⁶⁴

Os selos acima foram utilizados entre 1840 e 1919, na imagem abaixo observa-se outros selos.

Figura 54 - Selos da Fábrica Francesa Sarreguemines



⁶⁴ **Nota:** A Selo com as inscrições “OPAQUE DE SARREGUIMINES” em azul (1840 - 1850); Dois selos, sendo um com as inscrições “OPAQUE DE SARREGUIMINES” (1860-1919); C Selo com as inscrições “OPAQUE DE SARREGUIMINES” (1840 - 1850).



Fonte: Adaptado por Bezerra, 2022 extraído de <https://www.infofaience.com/en/marks/sarreguimines-marks> Acesso em: 01.07.2020.

Os selos acima foram utilizados em diferentes períodos, sendo empregados em diferentes padrões decorativos e pastas. Houve um maior investimento em melhorar a qualidade de seus produtos, buscando aproximar-se da qualidade da cerâmica produzida na Inglaterra.

Muitos ceramistas imitavam as louças produzidas na Inglaterra, como, por exemplo, Humbert Claude Gerin, que tem a permissão para produzir louça ‘à imitação da Inglaterra’; o ceramista Mazoine e o inglês John Hill, que fabricavam ‘louça à imitação daquela da Inglaterra’, a Manufatura Real ‘des Terres de France’, á imitação da Inglaterra, entre outros. (BEZERRA, 2015, p. 52)

A Inglaterra era um dos maiores centros produtores de cerâmica da Europa.

2.1.2.6. Inglaterra

Os ceramistas ingleses se sobressaíram como Lima (1995, p. 187) destacando-se a região de Staffordshire. As categorias indicadas pelos ceramistas são duas:

Os ingleses classificam-na de um modo geral em duas categorias: artigos impermeáveis (não porosos) e permeáveis (porosos). Os impermeáveis compreendem: porcelana, “china”, boné-china, louça vitrificada (“vitrified-ware” ou “vitreous-china”), e a louça tipo grés (“stone-ware”). Os permeáveis abrangem: terracota, maiólica, faiança e toda a classe de louça comum (“earthenware”). Existem também muitos outros tipos, como por exemplo, os denominados “Jet”, “Rochungham” e “Samina”, fabricados em

Hanley, exclusivos para bules e outras peças de aparelhos para chá e café. (PILEGGI, 1958, p. 109)

As duas categorias de artigos cerâmicos apresentadas por Pileggi, permeável e impermeável, e estão relacionadas ao tipo de pasta, sendo elas: vitrificada, maiólica, grés, faiança, faiança fina, *ironstone* e porcelana. A produção de cerâmica tem outras categorias, nesse caso, relacionadas ao seu uso, sendo elas:

A maior parte das indústrias inglesas produzem cerâmica de uso doméstica. Os outros ramos compreendem cerâmica artística, sanitários, azulejos, artigos para hotéis e laboratórios, porcelana eletrotécnica, pastilhas, etc. (PILEGGI, 1958, p. 109)

A produção cerâmica na Inglaterra cresceu muito e se expandiu, entretanto, a região de Staffordshire, destacando-se o distrito de Stoke-on-Trent. As principais cidades fabricantes de cerâmicas inglesa são: Burslem, Stoke, Longton, Tunstall, Fenton, Shelton e Hanley.

As mais conhecidas e prestigiadas marcas de cerâmicas de uso doméstico e de peças artísticas da Inglaterra são: Weedgwood, Spode, Rotal Worcester, Royal Doulton, Royal Crown Derby, Coalport, Copeland, Rooyal Stafford, Tuscan, Bristol Pottery, Adams, Meakin, Paragon, Minton's, Chelsea, Wood, Royal Staffordshire, Poole, Grindeley. (PILEGGI, 1958, p. 110)

Algumas dessas marcas/fábricas comercializaram com as Américas, a Ásia, entre outros lugares, em diferentes períodos entre elas, destaca-se: W. Adams, *Davenport*, Copeland & Garrette, James F.W. Willeman, Pinder Bourne & Co e George Jones & Sons.

2.1.2.6.1. *P.B & Co e P B & H. (Pinder, Bourne & Hope)*

A trajetória da fábrica Pinder, Bourne & Hope, divide-se em três etapas, 1848 – 1851, 1851 - 1862, e 1862 – 1882. Tais etapas correspondem as mudanças realizadas, a partir da saída ou inserção de sócios a fábrica. Embora sejam escassas as informações impressas sobre a primeira etapa de funcionamento desta fábrica, observa-se que houve uma mudança não apenas no nome da fábrica, mas também nos locais de instalação da mesma. Retornando as suas etapas de produção, a primeira etapa inicia com a fundação da Fábrica Pinder, em 1848, por Thomas Shadford Pinder, situada em Swan Bank Works, Burslem , Stoke-on-Trent , Inglaterra. Em 1851, a empresa passa por mudanças com a entrada de dois novos sócios, iniciando uma nova etapa, como Pinder, Bourne & Hope.

Entre os anos 1848 e 1851, observa-se o uso de três selos das armas reais, entretanto, não foi comprovado seu uso pela fábrica analisada, isso se deve pela falta de dados impressos. O uso das iniciais TP – Thomas Pinder, ou apenas PINDER e cidade, em que a fábrica está situada. Ambas, na parte inferior do selo, logo abaixo das armas reais está escrito Royal Exchange⁶⁵. No segundo selo aparecem as Iniciais TP, e em outro selo o nome da fábrica Pinder e o local onde estava situada em Burslem.

Figura 55 - Selos da Fábrica Pinder (1848 – 1851)



A

**TP
PINDER
BURSLEM**

B

Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/799.htm> Acesso em: 05.05.2020⁶⁶

Os selos acima foram utilizados durante o período de funcionamento da fábrica Thomas Pinder. Com a inserção de dois sócios, ocorre uma mudança também na produção de louças e também nos selos, como se observa abaixo,

Figura 56 - Selos da Fábrica Pinder, Bourner & Hope (1851 - 1862)



A

**PINDER BOURNE
& HOPE**



B



C

P. B. & H.

D



E

F

Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/800a.htm>. Acesso em: 05.05.2020⁶⁷

⁶⁵ Fundada na cidade de Londres, em 1570, por Sir Thomas Gresham, tinha como objetivo de ser um ponto de encontro para comerciantes locais e internacionais em Londres para que realizassem seus negócios entre si. Antes da criação da instituição financeira, os comerciantes realizavam seus negócios nas ruas ou em lojas lotadas. (Tradução nossa). Fonte: Britannica, The Editors of Encyclopaedia. "Royal Exchange". Encyclopedia Britannica, 31 Jan. 2022, <https://www.britannica.com/topic/Royal-Exchange-institution-London>. Accessed: 20.03 2022.

⁶⁶ **Nota:** **A** Selo com as armas reais e a inscrição com as iniciais de Thomas Pinder (T. P.) e a inscrição Royal Exchange; **B** Dois selos, sendo o primeiro com as iniciais de Thomas Pinder (T. P.) e o outro com a inscrição PINDER (fábrica) e BURSLEM (cidade em que a fábrica está localizada).

⁶⁷ **Nota:** **A** Utilizado entre 1851 – 1862; **B** Utilizado entre 1851 – 1862; **C** Utilizado entre 1851 – 1862; **D** Utilizado entre 1851 – 1862; **E** Utilizado entre 1851 – 1862; **F** Utilizado entre 1851 – 1862.

Com o investimento da Fábrica Pinder Bourne & Hope na qualidade de seus produtos, assim como na expansão para outros mercados. Na imagem E, observa-se uma águia, essa era uma das estratégias utilizadas por outras fábricas, para se inserir no mercado consumidor norte-americano.

Outra forma de expandir seus negócios foi a participação em exposições, entre elas a Exposição Universal de 1855. A participação da fábrica na Exposição de 1855⁶⁸ proporcionou uma maior difusão de seus produtos, e ainda realizava a premiação em diferentes categorias e grupos. Tais eventos tinham um papel importante na circulação de ideias, técnicas e inovações. Na descrição do que foi exposto pela fábrica, lê-se “earthenware” ou faiança.

A fábrica Pinder, Bourne & Hope é dissolvida em 13 de janeiro de 1862, e seus proprietários dividem suas fábricas entre si, como é descrita em nota, sendo registrada e publicada no jornal London Gazette, no dia 14 de janeiro de 1862, como observa-se no fragmento abaixo:

Figura 57 - Nota do Jornal sobre a dissolução da Sociedade Pinder, Bourne & Hope.

NOTICE is hereby given, that the Partnership heretofore subsisting between us the undersigned Thomas Pinder, Joseph Harvey Bourne, and John Hope, carrying on business as Earthenware Manufacturers, at the Nile-street and Fountain-place Manufactories, in Burslem, in the county of Stafford, under the style of Pinder, Bourne, and Hope, was on this 13th day of January, 1862 dissolved by mutual consent; and that the said Thomas Pinder and Joseph Harvey Bourne will henceforth carry on business as Earthenware Manufacturers at the said Nile-street Manufactory, under the style of Pinder, Bourne, and Co., and that the said John Hope and John Carter, of Knottingley, in the county of York, Gentleman, will henceforth carry on business as Earthenware Manufacturers, at the said Fountain-place Manufactory, under the style of Hope and Carter.—As witness our hands this 13th day of January, 1862.

Thos. Pinder.
J. H. Bourne.
John Hope.

Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/800a.htm>. Acesso em: 05.05.2020⁶⁹

A nota/aviso acima trata da dissolução da sociedade, por mútuo consentimento, entre Thomas Pinder, Joseph Harvey Bourne e John Hope, em 1862. Dessa maneira, informa ainda que Thomas Pinder e Joseph Bourne continuaram com suas atividades como fabricante de louça de banho na Nile Street, com o nome de Pinder, Bourne & Co. E seu sócio John Hope, se associa a John Carter na fabricação de louça em Fountain Place Works, com o nome Hope & Carter.

A nota acima é corroborada por Jervis (1896, p. 28) a fábrica:

⁶⁸ Ver em <http://www.thepotteries.org/allpotters/800a.htm>.

⁶⁹ Ver Jornal London Gazette sobre a dissolução da sociedade de Pinder, Bourne & Hope, em 14 de janeiro de 1862.

Pinder, Bourne & Co. durou dez anos e foi dissolvido por mútuo consentimento em 1861. Eles fundaram duas fábricas, Fountain Place e Nile Street. Meu pai e Sr. Bourne formaram a sociedade Pinder, Bourne & Co. e foi para Nile Street, onde focou no comércio com as Colônias e com a América do Sul. (JERVIS, 1896, p. 28)

A inserção no mercado externo ocorre não apenas nas Colônias inglesas nem na América do Sul, como afirma Jervis, mas se expande até a América do Norte como se observa abaixo, na imagem B, onde se identifica uma guia, o período de utilização do selo corresponde ao período entre 1862 e 1882, entretanto o selo com águia foi utilizado antes entre 1851 e 1862, como visto nas imagens.

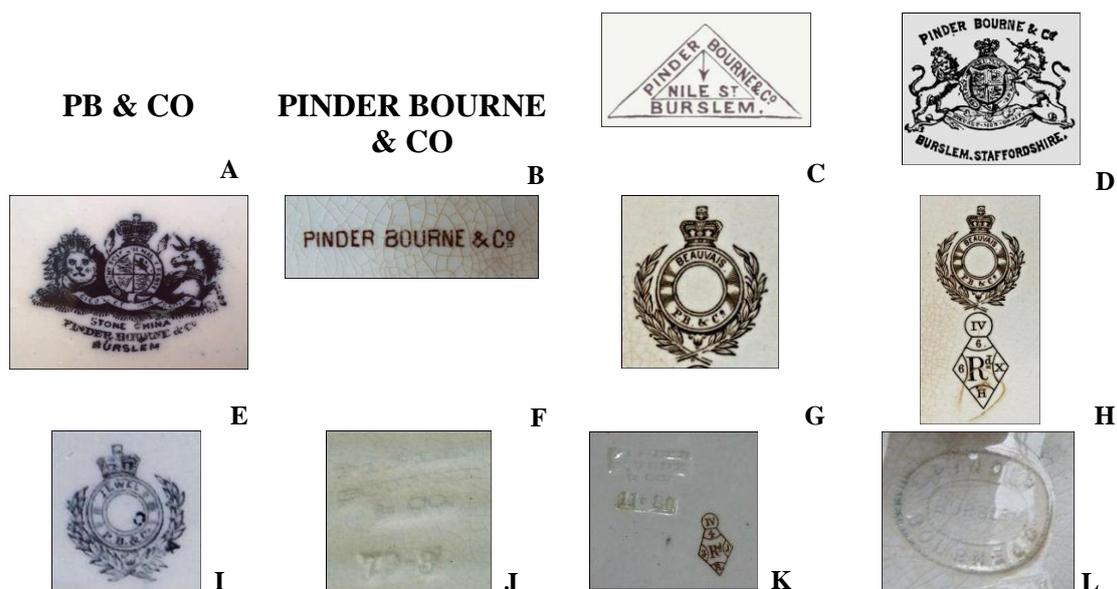
Figura 58 - Fragmentos de louça com os selos da Fábrica PINDER, BOURNE & CO



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS⁷⁰

Com a dissolução da sociedade entre Pinder, Bourne & Hope, a fábrica muda seu nome para Pinder & Bournier Co. Nos selos abaixo observa-se as mudanças que ocorreram nos vinte anos de funcionamento da fábrica.

Figura 59 - Selos da Fábrica PINDER & BOURNER CO (1862-1882)



Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/800.htm>. Acesso em: 05.05.2020⁷¹

⁷⁰ **Nota:** A Selo com o nome do padrão decorativo (ilegível), com o nome da fábrica no centro do círculo, coroa e folhas de louro inter cruzados; B Selo com uma águia, possivelmente utilizado para exportar para América do Norte.

De acordo com Jervis (1896, p. 28) a fábrica:

Pinder, Bourne & Co. durou dez anos e foi dissolvido por mútuo consentimento em 1861. Eles fundaram duas fábricas, Fountain Place e Nile Street. Meu pai e Sr. Bourne formaram a sociedade Pinder, Bourne & Co. e foi para Nile Street, onde focou no comércio com as Colônias e com a América do Sul. (JERVIS, 1896, p. 28)

Ainda segundo Jervis (1896, p. 28) “O Sr. Hope acolheu um Sr. Carter e se autodenominaram Hope e Carter e continuaram no Fountain Place obras, atendendo ao comércio doméstico”. A fábrica funcionou até 1882, entretanto passou por mudanças entre elas, sua falência que ocorreu em 1877, de acordo com Jervis (1896, p. 28) “meu pai tendo morrido em 1867, o Sr. Bourne deixou a empresa após sua morte. Doultons eram velhos amigos nossos, e meu irmão, Thomas Shadford Pinder, os influenciou a ir em negócios com ele para fazer produtos finos, o que eles fizeram em 1877.” De 1877 a 1882 a fábrica funcionou com o nome Pinder & Bourne Co.

De acordo com Jervis (1896, p. 28) no ano de 1882 a fábrica deixa de funcionar “A parceria durou até 1881, quando meu irmão se aposentou e o nome da empresa foi alterado para Doulton & Co. O Sr. Bailey tem sido seu gerente desde então e, para seu crédito, disse, trouxe este ramo do negócio ao seu alto padrão atual”. Dessa forma, a fábrica deixa de funcionar com o nome Pinder & Bourner Co e passa a ser Doulton & Co.

2.1.2.6.2 *Davenport*

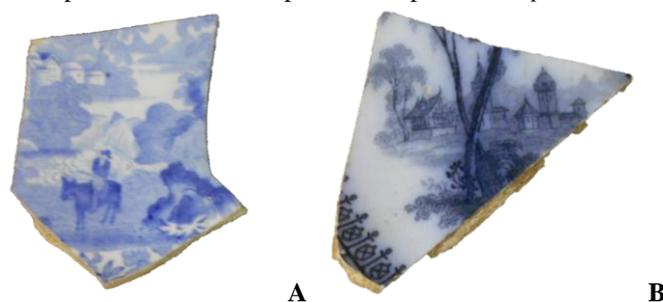
A trajetória da família *Davenport* como ceramista se inicia em 1785, quando John *Davenport* entra para o quadro de operários de Thomas Wolfe, em Stoke, e depois torna-se sócio. Em 1794, John adquiriu sua fábrica de cerâmica em Longport. Após a aposentadoria de John *Davenport*, em 1830 a fábrica passa a ser administrada por seus

⁷¹ **Nota:** **A** – Selo com as inscrições PB & CO; **B** Selo com as inscrições “PINDER BOURNE & CO”; **C** Selo com as inscrições Pinder, Bourne & Co, NILE ST. e Burslem; **D** Selo com as armas reais e as inscrições – nome da fábrica, cidade de Burslem, Staffordshire; **E** Selo com as armas reais e as inscrições – nome da fábrica, cidade de Burslem e a pasta Stone China; **F** Selo com as inscrições impressa Pinder Bourne & Co; **G** Selo com o padrão decorativo Beavuais e o nome da Fábrica inseridos dentro de um círculo e com folhas de louro inter cruzados; **H** Selo com o padrão decorativo Beavuais e o nome da Fábrica inseridos dentro de um círculo, com folhas de louro inter cruzados, e outro selo com diamante com a data de produção 6 de abril de 1868; **I** Selo com o padrão decorativo Beavuais e o nome da Fábrica inseridos dentro de um círculo, com folhas de louro inter cruzados; **J** Selo impresso com o nome da Fábrica Pinder, Bourne & Co e a numeração 79-3; **K** Selo impresso com o nome da Fábrica Pinder, Bourne & Co e a numeração 11-80, e ainda o selo do diamante com a data de produção 4 de agosto de 1880; **L** Selo gravado em relevo com o nome da Fábrica e a cidade onde ela produzia louça, inseridos dentro da faixa em formato oval .

filhos Henry e William, até 1835 quando passa a Henry e, após seu falecimento William assume a empresa da família, a fábrica passa a ser William Davenport & Co. Com a morte de William, em 1869, a empresa passa a ser gerenciada por seu filho Henry (neto de John *Davenport*) administrando até 1887. Em 1881, a fábrica tornou-se *Davenport's Ltd.*, em 1887 declaram falência.

Foram produzidos alguns padrões decorativos, destacam-se entre eles: o chinoseire, em especial o willow pattern. Outros padrões foram produzidos, entre eles: românticos e florais, como observa-se abaixo.

Figura 60 - Fragmentos de padrões decorativos produzidos pela *Davenport*.



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS⁷²

Na imagem acima observa-se dois fragmentos, sendo o primeiro com cenas bucólicas em *transfer print* na cor azul claro, o segundo com cenas orientais na cor azul escura, ambos em faiança fina. É importante ressaltar que a fábrica produzia faiança em grande quantidade, e ainda faiança fina em *transfer print* e *ironstone*. Observa-se o emprego da cor azul, que variam entre claro e escuro em seus padrões decorativos.

Na imagem abaixo, observa-se diferentes selos com elementos que se assemelham, entre eles o uso da âncora, principalmente gravadas em alto ou baixo relevo, e ainda selos impressos e gravados.

Figura 61 - Selos da Fábrica *Davenport* impressos e gravados

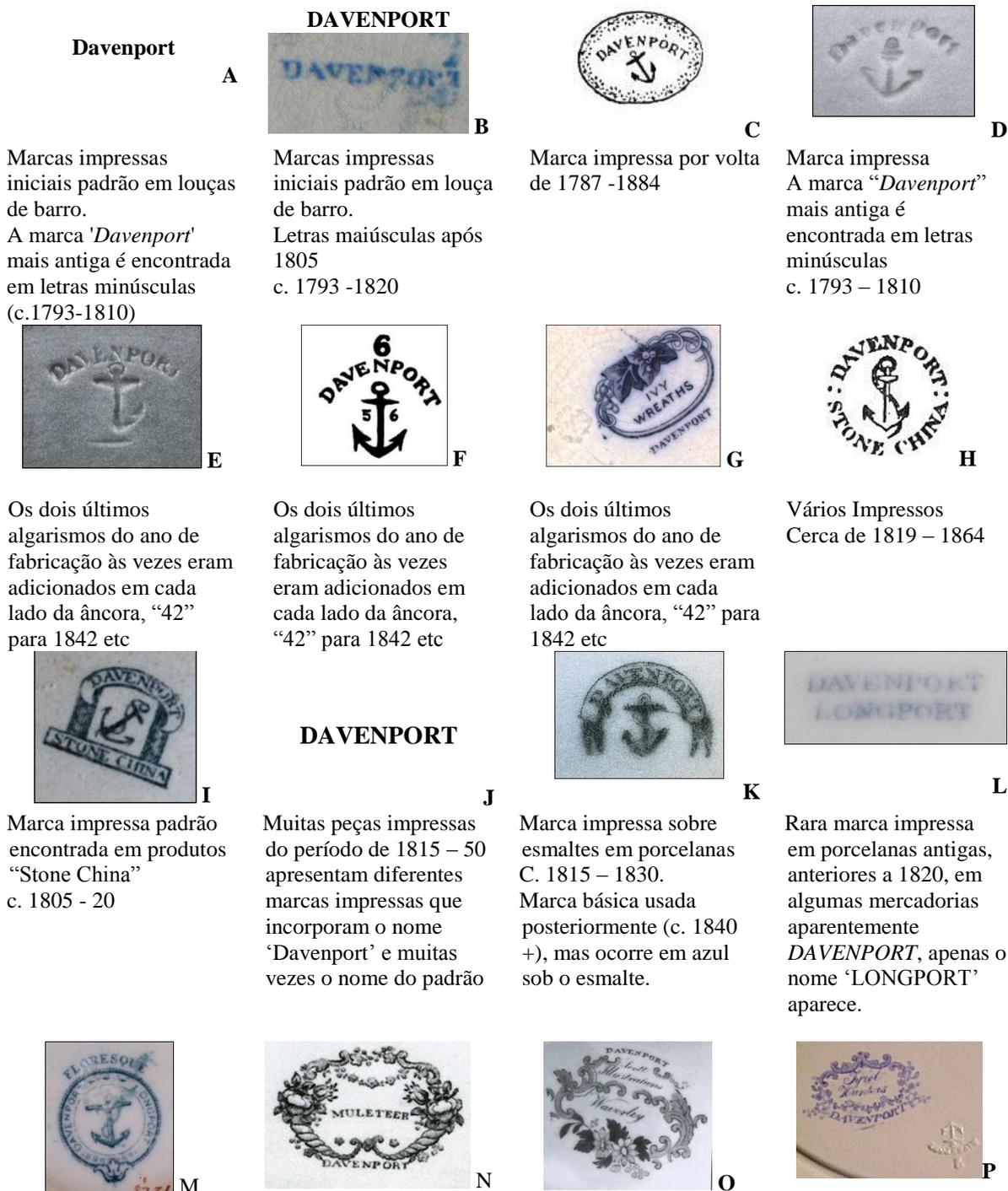


Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS⁷³

⁷² **Nota A** Fragmento de prato em *transfer print* na cor azul **claro**; **B** Fragmento de um prato com elemento chinês e na cor azul cobalto.

Na imagem abaixo observa-se outros selos utilizados, durante o período de funcionamento da fábrica.

Figura 62 - Selos da Fábrica *Davenport* utilizados entre 1793 e 1886.



⁷³ **Nota:** A Selo com uma âncora gravada com as inscrições de dois números que indicam o período de produção da peça e o nome *DAVENPORT* e ainda um número embaixo da âncora; B Selo com uma âncora gravada com as inscrições do nome *DAVENPORT* e ainda um número embaixo da âncora; C Dois selos, sendo um impresso com o nome do padrão decorativo e outro gravado com uma âncora.

**R**

Marca impressa rara
c. 1830 - 40

**S**

Marca impressa padrão
C, - 1870 -86

Fonte <http://www.thepotteries.org/mark/d/Davenport.html> Acesso em: 05.05.2020⁷⁴

2.1.2.6.3. Baker & Co

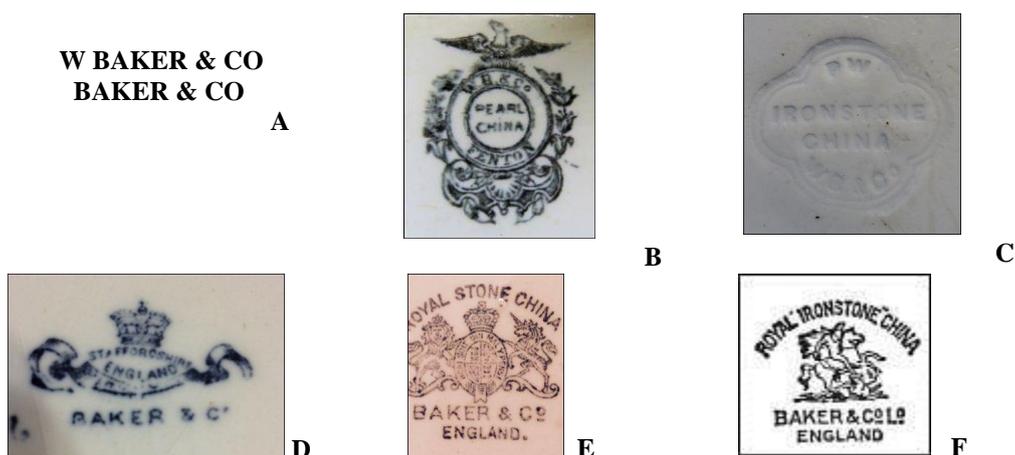
A trajetória da fábrica inicia em 1790, com Market Place e Victoria Road, situada em Fenton, Stoke-on-Trent. Fundada por Ralph Bourne e William Baker, com o nome “Bourne & Baker”.

No ano de 1833, a fábrica passa por mudanças, após a morte de John Bourne e William Baker, a sociedade é dissolvida e Ralph Bourne, William Baker e John, passam a administrar a empresa. Seis anos depois, em 1839, William Baker torna-se o único a gerenciá-la sozinho, mas isso não quer dizer que a sociedade se dissolveu.

O negócio foi posteriormente realizado como William Baker and Company, fabricantes de produtos em granito impresso, esponjado e branco perolado para exportação. Alguns selos foram usados durante o período de funcionamento da fábrica, mas isso não quer dizer que sejam os únicos, como observa-se abaixo.

⁷⁴ **Nota:** **A** Marcas impressas iniciais padrão em louças de barro. A marca 'Davenport' mais antiga é encontrada em letras minúsculas (c.1793-1810); **B** Marcas impressas com letras maiúsculas após 1805. c. 1793 -1820; **C** Marca impressa por volta de 1787 -1884 **D** Marca impressa com o nome da fábrica “Davenport” mais antiga é encontrada em letras minúsculas. c. 1793 - 1810 **E, F e G** Os dois últimos algarismos do ano de fabricação às vezes eram adicionados em cada lado da âncora, “42” para 1842 etc; **H** Vários Impressos Cerca de 1819 - 1864 **I** Marca impressa padrão encontrada em produtos “Stone China” c. 1805 – 20; **J** Muitas peças impressas do período de 1815 – 50 apresentam diferentes marcas impressas que incorporam o nome ‘Davenport’ e muitas vezes o nome do **K** Marca impressa sobre esmaltes em porcelanas C. 1815 – 1830. Marca básica usada posteriormente (c. 1840 +), mas ocorre em azul sob o esmalte. **L** Rara marca impressa em porcelanas antigas, anteriores a 1820, em algumas mercadorias aparece o nome *DAVENPORT*, apenas o nome ‘LONGPORT’ aparece; **M** Nome *DAVENPORT* no centro com uma âncora no centro; **N** e **O** Nome *Davenport* e do padrão decorativo; **P** Dois selos, um com o nome do padrão e da fábrica, outro com a âncora e os dígitos do ano de produção; **Q** Marca impressa rara c. 1830 – 40; **R** Marca impressa padrão C, - 1870 -86.

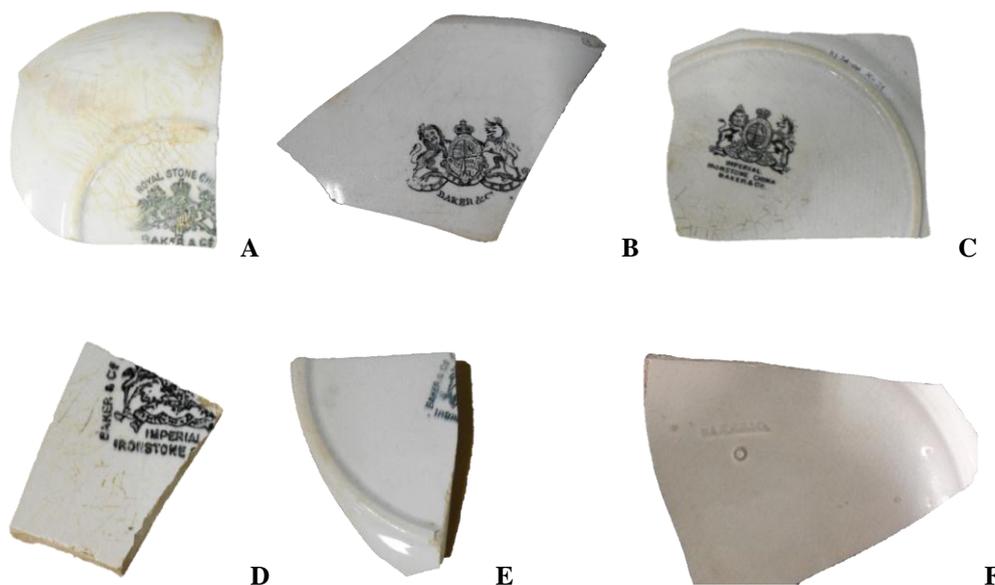
Figura 63 - Alguns selos usados pela Fábrica Baker & Co.



Fonte: <http://www.thepotteries.org/mark/b/bakerw.html> Acesso em: 05.05.2020⁷⁵

Os selos acima são apenas alguns identificados, como pode-se observar na imagem abaixo.

Figura 64 - Selos da Fábrica Baker & Co, utilizada entre 1839 e 1893



⁷⁵ **Nota:** **A** Nome da fábrica impresso. A partir de 1860, o nome do padrão é frequentemente incluído, em 1893 foi adicionado "Ltd"; **B e C** As marcas impressas aparecem no mesmo prato. A marca provavelmente foi utilizada para atender o mercado americano, isso se deve pelo uso da águia no topo da marca impressa. O "PW" impresso é provável para PEARL WARE (utilizado por vários ceramistas para indicar o esmalte utilizado) c.1839-60; **D e E** As marcas têm a inscrição "ENGLAND" que foi inserido nas mercadorias inglesas após 1891 e a inscrição "LTD", foi adicionada à Baker ware em 1893; **F** Selo utilizado entre c.1893-1928.



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS⁷⁶

No censo de 1851, William Baker também se descrever como “Joint Coal Proprietor”, adquiriram 18 acres de terra no lado sul da Fenton House, que pertencia à Lane End Chapel. Na área adquirida foi aberta uma mina que forneceu carvão para fábrica W. Baker & Co e outras fábricas de cerâmica da região. Próximo a mina foi aberta uma olaria, a mesma cresceu aos cuidados de William Baker. Em meados do século XIX a empresa possuía em seu quadro cerca de 500 funcionários, sendo a maior de Fenton.

Alguns produtos fabricados pela empresa foram selecionados pelo Comitê de Cerâmica de Staffordshire para expor na Exposição Universal de Paris de 1855, como pode-se observar do catálogo da produzido para a referida exposição.⁷⁷ A fábrica Baker & Co produzia artigos em diferentes tipos de cerâmica voltados ao consumo das colônias e dos mercados estrangeiros.

Figura 65 - Nota do Jornal The Pottery Gazette sobre a Fábrica Baker & Co



Manufatura

Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/48.htm> Acesso em: 05.05.2020

⁷⁶ **Nota:** **A** Selo com a inscrição Royal Stone China, Armas reais impressas e o nome da fábrica; **B** Selo com as Armas reais impressas e o nome da fábrica **C** Selo com a inscrição Imperial Ironstone China, Armas reais impressas e o nome da fábrica **D** Selo com a inscrição Imperial Ironstone China, Armas reais impressas e o nome da fábrica **E** Selo com a inscrição Imperial Ironstone, Armas reais impressas e o nome da fábrica **F** Nome da Fábrica gravado em baixo relevo **G** Selo com um a inscrição do padrão decorativo Willow e o nome da fábrica em azul; **H** Selo com um a inscrição do padrão decorativo Willow e o nome da fábrica em azul **I** Selo em formato de círculo com o nome da fábrica e o nome do padrão IVY no centro.

⁷⁷ **Ver em** <http://www.thepotteries.org/allpotters/48.htm> Acesso em: 05.05.2020.

No anúncio acima, a Fábrica Baker & Co informa fabricam e comercializam granito branco, estampado e todo tipo de faiança adequada para o mercado colonial e estrangeiro, localizada nas Fenton Potteries, em Staffordshire, e em Orange Court, Castle Street, Liverpool.

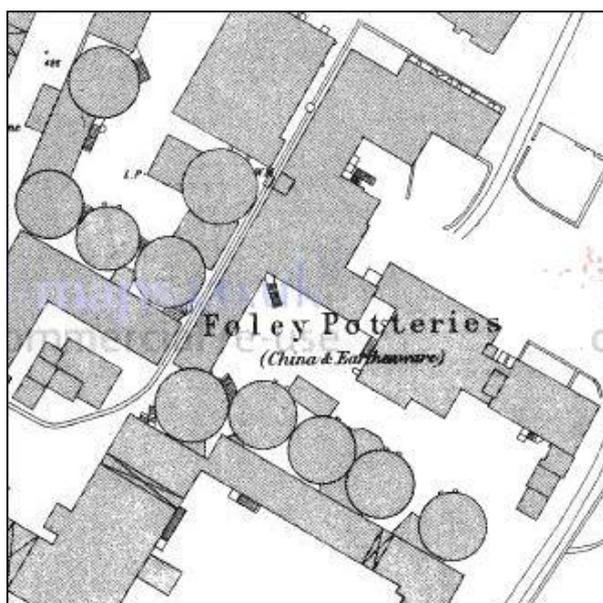
2.1.2.6.4. J. F. Wileman

A Fábrica J.F. Wileman foi fundada em 1856, quando Henry Wileman assume a empresa após a aposentadoria de John King Kinght. Com a morte de Henry, em 1864, a fábrica passa a ser administrada pelos seus filhos James e Charles, passando a ser chamada de J & C Wileman. Em 1868, Charles se aposenta e a sociedade é dissolvida. James assumi as duas olarias. E no mesmo ano a fábrica mudou para James F. Wileman.

Outra mudança ocorre em 1872, quando Joseph B. Sherley (Shelley ingressou no negócio em 1862, como caixeiro-viajante sob o pai de James, Henry Wileman). Se torna sócio de Wileman, e a fábrica passa a ser Wileman & Co. Em 1885 James se aposenta, apenas em 1892 a fábrica deixa ser Wileman & Co.

Na imagem abaixo observa-se a área ocupada pela Fábrica Wileman, em 1879. A Fábrica de cerâmica Foley produzia faiança fina e porcelana.

Figura 66 - Mapa da Fábrica Foley Potteries, em 1879.

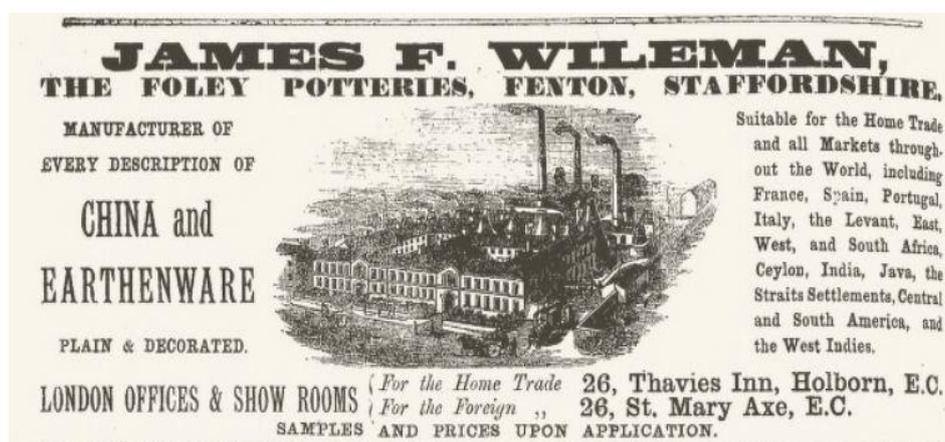


Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/1082.htm> Acesso em: 05.05.2020

Na imagem acima, apresenta uma planta da fábrica de cerâmica Foley Potteries e destaca sua produção de louça (China) e faiança (earthenware) com e sem decoração. Embora o anúncio se refira a faiança de forma mais abrangente, a fábrica produzia faiança fina também. De acordo com Brancante (1982, p. 133) “a palavra CHINA no vocabulário inglês tem dois significados, no cerâmico designa louça e no geral, nação”. Nesse caso, o uso da palavra CHINA está relacionado a cerâmica, nesse caso, a louça. Que segundo Pileggi (1958, p. 194) compreende “todos os produtos manufaturados todos os produtos manufaturados de cerâmica, compostos de substâncias minerais, sujeitas a uma ou mais queimas”.

Na imagem abaixo, o anúncio enfatiza o nome comercial da fábrica, e abaixo o nome da cerâmica que a produz. O nome da cerâmica não aparece no selo da fábrica, apenas o nome comercial. Além da descrição do tipo de cerâmica que era produzida, ainda apresenta todas as informações pertinentes aos consumidores, sendo casas comerciais, representantes comerciais e demais compradores interessados. Outro ponto importante é que os produtos eram encontrados nos escritórios em Londres e em show rooms.

Figura 67 - Anúncio da Fábrica James F. Wileman, publicado no Jornal The Pottery Gazette



⁷⁸Fonte <http://www.thepotteries.org/allpotters/1082.htm>. Acesso em: 20. 01. 2022.

O anúncio acima, publicado pelo jornal The Pottery Gazette informa, acerca dos produtos fabricados pela fábrica e que era voltado, tanto para comércio interno quanto para o mercado externo. Algumas estratégias pelas fábricas foram amostras de seus produtos em catálogos, anúncios em jornais e nas Exposições Universais. No caso

⁷⁸ **Nota:** Anuncio da Fábrica James F Wileman, localizada em The Foley Potteries, Fenton, publicada no jornal The Pottery Gazette, em 2 de fevereiro de 1880.

do anúncio acima, destaca que a fábrica dispõe de amostras e que seus preços podem ser consultados.

Figura 68 - Anúncio da Fábrica James F. Wileman, Publicada no Jornal The Potteries Gazzete.



<http://www.thepotteries.org/allpotters/1082.htm>. Acesso em: 20. 01. 2022.⁷⁹

Na imagem abaixo uma nota sobre a dissolução da sociedade James Frederick Wileman e Joseph Ball Shelley,

Figura 69 - Nota publicada no Jornal London Gazette, 20 de janeiro de 1885.

NOTICE is hereby given, that the Partnership heretofore subsisting between the undersigned, James Frederick Wileman and Joseph Ball Shelley, carrying on business as China Manufacturers, at the Foley China Works, Fenton, in the county of Stafford, under the style or firm of Wileman and Co., has been dissolved, by mutual consent, as from the 25th day of December last, so far as relates to the said James Frederick Wileman; and that the business of China Manufacture will in future be carried on by the undersigned, Joseph Ball Shelley, under the said style of Wileman and Co., by whom the outstanding assets and liabilities of the late firm will be collected and discharged.—Dated this 15th day of January, 1885.

*James F. Wileman.
J. B. Shelley.*

Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/1082.htm>⁸⁰

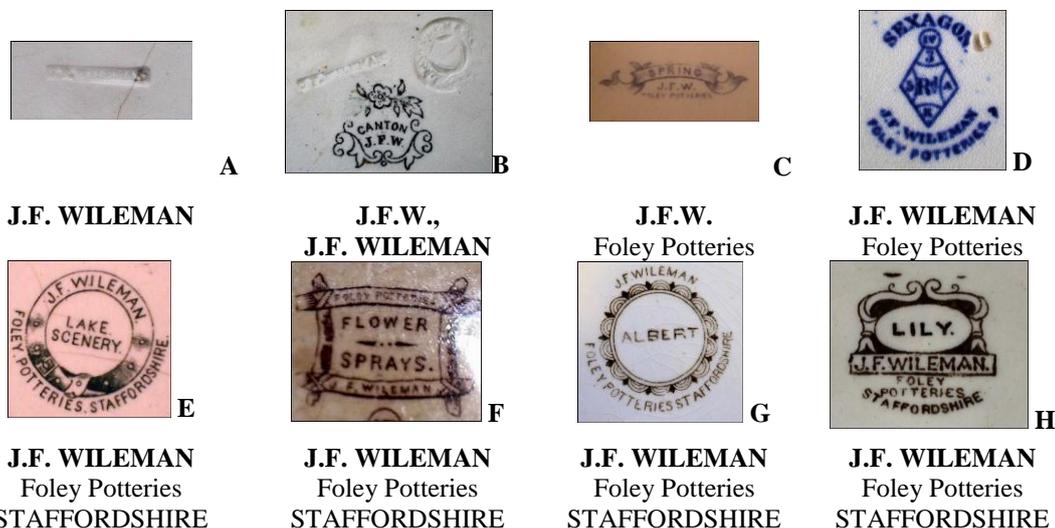
A nota acima trata da dissolução da sociedade entre James Frederick Wileman e Joseph Ball Shelley, iniciada em 1872, e que foi findada ‘por mútuo consentimento’ dos sócios. A sociedade consistia na produção de ‘China’, em Foley China Works, a empresa foi registrada como Wileman & Co, e permaneceu com o mesmo nome até 1892. Os negócios da fábrica passam a ser administrados por Joseph Ball Shelley. O

⁷⁹ **Nota: Anúncio da fábrica** James F Wileman, The Foley Potteries, localizada em Fenton. Publicada no The Pottery Gazette, American and Canadian Edition, 1º de janeiro de 1880.

⁸⁰ **Nota:** Nota sobre a dissolução da sociedade entre James F. Wileman e Joseph B. Shelley, publicada no jornal London Gazette, em 20 de janeiro de 1885.

então proprietário ficou responsável pelos ativos e passivos em atraso da fábrica. Durante o período de funcionamento da fábrica foram utilizados os seguintes selos.

Figura 70 Selos utilizados pela Fábrica J.F. Wileman durante seu período de produção.



Fonte: www.thepotteries.org/allpotters/1082.htm⁸¹

O selo abaixo foi utilizado entre 1868 e 1872, período em que o nome comercial da fábrica era J. F. Wileman. O selo impresso informa o nome da fábrica logo abaixo das armas reais.

Figura 71 - Fragmento de uma louça com o selo da Fábrica J.F. Wileman.



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS

No ano de 1884, James Wileman se aposenta, e Joseph Shelley assumi as duas fábricas até 1892, mantendo o nome Wileman & Co. Em 1872, James Wileman também assumi a parceria de Joseph Ball Shelley na fábrica de porcelana e o nome foi alterado

⁸¹ **Nota:** **A** Marca impressa; **B** (IMPRESSOS) e o nome do padrão decorativo 'caton'; **C** 'SPRING' é o nome do padrão decorativo; **D** 'SEXAGON' é o nome do padrão decorativo. O selo em formato de diamante informa o ano de registro do padrão, 1871. A letra 'N' corresponde ao padrão decorativo registrado; **E** 'LAKE SCENERY' é o nome do padrão decorativo; **F** 'FLOWER SPRAYS' é o nome do padrão decorativo; **G** 'ALBERT' é o nome do padrão decorativo; **H** 'LILY' é o nome do padrão decorativo.

para Wileman & Co. Em 1896 Joseph morre e seu filho assume os negócios, Pierce Shelly, havia ingressado nos negócios da família em 1881. Em 1925, a fábrica muda o nome para Shelley's, sendo administrada pelos filhos de Pierce.

2.1.2.6.5. B. W. M & Co

A História da Fábrica Brown-Westhead, Moore & Co, inicia com a história da Cauldon Works, em Hanley foi fundada, em 1802 por Job Ridgeway. Após uma complicada sequência sucessões de sociedades. Em 1859, os sócios William Bates, Thomas Champell Brown-Westhead e William Moore, fundam a Fábrica B W M & Co (Bates, Brown-Westhead & More), localizada em Cauldon Place, em Hanley. Dois anos depois, William Bates se aposenta, com isso a fábrica continuou como Brown-Westhead, Moore & Co., ou TC Brown-Westhead, Moore & Co. Outros sócios foram integrados a fábrica, são eles: James Moore, Robert George Scrivener e Edward Moss.

A dissolução da sociedade entre William Bates, Thomas Champell Brown-Westhead e William Moore foi informada em uma nota publicada no Jornal London Gazzete.

Figura 72 - Nota sobre a dissolução da Sociedade entre os fundadores da Fábrica B. W. M & Co publicada no jornal London Gazette

NOTICE is hereby given, that the Partnership heretofore subsisting between us the undersigned, William Bates, Thomas Chappell Brown Westhead, and William Moore, carrying on business as Manufacturers of China and Earthenware, at Cauldon-place, in the Staffordshire Potteries, under the firm and style of Bates, Brown Westhead and Moore, was this day dissolved by mutual consent as to the said William Bates only.—Dated the 7th day of December, 1861:

William Bates.
T. C. Brown Westhead.
William Moore.

Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/195.htm>⁸²

Neste contexto, Thomas cuidava da parte administrativa e financeira da empresa, e William era responsável pela supervisão a fabricação. Com a morte de William, em 1866, seu irmão James assumiu a gestão da cerâmica.

A empresa se expandiu e adquiriu a Royal Victoria Works em 1872, investindo na produção de peças em grande escala, principalmente naquela cerâmica. No ano de

⁸² **Nota:** Aviso sobre a dissolução da fábrica após a saída de Willam Bates, publicado no Jornal London Gazette, em 10- de dezembro de 1861.

1882, as cerâmicas a Cauldon e a Victoria Works juntas empregavam aproximadamente 1.500 trabalhadores qualificados. Se tornou a maior cerâmica da Inglaterra. Brown-Westhead & Moore comercializaram seus produtos agressivamente na América, incluindo uma grande exibição de majólica na Exposição do Centenário de 1876 na Filadélfia. Para melhorar a qualidade de seus produtos, e torná-los competitivos, a fábrica empregou vários modeladores, entre eles Antoine Boullemier, que foi modelador na empresa de Thomas Minton.

Em uma breve análise do anúncio publicado no jornal *The Pottery Gazette*, American and Canadian Edition, observa-se no campo superior esquerdo a inscrição: “Fabricantes por nomeação especial para sua majestade Rainha Victoria” e, ainda as armas reais; também na parte superior, central, há imagens que se assemelham a moedas ou medalhas que destacam a participação da empresa nas Exposições Universais; no campo superior direito observa-se uma medalha de ouro na Exposição Universal de Paris, 1878. Já no campo central da imagem, destaca-se o nome da empresa; na parte inferior do anúncio destaca-se nos campos direito e esquerdo, a localização dos shows rooms, onde se poderia encontrar seus artigos; no centro, descreve os artigos produzidos pela empresa, sendo eles porcelana, faiança, maiólica, azulejos e vasos sanitários de cerâmica sob sanção do conselho de saúde, e ainda a localização da fábrica.

Figura 73 - Anúncio da Fábrica Brown-Westhead, Moore & Co, Publicado no Jornal *The Pottery Gazette*, American And Canadian Edition



Fonte: http://www.thepotteries.org/descriptive_account/10.htm Acesso em: 05.05.2020⁸³

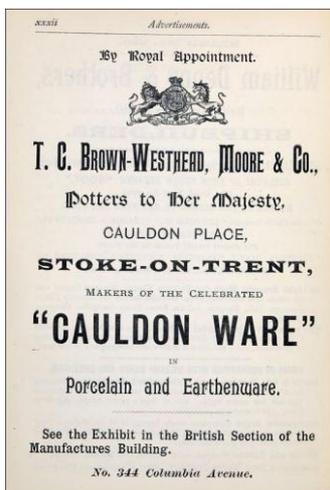
A produção da fábrica era voltada tanto para o mercado interno como o externo, se especializando mais em produtos voltados para exportação, principalmente na América. Com o crescimento na produção e o investimento na qualidade de seus artigos, proporcionaram sua participação nas Exposições Universais Filadélfia (1876),

⁸³ **Nota:** Anúncio publicado no *The Pottery Gazette*, American and Canadian Edition, 1º de janeiro de 1880.

Paris (1878) e Paris (1889). Destacando a Exposição Internacional de Paris, em 1878, quando a empresa ganhou a medalha de ouro.

A participação da fábrica em exposições, é observada abaixo, em um anúncio publicado no Catálogo da Exposição de Chicago, em 1893.

Figura 74 - Anúncio da Fábrica no Catálogo para a 'World's Columbian Exposition' de 1893, Chicago.



Fonte: http://www.thepotteries.org/descriptive_account/10.htm Acesso em: 05.05.2020

No anúncio acima, convida aos visitantes que “Vejam a Exibição na Seção Britânica no Prédio de Manufaturas”, destaca os artigos produzidos na Cauldon Ware, porcelana e faiança. Ressalta ainda, que as cerâmicas produzidas foram para rainha. A circulação de tais artigos é observada no fragmento da peça abaixo, através do selo usado pela fábrica.

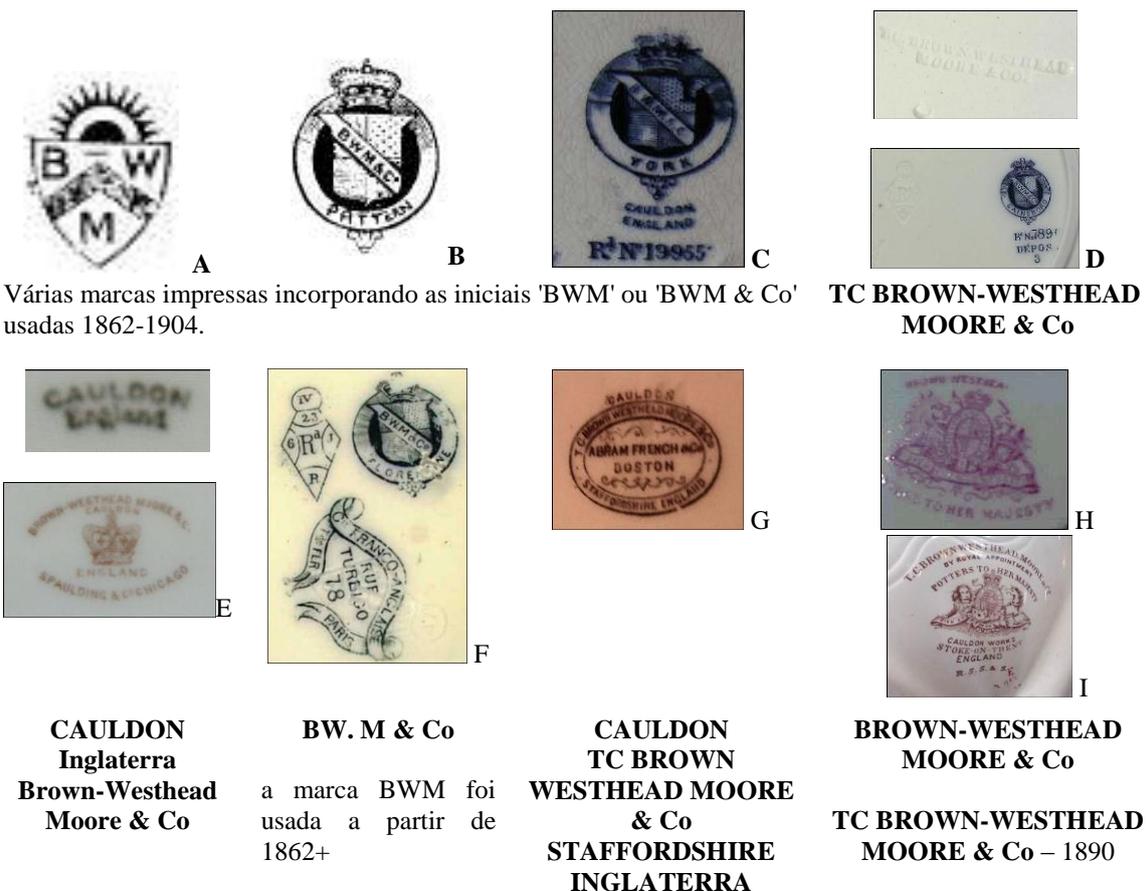
Figura 75 - Fragmento de um prato com o selo da Fábrica B W M & Co



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS

A fábrica utilizou outros selos durante o seu período de funcionamento. Como se observa abaixo.

Figura 76 Selos utilizados pela Fábrica B.W.M & Co durante seu período de produção.



Fonte: www.thepotteries.org/mark/b/brown.html ⁸⁴

2.1.2.6.6. Johnson Bros

Os Irmãos Johnson's, Alfred, Frederick, Henry e Robert, eram descendentes de uma das famílias mais conhecidas de ceramista, a família Meakin. No ano de 1882, a fábrica J.W. Pankhurst & Co, localizada na Charles Street Works decreta falência e é adquirida pelos irmãos Alfred e Frederick Johnson, eles assumem os negócios em 1883

⁸⁴ **Nota:** **A, B e C** O nome completo da empresa também foi utilizado. O número de registro 19955 indica que o padrão foi registrado pela primeira vez em 1892; **D** Marca impressa 1862+, GAINSBORO é o nome do padrão; **E** Henry A. Spaulding era mais conhecido como tesoureiro do Comitê Americano para a Estátua da Liberdade. Spaulding foi um joalheiro que primeiro trabalhou para Marshal Fields em Chicago e depois para Tiffany's em Nova York. Ele logo dirigiu a filial da Tiffany em Paris. Foi lá que decidiu abrir sua própria empresa, Spaulding & CO. Chicago, que ficou conhecida em Chicago e em Paris, onde tinha filiais. Essas duas marcas aparecem na mesma placa; **F** O diamante de registro mostra que o padrão 'FLORENTENE' foi registrado em 23 de agosto de 1880. Esta mercadoria foi produzida para uma loja 78 Rue de Turbigo, Paris; **G** Este produto foi produzido para Abram French & Co de Boston, Massachusetts, que vendia porcelana, vidro e louça de barro apresentados em um 'cenário de bom gosto e extraordinariamente luxuoso' em sua nova loja de 1879 a 1885; **H** A marca sem 'INGLATERRA' é provavelmente 1862. A marca com 'ENGLAND' é 1891+ [pequenas variações na redação ocorrem] **I**, Marcas impressas incorporando o brasão real; **G, H e I** A inscrição Por Nomeação Real POTTERS À SUA MAJESTADE Cauldon Works Stoke-on-Trent ENGLAND, aparece em ambos os selos.

Alfred e Frederick assumiram em 1883. Em 1888, o irmão Henry, se torna sócio na administração da fábrica.

Se especializaram na produção de faiança, *ironstone* e louça sanitária, destacando-se na produção de *transfer ware* sob vidro. A empresa expandiu seus negócios para América do Norte, para atender uma demanda crescente, isso se deve ao investimento tanto na qualidade de seus produtos, como em sua divulgação. Tal investimento motivou a fundação de uma fábrica especializada para produção de louça sanitária, inaugurada em 1896, a Trent Pottery, localizada em frente à Eastwood Road e ao Canal Caldon. Instalou outra fábrica de louça sanitária, na Alemanha.

Na imagem abaixo, dois padrões utilizados pela fábrica em suas louças sanitárias.

Figura 77 - Louças sanitárias produzidas pela Fábrica Johnson Bros



Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/607.htm> Acesso em 05.05.2021⁸⁵

A louça sanitária acima iniciou sua produção, pelos Irmãos Johnson, em 1894, no anúncio abaixo, observa-se um anúncio acerca da patente “VICTRION” SYPHONIC CLOSET SUITE, itens que integram o conjunto de louças sanitárias.

⁸⁵ **Nota:** A Padrão decorativo ‘The Puritas’, introduzido no Mercado em 1894; B Padrão decorativo ‘The Progress’, inserido no mercado em 1898. Exemplos de Johnson Bros. washdown closets

Figura 78 - Anúncio referente a Patent "Victrion" Syphonic Closet Suite.



Fonte: http://www.thepotteries.org/mark/j/johnson_brothers.html. Acesso em: 05.05.2021⁸⁶.

No anúncio acima, além da descrição detalhada do produto, do lado esquerdo da imagem, informa as características do produto; no centro, a imagem da suíte de armário sínfônico; e do lado direito o preço que varia se branco, pintado e esmaltada, e ainda com as opções: fechado apenas com saída radial e fechado apenas com saída central S.

Na imagem abaixo, um dos selos utilizados nas louças sanitárias produzidas pela fábrica, embora os nomes *VICTRION* e *INSIGNIS* tenham sido registrados como nomes comerciais da referida empresa.

Figura 79 - Selo com o nome comercial *Victrion*



Fonte: http://www.thepotteries.org/mark/j/johnson_brothers.html. Acesso em: 05.05.2021.⁸⁷

⁸⁶ **Nota:** Suíte de armário sínfônico "Victrion" patenteada da Johnson Brothers

⁸⁷ **Nota:** VICTRION e INSIGNIS eram nomes comerciais registrados. Os números de registro dão uma data registrada de 1893.

Nos dois primeiros selos observa-se o uso das armas reais e o emprego da inscrição *Royal Ironstone China*, no ultimo selo é usado a inscrição *Royal Semi-porcelain* e a coroa.

Figura 80 - Selos da fábrica Johnson Bros, entre 1893 e 1900.



Fonte: http://www.thepotteries.org/mark/j/johnson_brothers.html. Acesso em: 05.05.2021.⁸⁸

Outro selo usado pela fábrica, entre os anos de 1893 e 1900, é observado na imagem abaixo.

Figura 81 - Selo da Fábrica Johnson Bros, entre 1893 e 1900.



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS⁸⁹

Com o crescimento da procura por seus produtos que em 1898, os irmãos eram proprietários de cinco fábricas, sendo elas: Charles Street Works, Imperial Works, Hanley Works & Trent Works - todas em Hanley e a Scotia Road funciona na cidade vizinha de Tunstall, em Stoke-on-Trent.

A expansão dos negócios na América do Norte, motivou Robert Johnson a se mudar para Nova York para gerenciar melhor as atividades comerciais nos EUA. Popularmente conhecida por sua qualidade, durabilidade e preço acessível, a Johnson Brothers se expandia na produção de utensílios de mesa, buscando atender a demanda vinda da América do Norte e dos mercados colônias, exportando uma grande quantidade e variedade de seus artigos de mesa. Na busca por melhorar a qualidade e

⁸⁸ **Nota:** A Selo impresso usado a partir de 1883. Os selos substituíram a [JW Pankhurst & Co](#); B Selo impresso usado entre 1883 – 1913; C Selo impresso, usado após 1900 com uma coroa e a inscrição Royal Semi-porcelana.

⁸⁹ **Nota:** Na parte superior do selo teria a inscrição “Royal Ironstone ware”, abaixo o símbolo da coroa, seguido pelas inscrições “Johnson Bros e England”; selo produzido entre 1893 e 1900.

diversidade de seus artigos, a fábrica utilizou lendas estrangeiras para ilustrar seus produtos, trazendo para seus produtos a história do lugar. Prática utilizada por outras fábricas para se inserirem no mercado externo.

2.1.2.6.7. *Powell & Bishop*

A Fábrica Livesley Powell & Co, foi fundada em 1845 pelos sócios William Livesley, Edwin Powell e Frederick Bishop. A família Livesley era formada por ceramistas, o primeiro Edwin Powell iniciou sua trajetória como aprendiz em Dimmocks e se especializou-se como oleiro, e Frederick Bishop, era formado em direito e responsável pela área financeira da empresa. Eram fabricantes de cerâmica e porcelana, na Stanford Street Works, em Hanley, Stoke-on-Trent.

Foram responsáveis pela produção de uma diversidade de pastas, entre elas: porcelana, parian e ironstone, produziram ainda diferentes técnicas, como a impressão em transferência (impressa, algumas vezes na cor lilás), moldada, pintada e com decoração lustrosa (lustre ware). A fábrica também foi responsável pelo processo de impressão em ouro e cores que produziam um fundo dourado, essa técnica foi patenteada pela fábrica. Assim como outras fábricas, a Livesley Powell & Co produzia seus produtos, tanto para o mercado interno quanto para o externo. Chegando a exportar mais de uma milha de artigos para Nova York e para sua participação na Exposição Universal de 1851, em Londres. Em 1866, a fábrica muda seu nome comercial para Powell Bishop & Co, após a aposentadoria de William Livesley. Os selos abaixo foram utilizados pela fábrica a partir de 1866.

Figura 82 - Selos usados pela fábrica Powell Bishop & Co, entre 1866 e 1878





Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/821.htm> Acesso em: 05.05.2021.⁹⁰

A fábrica Powell Bishop & Co, participou da Exposição Universal ocorrida na Filadélfia, em 1876, nesse período o selo utilizado tinha a marca impressa com as inscrições LP & Co. No selo abaixo observa-se a marca utilizada pela fábrica entre 1866 e 1878. A empresa se especializou fornecer seus artigos a transatlânticos, como é o caso do Brenel's Great Britain e Titanic.

Figura 83 - Selo da Fábrica Powell, Bishop & Co, usada entre 1867 e 1878



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS⁹¹

No ano de 1878, a fábrica passa por outra mudança, dessa vez, com o ingresso de John Stonier, comerciante de porcelana em Liverpool. Chegou a empregar cerca de 400 pessoas. Com a entrada do novo sócio, em 1880, a fábrica passa a ser chamada Powell, Bishop e Stonier. Inere nos selos de sua marca observa-se um chinês sentado sob um guarda-sol ou guarda-sol contendo as palavras *ORIENTAL IVORY* - seu nome para o corpo de barro, conforme a imagem abaixo.

⁹⁰ **Nota:** **A** Marcas com as inscrições P & B, BEST P & B, POWELL & BISHOP, usadas entre 1867 e 1878; **B** Marca impressa, com um caduceu, registrada como marca comercial pela Powell & Bishop em 1876 e utilizadas algumas vezes com as iniciais P&B abaixo dela - a marca também foi usada por parcerias posteriores. **C** Marcas impressas registradas pela Bishop & Stonier - foram continuadas por parcerias posteriores – inscrição com o nome do padrão decorativo ELSIE; **D** Selo com uma coroa e um círculo com as inscrições *Ironstone* China e Powell & Bishop; **E** Selo impresso com a inscrição *Ironstone* China Powell & Bishop, England; **F** Selo impresso com armas reais e a inscrição *Ironstone* China, nome da Fábrica Powell e Bishop – e localização da Fábrica Hanley, Staffordshire.

⁹¹ **Nota** Selo impresso da Fábrica Powell, Bishop, com os símbolos da coroa, círculo, e o nome da pasta com a inscrição *ironstone china*.

Figura 84 - Selo usado pela Fábrica Powell, Bishop & Stonier, a partir de 1880.



Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/821.htm>

O uso de elementos chineses era utilizado por algumas fábricas, tanto nos selos como nos padrões decorativos. Essa era uma estratégia utilizada por elas para se inserirem no mercado interno, mas principalmente no externo.

2.1.2.6.8. *J & G Meakin*

Fábrica de louça de barro doméstico em Hanley, Stoke-on-Trent, Inglaterra. O oleiro James Meakin teve quatro filhos que também eram ceramistas, James, George, Charles e Alfred. James começou a envasar por volta de 1846 como fabricante de cerâmica e porcelana na New Town Pottery, High Street, Longton. Em 1850, ele mudou seu negócio para Cannon Street, Hanley. Em 1851, se afasta dos negócios, devido a problemas de saúde, e seus filhos James e George assumem.

Figura 85 - Fragmento de prato da Fábrica J & G Meakin (1891 +)



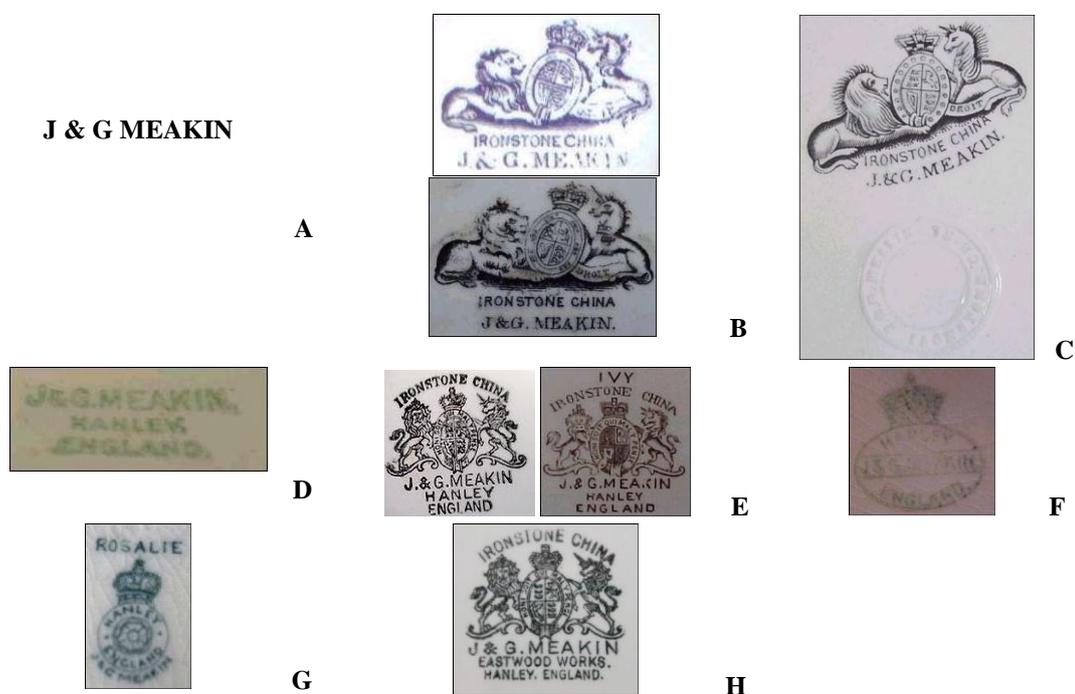
Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS

Os irmãos mantiveram as obras da Cannon Street por um curto período de tempo e, em 1852 eles assumem outra olaria na Market Street, Hanley, onde durante um período de sete anos, construíram uma empresa lucrativa. James era um homem técnico, o oleiro, seu irmão George, sendo o ‘vendido’ gerente de publicidade e viajante.

Percebendo o potencial do negócio de exportação, George foi para América para estabelecer mercado de vendas lá. O mercado consumidor externo cresceu muito e a procura por novos *designs*, padrões decorativos, técnicas de decoração e diferentes tipos de pastas, como o objetivo de se inserir e atender aos consumidores de cerâmica em diferentes lugares do mundo.

Na imagem abaixo, alguns dos selos usados pela fábrica J & G Meakin, entre os elementos utilizados destacam-se as armas reais. O que se percebe é que, embora traga os símbolos adotados pela fábrica, estes não são iguais, como é o caso do leão. Assim, como pode-se observar abaixo

Figura 86 - Selos usados pela Fábrica J & G Meakin



Fonte: http://www.thepotteries.org/mark/m/meakin_jg.html Acesso em: 05.05.2021.⁹²

⁹² **Nota:** **A** Selo impresso com o nome da fábrica; **B** Selo impresso com as inscrições *Ironstone* China - J & G Meakin. Uso das armas reais nas marcas J&G Meakin anteriores a 1890 tinham um leão couchant. As marcas usadas sem foi usado até 1891, com a inscrição ' foi adicionado 1891 em diante; **C** Selo impresso com as inscrições *Ironstone* China - J & G Meakin o Segundo selo é gravado em relevo com a inscrição J & G Meakin - *Ironstone* China; **D** Selo impresso com a inscrição J & G Meakin, Hanley, Inglaterra. A partir de 1890 foi adicionado “ENGLAND”; **E** Selo impresso com as inscrições *Ironstone* China – J & G Meakin –Hanley - Inglaterra. IVY é o nome do padrão decorativo. O selo foi usado a partir de 1890, nele encontra-se as armas reais; **F** Selo impresso usado por volta de 1890; **D** Selo impresso com a inscrição J & G Meakin, Hanley, Inglaterra. A partir de 1890 foi adicionado “ENGLAND”; **E** Selo impresso com as inscrições *Ironstone* China - J & G Meakin –Hanley - Inglaterra. IVY é o nome do padrão decorativo. O selo foi usado a partir de 1890, nele encontra-se as armas reais; **F** Selo impresso usado por volta de 1890; **G** Selo impresso com as inscrições Hanley, Inglaterra, J & G Meakin-ROSALE

Após seu sucesso, eles encomendaram novos trabalhos atualizados nos arredores de Hanley, e em 1859, a Eagle Pottery, foi aberta ao lado do Canal Caldon. James Meakin morreu em 1885 e o negócio foi continuado por seu irmão George. Em 1890, a fábrica foi incorporada como uma empresa limitada sob nome de J & G Meakin Ltd. Em 1891, George Meakin morreu em 1885 e seu negócio foi continuado por seu irmão George Eliot Meakin (filho de George Meakin), de 1891 a 1927 e depois pelo Bernard Meakin (filho do irmão de George, James) de 1927 até sua aposentadoria em 1955.

2.1.2.6.9. Wood & Son

Thomas Francis Wood é membro de uma das mais antigas fábricas de ceramistas da Inglaterra, sendo a quinta geração de oleiros. A família inicia sua trajetória com os irmãos Moses, Aaron e Ralph, em meados do século XVIII, e por mais de dois séculos a família Wood se destacou na produção de cerâmica.

Em 1865, é fundada por Absolom Wood, tornando-se sócio sênior e fundador da empresa Wood, Son & Co, situada entre Rushton Road e Elm Street, conhecida como Villa Pottery, em Cobridge. Teriam criado a fábrica, após o fim da Guerra Civil Americana com o objetivo de se inserir no mercado americano com seus produtos cerâmicos.

Figura 87 - Selos usados pela Fábrica Wood & Son



Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/821.htm> Acesso em: 05.05.2021⁹³.

é o nome do padrão decorativo, usado a partir de 1890; H Selo impresso usado entre 1890 e 1907, com a marca especificamente da cerâmica Eastwood Works.

⁹³ **Nota:** A Marca produzida entre 1865 e 1907; B Provavelmente um selo impresso da Fábrica Wood & Son, Selo impresso com o uso do 'nó de Staffordshire' e o nome "Seaforth" corresponde a um padrão decorativo utilizado s, a adição de "ENGLAND" ocorreu, possivelmente após 1891; C Marca impressa

O seu quadro de funcionários empregava cerca de 100 a 130 empregados. Em 1889 Absolom Wood morre e o filho de Thomas, Harry Francis Wood passa a compor o quadro de sócios da fábrica.

Figura 88 - Selo da Fábrica Wood & Son, utilizado entre 1891 e 1907



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS

O Selo acima foi usado entre 1891 e 1907, possui no centro as armas reais, e a inscrição com o nome da fábrica e sua localização.

Em 1877 Thomas Francis Wood, ou T.F. como foi chamado posteriormente, junto com seu irmão William, adquiriu um terreno em Navigation Road, que ficou conhecido como New Wharf Pottery. Em 1879, a Trent Pottery, foi adquirida, a Pottery Villa foi transferida para o local adicional.

Em 1889, em 27 de junho, Absolom Wood falece, e seu filho mais velho Thomas assume como prefeito de Burslem. A Fábrica Wood & Sons Ltd. foi finalmente fundada, provavelmente em 1910, sendo Thomas Wood o principal proprietário de uma firma que empregava cerca de 1000 pessoas.

2.1.2.6.10. *Bridgwood & Son*

A trajetória da fábrica Bridgwood & Son inicia em Longton , Stoke-on-Trent Inglaterra, por volta de 1795 a 1799 quando Samuel Bridgwood e seu cunhado, Richard Johnson, fundam a fábrica Johnson & Bridgwood, em Market Street Works em Lane

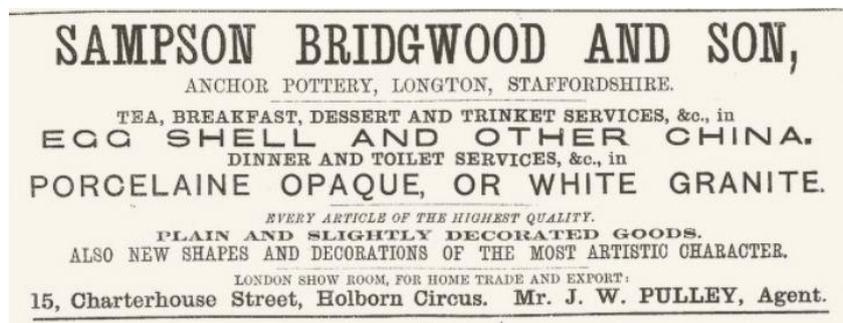
com o 'nó de stafforshire', utilizado entre 1891 e 1907 (com adição de "& SON"), observa-se na marca "Sylvan" que corresponde ao padrão decorativo e ainda o número registrado como data de 1886, no entanto, a adição de "ENGLAND", ocorreu, possivelmente após 1891; **D** Selo impresso com as armas reais e a inscrição Wood & Son, utilizado entre 1891-c.1907 (com "& SON") marcas semelhantes (incorporando o Royal Arms) foram usadas com "& SONS" e "& SONS LTD"; **E** Selo impresso com uma coroa e a inscrição Wood & Son 1891-c.1907 (com "& SON") marcas semelhantes foram usadas mais tarde "& SONS" de c.1907 "Ltd" de c.1910 **F** Selo impresso com uma coroa e com a inscrição Wood & Son, utilizada 1891-c.1907 (com "& SON") marcas semelhantes foram usadas mais tarde "& SONS" de c.1907 "Ltd" de c.1910.

End. Em 1799 a sociedade é dissolvida, e em 1805, Samuel morre e sua viúva, Kitty Bridgwood, assume os negócios. Onze anos depois ela adquire a fábrica de seu irmão Richard Johnson, e em 1820, Sampson assume com a mãe os negócios.

Neste contexto, os negócios prosperam e, em 1841 Sampson já era dono de três fabricas de porcelana. Em um censo realizado em 1851, foram registrados o número de trabalhadores, 115 entre eles 64 homens, 42 mulheres, 24 meninos e 25 meninas. No ano seguinte, Samuel filho de Sampson se torna sócio da fábrica. Em 1853 deu início a construção de uma nova fábrica da família Bridgwood, a mesma ficou conhecida como Anchor Works. Em 1854, a produção permaneceu em Stafford Street Works e iniciou em Anchor Works. O funcionamento das duas fábricas cessou em 1860, quando a produção foi transferida para Anchor Works.

Em 1876, com a morte de Sampson e Samuel, Martha e Mary, irmãs de Samuel. No ano de 1879, os negócios foram continuados por Mary Walter, no ano seguinte seu filho ingressou nos negócios, até que, em 1882 se tornou sócio junto com sua mãe e continuaram a negociar como S. Bridgwood & Son. Na imagem abaixo, observa-se um anúncio da fábrica.

Figura 89 - Anúncio da Fábrica Sampson Bridgwood & Son, em 1880

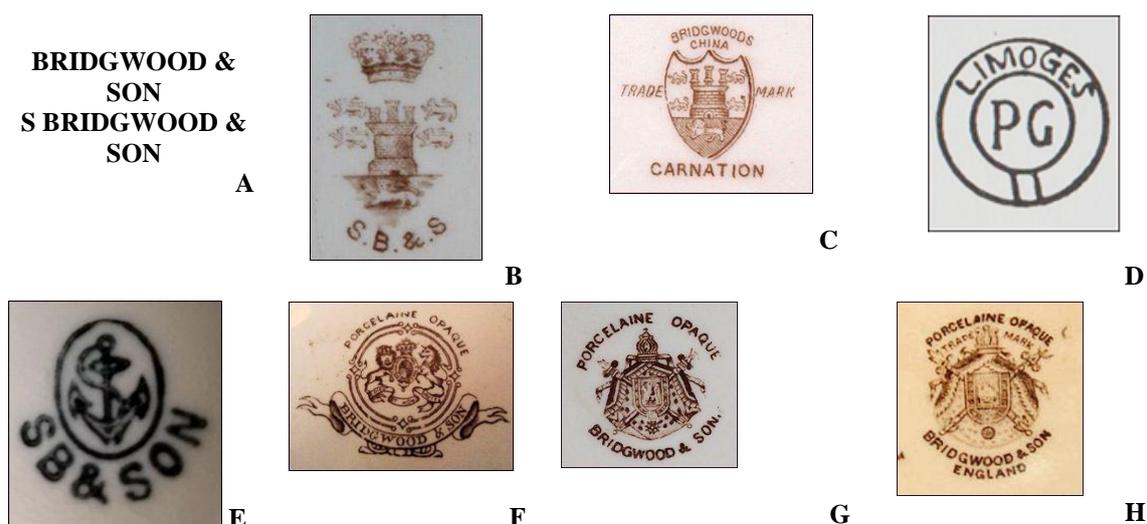


Fonte: <http://thepotteries.org/allpotters/174.htm>. Acesso em: 05.05.2021.⁹⁴

No anuncio acima na superior aparece o nome da fábrica, abaixo a localização, depois os produtos vendidos, são: serviços de chá, café da manhã, sobremesas e bugigangas, entre outros, em casca de ovo e outras, serviços de jantar e higiene, em porcelana opaca e *ironstone*. Observa-se um destaque na qualidade dos artigos que poderiam ser lisos ou decorados. E que havia um *show room* para venda de produtos para o consumo interno e externo. A produção se diferenciava no tipo de matéria prima utilizada para a produção das mercadorias.

⁹⁴ **Nota:** Anúncio da Fábrica Sampson Bridgwood & Son, Anchor, Longton, Staffordshire. Publicado no Jornal The Pottery Gazette, American and Canadian Edition, em 1º de janeiro de 1880

Figura 90 - Selos usados pela Fábrica **Bridgwood & Son**.



Fonte: <http://thepotteries.org/allpotters/174.htm>. Acesso em: 05.05.2021.⁹⁵

Nos selos acima observa-se o uso de “porcelaine opaque” e “semi-porcelain” a fábrica Brgdwood & Son deixou de produzir porcelana, em 1887, entretanto o noem contiou a aparecer nos selos das peças. Assim como o uso de “Limoges” “parisian granite”, para manter a aparencia de louça fina.

No selo abaixo, usado entre 1885 e 1891, aparece a inscrição “Porcelain Opaque”, embora, como mencionado acima, o mesmo foi usado, tanto no período de produção de poreclana pela fábrica como depois de ter parado de produzi-la.

Figura 91 - Selo utilizado pela Fábrica Bridgwood & Son, entre 1885 e 1891.



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS.⁹⁶

⁹⁵ **Nota:** **A** Selos impressos com as inscrições com o nome da fábrica, usadas em meados do século XIX; **B** CSelo com a impresso com a inscrição SB & S e com coroa acima de um castelo e cinco leões, usada a partir de 1853+; **C** Selo impresso com a inscrição CARNATION, nome do padrão decorativo, marca introduzida a partir de 1884, e a inscrição **Bridgwoods China**, a produção da “China” cessou por volta de 1887; **D** Selo impresso com as iniciais PG no centro do círculo interno, e as inscrições Limoges dentro do círculo externo; **E** Marca impressa com uma âncora no centro de um círculo, e a inscrição **SB & SON**; **F** Selo impresso com as armas reais e as inscrições **BRIDGWOOD & SON** e **PORCELAINE OPAQUE**, utilizadas entre 1885 – 1891; **G** Selo impresso com a inscrição **BRIDGWOOD & SON PORCELAINE OPAQUE**, com um brasão, usado entre 1885 e 1891, a inscrição ENGLAND, só passou a ser empregada a partir de 1891; **H** Selo impresso com as inscrições **Porcelain Opaque - Trade Mark - Bridgwood & Son – England**, usada a partir de 1891.

Os negócios passaram por dificuldades, o que motivou a paralização da produção de porcelana, em 1887. Três anos depois, a fábrica foi colocada em liquidação, sendo colocada em leilão, sendo adquirida pelo oleiro John Aynsley que já era dono de fábrica de porcelana, após a sua aquisição deu continuidade à fábrica de Bridgwood, onde eram produzidas faiança e *ironstone*.

2.1.2.7.11. George Jones

A trajetória da Fábrica George Jones & Sons, inicia em 1861, com a história de George Jones. Aos 14 anos, George Jones, iniciou seu aprendizado em cerâmica de Thomas Minton sendo concluído sete anos depois, quando iniciou o trabalho como caixeiro-viajante para Wedwood. Seis anos depois, em 1850, se estabeleceu como comerciante de cerâmica e instalar seu show room na Glebe Street, em Stoke.

George Jones inicia a produção de cerâmica, aproximadamente em 1861, em Brigde Works, Stoke, com o nome comercial George Jones & Co. Com o crescimento da produção, ocorre a aquisição de um terreno de Colin Minton Campell, em 1865 a mudou para Trent Potteries, recém-construída. Na imagem abaixo, observa-se a Trent Potteries.

Figura 92 - Fábrica Trent, de George Jones em Stoke-On-Trent, em 1865.

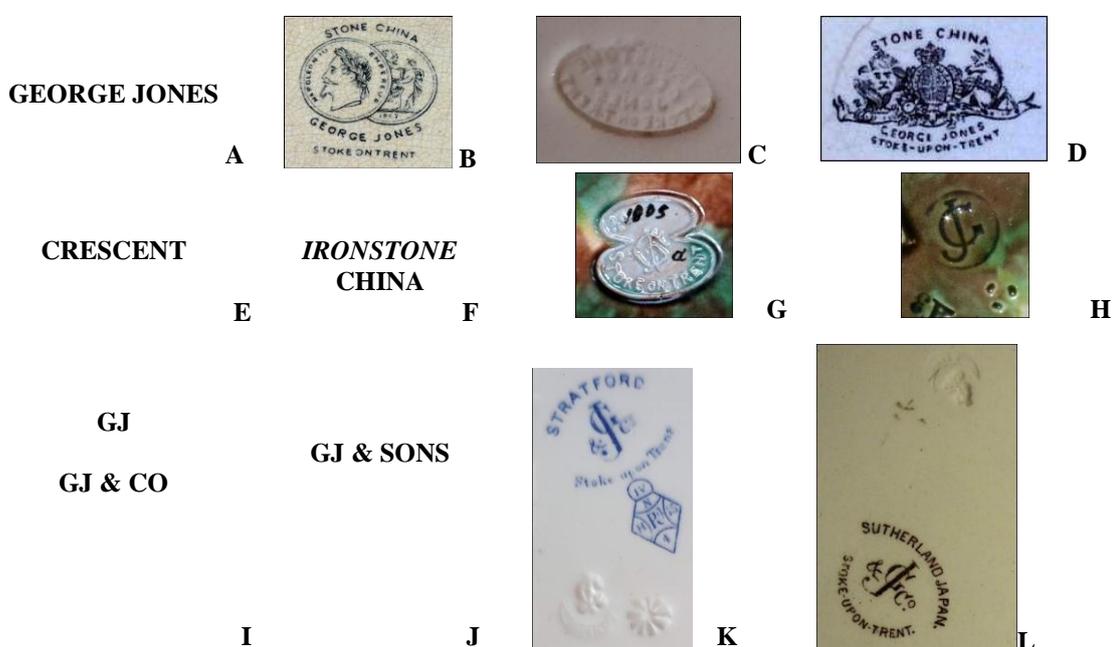


Fonte: <https://etruscanmajolica.blogspot.com/2012/11/majolica-pottery-marks-george-jones.html>. Acesso em: 05.05.2021.

⁹⁶ **Nota** Selo impresso com a inscrição Porcelaine opaque e on nome da fábrica, utilizados entre 1885 e 1891. Após 1891 é inserido “ENGLAND”.

A produção de cerâmica da Fábrica George Jones demorou a ser reconhecida no mercado, pois competia com fábricas como Wedgwood e Mintom. Por isso, houve um investimento tanto na qualidade como no *design* dos produtos. Passando assim a competir diretamente com as citadas fábricas. A partir de 1872 iniciam a produção china ware. A fábrica permaneceu com o nome comercial George Jones & Co e até 1873, quando os filhos mais velhos de George Jones se tornam sócios, Frank Ralph Jones e George Henry Jones. Na imagem abaixo observa-se os selos usados pela George Jones & Co.

Figura 93 - Marcas utilizadas pela Fábrica George Jones & Co (1861 - 1873)



Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/611.htm>. Acesso em: 05.05.2021.⁹⁷

⁹⁷ **Nota** A Selo impresso com o nome da Fábrica GEORGE JONES, utilizado entre 1861 e 1873; B Selo impresso em comemoração a Fábrica George Jones ter ganhado uma medalha na Exposição de Paris em 1867; C Selo impresso com as inscrições *Ironstone - George Jones - Stoke-on-Trent*, utilizado entre 1861 – 1873; D Selo impresso com a inscrição *Stone China - George Jones - Stoke-on-Trent*, utilizado entre 1861 – 1873. Algumas marcas empregam os nomes "Stoke -upon-Trent" e/ou "Stone China"; E Selo com o nome comercial Crescent impresso, o mesmo foi registrado em 1873, embora possa ter sido usado antes dessa data; F Selo impresso com a inscrição *IRONSTONE CHINA*; G Selo com marca moldada de um prato de majólica, com a inscrição *GJ - Stoke-on-Trent* utilizado entre 1861 – 1873. O que chama a atenção aqui é que raramente é encontrada um selo com dois lóbulos em relevo com a inscrição *STOKE ON TRENT* e embaixo as iniciais e o número correspondente ao padrão em pintado logo acima; H Selo com a inscrição *GJ*, utilizado entre 1861 – 1873, a marca pode ser impressa ou moldada. Utilizando apenas as iniciais GJ sem o nome crescente, usado entre 1861 e 1872 quando a empresa era apenas "George Jones"; I Selo com as inscrições *GJ* ou *GJ & CO*, usados entre 1872 – 1891; J Selo com a inscrição *GJ & SONS*, "& Sons" foi adicionado a partir de 1873; K e L selo com a inscrição *GJ & Co, Stoke-upon-Trent*, Essas marcas impressas também têm a marca crescente impressa com '& Sons', isso indicaria que a louça foi produzida por volta de 1873, quando estava mudando de '& Co' para '& Sons'; K

Após o ingresso dos filhos a fábrica mudou o nome comercial para George Jones & Sons. No mesmo ano, “crescente” foi incorporado aos selos da fábrica. Nesse período a fábrica contava com 590 funcionários. Eram fabricantes de cerâmica, faiança e porcelana. Na imagem abaixo observa-se os selos usados pela fábrica após 1873.

Figura 94 - Marcas usadas pela Fábrica George Jones & Sons (1873-1900)



Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/611.htm>. Acesso em: 05.05.2021. ⁹⁸

A fábrica George Jones & Co expandiram seus negócios, observa-se que seus produtos chegaram a América, como as imagens dos selos abaixo.

Selo com o nome impresso do padrão **decorativo** STRATFORD, a aparecem outros selos gravados no mesmo recipiente; **L** Selo com o nome impresso do padrão SUTHERLAND. O selo em formato de diamante fornece um data para o registro do padrão como 5 de abril de 1864.

⁹⁸ **Nota:** **A** Selo com a inscrição Stoke Crescent China, usado entre 1872 – 1891. Esta marca apareceu em uma placa com o número de registro 826 - o que significa que o padrão foi registrado em 1884; **B** Selo com a Patente Real - *Ironstone*- George Jones & Sons- Inglaterra, usado entre 1873 – 1907. Uma marca inicial de George Jones & Sons (pós 1873). Observe o uso de "ENGLAND" que geralmente indica uma data posterior a 1891 - alguns fabricantes usaram ENGLAND; **C** Selo com a inscrição GJ & Sons Inglaterra e o nome do padrão decorativo BRIAR. Observa-se a forma crescente, mas sem a inscrição "CRESCENT". Foram inseridos dois selos, sendo uma com a marca impressa na base e o registro em diamante de 16 de Setembro de 1881, pelo que esta marca é posterior a essa data; **D** Selo com a inscrição GJ & SON, com a marca de registro em diamante com o ano de 1883, dessa forma esse foi o ano em que o selo foi utilizado. **E** Selo com a marca GJ & Filhos gravada, usado entre 1874 e 1924. A inserção da palavra "& Sons", foi realizada a partir de 1873; **F** Selo impresso com a marca Crescent Ivory - George Jones & Sons – England, usado entre 1891 e 1921; **G** Selo impresso com a inscrição “Crescent England”, usada entre 1891 e 1921. A marca foi encontrada em uma placa de oito lados, que teria sido produzida e vendida por Marshall Field & Co. Chicago. E que a mesma teria sido criada, provavelmente foi produzido por George Jones & Sons; **H** Selo impresso com a inscrição ENGLAND - Crescent China - George Jones & Sons, usada entre 1891 e 1921

Figura 95 - Selos utilizado pela Fábrica George Jones & Co

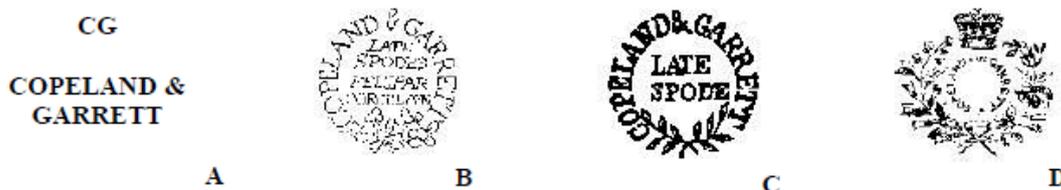


Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS⁹⁹

2.1.2.6.12. Copeland & Garrett

Fabricante de faiança, parian, porcelana, entre outras, situada em Stoke, e funcionou entre 1833 e 1847. A fábrica passou por uma sucessão de donos, sendo criada em 1770 por Josiah Spode. Em 1797, William Copeland se associou a fábrica. Em 1826, William Copeland morreu, e dois anos depois Josiah Spode morre. William Taylor Copeland, filho de William Copeland, compra o negócio de Josiah Spode III. Até 1833, a fábrica foi administrada por um dos filhos de Spode, junto com outros gerentes. Logo após a aquisição da fábrica, W T Copeland se associa a Thomas Garrett, e o nome da fábrica muda para Copeland & Garrett. Abaixo os selos utilizados pela fábrica Copeland & Garrett.

Figura 96 - Selos da Fábrica Copeland & Garrett



Fonte: <http://www.thepotteries.org/mark/c/copeland.html> Acesso em 05.05.2021¹⁰⁰

A fábrica se especializou na produção de faiança e porcelana, comercializando para o mercado interno e externo. Entre os padrões decorativos mais conhecidos, estão

⁹⁹ **Nota:** **A** Selo impresso com as armas reais, e as inscrições ROYAL PATENT – IRONSTONE – GEORGE JONES; **B** Selo impresso com o nome do padrão decorativo, iniciais da fábrica e localização; **C** Selo impresso com a inscrição STONE CHINA e nome da fábrica. Selo impresso em comemoração à Fábrica George Jones ter ganhado uma medalha na Exposição de Paris em 1867; **D** Selo gravado com a inscrição GEORGE JONES; **E** Dois selos impressos, sendo o primeiro com as inscrições com o nome do padrão decorativo, as iniciais da fábrica e cidade e a localização, o segundo um diamante com a data de produção 10 de maio de 1864.

¹⁰⁰ **Nota:** **A** Marca impressa com o nome da fábrica; **B** Marca da fábrica em círculo; **C** Marca da fábrica em círculo; **D** Marca da Fábrica com uma coroa.

os impressos. Sendo, alguns padrões usados anteriormente pela fábrica Spode, e outros mais recentes.

Com a produção de artigos voltados para o mercado externo, o fluxo de produtos cerâmicos é comercializado, entre outros lugares, destaca-se a América do Norte e América do Sul, chegando até Porto Alegre, como observa-se no selo abaixo.

Figura 97 - Fragmento de louça da Fábrica Copeland & Garrett



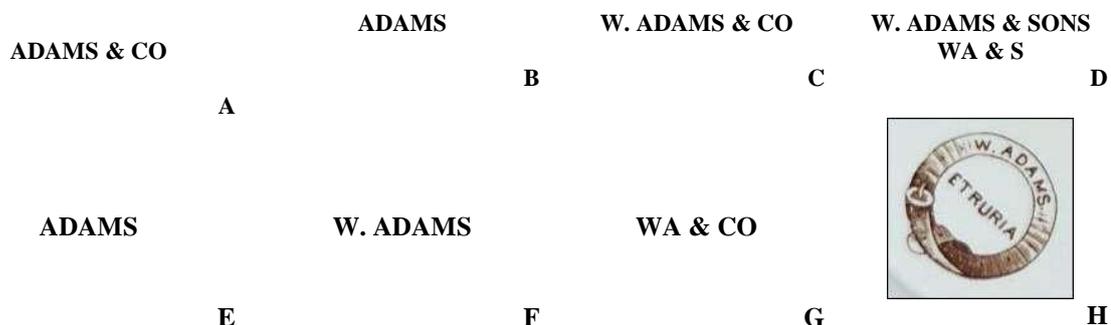
Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS

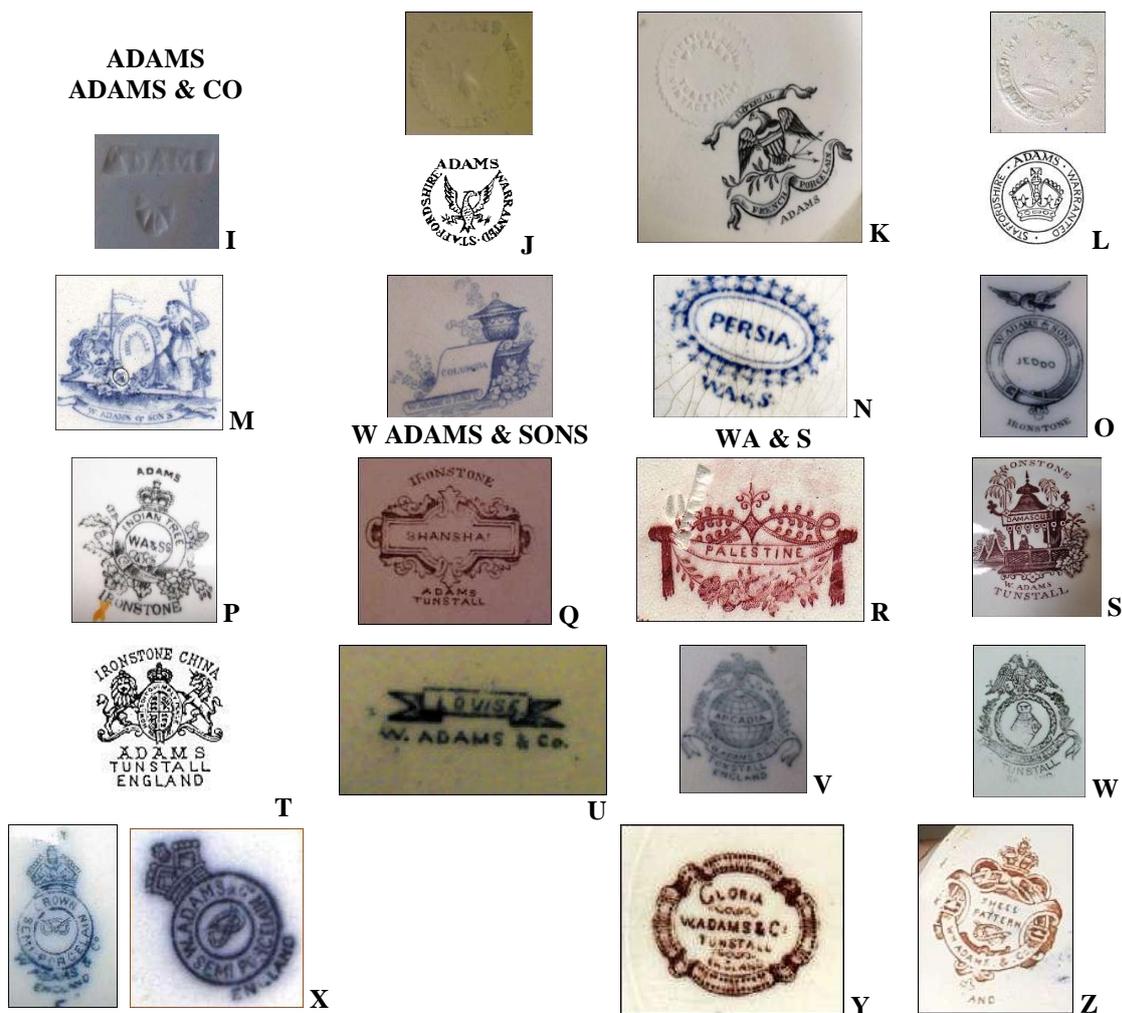
2.1.2.6.13. W. ADAMS

Em 1657 é construída em North Staffordshire, a Brick House Works, sendo uma das fábricas mais antigas em propriedade no Reino Unido. Fundada por John Adams, em Burslem, abrigando gerações de da Família Adams. Em 1770 a fábrica muda para Cobridge.

A convite de William Adams, em 1817, seus filhos se tornam como sócios, passando a ser chamada de W. Adams & Sons Ltd. Entre 1830 e 1850 foram produzidas para exportação, mas especificamente para o mercado americano. Os selos abaixo foram usados pela fábrica, durante seu período de funcionamento.

Figura 98 - Selos usados pela Fábrica W. Adams





Fonte: <http://www.thepotteries.org/mark/a/adams1.html>. Acesso em: 05.05.2021. ¹⁰¹

¹⁰¹ **Nota:** **A** Selo impresso entre 1769-1800; **B** Selo impresso entre 1787-1805 em louça Jasper e 1800-1864 em louça geral; **C** Selo impresso entre c.1815 (marca impressa rara; **D** Selo impresso entre com os nomes e iniciais usados em várias marcas impressas diferentes. Muitas vezes o nome do padrão é incluído, usados entre 1819 e 1864; **E** Selo impresso entre com figuras e grupos (parian), usado entre 1845-64; **F** Selo impresso com nomes e iniciais usados em várias marcas impressas diferentes. Muitas vezes o nome do padrão é incluído, meados do séc.; **G** Selo impresso entre com nomes e iniciais usados em várias marcas impressas diferentes. Muitas vezes o nome do padrão é incluído entre 1893-1917; **H** O nome do padrão decorativo ETRURIA aparece impresso; **I** As primeiras mercadorias feitas antes de 1780 não parecem ser marcadas. Impressionadas marcas 'Adams' ou 'Adams & Co' ocorrem em várias peças de 1785. **J** Selo impresso, com a inscrição STAFFORDSHIRE COM GARANTIA DA ADAMS, marca impressa – escrita em círculo com uma águia no centro. Utilizado entre c.1804-40; **K** marca impressa - Ironestone China - W Adams – Tunstall - Vintage Shape com a marca impressa Porcelana - Imperial Francesa ADAMS, com uma representação de uma águia como o Grande Selo dos Estados Unidos, produzida entre c.1804-40; **L** Selo impresso com a inscrição STAFFORDSHIRE com garantia da ADAMS, marca impressa - escrita em círculo com uma coroa no centro. c.1810-25; **M** Selo com a marca impressa: **W. Adams & Sons** 'and Sons' de c.1819 esta marca foi produzida entre: 1835-55, onde encontrava-se inscrito "STONE CHINA" e o o nome do padrão localizado no centro do escudo; **N** Várias marcas de diferentes designs incorporando o nome: '**W Adams & Sons**' ou usando as iniciais: '**WA & S**', produzido entre c.1819-64; **O** Marca de cinto com águia acima do nome incorporado: - '**W Adams & Sons**', utilizado entre c.1819-64; **P** O selo tem um cinto com uma coroa acima. "Indian tree" é o nome do padrão uma marca muito semelhante a esta com 'WA & Co' foi usada c.1879 em diante '**WA & Ss**', provavelmente o 'Ss' foi utilizado a inscrição "Sons", produzido entre c.1819-64; **Q** Selo impresso com a inscrição do nome do padrão SHANSHAI, utilizada possivelmente entre c.1819-64; **R** Selo impresso com a marca da Fábrica W Adams, utilizado entre c.1830-40's, com a inscrição do nome do padrão decorativo palestina; **s** selo utilizado c.1890, com a inscrição "Tunstall", sendo usado em algumas

A produção era voltada para o mercado interno e externo, destacando os negócios com a América do Norte, nos selos abaixo, observa-se a imagem E, selo com uma águia, inserida no mercado americano entre 1830 e 1850. O uso da águia é uma das formas de inserção de seus produtos no mercado americano. O comércio de tais produtos se estendeu para o mercado sul americano, em destaque a cidade de Porto Alegre.

Figura 99 - Selos usados pela Fábrica W. Adams



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS¹⁰²

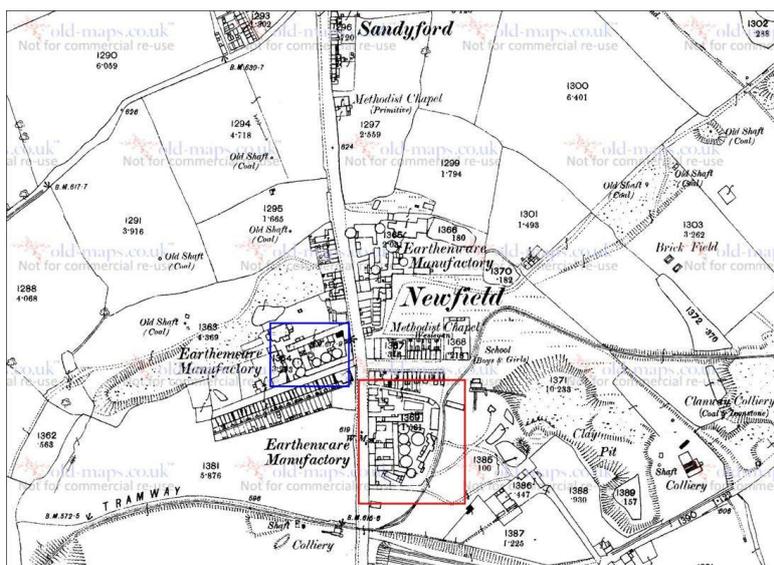
2.1.2.6.14. W. H. Grindley & Co

Fundada em 1880, em Newfield Pottery, por William Harry Grindley, sócio majoritário, contou ainda com a participação de Turner e Alfred Meakin. Abaixo o mapa da área de Sandyford e Newfiels.

marcas de da fábrica Adams de 1896+, no entanto, esta marca não tem a inscrição ' ENGLAND ' que foi adicionado à mercadoria para exportação para as américas a partir de 1891.; **T** Selo impresso entre 1890-1914, com a inscrição "Tunstall", usado em algumas marcas de Adams de 1896+ ; **U** Selo com a inscrição **W Adams & Co**, impressão simples usada c.1879 – 1917, onde 'ENGLAND' utilizado em 1891+ 'LOUISE' é o nome do padrão, encontrado em um penico; **V** Selo impresso da Fábrica WM ADAMS & CO (estab. 1657), localizada em Tunstall, na Inglaterra, utilizado entre c.1879 e início de 1900, foram produzidas variações com uma coroa no topo do globo em vez da águia, e ainda com e sem a inscrição Tunstall e/ou England, a inscrição 'England' é inserida a partir de 1891+; **W** Selo com a inscrição **WM Adams & Co** (estab. 1657), localizada em Tunstall, na Inglaterra. A marca impressa foi usada entre c.1879 e início de 1900, ocorrendo variações com uma coroa no topo do círculo em vez da águia. Dentro do círculo há um diamante de registro com e sem Tunstall e/ou England, a inscrição 'ENGLAND' foi inserida em 1891+; **X** Selo com a inscrição **WM Adams & Co**, localizada na Inglaterra. A marca impressa foi usada entre c.1879 e início de 1900, Inserido dentro do círculo está o nó de Staffordshire, com e sem a inscrição ENGLAND', sendo inserida a inscrição 'ENGLAND' em 1891+, muitas vezes ocorrem variações na colocação do nome da fábrica, seja na faixa do círculo ou abaixo da marca; **Y** O selo da Fábrica **WM Adams & Co**, localizada em Tunstall, na Inglaterra, sendo usada entre c.1879 e início de 1900, com a inscrição do padrão decorativo 'Gloria', a inscrição 'ENGLAND' ocorre a partir de 1891+; **Z** O selo da Fábrica WM ADAMS & CO, localizada na Inglaterra, sendo usado entre c.1879 e início de 1900, aparece inscrito dentro do escudo está o Staffordshire Knot, com e sem 'ENGLAND', e acima do nó encontra-se o nome do padrão, e ainda a inscrição 'ENGLAND' usada a partir de 1891.

¹⁰² **Nota A** Selo gravado com as inscrições W. ADAMS - TUNSTALL; **B** Selo gravado com as inscrições W. ADAMS - TUNSTALL; **C** Selo com círculo e coroa, com o nome do padrão decorativo no centro e as inscrições *IRONSTONE* e W. ADAMS; **D** Fragmento de selo com as inscrições [...] AMS; **E** Selo impresso com uma águia, utilizado entre 1830 e 1850 no mercado americano.

Figura 100 - Mapa da área de Sandyford & Newfield, norte da cidade de Tunstall, em 1879.



Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/472.htm>. Acesso em: 05.05.2021.¹⁰³

Os primeiros anúncios publicados pela fábrica, destacavam a produção da fábrica e correspondiam a louça de barro, *ironstone* e china, voltada para o consumo externo, com destaque no mercado canadense, norte americano, sul americano e australiano e, ainda produzia para o mercado interno.

Em 1883, o sócio Alfred Meakin saiu da sociedade, como observa-se na nota publicada pelo Jornal The London Gazette.

Figura 101 - Nota do Jornal The London Gazette de 18 de abril de 1884

NOTICE is hereby given, that the Partnership some time since subsisting between us the undersigned, Alfred Meakin and William Harry Grindley, carrying on business under the style of W. H. Grindley and Company, as Earthenware Manufacturers, at Newfield Pottery, Tunstall, in the county of Stafford, was dissolved, by mutual consent, on the 25th day of March, 1883; and that such business has since been, and will continue to be, carried on by the said William Harry Grindley, under the same style and at the same place.—Dated this 8th day of April, 1884.

Alfred Meakin.
William Harry Grindley.

Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/472.htm>. Acesso em: 05.05.2021.

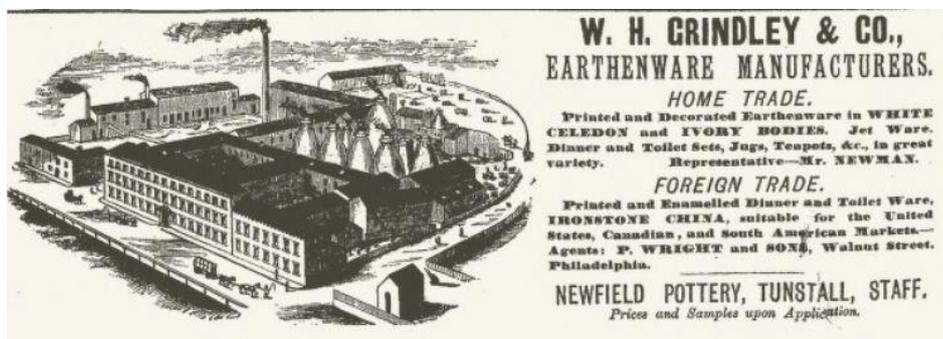
A nota acima esclarece que, em 26 de março de 1883, a sociedade entre Alfred Meakin e William Harry Grindley foi dissolvida. A fábrica de cerâmica, localizada em Newfield Pottery, Tunstall, no condado de Stafford. Os sócios concordaram que W H

¹⁰³ **Nota:** A cerâmica de Newfield pertencia a William Adams, até que em 1880 WH Grindley assumiu até 1891; A cerâmica de Newfield, está marcada em vermelho, do outro lado da estrada, em azul, estavam as obras de Boston (operadas por Jabez Blackhurst).

Grindley permaneceria utilizando o nome comercial W.H. Grindley & Company e que a fábrica funcionaria no mesmo lugar.

Na imagem abaixo, o anúncio encontra-se dividido do lado direito a imagem de Newfield Pottery, e do lado esquerdo o nome da fábrica, tipos de produtos divididos em dois grupos, sendo eles: comércio doméstico e comércio exterior, com a descrição dos artigos a serem comercializados respectivamente. O que se observa no agente indicado para o comércio exterior P. Wright and Sons, em Walent Street, está situado na Philadelphia, isso demonstra que havia uma relação comercial entre a fábrica inglesa e os Estados Unidos.

Figura 102 - Anúncio publicado no Jornal Pottery Gazette, em 1880

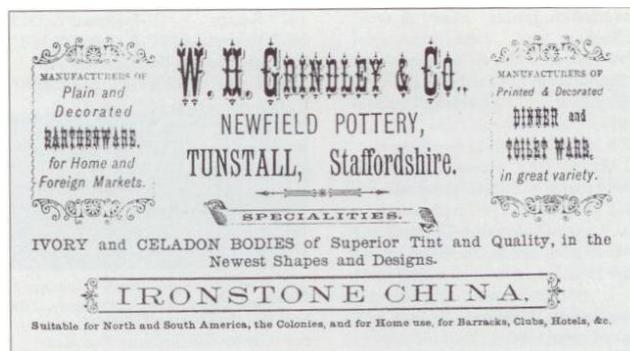


Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/472.htm>. Acesso em: 05.05.2021.¹⁰⁴

Em outro anúncio publicado no Diretório Kelly & Co, em 1880, a descrição dos artigos comercializados difere do anuncio anterior. A disposição do texto enfatiza o nome da fábrica e sua localização e um dos seus produtos voltados para o comércio exterior “*IRONSTONE CHINA*”. O anúncio destaca ainda que, a fábrica produz uma grande variedade de artigos para jantar e toilet, como observa-se abaixo:

¹⁰⁴ **Nota:** Anúncio da Fábrica WH Grindley & Co. Fabricantes de cerâmica, em Newfield Pottery, Tunstall, publicado por Pottery Gazette, em dezembro de 1880.

Figura 103 - Anúncio publicado no Diretório Kelly & Co, em 1880

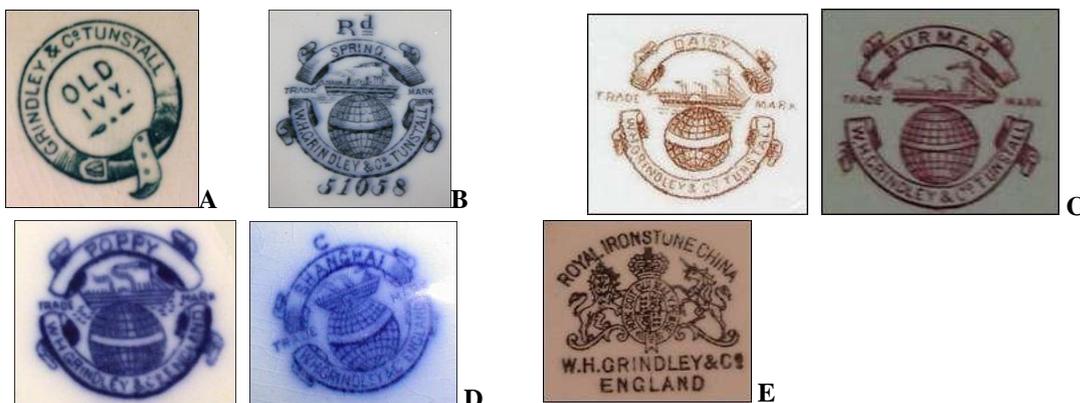


Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/472.htm>¹⁰⁵

Na parte inferior do anúncio acima, observa-se que a fábrica comercializava com a América do Norte, América do Sul e colônias. E que, seus artigos eram para uso doméstico, para quartéis, clube, hotéis, entre outros. A fábrica buscava atender consumidores variados, com isso diversificava seus produtos e investia na qualidade, acabamento e publicidade de seus artigos.

Os selos usados durante o período de funcionamento da fábrica, variavam em cor, forma e símbolos. Nos selos abaixo, observa-se os seguintes símbolos, círculo, globo e armas reais.

Figura 104 - Selos usados pela fábrica durante seu período de funcionamento



Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/472.htm>. Acesso em: 05.05.2021.¹⁰⁶

¹⁰⁵ **Nota:** WH Grindley & Co. Newfield Pottery, Tunstall, Staffordshire. Diretório Kelly & Co - 1880 *cortesia:* RK Henrywood "Staffordshire Potters 1781-1900"

¹⁰⁶ **Nota:** A Selo impresso com a inscrição **Grindley & Co, Tunstall** Apresenta a Marca de cinto impressa com o nome do padrão; **B** O selo impresso apresenta o número de registro 51058, e mostra que o padrão 'Spring' foi registrado em 18 de junho de 1886 por WH Gindley & Co, Tunstall, New Field Pottery utilizado entre c.1880-91; **D** Selo com a inscrição impressa **WH Grindley & Co – ENGLAND**, um globo e barco a vapor como uma marca registrada geralmente inclui o nome do padrão decorativo, produzido entre 1891 e 1914. O uso 'ENGLAND' indica uma data de 1891 em diante; **E** Selo com as inscrições **ROYAL Ironstone China, WH Grindley & Co** e 'ENGLAND', produzida entre 1891 e 1925.

A fábrica produzia faiança, parian, porcelana fina etc. em Stoke. E atendia o mercado interno e externo. Abaixo um dos selos com a marca da fábrica comercializada em Porto Alegre.

Figura 105 - Selo da Fábrica W H Grindley.



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa), Laboratório de Arqueologia, MCT-PUCRS

Os itens de higiene, aparecem em um dos anúncios de leilão analisados. O Dr. Luiz Mendes de Moraes, encontrava-se de mudança para corte e estava vendendo alguns bens, entre eles, destaca-se: bidet, - riquíssimo toilette, aparelho de procellana para o mesmo[...]. Não informa sobre o fabricante, mas pode-se perceber que tais itens faziam parte dos bens de algumas famílias porto-alegrenses. A formalidade e a necessidade de legitimar o leilão é observado no trecho de introdução ao convite, transcrito da imagem acima.

LEILÃO

de bonitos móveis, novos, utensílios de uma casa de família, lampeões,
Crystal, porcelanas, etc.

No prédio à rua Duque de Caxias n. 173

Quarta-feira, 30 de abril corrente, às 4 horas da tarde

Com a autorização do Ilmo sr. Dr. Luiz Mendes de Moraes, que em
companhia de sua esma. Família retirou-se para a corte

PELO AGENTE

ERNESTO PAIVA

(Jornal "A Federação" 28 de abril de 1884, p. 3.)

A louça aqui cumpre um papel fundamental na inserção de Porto Alegre no modelo europeu de civilidade pautado na economia capitalista. O consumo de louças observado está interligado a rede de civilidade, onde a escolha do que é comprado para uso doméstico ganha poder, status e distinção. A louça sai da vitrine de um expositor em uma exposição universal e vai para ser exposta em uma casa comercial e depois de adquirida por um consumidor vai para um guarda louça, móvel destinado a expor, não apenas a louça, mas sua posição social. Quanto a sociabilidade e o consumo, ambos estão associados a aquisição de tais itens, nesse caso a louça, associada a outros itens como talheres, compoteiras de prata, licoreiras e outras dão indícios do poder aquisitivo e o uso que era feito de tais itens. Confrontar com outros jornais pode ser fundamental para entender os níveis e formas de sociabilidade que mais se destacam.

3 EXPOSIÇÕES, PUBLICIDADE E VITRINE. A COMERCIALIZAÇÃO DAS LOUÇAS

O oitocentos passou por muitas mudanças em especial, após as revoluções industrial e do consumo, em que se observa as transformações ocorridas com a passagem do trabalho artesanal para o industrial, dessa forma, se fez necessário criar estratégias para criar redes de comércio e consumo, permitindo a circulação das mercadorias produzidas. A busca de se inserir no mercado e criar uma sociedade consumidora de seus produtos, exigia estratégias, entre elas, se destacam as exposições universais.

Este capítulo trata das mudanças ocorridas entre os séculos XVIII e XIX, dando destaque ao oitocentos. As Revoluções Industrial e do Consumo norteiam as discussões iniciais, pois a partir delas, percebe-se as inovações técnicas, circulação de ideias, estratégias de comercialização e divulgação de artigos de luxo, o consumo de itens de uso doméstico, como a louça entre outros. Esse período é marcado por uma expansão da economia capitalista e com ela, mudanças no consumo e na sociabilidade.

As Exposições Universais norteiam as discussões deste capítulo, onde se observa seu papel nas mudanças relacionadas ao consumo, comercialização, circulação, descare e civilidade. Um exemplo é a Primeira exposição Universal, que tomou um caráter expositivo e comercial. O caráter expositivo é percebido na disposição dos stands e dos objetos que eram comercializados, mas a mesma tinha objetivo principal dar visibilidade aos países industrializados, onde o progresso era a tônica principal. É nessa perspectiva que norteia a análise aqui proposta, busca-se entender como as exposições universais proporcionaram a comercialização de mercadorias em diferentes pontos do planeta.

Entre as fontes analisadas, destacam-se: jornais estrangeiros e nacionais produzidos no século XIX, catálogos das exposições universais, diários de viajantes, assim como as louças, objeto de estudo desta tese, entre outro. Para uma melhor compreensão busca-se analisar a produção, comercialização e o consumo, a partir de uma discussão com teóricos como Grant McCracken (2003), Mary Douglas e Baron Isherwood (2013), Arjun Appadurai (2008), Helousa Barduy (2007) e Daniel Miller (2000). E ainda, como se deu a formação de uma rede de comércio e consumo, recorrendo a discussão, acerca de autor-rede proposta por Bruno Latour (2012).

3.1. As Exposições como meio de circulação de ideias, tecnologia e cultural. As Exposições universais e continentais

A comercialização de artigos de luxo, destacando aqui a louça, se faz necessário que elas circulem e cheguem aos consumidores. Observa-se que a distribuição ou circulação de mercadorias apresentada por Immanuel Wallerstein, está inserida na economia-mundo por ele apresentada, cujo objetivo é a produção - comercialização - consumo de mercadorias de diferentes locais do globo, para Wallerstein. (2001, p. 28). “Uma vez reunidos os trabalhadores e realizadas a sua produção, era necessário comercializar os bens, precisava existir um sistema de distribuição e um grupo de pessoas dotadas dos meios necessários para efetuar compras”. Após a produção de louças, em especial, havia a necessidade de promover sua comercialização nos mais diferentes pontos do planeta, criando com isso um grupo capaz de adquirir e consumir tais mercadorias. Para tanto era necessário ter os meios para promover a inserção de algumas nações na chamada economia-mundo.

A distribuição de artigos de luxo e as relações por ela proporcionadas são decorrentes das chamadas “Exposições Universais”, que tinham como objetivo a exibição, do que cada nação produzia seja industrializada e/ou matéria-prima. O entendimento da formação de tais redes possibilita compreender a criação das rotas comerciais e de consumo ao longo de todo século XIX.

O que caracteriza uma Exposição Universal? Para Fagundes (1992, p. 214) “A ocasião de uma vasta indagação industrial, que se liga por laços íntimos a todas às questões do trabalho, do salário, do capital, das alfândegas, da produção e do consumo, tornadas questões fundamentais do mundo moderno”. Para o autor uma exposição universal deve estar interligada a questões referentes a produção e consumo. De acordo com Nelson Sanjad e do ponto de vista dos organizadores¹⁰⁷ estas

[...] são úteis para afirmar projetos geopolíticos em escala global, para os expositores que delas participam – industriais, comerciantes, produtores rurais e profissionais liberais – são boas oportunidades para fazer negócios e/ou divulgar seus produtos e serviços, incentivando o consumo enquanto hábito cultural, expandindo redes mercantis e naturalizando o comércio como base das relações internacionais e a produção industrial como base do desenvolvimento social e econômico. (SANJAD, 1992. P. 786).

¹⁰⁷ Segundo Sanjad (1992, p.789) estes seriam ‘geralmente governos nacionais em associação com municipalidades e organizações privadas.

Em síntese, as Exposições Universais atendem as necessidades em escala global de diversos setores, como afirma o Sanjad, e que objetiva expandir os negócios e formar redes comerciais, culturais e econômicas. As Exposições Universais cumpriram um papel importante na circulação de mercadorias entre nações industrializadas dos diferentes pontos do planeta. Embora não se possa considerar que estas tenham características homogêneas, nem que atendam aos mesmos objetivos entre 1851 a 1930. Com o estudo das referidas exposições observa-se que possuem dois períodos bem definidos, tendo o primeiro um caráter de exposição, como as que aconteciam nos museus, esse período ocorreu entre 1851 e 1915, e se inicia com a primeira exposição ocorrida na Inglaterra e finda na Primeira Guerra Mundial e tem o papel de apresentar para o mundo as produções do mundo industrializado, no segundo período pós-primeira guerra, que objetiva o comércio entre os países participantes.

As exposições universais declinaram com o novo século, particularmente após a eclosão da Primeira Guerra Mundial, o sistema de fábrica sofreu contínuas reatualizações e a modernidade foi contestada por muitos. Mas o espetáculo burguês da venda de produtos, de imagens e de idéias continua. (PESAVENTO, 1997, p.17).

É no século XX que as exposições passam por uma atualização, de acordo com as mudanças ocorridas no sistema de fábrica. Busca alinhar-se as necessidades de mercado com a demanda de mercadorias, principalmente no pós-primeira guerra e com isso investe-se em propaganda e publicidade. Isso não quer dizer que antes não ocorria, mas que o investimento passa a ser maior, e com ele a busca por expandir as vendas de mercadorias, maquinários e tecnologia, através do material exposto. A partir de 1915 observa-se um novo momento das exposições, momento este de expansão e busca por novas estratégias para a circulação de ideias, tecnologia e mercadorias.

Analisaremos aqui, apenas as exposições ocorridas no século XIX, para tanto se faz necessário compreender os aspectos que motivaram a criação das chamadas Exposições Universais. A primeira exposição industrial foi realizada no final século XVIII, segundo o historiador Geraldo Meyer Fagundes (1992, p.179) “a primeira reunião de produtos em Paris, que merece o nome de Exposição Industrial foi aberta em 19 de setembro de 1798, VI ano da era republicana, no *Champ de Mars*, com 110 expositores”, embora de caráter nacional, a França buscou para si o título de idealizadora de tais feiras. De acordo com Pesavento (1997, 83) “de 1798 a 1849,

sucederam-se onze exposições nacionais pelas quais se pode medir tanto a ação das autoridades públicas na obtenção de suas metas quanto o próprio progresso da produção industrial francesa. O ministro do Comércio francês, Turret, enviou em 1848, uma proposta para realização de uma exposição internacional na França, a ser realizada em 1849, porém a proposta para realização da mostra foi negada. Tendo a ideia sido acolhida pelos ingleses e executada pelo Príncipe Albert, em 1851, em Londres.”. De acordo com o historiador Jacques Chastenet, em seu livro “A vida cotidiana na Inglaterra no começo da Era Vitoriana (1837 - 1851)” ressalta o caráter inovador da Exposição Universal de 1851 afirmando que:

Decerto outras exposições se efectuaram já em diversos países do Continente e especialmente da França, mas eram apenas nacionais e de objetivo limitado. É a primeira vez que todas as potências do mundo são convidadas a confrontar as suas produções de todos os gêneros. (CHASTENET, s/d, p, 256).

A industrialização e o progresso foram os símbolos das Exposições Universais. De acordo com Heloisa Burbuy (1996, p. 212), quando esta afirma que “[...] as exposições universais surgem como exibições dos progressos da indústria, dirigida para a instrução das massas”, sendo uma das características da referida expansão. Esse caráter também é percebido por Sandra Jatahy Pesavento (1997, p. 43), que afirma: “[...] não há como negar sua dimensão propriamente econômica, de feira de mercadorias mostruário de novos produtos, Meca de lucrativos negócios”. Esse caráter industrial e por sua vez de massificação destacado pelas autoras acima teve papel importante na expansão capitalista e no início da globalização, através da circulação e do consumo dos itens comercializados nas feiras.

De acordo com Letícia Quiñones Tinoco (2007, p. 17), “En junio de 1849 el príncipe Alberto de Inglaterra convoco a vários membros de la realeza con el fin de plantear la organizacion de uma exposición industrial, la cual debía cumplir la misión de exhibir”, os planejamentos para realização para primeira mostra realizada em 1851, iniciaram em 1849 e foi organizada pelo Príncipe Albert.¹⁰⁸ No ano de 1851 foi realizada, em Londres, a Primeira ‘Great Exhibition of Industry of all Nations’¹⁰⁹, esta foi idealizada por Inglaterra e França, com objetivo de apresentar para o mundo os

¹⁰⁸ Ver Projects and prospects of the day. London, Effingham Wilson Royal Exchange, 1850, Price One Shilling.

¹⁰⁹ A Grande Exposição Industrial de todas as Nações foi prepara por aproximadamente dois anos, entre 1849 a 1851.

objetos industrializados, as feiras foram inspiradas pelas exposições organizadas na França e Inglaterra no século XVIII.

O planejamento da mostra foi publicado no ano de 1850, em uma obra intitulada *Projects and porspects of the day* tendo sido dividida em cinco partes, sendo elas: *The projects of the day (Part I)*, *The Great Exibition of industry of all nations (Part II)*, *The Universal language league (Part III)*, *Our prospects inder the new regime (Part IV)* e *Female Emigration on the night hon. Sidney Herbert's Plan. Teory and practive (Part V)*, a publicação em questão apresenta as ideias para preparação da exposição que tinha como objetivo expor os bens e consumo e formar redes de comércio e consumo.

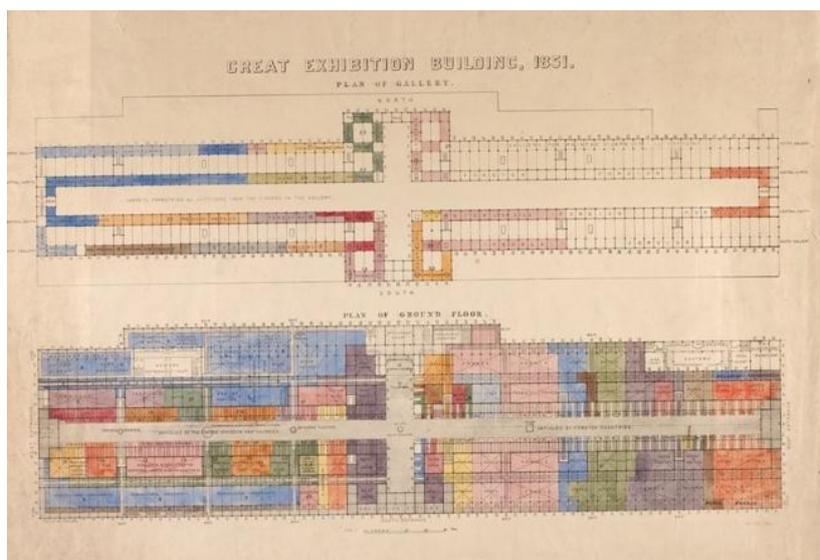
Tais feiras foram

concebidas de início – por intelectuais, políticos e empresários – como um local de exibição de produtos, técnicas e novas ciências, as exposições se transformaram, gradativamente, em espaços de apresentação da própria burguesia orgulhosa com seus avanços recentes. (SCHWARCZ,1999, p. 389).

Dessa forma, observa-se o caráter expositivo e os detalhes luxuosos que se observa nas feiras. Os preparativos para a Primeira Exposição foram realizados com antecedência, cerca de três anos antes, e era considerado um dos momentos mais importantes, pois definia os rumos do evento, como se observa nas atividades que antecedem a primeira feira internacional. A estrutura e os preparativos da primeira feira nortearam a realização das feiras posteriores. As feiras ocorridas após 1851, atendem algumas regras adotadas, desde a primeira feira, embora tenham sido adaptadas algumas regras.

Cada nação que sediava o evento tomava cuidados para que este fosse melhor que os anteriores, tanto na organização como na construção das edificações e/ou estrutura do evento. O ‘termômetro’ para medir o sucesso de cada feira, era o aumento de expositores e nações participantes, e ainda o crescimento do número de visitantes. Dessa maneira, para obter tal sucesso, a comissão organizadora se dedicava a cada um dos detalhes, desde a escolha do local onde ocorria a exposição até a distribuição dos stands. Observa-se abaixo a planta da construção da Primeira Grande Exposição de 1851, ocorrida em Londres, na qual aconteceu no Palácio de Cristal, construído especificamente para sediar o evento.

Figura 106 Planta da Grande Exposição de 1851



Fonte: <http://www.calmview.eu/RoyalCommission1851/CalmView/GetImage.ashx?db=Catalog&type=default&fname=E1-4.jpg>. Acesso em: 24.09.2019.

A planta acima foi disponibilizada no catálogo da Primeira Exposição Universal realizada em 1851, observa-se pintado em colorido a localização dos *stands*¹¹⁰ pertencentes a cada país participante. A organização dos stands, assim como a estrutura que cada um deveria adotar, foi sendo adaptada com o término de cada uma delas. A preocupação com os detalhes, como dito anteriormente, se inicia com os preparativos, na Exposição ocorrida em 1851, os cuidados para a realização da feira iniciaram em 1849. Segundo a historiadora Lilia Moritz Schwarcz em sua obra “As Barbas do Imperador. D. Pedro II”, um monarca nos trópicos (1999), afirma que as primeiras exposições eram

[...] organizadas nacionalmente desde 1844 (em países como Bélgica, Prússia, Áustria e Espanha), é só a partir de 1851 que se transformam em mostras internacionais, contando com a participação de representantes europeus, americanos, orientais e africanos. (SCHWARCZ, 1999, p. 388).

Em 1851, ocorre The Great exhibition of the Works of industry of all nations, na Inglaterra e contou com a participação de 34 países e durou cerca de 141 dias. Os produtos expostos foram divididos em quatro categorias, sendo elas: manufaturas, maquinarias, matéria-prima e belas-artes, permanecendo tal divisão nas exposições seguintes. Com o objetivo de apresentar as mercadorias produzidas, formas de redes de

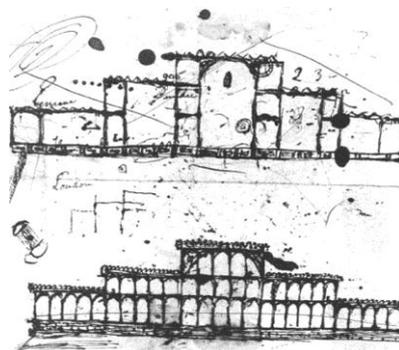
¹¹⁰ Os stands passaram de simples expositores para vitrines de consumo.

comércio e consumo, e ainda apresentar aos países participantes e visitantes os novos produtos e tecnologias (SCHWARCZ, 1999, p. 388).

Neste sentido, de acordo com Barbuy (1996, p. 212) “a linguagem expositiva que adotavam estava associada a práticas mais amplas, especialmente a dos museus, com sua representação visual e seus sistemas de objetos, uma museografia”, tal caráter expositivo apontado pela autora é percebido, por exemplo, na organização dos espaços expositivos das feiras. As semelhanças da linguagem expositiva das feiras estão próximas a linguagem utilizada nos museus, como afirma Barbuy (1996, p. 212) “e na verdade não se restringia aos museus (embora estes fossem, talvez, sua expressão máxima); estendia-se também ao comércio, com a difusão do uso de vitrines para exibição de produtos”.

As especificidades das exposições podem ser observadas na organização dos espaços expositivos, como mencionado acima, mas também em suas edificações, pois as mesmas eram criadas especialmente para exposição daquele ano. No caso, do país sede receber mais de uma feira, como ocorreu na Inglaterra e França, eram construídas novas edificações e as anteriores utilizadas como espaços expositivos, mas sendo necessária a construção de uma nova edificação para a feira, para a construção da edificação que iria receber as nações participantes da primeira exposição, em 1851, na Inglaterra, foi criada uma Comissão para construção da feira, sendo composta por Brunel, Scott Russell e Robert Stephenson. Foi realizado um concurso de design para o salão principal, foram convidados arquitetos do mundo todo, que deveriam apresentar seus projetos em três semanas. Foram apresentados 245 desenhos. O esboço abaixo foi elaborado por Sir Joseph Paxton¹¹¹.

Figura 107 Esboço original de Sir Joseph Paxton em papel mata-borrão do Palácio de Cristal. 11 de junho de 1850.



Fonte: <https://victorianweb.org/history/1851/8.html>. Acessado em: 01 de julho de 2021.

¹¹¹ Ver <https://victorianweb.org/history/1851/8.html>.

As edificações merecem atenção, a primeira construída com o objetivo de abrigar o espaço expositivo foi o Palácio de Cristal, projetado pelo arquiteto Joseph Paxton, assim como as demais edificações construídas para essa finalidade, tinha suas peculiaridades, a estrutura era feita de vigas de ferro e era desmontado facilmente. O mesmo recebeu cerca de 6 milhões de visitantes e 34 países aceitaram expor na feira um total de 13.937 expositores. O requinte das edificações era tanto externo quanto interno. Na imagem abaixo, observa-se a estrutura externa do Palácio de Cristal.

Figura 108- Imagem interna do Palácio de Crystal, em 1851.



Fonte: Inauguração da Grande Exposição, Hyde Park. (Depois da Foto de Eugène Lamé.) Fonte: Life and Times, frente p.482)¹¹². <https://victorianweb.org/history/victoria/15.html>

A imagem acima expressa a riqueza das estruturas, assim como é possível ter uma dimensão do capital financeiro empregado para a construção das edificações e organização do evento. A edificação em ferro e vidro possibilitava uma visão mais ampla e clara da área da exposição. Tal construção levou seis meses para ficar pronta, sendo três para produção do material e mais três para montagem.

A litografia¹¹³ abaixo foi produzida para o catálogo oficial da Primeira Exposição Universal, em 1851 e mostra a grandiosidade da edificação construída para receber expositores e os visitantes de vários países. Conforme a imagem abaixo:

¹¹² Ver [The Life and Times of Queen Victoria, com o qual é incorporado "A vida doméstica da Rainha", de Margaret Oliphant](#). Londres: Cassell, 1902. *Internet Archive*. Contribuído por Cornell University Library. Rede. 6 de outubro de 2017.

¹¹³ A litografia (de *lithos*, "pedra" e *graphein*, "escrever") é descoberta no final do século XVIII por Aloys Senefelder (1771-1834). É um método de impressão a partir de imagem desenhada sobre base, em geral de uma pedra calcária, denominada como "pedra litográfica". A impressão da imagem é obtida por meio de uma prensa litográfica que desliza sobre o papel. O desenho, por sua vez, altera sua fisionomia de acordo com o uso de pena, lápis ou pincel. Testes de cor, texturas, graus de luminosidade e transparência

Figura 109 - Palácio de Cristal, em Londres, em 1851



Fonte: Tallis's illustrated London; in commemoration of the Great exhibition of all nations in 1851: forming a complete guide to the British metropolis and its environs: illustrated by upwards of two hundred steel engravings from original drawings and daguerreotypes., 1851

O caráter grandioso de tais feiras era percebido, através da publicidade e dos demais aparatos como na produção de manual para orientação dos visitantes e ainda para expor os produtos; no caso da exposição de 1851, o seu título era “Guia para a Grande Exposição: contendo uma descrição de cada objeto principal de interesse: com um plano, apontando a maneira mais fácil e sistemática de examinar o conteúdo do Palácio de Cristal”¹¹⁴. Tais plantas guiavam os visitantes e ajudavam na organização dos espaços.

As exposições seguiam regras, entretanto a cada feira realizada observa-se uma maior riqueza, desde os detalhes da organização como na inserção de elementos para torná-las ainda mais atrativas, como por exemplo, os stands criados para cada país que fosse expor seus produtos, sejam industrializados ou matéria-prima.

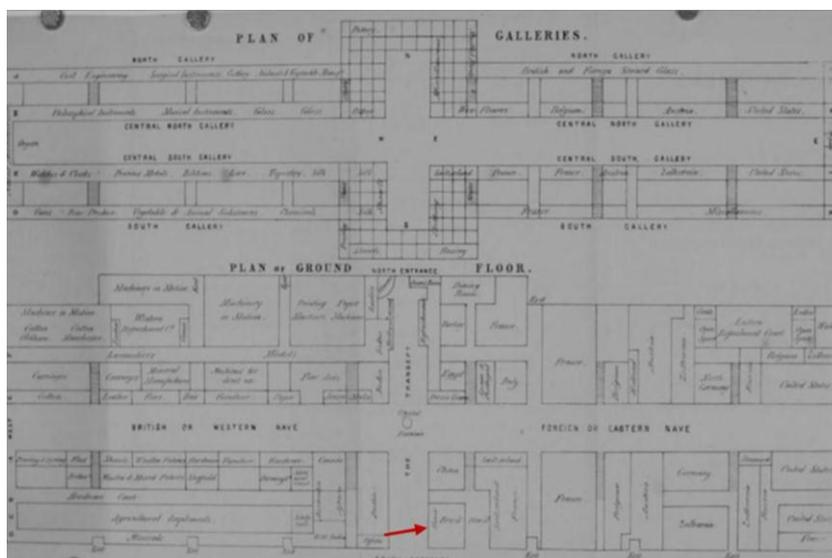
O funcionamento e a história da exposição de 1851 é explicada em livro (catálogo), uma *Cyclopedia*, intitulada “O Palácio de Cristal, e seu conteúdo: ser cyclopaedia ilustrada da grande exposição da indústria de todas as nações de 1851: embelezada com mais de quinhentas gravuras, com um índice analítico abundante

conferem às litografias distintos aspectos. (<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5086/litografia>. Acessado em: 16/05/2018 às 15: 20m)

¹¹⁴ Official catalogue of the Great exhibition of the works of industry of all nations, 1851.

(1851)¹¹⁵, como pode ser observada na planta abaixo, (o stand do Brasil está identificado por uma seta vermelha).¹¹⁶

Figura 110 - Planta do Palácio de Cristal com os Stands ou Pavilhões distribuídos -1851, Londres



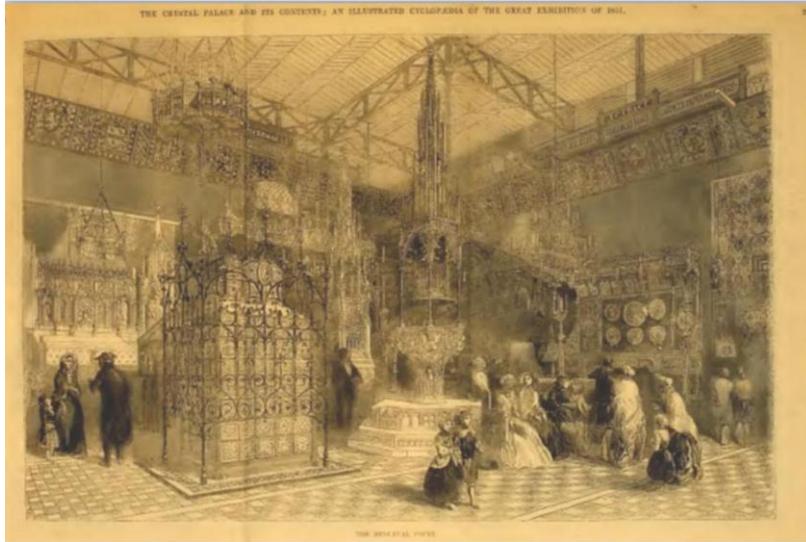
Fonte: Cyclopedia Ilustrada da Grande Exposição, p:1 e 2 (adaptado pela autora)

O investimento realizado pelos países sede, pode ser percebido também na disposição e organização dos stands. Alguns ajustes foram feitos para atender as necessidades dos países expositores e do aumento no número de visitantes e de países expositores. Pensando nos espaços criados para atender expositores, visitantes, inventores e solenidades para entrega de medalhas. As duas plantas nos permitem analisar a construção e distribuição dos espaços da mesma exposição. A imagem abaixo representa um stand de louças, onde pode se observar o investimento realizado na construção dos stands.

¹¹⁵ The Crystal Palace and its contents : being an illustrated cyclopaedia of the great exhibition of the industry of all nations, 1851 : embellished with upwards of five hundred engravings, with a copious analytical index (1851).
<https://ia601503.us.archive.org/9/items/guidetogreatexhi00grea/guidetogreatexhi00grea.pdf>

¹¹⁶ Existe uma divergência acerca da participação do Brasil na exposição de 1851, alguns autores como B. Benedict, *The anthropology of world's fairss*, e P. Greenhalgh, *Ephemeral vistas*, afirmam que o Brasil participou desde a primeira exposição, outros autores, como, F.F. Hardman, *Trem Fantasma* registram a participação brasileira mesmo passou a participar efetivamente a partir de 1862. Observamos na imagem acima um stand dedicado a participação brasileira.

Figura 111 Interior do Palácio de Cristal – Um dos Stands de Louça



Fonte: Cyclopedia Ilustrada da Grande Exposição, p: 217 e 218.

A primeira exposição serviu como modelo para realização das demais, foi constituída uma comissão com o objetivo de organizar os preparativos da referida feira, depois foi preparado um ‘manual’ com o projeto e plantas para realização do evento, e depois sua execução. Nas demais ferias foram observados os erros e acertos da anterior para melhorar a qualidade da referida exposição. Cada um trazia algo novo, como prédios para acomodar os stands e visitantes, catálogos produzidos por cada stand ou *souvenirs* vendidos durante a feira. Com características distintas e temáticas específicas, as exposições universais atendem aos anseios de um mercado cada vez mais exigente e cresce rapidamente, o mercado consumidor de artigos de luxo, além é claro, de expor sua tecnologia, através das invenções e premiações para diferentes categorias de produtos e matéria-prima.

Para Barbuy (1996, p. 41) as exposições utilizavam “sistemas classificatórios enciclopédicos”, a classificação tem aqui um papel didático, em 1867 adquire um caráter museográfico, a partir do projeto apresentado por Le Play, para o autor do projeto sugeri que as exposições devam ser substituídas por museus permanentes. Os objetos são expostos em grupos e classes previstas, sendo antecipados em regulamento. Em 1867 é inserida a categoria de produtos agrícolas, e em 1878, a de atividades de ensino técnico, e por último, em 1889 de economia social.

Os países que sediavam as feiras tinham muitos gastos e por vezes prejuízos, mas mesmo assim disputavam com outras nações tal ‘privilegio’, segundo a historiadora Lília Moritz Schwarcz (1998, p. 391)

[...] a única maneira de entender a disputa que se tratava entre as nações, sobretudo as européias, as quais se digladiavam com o objetivo de servir de sede para as feiras, é não só avaliar o retorno financeiro delas – já que as exposições promoviam desenvolvimento econômico de mercado – como compreender seu papel enquanto capital simbólico fundamental. (SCHWARCZ, 1998, p. 391).

O historiador Eric Mattie corrobora com Schwarcz sobre a competição entre as nações, em especial as europeias.

Apesar dos altos níveis de investimento e, muitas vezes, consideráveis perdas financeiras, a organização de uma feira mundial geralmente significou um avanço para o anfitrião da exposição. As indústrias de exportação prosperaram e as cidades-sede investiram pesadamente em infraestrutura, projetando espaços públicos e acomodações que, após o evento, se tornariam permanentes. Para essas cidades, a exposição mundial foi um fator decisivo para construção de um sistema de metrô: Chicago em 1893, Paris em 1900 e Montreal em 1967. (MATTIE, 1998, p. 8) (TRADUÇÃO DA AUTORA).¹¹⁷

O investimento nas feiras, ocorria não apenas na estrutura e na logística do evento, mas na divulgação do mesmo, pois o que se observa é que a cada exposição ocorre uma maior participação de expositores e de público, e isso se deve, também, a divulgação realizada. O que se percebe é uma maior observação quanto ao comportamento de consumo, por parte dos organizadores das feiras, dos fabricantes e comerciantes. Isso se deve pela mudança no comportamento de consumo nos séculos XVII e XVIII com o que McCracken (2003) chama de “boom do consumo”. Para MacCraken (2003, p. 43) não houve boom do consumo no oitocentos, “porque havia agora uma relação dinâmica, contínua e permanente entre as mudanças no consumo e as sociais, as quais, juntas, conduziam a perpétua transformação do Ocidente”. Para o autor o oitocentos viu o surgimento de novos ‘estilos de vida de consumo’ e com isso surgem entre as pessoas e as coisas “novos padrões” de interação (MacCraken, 2003). Entre as mudanças observadas pelo autor, destaca-se a ‘emergência’ por lojas de departamento, o que justificaria tanto o investimento das referidas nações, inclui-se aqui as fábricas e comerciantes, como a participação e interação do público consumidor.

O que se observa na exposição de 1851 a qual tinha-se a expectativa, segundo Chastenot (s/d, p.259) de “40 000 visitantes e vieram 700 000 de todas as

¹¹⁷ Despite sky-high investment costs and often considerable financial losses, the organization of a world’s fair usually meant a step forward to the exhibition host. Export industries thrived, and host cities invested heavily in infrastructure, designing public spaces and accommodations that would, after the event, become permanent. For these cities, world exhibition was a decisive factor in the decision to build a metro system: Chicago in 1893, Paris in 1900, and Montreal in 1967. (MATTIE, 1998, p. 8)

partes do reino e do estrangeiro”, isso se deve também as estratégias de divulgação que produziram catálogos, assim como algumas nações participantes, com a informação ao visitante de sua localização na feira, dos produtos comercializados e trazia ainda informações históricas acerca da nação. Desse modo, evidenciaram que os catálogos proporcionaram o consumo de itens expostos à venda, favorecendo a circulação dos mesmos, pois tanto os estabelecimentos comerciais, como as fábricas já não conseguiam atender aos pedidos.

Para equilibrar os gastos financeiros dos países que sediam os mesmos, os eventos de exposição foram adotadas estratégias como:

Começava-se vendendo os ingressos e catálogos (que diminuía de preço conforme o andamento da feira), depois os produtos e por fim a própria imagem do país. Não obstante, o princípio é que a exposição consistia em uma espécie de troféu, e seu sucesso era sinônimo de prestígio perante as demais nações”. (SCHWARCZ, 1998, p.392).

A estrutura interna das feiras muda em 1867, quando cada país constrói seu próprio pavilhão, de acordo com a imagem que deseja passar ou que tem condições de fazer.

As exposições passaram por mudanças, como explica Barduy (1996, 213).

Antes da Exposição de Filadélfia, em 1876, não havia a prática de se construir pavilhões nacionais. As exposições eram organizadas em um ou mais edifícios grandes, como o *Crystal Palace* de Londres, em 1851, a construção elíptica concebida por Le Play e Krantz para a Exposição de 1867, em Paris, ou a grande Rotunda de Viena, no Parque do Prater, na Exposição de 1873. Em 1867 surgem as seções nacionais, mas ainda não em pavilhões independentes. Em 1873 duzentos pavilhões espalham-se em torno da grande Rotunda mas são temáticos e não nacionais. Somente em 1876 fumam-se os pavilhões nacionais. (Barduy, 1996, 213).

A cada exposição observa-se mudanças estruturais e organizacionais, pois cada país que sediava uma das referidas feiras se destacava para o mundo, dessa forma, surgem os gastos e prejuízos causados pelo desejo de proporcionar um evento melhor que o anterior. Para saná-los a solução foi a propaganda que tais feiras proporcionavam a seus países. Outra saída apontada por Lilia Moritz Schwarcz

[...] a única maneira de entender a disputa que se tratava entre as nações, sobretudo as européias, as quais se digladiavam com o objetivo de servir de sede para as feiras, é não só avaliar o retorno financeiro delas – já que as exposições promoviam desenvolvimento econômico de mercado – como compreender seu papel enquanto capital simbólico fundamental. (SCHWARCZ, 1998, p. 391).

As mudanças ocorrem em cada exposição, pois buscam se diferenciar umas das outras. Para Barbuy (1999, p. 41) as feiras podem ser analisadas em duas fases, sendo a primeira de 1851 a 1815 e a segunda de 1915 a 1930¹¹⁸,

o caráter hegemônico foi rompido com a Primeira Guerra, mas os fundamentos culturais, o didatismo e a exposição de conceitos, longe de serem exclusivos das exposições universais mais recentes, sempre estiveram presentes também nas feiras industriais do século XIX. Objetivos muito mais amplos do que apenas comerciais, e totalmente implicados no complexo social, cultural e mental de sua época, sempre foram o motor das exposições universais. (REFERÊNCIA)

A Primeira Guerra Mundial representa a transição entre o modelo enciclopédico e o modelo industrial-comercial. Na primeira fase observa-se que as exposições tinham um caráter mais expositivo/museográfico, na segunda fase destaca o caráter industrial-comercial que visava ampliar ainda mais as redes de comércio e consumo.

Para Heloisa Barduy (1999, p. 39) a primeira fase das exposições universais tem “sua origem tem uma base comum; são projetos de uma burguesia cujo dogmatismo, cuja crença numa verdade universal, num sistema social hegemônico, vigem por todo o século XIX e só perdem a força no início do século XX”. As exposições universais tiveram um papel importante na expansão do consumo e formação das referidas redes. Pois permitiam o acesso aos mais diversificados objetos industrializados, a matéria prima, ao maquinário e outros, esse acesso possibilitou a troca, e conseqüentemente a circulação de tais itens. Proporcionou também a criação de uma sociedade de consumo que passou a adquirir louças e outros artigos de luxo necessários para compor a mesa de jantar, característica dos rituais de sociabilidade.

3.1.1 As Exposições tomam forma e ganham o mundo. As Exposições Universais e Continentais e a participação do Brasil nas Exposições

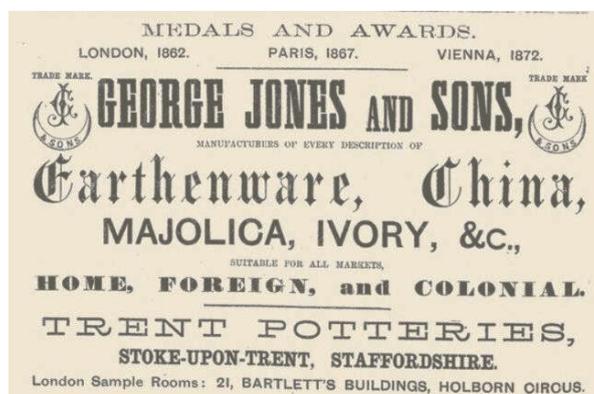
As Exposições Universais em maiúsculo ou minúsculo... decide...ganham um papel importante no que se refere a circulação de ideias, técnicas e culturas, funcionando também como meio da difusão da civilidade, através dos objetos comercializados e expostos. É a partir delas que tais objetos ganham destaque no mundo, chegando até as vitrines das Casas Comerciais e dos guarda-louças das famílias consumidoras. É importante ressaltar que as feiras vendiam mercadorias voltadas para camadas sociais específicas, buscando atender a um mercado cada vez maior, por meio

¹¹⁸ Fim do recorte temporal proposto para pesquisa em tela.

da criação de redes de comércio para atender e criar uma sociedade consumidora de seus produtos e matérias primas.

As feiras dão o tom de progresso e modernidade promovido pelas mudanças sociais, culturais e técnicas ocorridas no oitocentos e que precisam ganhar novos espaços. Para tanto, funcionam como uma vitrine do que os países expositores produzem ou dispõem como matéria-prima a ser comercializada. Dessa forma, uma das estratégias adotadas pelos organizadores das feiras foi a premiação por produtos/mercadorias e invenções. Entre as fábricas de louça premiadas, destaca-se a Fábrica inglesa George Jones & Sons.

Figura 112 Anúncio da Fábrica George Jones & Sons (Destaque para medalhas e premiações).



Fonte: Thepotteries.org Extraído de: The Pottery Gazette, February 2nd 1880.

A participação das fábricas nas exposições, além de vender e tornar seus produtos conhecidos na feira, proporcionava a divulgação legitimada por premiações e medalhas em anúncios de jornais. Como o fez a fábrica de louças George Jones & Sons, na parte superior de seu anúncio¹¹⁹ destaca sua participação e premiação em três exposições.

A disposição do texto e das informações a serem comunicadas pelo fabricante podem ser observadas em sua distribuição e localização no texto, no caso do trecho do anúncio acima, por localizar-se na parte superior do anúncio, informam ao comprador que a fábrica foi premiada e que a mercadoria adquirida que sua produção tem qualidade. Após essa informação o anúncio fornece mais dados sobre o nome da fábrica, o que ela produz (em destaque) e o endereço da mesma. Lembrando que o anúncio circulou em um impresso que tinha como objetivo a circulação de informações

¹¹⁹ Ver em www.thepotteries.org Extraído de: The Pottery Gazette, February 2nd 1880.

sobre louças. O impresso tem o objetivo de divulgar informações referentes as fábricas e feiras.

FIGURA 113 PRIMEIRA PÁGINA DO IMPRESSO THE POTTERY GAZETTE, PUBLICADO EM 1 DE FEVEREIRO DE 1890



Fonte: <https://www.newspapers.com/image/35732030/>

Na imagem acima observa-se, em destaque, a Exposição Universal de 1889, em Paris, logo abaixo aparecem anúncios das fábricas, o impresso tem cerca de 116 páginas relacionadas a produção, circulação e consumo de louças. Abaixo alguns fragmentos de louça coletados na segunda intervenção arqueológica do Sítio RS JA 06, em 2007.

Figura 114 Fragmentos de selos/marcas de algumas fábricas de louças e sua participação nas Exposições Universais entre 1850 e 1897.





D



E



F

Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS¹²⁰

Os selos/marcas acima correspondem as fábricas de louça que tiveram participação nas Exposições Universais de 1851, 1855, 1862, 1867 e 1878. Sendo elas:

Quadro 13 Lista com as fábricas e ano de participação.

| |
|----------------------------------|
| Bell & Co – 1851 |
| Baker & Co – 1855 |
| Davenport – 1862 |
| Jones George – 1862, 1867 e 1878 |
| Bridgwood & Son - 1867 |
| Petrus Regout – 1878 |

Fonte: Elaborado por Bezerra, 2021.

A participação das fábricas de louça acima, é evidenciada nos catálogos produzidos para cada exposição. Estes tinham como objetivo divulgar a feira e apresentar os produtos expostos. Cada catálogo era confeccionado especificamente para aquela feira e em sua grande maioria se divide, de acordo com os stands e disposições das áreas de exposição. Entretanto, tal organização não era uma regra, sendo possível que os anfitriões realizassem mudanças na estrutura do mesmo. Havia neste caso uma sessão destinada as louças.

As principais feiras ocorridas no século XIX são realizadas na segunda metade do século XIX, tendo como os primeiros países a sediá-las, Inglaterra e França, países estes que se destacaram nos acontecimentos que antecedem as exposições.

No impresso publicado em meados de 1890, aparece o destaque para Exposição Universal que ocorrerá em 1889, quase dez anos depois. Embora tenha sido realizada em 1885, uma exposição na Antuérpia, o destaque dado é para a feira que ocorrerá em Paris.

¹²⁰ **Nota:** A George Jones; B Bridgwood & Son; C Baker & Co; D) Bell & Co E Petrus Regout F Davenport.

Quadro 14 Lista com as exposições universais ocorridas na segunda metade do oitocentos

| Ano | Países |
|-------------|-----------------------|
| 1851 | Londres (Reino Unido) |
| 1855 | Paris (França) |
| 1862 | Londres (Reino Unido) |
| 1867 | Paris (França) |
| 1873 | Viena |
| 1876 | Filadélfia |
| 1878 | Paris (França) |
| 1885 | Antuérpia |
| 1889 | Paris (França) |
| 1893 | Chicago |

Fonte: Elaborado por Bezerra (2021).

Entre os anos de 1851 e 1893 foram realizadas diversas tipologias de feiras, consideramos as que mantinham o caráter expositivo e universal. Tais feiras se difundem à medida que as exposições universais ganham mais espaço, não apenas para os que as visitam, mas os que ainda não as conhecem. Com o aumento da demanda por produtos expostos, visitantes e stands das fábricas, as estratégias de divulgação foram se adaptando e com isso ampliando seu público consumidor.

As exposições funcionavam como meio de difusão do progresso, através dos objetos, ideias e técnicas expostas nos stands. Refletiam o anseio dos países industrializados em expandir seus mercados e forma redes de comércio e consumo cada vez mais fortes. É nesse contexto, que os comerciantes ou membros das comissões organizadoras de cada país conheciam o que estava sendo produzido e consumido. Desta forma poderiam selecionar o que poderia ser encomendado para ser vendido em suas casas comerciais. O que se deve considerar é que o que era adquirido, a exemplo da louça, eram os itens exibidos nos stands das fábricas ou nos seus catálogos. Os catálogos cumprem um papel muito importante na circulação das louças e de outros artigos expostos nas referidas feiras.

Os catálogos distribuídos pelas fábricas continham além das informações sobre os produtos, ilustrações deles. Era dessa forma que os representantes ou donos de casas comerciais poderiam divulgar os produtos e, ainda, realizar pedidos sem contratempos ou necessidade de transportar uma quantidade substancial de produtos, correndo o risco de perda, roubo ou extravio. Dentre os consumidores, destacamos as chamadas casas comerciais ou firmas comerciais, onde os produtos fabricados na Europa eram oferecidos, divulgados e adquiridos por diferentes consumidores. Outra função desempenhada pelo catálogo era a propaganda, pois eram apresentados os

produtos que estavam em voga na Europa, proporcionando a circulação das louças, por exemplo.

Figura 115 Capa do material publicitário produzido para a Grande Exposição Universal, em 1851.



Fonte: A Guia da Grande Exposição; B Catálogo Oficial da Grande Exposição; C Cyclopaedia Ilustrada da Grande Exposição (Parte referente as porcelanas)

O material de cunho publicitário foi, inicialmente, produzido a partir primeira Exposição Universal, em 1851, denominada de Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de Todas as Nações. Sendo uma parte do material, como podemos observar nas imagens acima, de qualidade gráfica superior para época. Ele tinha o propósito de divulgar e vender os produtos expostos. Para promover o evento foi necessário um aparato publicitário nunca visto antes. Foram elaborados, além de um catálogo oficial denominado “Catálogo Oficial da Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de Todas as Nações, 1851”¹⁰², outros produzidos pelos países participantes para divulgar seus produtos.

O referido catálogo, em 1851, encontrava-se dividido por países participantes e descrevia os produtos expostos, sem imagens, bem como os fabricantes. No segundo, o roteiro que orientava os visitantes, cujo o título era “Guia para a Grande Exposição: contendo uma descrição de cada objeto principal de interesse: com um plano, apontando a maneira mais fácil e sistemática de examinar o conteúdo do Palácio de Cristal”, possuía disposição, mas apresentava algumas imagens dos produtos e um mapa da exposição para guiar o visitante. O último, qual seja, “O Palácio de Cristal, e seu conteúdo: ser cyclopaedia ilustrada da grande exposição da indústria de todas as nações de 1851: embelezada com mais de quinhentas gravuras, com um índice analítico abundante (1851)”, buscava apresentar os produtos com uma riqueza de imagens, mostrando ao leitor a grandiosidade do evento. De acordo com Fagundes (1992, p. 209) “Os produtos aí expostos foram divididos em 30 classes, agrupados em seis seções:

produtos naturais; produtos manufaturados; artefatos de metal; vidro e cerâmica; artefatos diversos; belas-artes; máquinas”. Pode-se ter uma ideia da divisão das categorias expostas, embora ao longo dos anos isso foi sendo mudado.

Os catálogos produzidos, tanto pelos países participantes como os produzidos pelas fábricas apresentavam o que estava na “moda”, desde utensílios de uso doméstico, como mobília, a outras mercadorias industrializadas. O objetivo deles eram servir de vitrine de seus produtos, facilitando, dessa forma, a aquisição pelo comprador de seus produtos. No decorrer do século XIX, principalmente na sua segunda metade, a propaganda toma impulso e torna-se o principal veículo de divulgação das exposições universais. Afinal, o mundo tinha que ser convencido a participar intensamente das feiras ou exposições universais, e foi o que aconteceu: a quantidade de países que se inscreviam para expor crescia a cada exposição, buscando mostrar seus produtos recém-saídos das fábricas.

3.1.2 As Exposições Nacionais e Estaduais no oitocentos

As Exposições ou feiras Nacionais representavam um preparatório e ao mesmo tempo uma triagem do que iria ser exposto nas Exposições Universais. Para sua realização era necessário que as províncias fossem convidadas a participar. Em um documento expedido em 31 de julho de 1861, o Ministro e Secretário de Estado comunicavam as províncias que organizassem em sua província uma exposição local, onde estas deveriam expor produtos naturais e industriais. Tal convite não limita a participação apenas da província, pois abria espaço para cidades limítrofes também, foram convidadas para essa exposição (1862), as seguintes províncias: Pará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e a Corte (NOBRE, 1989).

As Exposições nacionais seguiam o modelo das feiras universais e recebiam um público diversificado e aconteceram na corte, Rio de Janeiro, como apresenta o quadro abaixo.

Quadro 15 Lista com as exposições nacionais ocorridas na segunda metade do oitocentos

| Ano | Países |
|-------------|----------------|
| 1861 | Rio de Janeiro |
| 1866 | Rio de Janeiro |
| 1873 | Rio de Janeiro |
| 1875 | Rio de Janeiro |
| 1882 | Rio de Janeiro |

Fonte: Elaborado por Bezerra (2021).

No quadro acima observa-se que não há uma regularidade na realização das referidas feiras. Seguindo o modelo das feiras universais, eram realizadas premiações, para tanto estas eram divididas em categorias, onde os prêmios eram medalhas de ouro, prata ou bronze, menção honrosa e prêmio extraordinário e fora do comum. Essas premiações eram aguardadas e comemoradas pelos participantes, pois estes certamente seriam convidados a participar das feiras universais.

Correram duas exposições em 1861, sendo a primeira ocorrida entre 7 de setembro e 15 de outubro de 1861, nos salões do Museu Nacional, onde foram expostos produtos naturais e relativos a indústria, usos e costumes da província do Ceará, objetos que foram colecionados pelo Manoel Ferreira Lagos. Tais itens foram coletados durante a passagem da Comissão Científica de Exploração entre 1859 e 1861.

Em 1861, no Rio de Janeiro ocorrem duas exposições, uma no antigo prédio do Museu Nacional e a outra na antiga Escola Nacional de Engenharia da UFRJ (Escola Politécnica), no Largo São Francisco de Paula.

A primeira Exposição Nacional Industrial foi realizada entre 2 de dezembro de 1861 e 15 de janeiro de 1862. Recebeu cerca de 50.703 pessoas o que resultou em uma bilheteria de 15:367\$000, entretanto os gastos. Foram expostos materiais provenientes do Ceará que foram trazidos, através da Comissão das Borboletas, presidida pelo botânico Freire Alemão. Foram enviados 1495 objetos para compor o stand do Brasil na exposição ocorrida em Londres.

De acordo com MARQUES (2009, p. 15).

A exposição realizada em 1875 superou as anteriores, primeiro pela minuciosidade da organização, estando dividida em grupos e classes e com especialistas responsáveis por suas áreas de conhecimento, segundo devido aos meios de divulgação, pois o catálogo se constituía num livro intitulado Exposição Nacional Brasileira de 1875.

Em 1893, o Jornal A Federação publica notas sobre a Exposição de Chicago. A participação do Rio Grande do Sul na exposição preparatória, é informada pelo jornal. As notas tratam de diferentes assuntos, sendo as primeiras informam, acerca do recebimento das mercadorias, que seriam enviadas para a Exposição preparatória no Rio de Janeiro, esta exposição tinha como objetivo expor os produtos que iriam representar o Brasil na referida feira.

Exposição de Chicago
No salão da Praça do Commercio conti
nuam a ser recebidos objetos destinados a

exposição de Chicago (Jornal A Federação, 12 de janeiro de 1893, p. 2)¹²¹

De acordo com as notas publicada no referido jornal, pode-se perceber que a Exposição preparatória contou com 1.341 visitantes, foram enviados 150 volumes para a Exposição de Chicago e que por falta de tempo ou de organização, a participação do Rio Grande do Sul foi bem menor que nas exposições anteriores.

Assim como as exposições nacionais, a estadual tem um caráter preparatório para as exposições universais. As feiras estaduais têm o objetivo de selecionar os produtos que iria, a priori, integrar as exposições nacionais e depois universais, sendo escolhidos os que melhor representariam as províncias. Estas eram planejadas com muita antecedência, porém a chegada dos produtos poderia demorar ou atrasar, o que dificultava a organização e catalogação que iria compor o catálogo da exposição.

As Exposições ocorridas no Rio Grande do Sul visavam expor os produtos e matéria-prima produzidas na referida província. Foram identificadas seis exposições estaduais, infelizmente nem todas possuem fontes disponíveis, como catálogos, almanaques e jornais. As mostras estudadas compreendem as exposições ocorridas nos anos de 1859, 1866, 1875 e 1881, sendo aprofundadas as três últimas e propõe-se uma análise, acerca dos preparativos e circulação de mercadorias, priorizando as louças de uso doméstico, e ainda a formação de redes de consumo, cultural e social estabelecidas a partir destas.

Examinando-se os catálogos das Exposições realizadas no antigo regimen, das quaes a primeira ocorreu em 1859, e as posteriores em 1866, 1875 e 1881, sendo esta última denominada – “Brasileira-Allemã” – todas efetuadas em longuíssimo período de paz e normalidade, quando, sem recearem qualquer deficiência de garantias ao seu trabalho e prosperidades, poderiam os industriaes, agricultores e criadores aproveitar e exhibir os efeitos da acção das administrações proviciaes, o confronto imparcial e encrupuloso com o catalogo da presente Exposição deve abafar e reduzir ao silêncio a voz odiosa das paixões subalternas do partidarismoo, dictando a completa justiça à governação do Rio Grande do Sul. (Catalogo da Exposição Estadual do Rio Grande do Sul, 1901, p. 8).

Quadro 16 Lista com as exposições ocorridas no Rio Grande do Sul na segunda metade do oitocentos

| Ano |
|------|
| 1859 |
| 1862 |
| 1866 |
| 1881 |

Fonte: Base de dados da autora

¹²¹Disponível em

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=chicago&pagfis=8210>

Com o crescente comércio, o Rio Grande do Sul se destacou no cenário econômico nacional, por meio da sua participação nas Exposições nacionais e internacionais, dando visibilidade aos produtos a serem comercializados e formando redes comerciais e de consumo. A primeira feira ocorrida no Rio Grande do Sul ocorreu em 1859 e teria sido uma mostra preparatória para Exposição Nacional ocorrida em 1862. A Exposição Estadual de 1866 é descrita por Jean Roche em sua obra **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**, segundo o autor

A Exposição Provincial de 1866 foi considerada como uma festa do trabalho alemão: de 195 expositores, 129 eram alemães ou deles descendiam diretamente. Os expositores das colônias mais recentes (Nova Petrópolis, Santo Ângelo, Teutônia, São Lourenço) enviaram apenas de produtos agrícolas. Os artesãos de Santa Cruz apresentaram amostras de fumo preparado, charutos, etc. Foram os artesãos da Colônia de São Leopoldo que expuseram os mais numerosos e variados produtos. (Roche, 1969. p. 484).

Os expositores citados pelo autor, corresponde a colonos alemães ou descendentes, a diferença entre a exposição acima descrita por Roche é que as colônias alemãs enviaram seus produtos, ou seja, não foram importadas.

3.1.3. A Exposição Brasileira-Alemã em 1881.

A Exposição Estadual realizada em 1881, na cidade de Porto Alegre, se diferencia das anteriores por exporem produtos italianos, luso-brasileiros e alemães, e em menor proporção mercadorias de origem Uruguaia e paraguaia. A referida exposição pela dimensão que tomou, passou a ser denominada Exposição Brasileira- alemã. Como afirma Roche

A Exposição de 1881, que se realizou em Pôrto Alegre sob os auspícios da Sociedade de Geografia, e cujo animador foi Koseritz, também confirmou claramente a importância do papel dos imigrantes alemães e seus descendentes na exploração da região. (ROCHE, 1969, p. 484).

Idealizada por Carl von Koseritz a Exposição Brasileira Alemã objetivava, em primeiro lugar estreitar as redes comerciais, sociais e culturais entre Brasil e Alemanha; em segundo divulgar o que era produzido no Brasil. O que difere esta das outras exposições, guardadas as devidas proporções, a sua grandiosidade. O aporte técnico e logístico, por trás desta exposição se aproximava de uma exposição universal.

O caráter quase universal desta exposição chama a atenção, considerando que ela não era uma mostra apenas de produtos do Rio Grande do Sul nem tão pouco uma feira com participação de diferentes países, ela era uma exibição de artigos alemães e

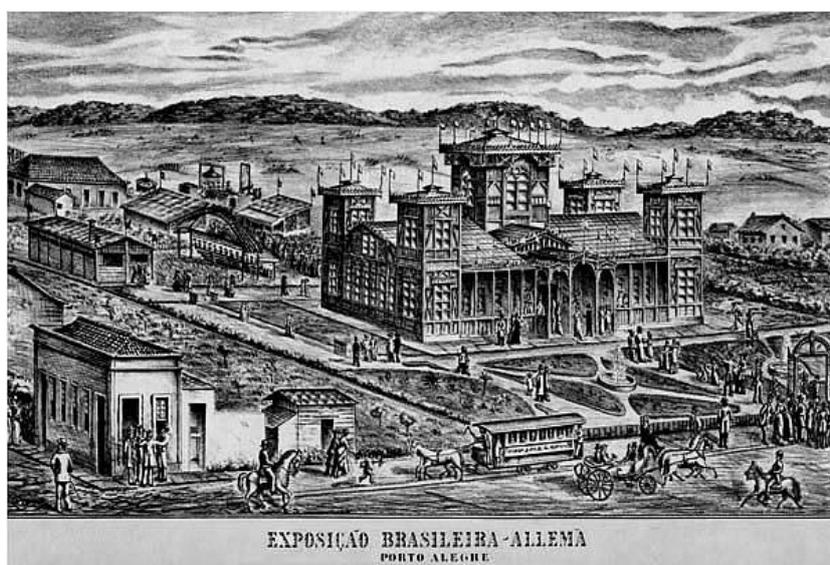
vienenses e de diferentes lugares no Brasil. Embora o Rio Grande do Sul tenha recebido imigrantes italianos e alemães, são os últimos que mais influenciam na imprensa, o comércio e demais setores da sociedade.

A exposição não foi aceita por unanimidade, grupos contrários a realização da referida feira foram aos jornais se posicionar, e estes passaram a ser um veículo de discussão, acerca da relevância da mostra em questão.

Um dos fatores é que esta era uma exibição de mercadorias alemãs, e o Rio Grande do Sul pagou por sua realização, como será apresentado posteriormente. Tais questões tornam essa exposição peculiar, pois não era uma mostra universal nem nacional nem regional, e sim uma amostra específica com dimensões universais, como já mencionado.

A imagem abaixo possibilita ter a dimensão da exposição, localizada onde hoje encontra-se o prédio da Olaria.

Figura 116 Exposição Brasileira-Alemã, ocorrida em 1881, na cidade de Porto Alegre.



Fonte: <http://lealevalerosa.blogspot.com/2013/07/exposicao-brasileira-alema.html>. Acessado em: 01 de setembro de 2019.

A Exposição de 1881 foi idealizada por von Koseritz, uma das características principais dessa exposição, é que não foram expostos apenas produtos da região, mas oriundos da Alemanha e outros estados brasileiros, como Santa Catarina, Pernambuco e Paraíba. Uma grande diversidade de itens foi colocada à mostra, como: fumo, vinho, farinhas, louças e outros. Segundo Roche,

Dos 1009 artigos exibidos, os alemães expõem 68 %, os italianos 15%, os luso-brasileiros 17%. Um estudo pormenorizado dos 689 artigos expostos pelos primeiros permitir-nos-áter uma idéia mais ecata das tendências e das características de sua atividade. (ROCHE, 1969, p. 484).

A louça tem um caráter importante aqui, pois observa-se que está exibida, tanto como artigo de luxo, como também um artigo popular. Embora não tenham trabalhos que se aprofundem na discussão, acerca da relevância desta mostra, ela é importante para compreender como eram formadas as redes e como os artigos em circulação entre a Europa e o restante do mundo, e ainda como era feita a escolha de tais mercadorias.

Ainda sobre a importância da louça percebe-se que cumpre um papel importante, no que se refere a distinção social, onde é feita a descrição de produtos expostos e fabricados enfatiza-se que fora premiada ou que seus preços são baratos e concorrem com as louças inglesas, mais um pouco a ser melhor trabalhado, a concorrência,

De acordo com Jean Roche 14 fábricas de louça expuseram seus produtos, sendo elas:

Quadro 17 Expositores/ Fábricas alemãs que participaram da Exposição Brasileiro - Alemã de 1881.

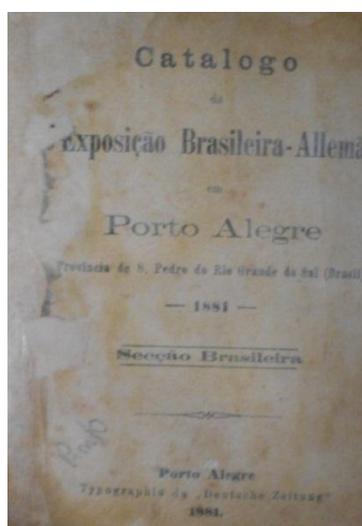
| Expositor / Fábrica | Produto | Representante |
|--------------------------|---|-----------------------|
| Springer & Oppenheimer | Apparelhos de porcellana para jantar, Apparelhos de porcellana para café Apparelhos de porcellana para lavatório. | Holtzweissing & Comp. |
| Schmelzer & Gerike | Amostras de todos os objetos de uso doméstico. | Holtzweissing & Comp. |
| Eugen Hülsmann | Moringues de barro Filtreiras de barro. | Holtzweissing & Comp. |
| Villeroy & Boch, | Louça, porcelanas, vidros e crystaes. | Herm. Petersen Comp. |
| Steingutfabrik Witteburg | Apparelhos de louça para jantar, Aparelhos de louça para café Amostras de louça para uso doméstico. | Holtzweissing & Comp |
| Fraz Naumann | Vasos para jardins Potes para flores Ornamentos para edificações de tijolo. | Holtzweissing & Comp |
| J.C. Eberlein | Porcellana pintada em brinquedos e bonecas. | Herm. Petersen Comp. |
| v. Røemer & Føedisch | Apparelhos de porcellana para jantar, Apparelhos de porcellana para café Apparelhos de porcellana para lavatório. Amostras de diferentes pinturas e formas | Holtzweissing & Comp |
| Adolf Bauer, Neustadt | Apparelhos de porcellana para jantar, Apparelhos de porcellana para café Apparelhos de porcellana para lavatório | Holtzweissing & Comp |
| Hugo Lonitz | Objectos de majolica Porta-flores, porta-fructas, potes para flores Copos, garrafas, chatices, tinteiros, espelhos | Holtzweissing & Comp |

Fonte: Catálogo da Exposição Brasileira- Allemã de 1881 – seção Alemã.

A análise do catálogo da mostra é fundamental para se entender como eram apresentadas tais mercadorias e que províncias participaram da referida mostra. E ainda, o que cada um expunha, o que era relacionado entre os produtos exibidos e o que era deixado de fora.

O catálogo analisado foi dividido em duas partes, sendo elas a seção brasileira e outra alemã, ele apresenta a descrição da fábrica, do representante, operários que trabalham e os tipos de mercadorias fabricadas. Na parte brasileira observa-se a participação de provinciais brasileiras, como Pernambuco, São Paulo e Santa Catarina e suas respectivas mercadorias.

Figura 117 Capa do Catálogo da Exposição de 1881, em Porto Alegre.



Fonte: Catálogo da Exposição Brasileira- Allema de 1881

O catálogo foi dividido em duas seções, uma brasileira e a outra alemã, como dito anteriormente, consta no Anuário da Província do Rio Grande do Sul, ano de 1885, edição 001, p. 219

Quando em 1881 escrevi apressadamente o Catálogo da Exposição Brasileira-Allema e em meio desse trabalho deparei com memorial e quadros de observações metereológicas (realizadas pelo Dr. H. Blumenau na colônia do mesmo nome, província de Sta. Catharina) que foram catalogados e consignados sob o nº 792 pág. 121 e segs. – entendi que seria utilíssimo para attrahir a immigração estrangeira, a quem esse catalogo era também dedicado dar uma ideia ligeira, porém exacta, do clima do Rio Grande do Sul. (ANUARIO, 1885. p. 219).

Na secção alemã apresentada em 28 páginas com 255 expositores, onde estes são representados por ‘representantes comerciais’ alemães, sendo eles: Holtzweissing & Comp. e Herm. Petersen & Comp. No quadro abaixo observa-se a

descrição de cada fábrica/expositores que enviaram seus produtos a Exposição Brasileira-Alemã, em 1881.

Quadro 18 Informações sobre à fábrica/expositores na Exposição de 1881, em Porto Alegre.

| Expositor / Fábrica | Localização | Operários | Produção |
|--------------------------|--|-------------------|---|
| Springer & Oppenheimer | Elbogen. | 700 trabalhadores | Objectos de porcellana branca e cores |
| Schmelzer & Gerike | Althaldensleben. | 280 trabalhadores | Objectos de louça branca e pintada |
| Eugen Hülsmann | Altenbach | 70 trabalhadores | Morigues de barro |
| Villeroy & Boch, | Mettlach, Wallerfangen, Septontains, Desden, Wadgassen. | 5.000 operarios | louça, porcelanas, vidros, crystraes |
| Steingutfabrik Witteburg | Farge. | 350 operarios | Louça para uso doméstico |
| Fraz Naumann | Plottendorf. | - | Objectos de barro, vasos, ornamentos para edificios |
| J.C. Eberlein | Pœssneck | | Porcellana pintada em brinquedos e bonecas |
| v. Røemer & Fødisch | Fraureuth. | 500 operarios | Porcellana para uso doméstico |
| Adolf Bauer | Neustadt Magdeburg. | - | Louça para uso doméstico |
| Hugo Lonitz | Neuhaldensleben, | - | Objectos de barro esmaltado (Majolica) |

Fonte: Catálogo da Exposição Brasileira- Alemã de 1881 – secção Alemã

Na parte alemã observa a descrição mais detalhada acerca da produção, faturamento, trabalhadores e premiações. Destaca-se aqui o fábrica Springer & Oppenheimer que foi premiada nas exposições internacionais, e tinha produção anual de 800.000\$000, a fábrica Schmelzer & Gerike tinha produção anual o valor de 300:000\$000 rs, a fábrica Villeroy & Boch, e por último, a fábrica Hugo Lonitz receberam diversas premiações nas exposições universais.

Os jornais forneceram informações, acerca da referida exposição. No Jornal A Federação foram publicadas as notas com críticas ao dinheiro investido na exposição. No Jornal A Gazeta de Porto Alegre informava sobre as etapas preparatórias a exposição. Embora ambos listassem as mercadorias que aportavam em Porto Alegre, o segundo jornal, ressaltava que as mercadorias que chegavam eram destinadas a feira.

Quadro 19 Desmostrativo de despesas municipais com a Exposição de 1881

| DEMONSTRAÇÃO DA DESPESA PAGA PELOS COFRES PÚBLICOS PROVINCIEAS NA PROVÍNCIA DORIO GRANDE DO SUL | | | |
|---|-------------|------------|------------|
| VERBAS DE DESPEZA | 1880 -1881 | 1881 -1882 | 1882 -1883 |
| Exposição Brazil- alemã | 30:300\$000 | 7:802\$036 | |

Fonte: Anuario da Província do Rio Grande do Sul, Anno 1885, Edicção 001, p. 219

Carl von Koseritz era o proprietário e editor da Gazeta de Porto Alegre, além de ter organizado uma exposição estadual diferente das demais, onde foram convidados expositores alemães e de outros estados para participarem, o que provocou a reação do jornal A Federação.

3.2 DA EUROPA PARA PORTO ALEGRE. AS REDES DE COMÉRCIO, CIVILIDADE E SOCIABILIDADE A PARTIR DAS VITRINES DAS CASAS COMERCIAIS PORTO ALEGRENSE.

No ano de 1834, o francês Arsène Isabelle descreve o comércio de Porto Alegre como intenso, e afirma que as embarcações europeias com menos de 200 toneladas, como um calão que chegasse até dez pés, poderiam aportar em Porto Alegre.

O comércio é ativo em Porto Alegre; vi sempre uns cinquenta barcos, tanto nacionais como estrangeiras, ocuparem a barra, independentemente de uma grande quantidade de pirogas de todos os tamanhos, chalanas destinadas ao transporte das mercadorias, facilitando admiravelmente as comunicações com o interior. (ISABELLE, 1946, p. 64).

A circulação de mercadorias europeias, na primeira metade do oitocentos, foi descrita por outros viajantes, como o comerciante francês Nicolas Dreys que residiu no Rio Grande do Sul, por cerca de dez anos, corrobora com a descrição de Isabelle, e descreve a circulação de mercadorias entre as províncias e os portos do Rio Grande do Sul, destacando Rio Grande e Porto Alegre.

Entre os anos de 1835 e 1840, a cidade de Porto Alegre perde sua importância econômica para Rio Grande, isso ocorre devido a Revolução Farroupilha, o receio de assaltos e confisco de suas mercadorias, com isso a cidade tem seu desenvolvimento atrasado, em comparação a Rio Grande. Com o final da Revolução retoma suas atividades comerciais, com isso as embarcações estrangeiras retornam a aportar na cidade.

As mercadorias chegavam ao porto, segundo Franco (1983, p. 33) “boa parte da mercadoria estrangeira entrava em Porto Alegre por cabotagem, depois de obtida carta de guia em outra alfândegas do Império, especialmente do Rio de Janeiro”. O autor se refere ao período de 1847/48. Ainda sobre o período Franco afirma que:

Em Porto Alegre, quase todos os artigos importados diretamente em 1847/1848 procediam de Hamburgo, sobressaindo em ordem de importância os panos e tecidos de lã, os tecidos de algodão, as ferragens, os tecidos de seda, as cassas, as chirtas e as casimiras. (Franco, 1983, p. 33).

A primeira metade do oitocentos observa-se que a referida revolução provoca um empobrecimento econômico de Porto Alegre. A solução encontrada pelo presidente da província Sinimbu foi incentivar a colonização. A imigração alemã contribuiu com o crescimento econômico da cidade.

As primeiras notícias de casas comerciais alemãs foram registradas no “Almanack de Porto de Alegre” para o ano de 1857, trazendo o nome de cerca de doze comerciantes, destacando a casa comercial Holtzweissig & Cia, antecessora da casa Bromberg. As casas comerciais alemãs serão analisadas, primeiro por sua participação na Exposição Brasileira-Alemã, em 1881; e sua participação no comércio de louças de uso doméstico.

Os limites da cidade de Porto Alegre são definidos pelo Código de Posturas, seguindo o traçado das trincheiras, essa demarcação ocorreu antes da Revolução Farroupilha. O referido toque determinava ainda que o comércio deveria fechar ao toque do sino da Câmara. Com a Revolução o código de Posturas Policiais é alterado em 23 de novembro de 1837, tais mudanças teriam ocorrido segundo Riopardense (1993, p. 62) “tudo isso foi feito porque a população extramuros fora abrigada no interior e os serviços ficaram mais concentrados, o que representava maior poluição no rio.” As medidas tomadas incluem os dez pontos designados para despejo de cisco e imundices.

Com a Revolução a cidade perde seu comércio para cidade de Rio grande, que passa a receber as embarcações que traziam mercadorias brasileiras e estrangeiras. Com isso, a cidade de Rio Grande se desenvolve e Porto Alegre, não. Tal explicação é dada por Franco (1983, p. 30) “enquanto tais percalços ocorriam em Porto Alegre, Rio Grande prosperava a olhos vistos”, isso se deu por Rio Grande não ter participado do conflito, ser inacessível aos ataques farroupilhas, sobretudo como afirma Franco (1983, p. 30) “a cidade marítima da província se fez um ponto habitual de desembarque e acantonamento de tropas, e o natural entreposto de todo o comércio da área dominada pelas armas legalista”. Destaca-se ainda, que a cidade de Rio Grande duplicou sua população e comércio devido aos gastos militares, a presença do exército e as facilidades do comércio decorrentes da campanha uruguaia, uma ‘espantosa imigração oriental e argentina’ e ainda um aumento no número de casas comerciais estrangeiras (FRANCO, 1983, p.31).

Uma das saídas encontradas pelo então presidente da província, após a revolução, foi a imigração. Os imigrantes ou colonos alemães chegaram na região e se instalaram, em São Leopoldo, Novo Hamburgo e outras cidades próximas.

3.2.1 As Casas de Importação e Exportação

Na segunda metade do oitocentos, os principais comerciantes, na cidade, são portugueses e luso-portugueses. De acordo com Franco

no Almanack de Porto Alegre para o ano de 1857, organizado pelo escritor e professor alemão Carlos Jansen, já aparecem, na nominata dos negociantes, numerosos alemães: Carlos Germano Drügg, Carlos Hosking, Frederico Bier, Gertum & Schilling, Guilherme Bier, Guilherme Bormann & Cia., João Jaeger, José Raupp & Irmãos, Foeltzer & Cia, Holtzweissig & Comp (que foi a antecessora da casa Bromberg), Huch & Cia., Kopp & Rech. (FRANCO, 1993, p. 39)

Observa-se que a influência europeia em Porto Alegre era predominantemente de comerciantes portugueses, luso-brasileiros, entretanto o autor destaca o crescimento de estabelecimentos e aumento de comerciantes alemães, dentre as firmas, destacam-se: Carlos Germano Drügg, Carlos Hosking, Frederico Bier, Guilherme Bormann & Cia, João Jæger, José Raupp & Irmãos, Foeltzer & Cia, Holtzweissig & Cia (que foi a antecessora da casa Bromberg), Hugh & Cia, Kopp & Rech. Tais comerciantes eram descritos no Almanack de Porto Alegre para o ano de 1857 (FRANCO, 1883, p. 39). O autor ainda destaca que no mesmo almanaque esboça o comércio porto alegreense em 1857, existiam 65 armazéns de secos e molhados, sendo 13 deles atacadistas; 51 lojas de fazendas, gêneros de importação, livros e miudezas, sendo 9 de atacadistas; 18 casas de ferragens; 15 lojas de miudezas; 3 de louças; 18 depósitos diversos, alguns dos quais em nome dos negociantes que já aparecem na exploração de outros ramos; 10 açougues; e nada menos de 120 “vendas”, um gênero que possivelmente englobasse um vasto universo de botequins de escassa expressão.

As duas lojas de louça situavam-se na Rua da Praia (hoje Rua dos Andradas) e uma na Rua José Montauray (então rua do Paraíso). Observa-se que no “Almanaque Administrativo (?)”, Comercial e Industrial Rio-Grandense para 1873, uma listagem com as lojas de louça, descritas aqui por Franco (1983) as mesmas se dividiam em lojas de louças e vidros e lojas de louças de barro. Pode-se pensar que tal diferenciação ocorre pela sua qualidade e procedência ou apenas pela matéria-prima

Loja de louças e vidros

Boaventura Augusto dos Reis, rua 7 de setembro.

Christiano Reuter e C., rua do Conde d’Eu n. 18

Guilherme Homann, rua dos Andradas, n. 415.

Guilherme Kopp Sucessor, rua do Conde d’Eu n. 17

João Antônio da Rosa & Filhos, rua dos Andradas n. 367.

Loja de louças de barro.

Miguel Fernandes, rua Voluntários da Pátria. (FRANCO, 1983, p. 70).

Observa-se nos quadros acima a presença de dois comerciantes que vendiam louças, são eles: Christiano Reuter e C. e João Antônio da Rosa & Filhos. Alguns comerciantes apontados por Sérgio da Costa Franco, aparecem no rol de mercadorias importadas e exportadas que circulavam nos jornais A Gazeta de Porto Alegre e A Federação. No quadro abaixo, foram identificados os comerciantes alemães que aparecem descritos pelo autor. Buscou-se aqui listar os comerciantes que tenham importado louças e vidros.

Quadro 20 Lista de comerciantes que comercializam louças em Porto Alegre

| | |
|--|--|
| Jornal A Gazeta de Porto Alegre | Jornal A Federação |
| <i>Holtzweissig & Comp.</i> | <i>Fraeb & Comp.</i> |
| <i>Fölzer & Comp.</i> | <i>H. Lüderitz</i> |
| <i>Chr., Reuter & Comp.</i> | <i>Ernest Schneider</i> |
| João Antônio da Rosa & Filhos | <i>Reys, Reuter & Comp.</i> |
| <i>H. Fraeb</i> | João Antônio da Rosa & Filhos |
| <i>Reys, Reuter & Comp.</i> | <i>Bordini & Barbosa</i> |
| Fonseca & Oliveira | Nicolao Kocheler |
| <i>Chrisiano Kraemer</i> | Fonseca & Oliveira |
| <i>F. H. Kessler</i> | |

Fonte: Elaborado por Bezerra (2021) a partir dos Jornais A Gazeta de Porto Alegre e A Federação

Na lista acima, foram destacados em vermelho os comerciantes que negociavam louça. No quadro abaixo buscou-se analisar as notas do Jornal A Federação que mencionavam comerciantes de louças, novamente aparece Christiano Reuter e C.

Quadro 21 Comerciantes e suas especialidades

| CASA COMERCIAL OU REPRESENTANTE | ESPECIALIDADE |
|---------------------------------|------------------|
| Ernesto Schneider | Artigos de luxo |
| Reuter & Comp. | Artigos diversos |
| Bordini & Barbosa | Artigos de luxo |

Fonte: Elaborado por Bezerra (2021), a partir do Jornal A Federação, ano de 1884

O contrabando passa a ameaçar o comércio na cidade, o mesmo ocorre com o aumento das tarifas de importação, os comerciantes reclamam nos jornais locais do aumento das tarifas alfandegárias impostas, como pode-se observar na nota abaixo.

Tarifas das alfandegas

Conclusão

Quanto à louça de porcelana, o imposto é hoje tão gravoso, que mais comum equivale e as vezes excede ao seu valor, provocando por isso o contrabando, como acaba de verificar-se na Alfândega de Santa Catharina (Jornal O Constitucional, quarta-feira, 5 de junho de 1872, Edição 00073)

A nota do Jornal O Constitucional de 1872 enfatiza a cobrança de tarifa alfandegária que excede o valor a ser cobrado, o que justifica o contrabando de louças de porcelana. Em outra nota destaca que não é mais possível adquirir porcelanas com a cobrança de tarifas tão altas. Pode-se inferir que os reclamantes sejam os comerciantes de artigos de luxo, no caso em questão, de louças de porcelana, como enfatiza a nota.

A circulação de louças é observada, através de uma rede que se forma entre os comerciantes e fabricantes de louças. No quadro abaixo foi realizado um levantamento das embarcações estrangeiras que traziam louças e aportavam na cidade de Porto Alegre, observa-se que não foram inseridas as embarcações brasileiras que traziam tais mercadorias, por meio da navegação por cabotagem, entre os anos de 1860 e 1866.

Quadro 22 Quadro Demonstrativo - Importação de Louças

| Período | Navio | Nacionalidade | Nome | Procedência | Louça |
|------------|---------|---------------|---------------|-------------|-------|
| 08/03/1860 | Escuna | Dinamarqueza | Doranna | Hamburgo | 01 |
| 15/03/1860 | Galeota | Holandeza | Valentina | Hamburgo | 02 |
| 04/02/1861 | Escuna | Holandeza | Holstein | Hamburgo | 05 |
| 04/10/1862 | Escuna | Hamburgo | Gatin | Hamburgo | 02 |
| 08/10/1862 | Escuna | Hamburgo | Esessendo | Hamburgo | 13 |
| 21/11/1862 | Lugar | Inglaterra | Lithet Fred | Liverpool | 106 |
| 01/12/1862 | Escuna | Inglaterra | Hanleri Veras | Antuhuy | 31 |
| 06/04/1863 | Escuna | Holandeza | Jatiwilkis | Hamburgo | 10 |
| 30/03/1865 | Escuna | Dinamarqueza | Perspectiva | Hamburgo | 46 |
| 29/08/1865 | Patacho | Havaiano | Becty | Hamburgo | 82 |
| 10/09/1866 | Lugar | Hamburgo | Sal | Hamburgo | 27 |
| 12/11/1866 | Escuna | Hamburgo | Galena | Hamburgo | 13 |

Fonte: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Fundo Junta Comercial do Rio Grande do Sul – Caixa 129 (Maço 1 – Praça de Comércio de Porto Alegre).

De acordo com o quadro acima observa-se que, em março de 1860 foram importados 3 volumes¹²² de louças. Observa-se que o consumo de louças nos anos de 1862, 1865 e 1866 foram superiores aos outros anos evidenciados no mapa acima. O consumo de louças europeias em Porto Alegre cresceu, a partir da segunda metade do oitocentos.

3.2.2. O consumo de louças em Porto Alegre

As exposições Universais proporcionaram aos comerciantes, em especial os porto alegrenses, a formar novas redes de comércio e consumo. Dessa maneira, a

¹²² Utilizaremos o termo volume quando não for identificado o tipo de recipiente o qual as louças ou outros artigos foram importados, como gigos, barris e outros.

exemplo da Exposição Estadual Brasileira- Alemã, em 1881, quando o fluxo de mercadorias vindas da Alemanha e de outros estados brasileiros. A circulação de produtos que variam desde matéria-prima aos industrializados, possibilitou aos comerciantes uma maior divulgação dos seus negócios e estabeleceu relações comerciais.

Os comerciantes, e aqui incluo os donos de casas comerciais, representantes e caixeiros, se adaptaram as ‘novas casas de comércio’ a partir das exposições. Novas estratégias de divulgação e comercialização dos produtos são apenas alguns dos pontos observados. Na sinopse Histórica e Estatística do Município de Porto Alegre, publicado em 1890, descreve a cidade como ‘essencialmente comercial, isso se deve não só pela quantidade de casas comerciais, mas no crescimento e diversificação destas. No quadro abaixo estão listados os nomes das casas comerciais e os artigos importados adquiridos.

Quadro 23 Comerciantes e mercadorias importadas - Jornal Gazeta de Porto Alegre

| Data | Nº/ Página | Comerciante | Rol de mercadorias importadas |
|-------------|-----------------------|-----------------------|---|
| 04/07/1881 | 147 – p.3 | Holtzweissig & Comp. | 12 Caixas com 211 <i>parelhos de louça</i> |
| 05/07/1881 | 148 – p. 3 | Fölzer & Comp. | Caixas com 211 <i>parelhos de louça</i> |
| | | Ch. Reuter & Comp. | 12 Gigos com 211 <i>parelhos de louça</i> |
| 07/07/1881 | 150 – p. 3 | Holtzweissig & Comp. | 2 Caixas com amostras |
| 08/07/1881 | 151 – p.3 | J.A. Da Rosa & Filhos | 1 Caixa com escarradeiras e 5 ditas com 211 <i>parelhos de louça</i> |
| 12/07/1881 | 154 – p. 3 | Holtzweissig & Comp. | 4 Caixas com 211 <i>aparelhos de louça</i> , 1 dita com vasos de barro |
| 13/07/1881 | 155 – p. 3 | H. Fraeb | 2 Caixas de cachimbos |
| 17/07/1881 | 156 – p. 3 | J.A. Da Rosa & Filhos | [...], 1 Dita com vasos de barro, 1 dita com copos de vidro, 1 dita com louça de barro e 2 ditas com 211 <i>parelhos de louça</i> |
| 19/07/1881 | 160 – p. 3 | Reys, Reuter & Comp. | 23 Gigos com <i>louça</i> , 1 barrica com copos de vidro, 1 caixa com amostras |
| 21/07/1881 | 162 – p. 3 | Reys, Reuter & Comp. | 25 Caixas com lampeões, 2 barricas com 211 <i>parelhos de louça</i> |
| 03/08/1881 | 172 – p. 3 | Reys, Reuter & Comp. | 113 Gigos com 211 <i>parelhos de louça</i> |
| 04/08/1881 | 174 – p. 3 | Ch. Reuter & Comp. | 4 Caixas com 211 <i>parelhos de louça</i> |
| 10/08/1881 | 179 – p. 3 | Fonseca & Oliveira | 10 Gigos com 211 <i>parelhos de louça</i> |
| 16/08/1881 | 183 – p. 3 | Reys, Reuter & Comp. | 4 Caixas com objetos de barro |
| 23/08/1881 | 189 – p. 3 | Reys, Reuter & Comp. | 9 Caixas com 211 <i>parelhos de louça</i> , 2 ditas com morigues de barro |

Fonte: Jornal A Gazeta de Porto Alegre

A importação de louças era realizada por algumas casas comerciais, e existiam quatro categorias de casas comerciais que comercializam louças. As duas primeiras eram especializadas na comercialização de louças, sendo uma em louças importadas e a outra em louças locais; a terceira comercializava artigos de casa; e a última diversificados e incluía as louças.

No quadro abaixo estão listados, assim como no quadro anterior, os nomes das casas comerciais e os artigos importados adquiridos.

Quadro 24 Comerciantes e mercadorias importadas - Jornal A Federação

| Data | Nº/ Página | Comerciante | Rol de artigos importadas |
|------------|--------------|--|--|
| 07/03/1884 | nº 55/ p. 3 | H. Lüderitz Hallawell & Comp., | 1 Dita com vaso com flores e 212 aparelhos para lavatórios (dita = caixa) 1 dita com obras de louça (dita = caixa) |
| 21/03/1884 | nº 67/ p. 3 | Reys, Reuter & Comp., | 7 Barricas com 212parelhos de louça, 13 ditas com 212parelhos de barro |
| 22/03/1884 | nº 68/ p. 3 | Chr. Reuter & Comp., | 7 Engradados com 212parelhos de louça |
| 26/03/1884 | nº 70/ p. 3 | Chr. Reuter & Comp., | 1 Caixa de chécaras de louça (dita = caixa) |
| 29/03/1884 | nº 73/ p. 3 | Bordini & Barbosa Ernesto Schneiders Nicolao Kochler | 1 Dita com obras de louça (dita = caixa) Ditas com 212parelhos de louça (dita = caixa) 9 Caixas com 212parelhos de louça |
| 31/03/1884 | nº 74/ p. 3 | Holtzweissig & Comp. | 1 Dita com 212parelhos de louça, [...], 1 dita com amostras (dita = caixa) |
| | | Chr. Reuter & Comp. | 1 Dita com obras de arame de ferro e 212parelhos de louça (dita = caixa) |
| 03/04/1884 | nº 77/ p. 3 | Chr. Reuter & Comp. | Caixas com 212parelhos de louça |
| | | Fosenca & Oliveira | 10 Gigos com 212parelhos de louça e 3 ditas com louça de barro |
| 07/04/1884 | nº 80/ p. 3 | H. Lüderitz | 1 Dita com 212parelhos de louça, 1 dita com cachimbos |
| 08/04/1884 | nº 81/ p. 3 | Christiano Reuter & Comp., | 9 Caixas com 212parelhos de louça |
| 12/04/1884 | nº 84/ p. 3 | Christiano Kraemer | 1 Dita com louça (dita = caixa) |
| 15/04/1884 | nº 85/ p. 3 | Holtzweissig & Comp., | 4 Ditas com 212parelhos de louça (dita = caixa) |
| 17/04/1884 | nº 88/ p. 3 | Ernesto Schneiders | 2 Volumes com 212parelhos de louça (saber o que ele se refere – volume) |
| 18/04/1884 | nº 89/ p. 3 | Chr Reuter & Comp., | 6 Ditas com aparelhos de louça (dita = caixa) |
| 29/04/1884 | nº 98/ p. 3 | Holtzweissig & Comp., | 1 Caixa com 212parelho de louça |
| 03/05/1884 | nº 102/ p. 3 | Fraeb & Comp., | 2 Caixas de 212parelhos de louça |
| 07/05/1884 | nº 105/ p. 3 | João Antônio Da Rosa & Filhos | 1 Caixa com bules de louça |

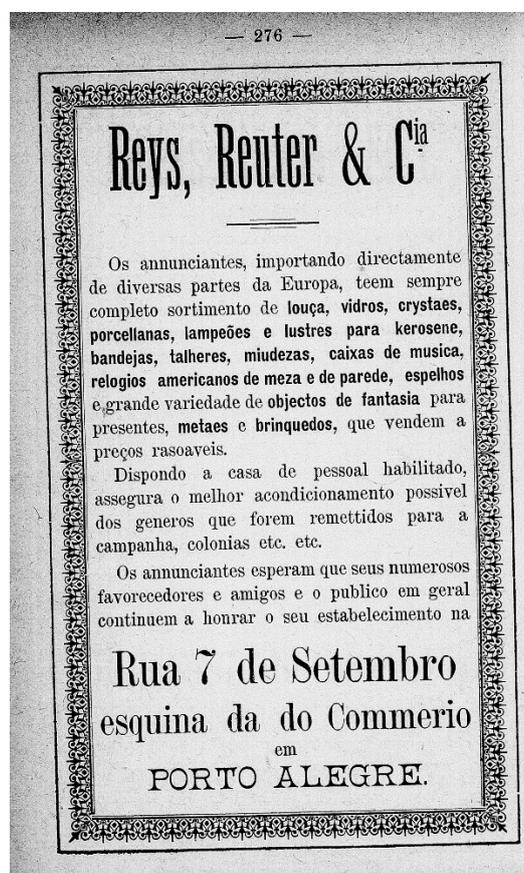
Fonte: Jornal A Federação

Nos quadros acima, embora estão listadas as mercadorias importadas por algumas casas comerciais, em destaque a louça. A Casa Comercial Holtzweissig & Comp. aparece listada nos dois jornais, embora em períodos próximos, e aparece como representante de quase todas as fábricas de louça que enviaram seus produtos para

serem expostos na Exposição Brasileira Alemã, em 1881 observa-se uma continuidade no comércio de louças, não houve um aumento considerável, o que poderia ser justificado pela ausência de divulgação da casa comercial, mas poderia ser uma casa comercial já estabelecida e com consumidores fixos.

Analisando os jornais, anuários e almanaques do período, observa-se que a casa comercial Reys, Reuter & Comp. diminui a importação de louças, mas mantém a divulgação de seus produtos nos anuários, como o Anuário da Província do Rio Grande do Sul, entre os anos 1885 e 1887. Como observa-se na imagem abaixo.

Figura 118 Anuncio da Casa Comercial Reys, Reuter & Comp.



Fonte: Anuário da Província do Rio Grande do Sul para o ano 1885.

No anuncio acima a Casa comercial destaca seus serviços, entre eles: que importa de diversos países da Europa; que comercializa louça, vidros, crystaes, porcelanas e outros; e termina dizendo que os annunciates Reys, Reuter & Comp., esperam que continuem os visitando. No anúncio observa-se ainda o uso de negrito para destacar as mercadorias e o aumento no tamanho da letra enfatizando o nome da casa comercial e do endereço, ainda o tamanho do anuncio, uma página inteira, sendo o que

evidencia o poder aquisitivo da mesma, pois os valores dos anúncios variavam de acordo com seu tamanho e disposição na página. No ano de 1888, o anúncio da fábrica mantinha as mesmas características, um acréscimo observado “agentes da fábrica de louça Sapiranga e retiram os arabescos que emolduravam o anúncio.

Outra casa comercial chama a atenção Chr Reuter & Comp., embora apareça comercializando louça em 1881, aumenta a importação das louças, como observa-se nos jornais citados.

As três casas comerciais analisadas aqui são de comerciantes alemães, e que mantinham casas comerciais conhecidas no Brasil e no exterior.

Na sinopse Histórica e Estatística do Município de Porto Alegre, publicada em 1890, lista as fábricas e lojas que existiam: uma fábrica de louça, duas lojas de louça e oito lojas de louças e vidros. Essas eram casas comerciais que comercializavam louças especialmente e/ou louças e vidros.

Figura 119 Anúncio da fábrica de louças, para o ano 1888.



Fonte: Anuário da Província do Rio Grande do Sul para o ano 1888

O anúncio da fábrica aparece no anuário nos 1887 e 1888, fábrica de louça de barro e informa que entrega em casa, caso as compras de dez mil réis, descreve ainda o cuidado com a qualidade de suas louças tanto na fabricação como no transporte das mesmas e, ainda, que os preços são baixos. Infelizmente, não encontrei mais informações sobre a fábrica.

Quanto a importação de louças e outros artigos, a Sinopse Histórica e Estatística do Município de Porto Alegre, publica em 1890:

Importação: - Os artigos de maior importação aqui introduzidos de alguns pontos do Imperio e da Europa e despachados na Alfandega desta cidade são os seguintes: assucar, bebidas espirituosas, drogas, fazendas, ferragens, louça e christaes, joias, manteiga, maquinas diversas, perfumarias, pianos e

instrumentos de musica, velas de stearina e outros. (Sinopse Histórica e Estatística do Município de Porto Alegre, 1890, p.57).

Entre as casas comerciais nacionais, a Fonseca & Oliveira se destaca pelos itens que vende, porém, apenas observando o anúncio podemos afirmar a que grupo social a referida casa faz chegar suas mercadorias.

Figura 120 Anúncio da Casa Comercial Fonseca & Oliveira, Jornal A Federação em 28 de Fevereiro de 1884.



Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=louça>

O anúncio acima assim como no aviso abaixo, ilustram os itens vendidos pela casa comercial Fonseca & Oliveira, assim como na listagem fornecida pelo jornal com os itens que chegavam e saíam do porto, destaca-se: Fonseca & Oliveira adquiriram 10 gigos (NOTA explicação) com aparelhos de louça e 3 ditos com louça de barro; em outra edição aparecem descritos 17 gigos com aparelhos de louça (Jornal A Federação ano de 1884).

Quadro 25 Rol De Louças Importadas Pela Fonseca & Oliveira

| DATA | Nº PÁGINA | ROL DE MERCADORIAS IMPORTADAS | JORNAL |
|------------|------------|--|------------------------|
| 10/08/1884 | 179 - p. 3 | 10 gigos com aparelhos de louça | Gazeta de Porto Alegre |
| 03/04/1884 | 77 - p. 3 | 10 gigos com aparelhos de louça e 3 ditos com louça de barro | A Federação |
| 30/05/1884 | 124 - p. 3 | 18 volumes com aparelhos de louça | A Federação |
| 13/06/1884 | 135 - p. 3 | 17 volumes com aparelhos de louça | A Federação |

Fonte: Jornais A Federação, A Gazeta de Porto Alegre

O que se percebe é que a referida casa adquiria louças e outros artigos para atender a diferentes públicos aos que tinham maior e médio poder aquisitivo. No aviso abaixo outros itens são descritos.

Figura 121 Anúncio da Casa Comercial Fonseca & Oliveira, para o anno 1888



Fonte: Anuário da Província do Rio Grande do Sul para o ano 1887, p. 286

Assim como a Fonseca & Oliveira, outras casas comerciais atendiam a públicos especializados ou diversos públicos. Ao observar as informações fornecidas pelo jornal acerca das casas comerciais, evidencia-se que os leilões tinham como objetivo vender as mercadorias de massa falida ou até mesmo de famílias que se mudavam para outra cidade. Os leilões eram realizados por profissionais que se especializaram na venda de mercadorias, por vezes funcionando como casas de leilão.

Quanto aos leilões apareceram vários ressaltando a venda de artigos finos, mobília de boa qualidade, itens de cozinha, sala, etc., em sua maioria de porto alegrenses que estavam, de mudança para a capital. Outro ponto importante a ser destacado é que os anúncios mais ‘pomposos’ eram os que tinham itens mais caros, e os mais simples vendiam artigos de baixo valor.

Os leilões funcionavam da seguinte forma: primeiro era feita uma lista, e por vezes um catálogo, com os itens a serem leiloados, e tudo era registrado, caso não fossem vendidos todos os itens, era marcado outros leilões, até que tudo tenha sido vendido ou o proprietário dos bens desista da venda. Tudo deveria ser anotado e depois anexados as informações do leilão. Até o momento não foi possível encontrar nenhum

desses registros ou catálogos referentes aos leilões. Tornando o jornal uma fonte ainda mais rica na coleta e análise de tais dados.

Dentre os leilões analisados destacam-se os organizados pelo agente Ernesto Paiva, devido ao tamanho que ocupava na página, o tamanho e o tipo da letra e o uso, por vezes, de uma imagem próxima ao seu nome. Conforme imagens abaixo.

Figura 122 Anúncio de Leilão divulgado no Jornal “A Federação” 28 de abril de 1884, p. 3.

LEILÕES

LEILÃO

de bonitos moveis, novos, utensilios de
 uma casa de familia, lampeões, crystal,
 porcellanas, etc.

No predio á rua Duque de Caxias
 n. 173

Quarta-feira 30 de abril corrente, ás 4
 horas da tarde

Com autorisação do illm. sr. dr. Luiz
 Mendes de Moraes, que em companhia de
 sua exma. familia retirou-se para a côrte.

PELO AGENTE

ERNESTO PAIVA

Mencionam-se principalmente os se-
 guintes moveis: mobilia de vime com-
 prendendo 19 pecas, guarrição de
 marmore, espelhos, lampeões, tapetes,
 jarros, quadros e outros adornos de sala,
 cama de casal, bidet, — riquissimo
 toilette, aparelho de porcellana para o
 mesmo, commodas, escarradeiras, ca-
 bides, mesa elastica para jantar, mo-
 bilia de varanda, guarda-louça, escri-
 vaninha, cadeiras avulsas, estante para
 livros, guarda-vestidos, mesas differen-
 tes, porta-toalhas, louça avulsa, vidros,
 porcellana, etc.

Tambem venderá uma colleção de
 livros scientificos como abaixo se vê:

Domanet — Curso de construcção, 3
 volumes.

Lacroix — Elementos de algebra.

Bourdon — Idem.

Briot — Estradas e pontes.

Guerra — Guia do operario.

Eresenus — Analyse chimica.

Autran — Economia politica.

Taine — Positivismo inglez.

« — Idealismo inglez.

Strada — Ponto de partida do pen-
 samento.

Noel — Litteratura franceza.

Machengic — Arinda no casamento.

Quatrefages — Historia do homem.

Roquette — Diccionario de synoni-
 mos.

Roquette — O imperio do Brazil em
 1873 acompanhado de um mappa do
 paiz.

Picaneu — Vocabulario de estradas.
 (386.)

Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&PagFis=203&Pesq=porcellana>

O consumo de louças observado está interligado a rede de civilidade, onde a escolha do que é comprado para uso doméstico ganha poder, status e distinção. A louça sai da vitrine de um expositor em uma exposição universal e vai para ser exposta em uma casa comercial e depois de adquirida por um consumidor vai para um guarda louça, móvel destinado a expor, não apenas a louça, mas sua posição social. Quanto a sociabilidade e o consumo, ambos estão associados a aquisição de tais itens, nesse caso a louça, associada a outros itens como talheres, compoteiras de prata, licoreiras e outras

dão indícios do poder aquisitivo e o uso que era feito de tais itens. Confrontar com outros jornais pode ser fundamental para entender os níveis e formas de sociabilidade que mais se destacam.

4 REGRAS DE CIVILIDADE E RITUAIS A MESA. O SER CIVILIZADO NA PORTO ALEGRE OITOCENTISTA

A casa é um espaço de sociabilidade e sua estrutura, tanto interna como externa, representa um poder simbólico. A sala de jantar, neste caso, adquiri um papel norteador para as relações de sociabilidade que passam a ser exigidos, assim como os rituais do chá e jantar, as regras de etiqueta e civilidade e a aquisição de artigos de luxo europeus, compõem o capital simbólico para ser inserido no campo social, que tem como exemplo o europeu. Embora, o processo para que a casa se torne esse espaço demorou.

Foram criadas estratégias de consumo, onde as mercadorias produzidas eram comercializadas nas Américas, Ásia, entre outros e com isso, se tornava possível sua aquisição. A globalização apresentada anteriormente tornou possível tal circulação, embora se apresente uma circulação de bens, vale ressaltar que foi além disso, uma circulação de ideias, culturas e materialidade, em que se pode inserir tecnologia e design. Os livros de culinária foram inseridos na sociedade com o objetivo de apresentar a culinária europeia e se aproximar das receitas utilizadas, dessa forma contribui para importação de ingredientes para melhor elaboração dos pratos. Ainda ensinam quais os principais livros que circulavam na Europa e os utensílios mais utilizados.

A Proposta deste capítulo é, a partir da cultura material e dos manuais de civilidade compreender como os hábitos e costumes da sociedade porto alegreense mudou, assim como seu comportamento de consumo. Outro ponto a ser discutido aqui, é o papel da louça como elemento de distinção social.

As fontes utilizadas foram: anúncios de leilões publicados em jornal, manuais e civilidade e livros de culinária, e ainda a cultura material exumada (Sítio RS JÁ 06 – Praça Rui Barbosa). Para nortear as discussões apresentadas neste capítulo, recorreu-se a RAINHO (1993), PILLAR (2004) ELIAS (1994) e SCHALVELZON (2000), entre outros.

4.1. SER CIVILIZADO E LITERATURA DE CIVILIDADE

Criadas após a Revolução Francesa (1789) as regras de comportamento e civilidade passam a ser difundidas, a priori na França e depois se expandem pela Europa. Denominadas de etiqueta ou regras de civilidade, tinham como função normatizar a vida social e cotidiana dos membros da corte francesa. Os hábitos e costumes foram aos poucos sendo modificados, sendo inseridas regras à mesa e o controle das pulsões:

[...] Somente a partir do século XVI é que as boas maneiras começam a ser compiladas em códigos de conduta escritos, que passam a definir como cada um deveria se comportar, mas diversas circunstâncias da vida; regras concernentes à higiene do corpo; ao comportamento em sociedade; às atitudes perante as funções corporais; às maneiras à mesa, entre outras". (PILLA, 2004, p:50)

A inserção das normas ocorria concomitante a prática de consumo voltada para aquisição de artigos de luxo, para compor os espaços de sociabilidade, como a sala de jantar, e a exposição das louças europeias de uso doméstico, como os aparelhos de jantar, expostos nos guarda-louças e/ou nos jantares e banquetes, e com eles a aplicação das regras ensinadas nos manuais.

Com o surgimento das regras de civilidade e sua aplicabilidade na corte francesa, foram necessárias adotar medidas para atender a nova configuração francesa, em primeiro lugar foram impressos manuais destinados a sociabilidade, e posteriormente a reconfiguração do espaço doméstico com a adoção da sala de jantar, por exemplo. Os manuais de civilidade e etiqueta cumprem um papel relevante no processo, em que possibilitam os agentes do campo se inserirem ou se manterem. A civilidade não era inata, deveria ser ensinada, como expõe Maria Cecília Pilla, e com esse objetivo foram difundidos os manuais de civilidade e etiqueta, como exemplo, controlar as pulsões era apresentado, por meio do uso do guardanapo.

O controle das pulsões analisado por Norbert Elias em sua obra *Processo Civilizador*, resulta em regras de higiene, como a excreção, para tanto surge a escarradeira ou cuspeira, que poderia ser de faiança fina, porcelana, vidros ou metais nobres, eram colocados na sala e no gabinete de fumantes, sempre no chão e em pares, um em cada lado do sofá de palhinha (LIMA, 1995, p. 66). A excreção de humores era condenada pelos manuais de civilidade, considerando que antes se escarrava ou cuspiam no chão, sendo assim, o uso da escarradeira recebia o excesso da saliva ou catarro, ou

ainda o hábito de mascar fumo e escarrar, um recipiente criado especificamente para conter os fluidos expelidos pela boca. O uso das escarradeiras perdurou até início do século XX, nas casas brasileiras, e mesmo depois que caiu em desuso, foi utilizado como objeto decorativo.

Os manuais de civilidade foram criados na Europa e depois traduzidos e adaptados, passando a circular pelos quatro cantos do mundo. O ‘Ser civilizado’ era ter conhecimento das regras de civilidade e saber usá-las, para tanto são criadas as literaturas de civilidade que se dividem em pedagógica e cortesã, ambas tinham como função educar, por intermédio de regras, como o indivíduo deveria se portar em sociedade. As regras de civilidade se aplicavam a tudo que dizia respeito a vida em sociedade, desde enviar um convite para jantar como para servir o mesmo. Era uma forma de se distinguir não apenas dos diferentes grupos sociais, mas de indivíduos dos mesmos grupos, para tanto foi associada à civilidade o consumo de determinados itens, como mobília, aparelhos de chá e jantar, decoração dentre outros.

Os objetos passam a ter um papel importante, pois passam a estar vinculados a sociabilidade, são criados espaços para os rituais do chá e jantar, e com eles itens que compõem seus respectivos aparelhos e mobília adequada para realização deles. O consumo passa a ter um papel importante, pois exige-se mais das fábricas para produzir objetos que possam diferenciar os grupos, além de mais itens. As louças têm um papel fundamental aqui, pois contribuem para promover a distinção e a civilidade dos referidos grupos. São criados guarda-louças para que os indivíduos possam exibi-las, aparadores que sejam colocadas durante a recepção ou jantar. Observa-se como os rituais do chá e jantar contribuem para tal distinção, pois não era impreterível apenas ter deveria saber usá-los.

Durante a Idade Média foram elaboradas as primeiras regras de etiqueta e civilidade, ou normas de cortesia (BRAGA & BRAGA In: CARVALHO, 2003, p. 10). Tais obras eram escritas com frases curtas com o objetivo de serem memorizadas e em verso. Dentre as obras publicadas destaca-se *Civilidade Pueril*, escrita por Erasmo de Roterdã em 1530, ela foi escrita para o jovem nobre Henrique de Borgonha, filho do príncipe Adolfo de Veere. Em sua obra o autor apresenta a falta de polidez da sociedade. Na mesma foi feita uma compilação da tradição oral até então usual. Foi a primeira obra impressa que trata do tema civilidade. A obra teve 130 edições até o setecentos, tendo sido traduzidos em diversas línguas e alvo de imitações.

As obras de civilidade aparecem, em maior número, entre os séculos XVII e XX, pois tinham como objetivo de aumentar o poder social e econômico, as obras eram destinadas as camadas mais abastadas da sociedade em diferentes pontos do planeta. Os modelos de civilidade apresentados nos manuais que foram traduzidos, principalmente do francês para o português de Portugal, e chegaram ao Brasil. Os manuais de civilidade tinham como função de civilizar, embora tenham passado por mudanças ao longo do tempo. Dessa maneira, no século XIX:

Os manuais, regra geral, abordaram as situações de vida quotidiana, nomeadamente higiene, vestuário, mobiliário, contactos com servidores ou senhores, vizinhos, amigos e familiares, troca de correspondência e formas de tratamento e as situações especiais, tais como jantares, recepções, bailes, idas aos concertos aos teatros, visitas e cerimónias e momentos diversos, nomeadamente casamentos, baptizados e mortes. (BRAGA & BRAGA (In; CARVALHO, 2003, p. 18))

Os tópicos abordados nos manuais não eram exatamente os mesmos, embora alguns assuntos abordados se repetissem, eram tratados de forma mais aprofundada ou não dependendo da obra. No caso Europeu, as obras de civilidade, circulavam desde setecentos, e dentre outros pontos, ensinava hábitos a mesa, higiene corporal (controle das pulsões), formas de comportamentos e maneiras de comer. (RAINHO, 1995, p. 140)

A Literatura de Civilidade corresponde as obras voltadas para o ensino das maneiras e de se comportar em público, em síntese de ser civilizado. De acordo com CECCHIN & CUNHA:

Diante do que se convencionou denominar como literatura de civilidade, busca-se compreender a noção de uma certa experiência do que possa implicar o 'conceito de civilizado, no sentido de cultivado, polido ou consumido', visando uma internalização das regras dispostas ao que possa oportunizar à formação do bom caráter e à construção das boas maneiras. (CECCHIN; CUNHA, 2007, s/p)

A internalização das regras de civilidade tinha como objetivo formar um bom caráter e construção de boas maneiras, como afirmam os autores acima, os manuais de civilidade e etiqueta promovem uma ritualização dos comportamentos e 'boas maneiras'. De acordo com BRAGA e BRAGA (*apud*: CARVALHO, 2003, p. 31) sendo a transformação dos comportamentos um processo lento, e sabendo-se que os públicos das civilidades não foram sempre os mesmos ao longo do período em estudo, cabe perguntar a quem se forma e destina-se estes códigos do socialmente correto. O

processo de civilidade apresentado por Carvalho, se aproxima do que define Norbert Elias como processo civilizador, dividido em três etapas, sendo elas:

Cortesia, civilidade e civilização assinalam três estágios de desenvolvimento social. Indicam qual sociedade fala e é interpelada. Não obstante, a mudança concreta no comportamento que, daí em diante, serão chamados de ‘civilizados’ ocorrem — pelo menos na medida em que são visíveis nas áreas aqui discutidas — na fase intermediária. (ELIAS, 2011, p:108).

Na Europa as regras estabelecidas e ensinadas foram passadas em cada etapa e eram voltadas para nobreza e burguesia, promovendo a distinção, por meio dos artigos de luxo e civilidade. E só depois foi expandida pelo mundo, com o objetivo de civilizar os diferentes grupos no planeta, causando mudanças físicas e sociais, provocando mudanças estruturais nas cidades e na organização social.

As transformações ocorridas entre os séculos XIX e XX possibilitaram o crescimento das cidades e a criação de elementos distintivos entre os grupos sociais, e ainda estratégias de expansão de um modelo de civilidade que, até então existia apenas na Europa. O modelo apresentado ou ‘imposto’ modificou hábitos, costumes e criou uma sociedade consumidora, que para se aproximar dos grupos mais abastados, mais especificamente a nobreza. Desse modo, busca internalizar as regras de civilidade criadas tanto como elemento distintivo como uma forma de poder ou ainda de punição através da exclusão ou não aceitação no grupo.

A trajetória dos objetos, principalmente das louças, é observada aqui desde seu descarte, perpassando sua produção, circulação e agora consumo. Porém pensar na tríade produção-circulação-consumo, associado as regras de civilidade e etiqueta, possibilita entender como o modelo europeu em processo de expansão se alinhou ao capitalismo e com isso juntou-se a ambos, através de estratégias para o consumo de bens materiais ou artigos de luxo. O modelo europeu de civilidade e consumo não se resumia a adquirir um bem, como uma louça e com isso se inserir no grupo, onde se faz necessário entrar em uma disputa para se inserir no mesmo. A disputa em questão diz respeito as regras criadas, nesse caso de civilidade e consumo, para ser aceito no grupo. Não bastava saber utilizar todos os itens de mesa ou saber se comportar à mesa, era preciso adquirir os artigos de luxo que eram apresentados pelo campo em questão.

Os códigos de civilidade, assim como os objetos que compõe a mesa e a cozinha, destaca-se aqui a louça, somam o capital simbólico necessário para ingressar ou se manter no campo social, aqui formado pelos grupos mais abastados e que

possuem meios e recursos para se manter ou se inserir. A aquisição de louças, por exemplo, por meio das casas comerciais provenientes da Europa estabelece um dos elementos de distinção.

A Literatura de Civilidade é dividida em cortesã e pedagógica, compõem esse tipo de literatura, regras de etiqueta, guias de bom-tom, tratados de cortesia, dentre outros. (RAINHO, 1993, p. 140). Acrescenta-se aqui os Manuais de Administração do Lar, que tinha como objetivo ensinar a ‘dona de casa’ a cuidar de questões cotidianas relacionadas aos cuidados com a família, os criados, a casa e sua aparência. Na obra “O Lar Doméstico, Conselhos para a boa direção de uma casa” a autora descreve a importância de seu livro (CLESSER, 1902, p. VI) “Toda a jovem dona de casa pode, graças aos conselhos práticos do presente livro, tornar-se a sua própria educadora doméstica”, observa-se que o objetivo de tais manuais de Administração do Lar, são voltados, para que a mulher possa ‘cuidar’ de todos os aspectos da casa, como afirma a autora.

A Literatura de Civilidade chega ao Brasil com a família real portuguesa, em 1808, e imposta aos grupos mais abastados que desejavam se aproximar da corte, dessa forma, mudaram hábitos e costumes, inserindo regras de etiqueta e civilidade ao seu cotidiano. Dessa forma, os manuais de civilidade passaram a circular entre as camadas mais abastadas da sociedade, mas isso não quer dizer que tenham aprendido rapidamente as regras de civilidade, nem tão pouco a usar os utensílios de mesa e cozinha.

No caso brasileiro, sua inserção no modelo europeu de civilidade e consumo precisava ocorrer de forma rápida, onde observa-se a aquisição de artigos de luxo e manuais de civilidade, lembrando que a civilidade não é inata, e que por ser um processo não é homogêneo, sendo assim não se pode pensar que ocorreu da mesma forma e nem tão pouco no mesmo tempo para os agentes que buscavam se inserir no campo social apresentado. Para tanto a literatura de civilidade foi muito útil para o grupo abastado que buscava integrar um campo social com agentes que detivessem o capital simbólico necessário para ingressar.

O campo social era formado por regras de sociabilidade, civilidade e consumo, a composição dos espaços da casa, assim como a aquisição de artigos europeus de uso doméstico, como a louça, assim como saber a função de cada item que compunha os utensílios de mesa e cozinha, e ainda estar atento as estratégias de manutenção e inserção impostas pelo campo. Para se manter no campo era necessário dominar o

capital simbólico necessário, existia, porém uma disputa, e esta era feita, através das aparências, em que os agentes do campo vigiavam e puniam os outros agentes que não detinham o conhecimento das regras de civilidade ou não dominavam todos os elementos que compunham o capital simbólico necessário.

4.1.1 Literatura de Civilidade Cortesã

A literatura de civilidade produzida na Europa circulava no Brasil, através das casas comerciais, e eram adquiridas e utilizadas com o objetivo de aprender as regras de sociabilidade, civilidade e consumo. As regras de civilidade e as práticas de consumo apresentadas pela corte portuguesa aos grupos mais abastados no Brasil foram apreendidas de forma gradual, lenta e heterogênea, ela não chegou a todas as cidades da mesma forma e intensidade. As principais obras foram traduzidas do francês para o português (Portugal), depois publicada em Portugal, e posteriormente no Brasil. Além dos manuais circulavam os livros de culinária, verdadeiros manuais, que além de trazer receitas ensinavam como utilizar alguns utensílios de cozinha, como o galheteiro e a faca para trincar.

Na obra **O Código do Bom Tom ou regras da civilidade e de bem viver no século XIX**, J. I. Roquette inicia um questionamento, acerca do uso dos utensílios de mesa e cozinha, dentre eles pergunta (ROQUETE, 1997, p.192) “Sopa com garfo? Valha-vos Deus, ninguém come sopa com garfo; mas vamos diante. Que comestes depois da sopa?”. A priori, causa estranhamento pensar em ‘comer’ sopa com garfo, como se fosse nato a todos os grupos, fazê-lo, porém essa é uma das estratégias que os agentes do campo social aqui apresentado utilizam para se distinguirem dos demais. Tal questionamento de J. I. Roquette em sua obra **O Código do Bom Tom** segue-se a outros relacionados as regras de etiquetas e civilidade que deveriam ser conhecidas e utilizadas pelos agentes do referido campo, independentemente de sua idade.

A literatura de civilidade aqui apresentada, pode ser analisada em dois tipos, sendo o primeiro pedagógico voltado para meninos e meninas, como dito anteriormente, e o cortesão, sendo este aqui subdivido em dois os manuais de civilidade e os manuais de administração do lar apresentadas nos manuais de civilidade e nos relativos à administração doméstica, sendo o último direcionado a ‘dona da casa’ que ensina a decorar, limpar e organizar a casa. O que diferencia uma literatura de civilidade cortesã e o manual de administração doméstica é a especificidade que se apresenta no segundo,

quando trata da limpeza da louça, como tirar a mesa, como limpar os lampiões, dentre outros.

Os manuais de civilidade passam a circular, com mais intensidade, a partir do século XIX, embora já existissem obras manuscritas que tratassem do tema. Considerado um dos primeiros manuais de civilidade impressos intitulado *A Civilidade Pueril*, de autoria de Erasmo de Roterdão, foi escrito em 1530, considerado um divisor de águas, considerando que até sua produção os demais manuais eram orais, sendo este o primeiro impresso. Ao tratar de civilidade o autor deixa claro que essa civilidade deve ser para os nobres, considerando “todos aqueles que cultivam o espírito graças à prática das belas-lettras” (ROTERDÃO, 1978, p. 70). A literatura de civilidade, assim chamada, era destinada aos nobres, o ser civilizado representava um grau de inteligência e aparência, como afirmou o autor. Era o que distinguia os grupos sociais, a civilidade.

Erasmo de Roterdão ou Roterdã, não foi o ‘criador’ ou idealizador da chamada *Literatura de Civilidade*, sua obra foi a primeira ser impressa, pois até então as normas eram orais ou manuscritas por ingleses, franceses, italianos e latinos já haviam deixado suas obras manuscritas acerca do tema, no século XV (ROTERDÃO, 1978, p. 12). Sua obra era dividida em cinco capítulos curtos, sendo o primeiro intitulado “Da decência e da indecência de apresentação”, o segundo trata “Do vestir”, o terceiro aborda “Da forma de comportamento a ter numa igreja”, o quarto discorre acerca “Das refeições”, o quinto discorre acerca “Dos encontros”, o sexto trata “Do jogo”, o sétimo e último apresentar as regras “Do dormir”. Os títulos apresentados pelo autor abordam aspectos discutidos no século XVI. A obra em questão é direcionada aos meninos desde seus primeiros anos até sua adolescência.

As obras passam por mudanças assim como as maneiras, como explica Elias:

Dizia-se a elas: façam isto, não façam aquilo. Mas de modo geral muita coisa era tolerada. Durante séculos aproximadamente as mesmas regras, elementares segundo nossos padrões, foram repetidas, obviamente sem criar hábitos firmes. Neste momento, a situação muda. Aumenta a coação exercida por uma pessoa sobre a outra e a exigência de “bom comportamento” e colocada mais enfaticamente. (ELIAS. 1994. p. 91).

O controle social passa ser mais imperativo, sendo lentamente mudando havendo um maior ‘controle das emoções’, embora só posteriormente observa-se que os novos hábitos introjetados, a partir dos códigos sociais de civilidade são assimilados por um grupo ainda pequeno de pessoas, grupo letrado. Havia a necessidade, segundo

Norbert Elias, de se expandir o processo civilizador, isso só ocorrerá após a Europa passar pelas três etapas apresentadas pelo autor, cortesia, civilidade e civilização.

No século XVIII, outra obra despertou o interesse europeu, seu autor Adolf von Knigge¹²³, publicada na Alemanha, em 1788, intitulado “Über den Umgang mit Menschen”¹²⁴. A obra foi dividida em três partes, sendo elas: a primeira parte é destinada a trazer lições de como lidar com pessoas de uma forma geral e de temperamentos diferentes e consigo; a segunda parte apresenta títulos relacionados a ensinar como lidar com diferentes tipos de relacionamentos e situações com pessoas próximas; a terceira parte e última descreve como lidar com a riqueza ou a quase falta dela, com o cortesão, clero, animais e outros. A obra passou por mudanças, não só na inserção de conteúdo, mas, sobretudo no padrão gráfico e nas capas. A capa abaixo circulou no ano em que o manual foi publicado pela primeira vez.

Figura 123 - Capa da obra Über Den Umgang Mit Menschen, em 1788.



Fonte: Deutsches Textarchiv Berlin-Brandenburgische Akademie der Wissenschaften, 2007-2019

A obra é um manual de sociabilidade, em que o autor ensina as regras para se viver em sociedade e as diferentes situações que possam surgir. Somente com a morte do autor, em 1796, foram inseridas regras de comportamento para atender as críticas de que a obra era um manual de civilidade e que constava, por tanto, regras de civilidade.

Por todo o século XVIII foram produzidas obras voltadas para propagar as regras de civilidade e etiqueta. O que se observa com a obra de Adolf von Knigge é que a mesma era voltada para sociabilidade, mas que para atender uma necessidade

¹²³ O autor Freiherr *Adolph Franz Friedrich Ludwig Knigge*, ficou conhecido por *Adolf von Knigge*.

¹²⁴ Como lidar com pessoas (Tradução da autora)

crecente de expandir a ritualização dos costumes e maneiras. A obra de Knigge torna-se um divisor de águas, onde observa-se que a editora após a morte do autor, insere regras de civilidade em uma obra voltada ao bom relacionamento entre as pessoas, e não a impor um controle das pulsões.

Para o sociólogo Norbert Elias a primeira etapa do processo civilizador é **cortesia**, ensinada a priori, em manuais manuscritos, posteriormente em manuais impressos, as regras de comportamento; na segunda etapa é a **civilidade**, que ocorre no século XVII, período de muitas mudanças de comportamento; na terceira e última etapa ocorre a **civilitas** ou **civilização**, o bom comportamento social, pois para Norbert Elias, após passar pelas etapas anteriores o indivíduo internalizou as regras de civilidade ou de comportamento, tornando-se portanto, civilizado (BEZERRA, 2015). As mudanças entre uma etapa e outra ocorrem gradual e lentamente, e segundo Elias após a Europa torna-se civilizada, agora era a vez de expandir a civilidade. Isso não quer dizer que tenha ocorrido de forma homogênea nem tão pouco rápida.

Com a expansão do processo civilizador ocorre um crescimento na produção de obras destinadas a etiqueta e civilidade, justificada, segundo SCHWARCZ (*apud* ROQUETTE, 1997, p. 11) “com a maior alfabetização e o crescimento da indústria editorial torna-se popular uma série de guias cujo propósito final é estabelecer regras e modelos de sociabilidade”. Os referidos manuais ocuparam uma posição fundamental, no que diz respeito a expansão do modelo europeu de civilidade e consumo, em expansão. As referidas obras, segundo ainda a autora

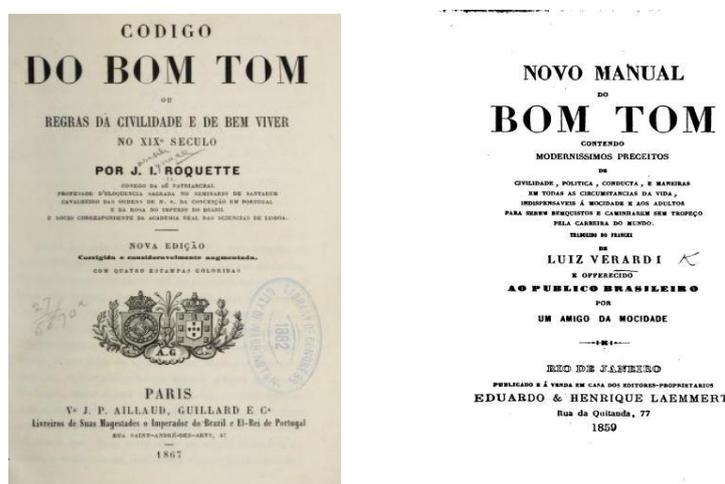
Apesar de conter diferenças entre si, esses manuais, publicados ou traduzidos em várias línguas e países, apresentavam estilos e conteúdos muito semelhantes. Escritos de forma clara e didática, dedicavam-se à “ciência da civilização” e introduziam seus leitores nas especificidades que marcavam a nova vida de sociedade. A organização dessas obras era também particular. (SCHWARCZ, 1997, p: 11 *apud* ROQUETTE).

Os manuais eram produzidos com o objetivo de serem de leitura rápida e clara facilitando a compreensão dos leitores e, ainda podiam ser ensinados aos demais membros da família, da mãe para os filhos. O ‘caráter pedagógico’ atribuído aos manuais tornam-se ferramentas indispensáveis na expansão da civilidade, contribuindo no aumento na produção de tais obras. A literatura de civilidade, segundo Rainho (1995, p. 140), “é composta por: Tratados de cortesias, manuais de *savoir-vivre*, regras de conduta, elementos de moral. Guias de bom-tom”. Destacamos ainda, os Guias para

Administração do Lar que norteiam a dona de casa na organização da casa, da família e dos afazeres domésticos.

Um dos mais difundidos dos manuais de civilidade, “O Código de Bom Tom” foi escrito por José Inácio Roquette e publicado, pela primeira vez em 1845, a obra foi dividida em vinte tópicos curtos, abordando diversos aspectos da vida em sociedade, como: dos bailes, das partidas ou reuniões noturnas, dos jantares e banquetes, das cartas entre outros. Observa-se que, assim como na capa da obra de Adolf von Knigge, a capa do código de J.I. Roquette destacam-se: lidar com pessoas (Umgang mit Menschen) e no segundo “Do Bom Tom”, visando chamar a atenção do leitor.

Figura 124 - Capas de dois dos principais manuais de civilidade que circulavam no Brasil



Fonte: <https://archive.org/details/codigodobomtom00roqu>, Acesso em: 20.03.2105.

Assim como a obra de José Inácio Roquette outras obras surgiram ensinando civilidade aos grupos mais abastados. A literatura produzida no século XIX difere das produzidas nos séculos anteriores, observa-se uma produção voltada para dois tipos: uma para corte e a outra para escolas. A diferença entre as literaturas é descrita por Maria do Carmo Teixeira Rainho, em seu artigo “A distinção e suas normas: leituras e leitores dos manuais de etiqueta e civilidade – Rio de Janeiro, século XIX” (Rainho, 1995, p. 139), afirma que “neste processo de ‘civilidade dos modos’ os cuidados com a higiene, a correção dos modos e adequação e a distinção no vestir passam a contar quase tanto quanto o dinheiro e os títulos de nobreza”. Ser civilizado passa a ter um caráter distintivo, não é apenas ter posses é muito além disso, é saber e usar as regras de etiqueta e civilidade ensinadas nos manuais ou códigos de civilidade.

4.1.2. Literatura de Civilidade Cortesã

A Literatura de Civilidade Cortesã aqui apresentada divide-se em duas: a primeira destinada a vida cotidiana na corte, a segunda a administração do lar. Destaca-se a obra da Condessa Gencé intitulada **Tratado de Civilidade e Etiqueta**, a primeira edição publicada, aproximadamente, em 1909, e sido muito utilizado durante o século XX. O Tratado é de autoria de uma francesa que usou o pseudônimo Condessa Gencé, tendo ela publicado outras obras, como: Guia Mundano da Meninas Casadoiras, sendo anterior a 1890, pois neste ano foi lançada sua 2ª edição.

A obra se divide em três partes, sendo a primeira introdutória denominada **cortesias**, trata de assuntos relacionados a diferentes formas de cumprimentar, beijar-mão, oferecer o braço, o sorriso, bocejo, espirro, o lenço e por fim fumar. Quanto ao cumprimento a autora (GENCÉ, 1970?, p. 5) discorre “O cumprimento é como a moeda miúda, que corre de mão em mão, sem empobrecer ninguém”. (p. 5); a segunda intitulada **em família** divide-se em: as crianças, professores, criados e patrões, festas de família, o nascimento, o casamento, o óbito e por último o luto. Nos temas apresentados são descritas as regras de civilidade aplicadas a cada caso.

Cada ponto é subdividido em tópicos e rapidamente explicados. O terceiro e último recebe o título **na sociedade** e na primeira parte trata dos encontros que podem ocorrer nas escadas, na rua, automóvel dentre outros. A segunda parte trata das visitas e suas regras, o terceiro aborda as apresentações, como estas devem ser feitas, o quarto discorre das refeições e será melhor apresentado, o quinto intitulado “recepções, bailes e soirées” será abordado de forma mais superficial, o sexto trata da hospitalidade, e o sétimo e último discuti sobre a correspondência e os presentes.

Na Literatura de Civilidade Cortesã relacionada a Administração do Lar, destacam-se duas obras, a primeira “Arte de viver na sociedade” escrita por Maria Amália Vaz de Carvalho, a Autora portuguesa nascida, em 1847, em Lisboa e falecida em 1921, também em Lisboa. Seu manual foi publicado em 1897, em Portugal e circulou por diversas partes do mundo. Sua obra é dividida em três parte, sendo elas: primeira parte: **Os tipos**, aqui a autora apresenta os diferentes tipos de comportamento que é observado, destaca-se aqui: os tópicos ‘a apresentação no Mundo’, ‘Convites para jantares’ e ‘À mesa do Jantar’; segunda parte – **Usos, Costumes, Convenções** – os pontos abordados aqui são: as grandes recepções e pequenas reuniões noturnas, além das visitas e arte de receber. Destaca-se aqui o tópico ‘Da mobília e da Decoração

Interior das Casas'; terceira parte **A Vida Quotidiana** aborda aspectos relacionados ao cotidiano externo, como eventos, correspondência, boa ou má educação, como tratar os 'inferiores' e regras para crianças. Não será tratado nenhum dos itens aqui apresentados.

O segundo guia "O Lar Doméstico, Conselhos para a boa direção de uma casa" escrito por Vera A. Clesser, publicado em 1898, a obra é considerada um Manual de Administração do Lar, em que a autora descreve com detalhes a 'arte' de administrar a casa. E destaca um cuidado especial a sala de jantar e sala de visita.

O livro é dividido em quatro partes: Primeira parte – trata de aspectos relacionados aos cuidados com a família; segunda parte - trata dos cômodos da casa, em especial a sala de jantar, sala de visita e a cozinha ideal, destacando os utensílios utilizados, e por último o quintal; terceira parte – aborda as refeições relacionadas à sociabilidade, como o jantar íntimo, o banquete, o almoço, bailes e saraus e a educação da criada. A autora ainda destaca a cozinha de forma mais ampla e a quarta e última parte que trata das ocupações especiais da dona de casa, da química doméstica, destacando as técnicas de limpeza dos itens da casa e cozinha.

A autora apresenta o livro como palestras domésticas voltadas as jovens e ainda para as mães que pretendem educar suas filhas a se tornarem boas donas de casa. De acordo com Clesser (1902, p. VI), "Toda a jovem dona de casa póde, graças aos conselhos práticos do presente livro, tornar-se a sua própria educadora domestica". Observa-se aqui a relevância da obra atribuída pela autora, destaca a importância de uma jovem aprender o conteúdo do livro, todas as regras de civilidade, sociabilidade e ainda administração do lar.

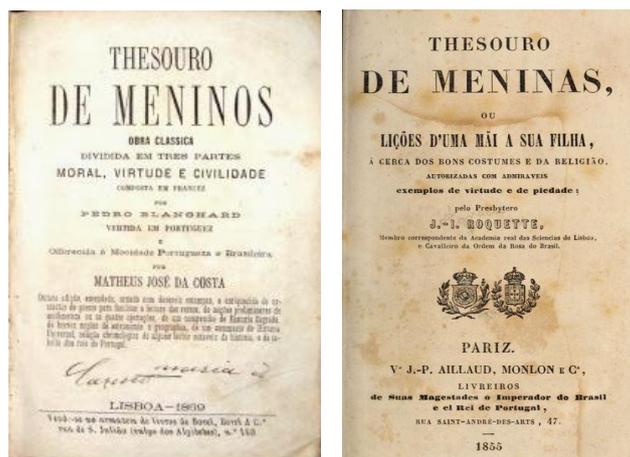
A literatura de civilidade aqui apresenta, por meio de alguns manuais, códigos e guias e reproduzem uma distinção social indicada com a chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808. Esse tipo de literatura se difundiu rapidamente, circulando na capital e nas principais cidades brasileiras, como observa Schwarcz (1998, p. 204)

[...] no Brasil é justamente o grupo vinculado ao monarca que fará dessa literatura um reforço às distâncias sociais e aos comportamentos distintivos. É em nome da civilidade que tratados são editados e reeditados, como é o caso de O novo manual do bom-tom, que em 1900 chega à sexta edição Thomas Ewbank, em suas descrições sobre os pregões ambulantes da corte, cita o Manual de Polidez como exemplo dos milhares de obras vendidos nas ruas da capital brasileira. Manuais também apareciam nos anúncios de jornais da corte, como no jornal português que circulou no Rio de Janeiro de 1836 a 1850 e que estampava anúncios do Manual de etiqueta e civilidade. (SCHWARCZ, 1998, p: 204).

4.1.3. Literatura de Civilidade Pedagógica

No decorrer do oitocentos, as regras de civilidade eram ensinadas nas escolas e colégios femininos e masculinos, a chamada literatura de civilidade pedagógica, e visava moldando o comportamento da aristocracia. Tais manuais eram destinados aos grupos mais abastados, promovendo distinção entre os demais, como dito anteriormente. A Literatura e Civilidade Pedagógica segundo BEZERRA (2015, p. 174) contava “a participação dos pais no processo de civilidade dos filhos era um reflexo das rígidas regras impostas de civilidade, pois tal processo deveria ser iniciado ainda nos primeiros anos das crianças. Os referidos manuais ensinavam aspectos importantes para a boa sociedade, como polidez, política, moral dos jovens, dentre outros. E ainda, eram divididos em manuais para meninas e manuais para meninos.

Figura 125 - Capas dos livros ‘Thesouro de Meninos’ e ‘Thesouro de Meninas’ (Meninos e Meninas)



Fonte: BLANCHARD, Pedro, 1869 e ROQUETTE, José Inácio, 1855.

Os manuais pedagógicos tinham como objetivo normatizar as maneiras e costumes desde cedo. As presenças das obras acima, no Brasil, datam de 1800, aproximadamente. Segundo Fabiana Sena (SENA, 2014, p. 313) a circulação da literatura de civilidade “adquiriram tanta importância no período joanino que, durante o Império, estiveram presentes em diversas escolas de Primeiras Letras: nas províncias da Paraíba, do Rio Grande do Sul, do Amazonas e da Bahia, conforme relatórios dos presidentes da província.”

A circulação dos referidos livros ocorre com a chegada da família real portuguesa, em 1808. Com o objetivo de difundirem as regras de comportamento aos

leitores, as obras tratavam de noções básicas de ética, moral e relações sociais, tanto no espaço público quanto no privado. Embora os títulos estejam relacionados a gêneros específicos, eram voltadas ao público em geral, atendendo a necessidade de educar a mocidade. Os assuntos abordados nas obras em questão eram apresentados, através de personagens irreais mostrando uma temática real e fundamental para expansão da civilidade. Dessa forma, eram facilmente aceitas nas camadas mais abastadas.

Para Bezerra:

Os manuais de civilidade destinados à vida cortesã, por terem sido criados na Europa, mais especificamente na França, atendem às exigências e/ou necessidades europeias. No Brasil, com a chegada da família real portuguesa, um grupo local formado por famílias mais abastadas buscava se alinhar ao modelo europeu de civilidade, o adotando. Essa busca por civilidade atendia uma busca por diferenciar-se dos demais grupos sociais. (BEZERRA, 2015, p. 176).

Neste contexto, difundidos nas principais cidades brasileiras, os manuais passam a ser aliados das camadas mais abastadas, que tinham como objetivo tornarem-se civilizados e ter um poder simbólico aqui apresentado, por intermédio do domínio das regras de civilidade. A inserção em um campo social definido e com regras claras para inserção ou manutenção de seus agentes, através do capital simbólico, aqui apresentado, por meio das louças europeias de uso doméstico. Para se distinguir dos demais grupos, se fazia necessário não apenas ter, mas saber usar os meios, ou seja, os utensílios de mesa e cozinha.

4.2. SEJAM BEM-VINDOS! A CASA E SEUS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE E PRIVACIDADE.

A casa foi considerada por muito tempo, um espaço privado, destinado a família. Entretanto, esse cenário muda com a expansão do modelo europeu de civilidade e consumo, como mencionado, há um refinamento das maneiras, a inserção de novos cômodos e com eles novos objetos para compor os espaços.

A mudança é percebida por Lima (1995, p.135), que afirma que “novos cômodos foram criados para atender a funções específicas, como escritórios, gabinetes, bibliotecas, salas de jogos, de fumar, costurar, engomar e principalmente jantar”. É nesse contexto, que surge a sala de jantar e com ela seus rituais de civilidade e comensalidade. Abrahão corrobora com Lima ao afirmar que:

As casas das elites brasileiras foram remodeladas arquitetonicamente, mas não só; os costumes familiares também o foram suscitando um maior consumo de objetos de decoração e de utensílios de mesa. Assim a sala de jantar, também denominada de varanda, tornou-se um ambiente ligado à visibilidade pública das famílias, o cenário perfeito para a exposição de louças, cristais, talheres e baixelas de prata, de mesas elásticas, cadeiras e aparadores, dentre outros artefatos”. (ABRAHÃO, 2020, p. 623)

A nova configuração da casa, a transforma em uma vitrine, onde se expõe sua civilidade e status social, ambos estão relacionados aos objetos. Ao entrar em uma casa pode-se observar, a partir da disposição da mobília a escolha dos objetos que compõe cada espaço de sociabilidade a posição social e econômica do proprietário. Essa observação começa com a entrada ou hall de entrada ou vestíbulo e a sala, entretanto em algumas casas, podem existir sala de recepção, destinada aos bailes. Ao adentrar a casa o primeiro cômodo é o hall de entrada, nem todas as casas possuem esse espaço ou apenas colocam um porta-chapéu.

Para Vânia Carvalho:

O hall ou vestíbulo é um espaço de transição, na estrada social do palecete, através do qual se alcançam os demais, cômodos da casa. Servia como área relativamente neutra se comparada com as demais, de rápido contato entre os convidados, moradores e empregados; porém, era também o portal introdutório da casa, por isso tinha a responsabilidade de fornece ao visitante ‘a primeira impressão’. Por ser um local de introdução ao território privado familiar, esteve quase sempre associado ao homem. (CARVALHO, 2008, p. 134).

Na casa do Sr Albano Jacobi, em Porto Alegre, “a primeira impressão”, era de um espaço preparado para receber, colocados à venda em leilão todos os itens que compõe o espaço da casa, separados por cômodo. O proprietário e a família encontravam-se de mudança para Europa e por isso decidiram vender tudo. Entre os itens a venda, encontravam-se: mobília, louça, espelhos, tapetes, mesas e demais itens da casa. Na entrada, como é descrito no anúncio, encontra-se:

Entrada — porta-chapéus, de metal, 1 cabide alto, 1 lampião de pendurar, 1 espelho moldura de nogueira, vasos com crótons e plantas de ornamentação. (Jornal A Federação, 27 de março de 1888, Anno V, nº 72, p. 3)

Ao entrar na casa o visitante ou convidado se depara com um espaço para deixar casacos e chapéus, entretanto, o espaço passa ser um elemento de distinção social. Em outras casas podem ter cadeiras e armários para guardar os casacos. Os manuais ensinavam a mulher como administrar o lar, esse era o papel da mulher, como

descreve Abrahão (2020, p. 620), a partir da percepção da cultura material “revela a ação irradiadora da mulher, em cada detalhe – do arranjo de flores sobre a mesa do hall de entrada aos bordados nas toalhas que recobriam a escrivaninha, assim como as toalhas de crochê sobre a mesa de jantar.” As regras se aplicavam também a decoração do espaço doméstico, como ambientar cada espaço e os cuidados que deveriam ter com a higiene, a luz, entre outros.

O segundo espaço de sociabilidade é a sala, hoje chamada de sala de visita ou sala de estar, no anúncio do leilão dos pertences do Sr. A. Heliwig. Consul da Alemanha, e assim como o Sr. Jacobi, encontra-se de mudança para Europa com sua família, dessa forma, coloca a casa fechada, retirando apenas os itens pessoais. Em sua sala encontra-se:

Rica mobília folheada de noqueira, forrada de damasco de lavrada com prendendo; 1 divan, 2 poltronas, 4 cadeira conversadeiras, 1 banca, 1 bonita mesa de noqueira para centro, coberta de damasco para a mesma, 2 grandes cortinas com pertencas, guardadas de damasco; 2 floreiras 2 candieiros de cobre polido, 1 espelho moldurado de noqueira, lampiões, quadros, escarradeiras, tapete, superior piano forte para concerto, dos fabricantes Gustavo Hagapiel, de Dresden. (Jornal A Federação, 2 de julho de 1886, Anno III, nº 148, p. 3).

Os itens acima compõem o espaço da sala, espaço de sociabilidade, local destinado, em alguns casos, a saraus ou pequenas recepções. A sala reflete o gosto refinado de sua proprietária, assim como seu poder econômico e status social. De acordo com Carvalho (2008, p. 134) “a sala de visita está equipada com a infraestrutura necessária para que apresente publicamente as suas habilidades no campo da conversação, da música e da literatura”. O poder aquisitivo, assim como a civilidade de sua proprietária são percebidos na mobília e na decoração. Para tanto, eram adquiridos sofás. Cadeiras, pianos, louças, entre outros, a casa passa a ter um espaço privado, reservado a família e outro público, destinado aos convidados ou visitas, o espaço para socializar,

[...] a parte dianteira da casa – sala de visitas, sala de jantar, escritório, sala de fumantes, etc. – tornou - se o espaço de sociabilidade por excelência, através do qual o grupo residente se relacionava com o exterior. Formal, destinado ao entretenimento, ao lazer, e, por conseguinte, à representação social, tinha seu acesso permitido aos de fora. Palco para exibição das poses e boas maneiras dos seus moradores, era por meio dele que os indivíduos negociavam suas posições na estrutura de classe. (LIMA, 1995: 135).

No oitocentos, os rituais do jantar e o chá encontram-se relacionados ao grau de sociabilidade e civilidade dos grupos mais abastados, apenas possuíam recursos para adquirir o que era preciso, para atender as exigências impostas por tais rituais de comensalidade, pois muitas das receitas precisavam de ingredientes importados. Para Abrahão:

[...] a alimentação tem um caráter de distinção social, seja pela escolha e pelo preparo das iguarias, seja pelas práticas de sua apresentação, revelando comportamentos e alguns grupos sociais”, sendo representada aqui pelo jantar. Destaca-se aqui outro ritual, o do chá, de origem chinesa, mas difundido na Inglaterra, tornando-se conhecido no mundo. (ABRAHÃO, 2020: 615).

A mobília da sala de jantar cumpria um papel importante no espaço, pois representava o gosto refinado do proprietário, além de seu poder e *status* social, como mencionado anteriormente.

4.2.1 A Sala de jantar.

Entre os espaços destinados a sociabilidade, destaca-se a sala de jantar, que ganha espaço no interior da casa, fortalecendo e/ou criando novas redes de sociabilidade através das relações sociais, econômicas e política que se estreitam. Outro papel de destaque é seu caráter distintivo, onde os objetos que compõem a sala de jantar, bem como os utensílios de mesa, como louças e talheres ganham um caráter de hierarquização social.

A sala de jantar surge, como um espaço sagrado e que tinha como objetivo separar os espaços público e privado. Para Abrahão (2000, 617) o “século XIX, assistiu-se à superposição do privado ao público, A importância dada a dimensão privada da vida estava intimamente relacionada às expressões de poder econômico, do bom gosto e do sentido de modernidade com as quais as famílias almejavam ser vistas pela sociedade.”

É nesse aspecto que a sala de jantar cumpre esse papel de sociabilidade, e torna-se uma vitrine para exibir seu status social, a partir dos objetos que compõem os espaços da casa. A sala de jantar se difere dos demais cômodos, pois a distinção é demonstrada, através dos rituais de comensalidade, sendo o jantar um deles, onde os itens de mesa, como a louça ganha um papel fundamental nesse cenário.

A sala de jantar era o espaço da casa reservado para receber visitas e convidados e, dessa forma os itens que compõem os rituais a mesa, deveria estar impecável. Um dos pontos mais importantes do espaço era a mobília, sua disposição e os itens que a compunham. Nos anúncios de leilões publicados no Jornal A Federação, o Comendador João Frederico Breyer, coloca seus pertences a venda, pois estava indo para Europa com sua consorte, entre os itens da sala de jantar destacam-se:

Um soberbo buffet de carvalho;
 Uma excelente e bonita mesa elástica de carvalho;
 12 cadeiras de Vienna legitima Thonet;
 Um etager de carvalho (peça especial);
 Uma mesa de retirar pratos
 Um tapete grande;
 Um armário para gelo;
 Uma sorveteria;
 Um optimo regulador (relógio) com corda para oito dias e dando meias-horas (recomenda-se muito esta peça)
 Três quadros (uma vista de Hamburgo) [...]
 Um lampeão de pendurar
 Diversos lampeões para cima da mesa¹²⁵ [...]
 Vasos [...]

Fonte: Extraído do Jornal A Federação, 31 de maio de 1886, Anno III, nº 123, p. 3.

A disposição do mobiliário e os itens que compõe o cômodo da sala de jantar, são analisados por J. I. Roquette.

[...] Por muito grande que seja a mesa deve ter em roda um tapete sobre que ponham os pés os convidados para não terem frio neles. Deve haver em torno dela espaço bastante para os criados servirem. A segunda coberta e os postres devem estar à mão. Deve haver aparadores cobertos de toalhas grandes, proporcionados ao número de convidados. Num pôr-se-á a louça, os pãezinhos sobressalentes, a prata, guardanapos etc.; noutra os diferentes vinhos; nestoutro os pratos para a sobremesa com seus competentes talheres em cima; deve haver também algum desembaraço para pôr a louça e mais objetos que se tiram da mesa, enquanto se não levam para a cozinha ou despensa. Tudo isto deve estar pronto de antemão para não haver demora, flagelo temível dos grandes jantares. (ROQUETTE, 1997, p: 211).

Para o autor, a disposição da mobília e os itens que o compõe, é fundamental para realização dos rituais de comensidades, assim como os cuidados na organização dele. Entre os itens importantes na composição da sala de jantar, destaca-se o guarda-louças, pois ele é a vitrine da casa, simboliza o *status* social dos donos da casa, onde as louças são expostas. Outro item importante na composição da sala de jantar é o

¹²⁵ Foi mantida a caligrafia da época. Optou-se por lista, no lugar de realizar uma transcrição como o original e foram excluídos alguns itens para serem inseridos em outra parte do texto,

aparador, que também pode ser substituído por mesas menores que servem como apoio para a disposição do alimento e demais itens referentes ao jantar.

Os guarda-louças aparecem somente no final do século XVIII. O modelo mais comum desse móvel possuía duas portas superiores envidraçadas, com estantes de exposição, ou com meio vidro e duas portas por baixo, com compartimentos internos e gavetas. Bem parecidos com os armários do período. Os guarda-louças não variavam muito quanto à forma, durante a primeira metade do século XIX, e o vidro foi sempre uma constante até meados do século (FLEXOR, MARIA HELENA OCHI, 2009, p: 91)

Os aparadores exibiam as peças que estavam sendo utilizadas na refeição daquele momento, como as louças, cristais, copos e taças, talheres e os demais utensílios utilizados durante a refeição. Geralmente os aparadores ficavam espalhados pela sala, eram usados na hora do jantar e colocados perto da mesa para facilitar o serviço. Os guarda-louças, segundo Flexor.

Aparece somente no final do século XVIII. O modelo mais comum desse móvel possuía duas portas superiores envidraçadas, com estantes de exposição, ou com meio vidro e duas portas por baixo, com compartimentos internos e gavetas. Bem parecidos com os armários do período, os guarda-louças não variaram muito quanto à forma, durante a primeira metade do século XIX, e o vidro foi sempre uma constante até meados do século. (FLEXOR. 2009, p: 91).

Outro ponto importante na composição e funcionamento da sala de jantar é a iluminação. Para Roquette:

A disposição das luzes deve concordar com o gracioso arranjo dos pratos, da baixela, dos cristais, e muitas vezes das flores; porém, é muito para desejar que no centro da mesa haja um lustre ou lâmpada suspensa. Os castiçais, as serpentinas ficam mui bem nas extremidades. (ROQUETTE, 1997, p: 213).

A preocupação com a iluminação, observada na fala de Roquette, assim como os cuidados na limpeza e manutenção dela. A iluminação era realizada por candeeiros de latão, ou estanho, ou por castiçais com mangas de vidro, pés dourados e metal ou em prata e ainda lustres franceses de cristal dentre outros. Sua composição na mesa e nos demais lugares da sala, não só iluminavam o ambiente, mas evidenciava o caráter distintivo dos donos da casa.

A disposição da sala de jantar é fundamental para atender a dinâmica dos rituais de comensidades. Essa disposição se estende aos objetos que compunham a mesa de jantar. Cada um deles tem suas especificidades e cuidados, tanto como a composição dos espaços, quanto com os itens que compõem a mesa, no caso do jantar. A diversidade de itens adquiridos tanto para receber como para expor, podem ser

observados nos itens de dois anúncios de leilões, sendo o primeiro do Comendador **João Frederico Breyer**, entre os itens de mesa, destacam-se:

Um esplendido serviço de porcelana superior com friso dourado para jantar;
Um aparelho de porcelana pintada, para jantar;
Latas de esmeril para limpar faxas;
Chácaras;
Copos;
Cálices;
Compoteiras;
Garrrafas;
Fructeiras;
Cobertas de arame;
Bandejas;
Machinas;
Qartinhas, etc.

Fonte: Extraído do Jornal A Federação, 31 de maio de 1886, Anno III, nº 123, p. 3

O primeiro item, um aparelho de jantar de porcelana com friso dourado e o segundo um aparelho de porcelana pintada para jantar, destacam o poder aquisitivo do comendador. A porcelana era mais cara que as utilizadas por outros membros da sociedade porto alegreense. O denota o seu status social, além dos itens que relevam era acostumado a receber convidados.

No anúncio do Consul da Alemanha A. Heliwig aparecem listados os seguintes itens de mesa:

1 bonita coberta de porcelana para jantar, da grande fábrica imperial de Berlim;
Apparelhos de porcelana e metal para chá e café
Crystaes
Vidros etc

Fonte: Extraído do Jornal A Federação, (2 de julho de 1886, Anno III, nº 148, p. 3)

Na descrição dos itens acima, o que chama a atenção é o destaque dado a cidade de fabricação da porcelana, Berlim. Embora os aparelhos de chá e café também sejam de porcelana, mas a marca ou quantidade não são descritas. Isso se justifica pela qualidade da porcelana alemã, e o valor econômico a ela agregado.

O consumo de porcelana em Porto Alegre era menor, se comparado ao consumo de *ironstone* e a faiança fina. O fluxo de importações de porcelana é menor e o imposto cobrado era maior, como visto anteriormente. Assim como, o quantitativo de fragmentos¹²⁶ de porcelana ser menor que a faiança fina, o *ironstone* encontra-se entre os dois. Dependendo da técnica e do padrão decorativo, a faiança fina se torna mais

¹²⁶ Refere-se as duas intervenções arqueológicas realizadas em 1995 e 2007

cara, embora produzida em grande quantidade, existe suas exceções. Atende aos diferentes grupos sociais, com peças com maior e menor qualidade, o que influencia em sua aquisição. Um exemplo disso são os padrões decorativos *shell edged* e *willow pattern*,¹²⁷

A partir dos itens que compõem a mesa, como a louça, por exemplo, pode identificar o status econômico de uma família ou até mesmo de um grupo. Como observamos, a partir dos itens postos em leilão.

Outra forma de identificar o grau de civilidade de uma família ou grupo é através do refinamento de suas maneiras, os rituais de civilidade e comensalidade, cumprem bem esse papel. Essa distinção é observada nos rituais que passam a fazer parte do cotidiano de algumas famílias mais abastadas, entretanto nem todas as famílias “dominavam” tais regras, quer dizer, não as internalizasse.

A louça cumpre um papel importante, como objeto de distinção social e econômica, e ainda, de civilidade, enfatizo aqui o seu papel, pois, por vezes, dependendo da quantidade e qualidade de louças e vidros, poderiam ser necessárias a aquisição de dois guarda-louças e/ou pequenos armários. Estes serviriam para guardar as louças de uso diário, de menor qualidade, assim como os talheres, ou ainda para armazenar os alimentos. Abaixo dos fragmentos de pratos, sendo o primeiro *FLOW BLUE* (borrão azul) técnica decorativa que deixa esse aspecto borrado; o segundo é um fragmento de *willow pattern*, a técnica decorativa empregada é a impressão por transferência. Eram muito comercializadas, e com isso se tornavam mais baratas.

Figura 126 Fragmentos de louça coleta no sitio RS JA 06



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS¹²⁸

¹²⁷ Serão analisados no capítulo 5

¹²⁸¹²⁸ **Nota:** **A** Técnica decorativa *FLOW BLUE* com halo fino; **B** *Willow parttern*

De acordo com um estudo realizado por Miller (1980) sobre os valores atribuídos para venda das louças no período de 1796 a 1855, este teria elaborado um quadro que identifica quatro classes de consumo de louças, em que a técnica decorativa foi fundamental para atribuir tais valores, como veremos abaixo.

Quadro 26 Valores atribuídos a faiança fina por Miller (1796 – 1855)

| Classe | Valor | Características |
|-----------|-------------------------------------|--|
| 1ª Classe | Louça mais barata | Louças brancas, incluindo as <i>creamware</i> e demais pasta, exceto a <i>ironstone</i> (mais caras) |
| 2ª Classe | Louça com decoração mais trabalhada | Shell edge, spatterware, mocha e banded ware |
| 3ª Classe | Louça com decoração pitada a mão | com motivos florais, chineses estilizados e padrões geométricos |
| 4ª Classe | Louças decoradas | Técnica do <i>transfer-printing</i> |

Fonte: Elaborada por Bezerra (2021). Adaptado de MILLER (1980).

Para chegar a esse resultado, Miller (1980) pesquisou as listas de preços de fabricantes da Staffordshire, na Inglaterra. As classes ou níveis utilizados pelo pesquisador evidenciam a complexidade técnica de padrões decorativos e técnicas empregadas nas louças.

Entretanto para ter um caráter distinto, essa louça, deveria ser trazida da Europa e diferenciar-se das demais, cuja procedência era a mesma. Observa-se que a moda chega aos utensílios de cozinha e mesa, e para tanto são inseridos mais itens, padrões e formas, além das técnicas e motivos decorativos.

Além da louça, os talheres cumprem um importante papel a mesa, a civilidade. O garfo surgiu, segundo Lima (1995, p. 139) “[...] tardiamente na Itália (suas primeiras referências vêm da refinada Itália renascentista, em particular de Veneza e Florença, ao final da Idade Média), com apenas dois longos dentes.” E teria como função de espetar e servir a comida segundo Lima (1995, p. 139). “Posteriormente passou a ser feito com três dentes, que foram aos poucos encurtados e estreitados até assumir a forma atual, com quatro dentes”, e tinha como função conduzir o alimento à boca. Embora, nem todos os membros da sociedade soubessem usar, isso denota seu caráter distintivo. No Brasil, o uso dos talheres se deu com a chegada da Família Real Portuguesa, em 1808, e foi se difundindo aos poucos. Abaixo observa-se um garfo em metal, os garfos mais caros eram os produzidos em prata. Com o aumento do consumo, foram criados diferentes tipos de garfos para diferentes usos alimentares.

Figura 127 Garfo encontrado no Sítio RS JÁ 06



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS.

Ainda sobre os talheres, no caso faca, esta teve seu uso proibido por ser considerada perigosa, seu uso foi sendo gradual, chegando à mesa, com tantas formas e usos distintos, abaixo observa-se facas e talheres.

Figura 128 Talheres encontrados no sítio RS JA 06



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS¹²⁹

4.2.2. A Sala de Jantar. As louças em exposição.

Quanto o uso dos talheres, pratos, coberta, aparelhos de jantar, aparelhos de chá, dentre outros, estes fazem parte dos rituais de comensalidade praticados no Brasil, destaca-se o ritual do jantar, tendo sido este incorporado do cotidiano europeu. Segundo Lima (1995; p. 138) “dar um jantar passou a ser considerado o mais importante dos

¹²⁹ Nota: **A** Colheres de diferentes tamanhos e funções; **B** Facas de diferentes tamanhos

deveres sociais, um complicado ritual regido por centenas de pequenas e quase imperceptíveis regras, que compunham um rígido protocolo. ”

4.3. OS RITUAIS DE COMENSIDADE. O CHÁ E O JANTAR.

Os utensílios e mobília anteriormente apresentado, compõem o espaço da sala de jantar. Cômodo da casa destinado aos rituais de civilidade e comensidade, o chá e o jantar.

O ritual do chá, foi difundido pela Europa, chegando no Brasil e em Porto Alegre, como é possível observar no rol de mercadorias importadas, publicada nos jornais, entre eles, A Federação. Segundo Lima o chá teria:

[...] Vindo da China e trazido pela *British East India Trading Company*, o chá penetrou na Inglaterra na primeira metade do século XVII, tendo sido essa introdução favorecida pelas notórias propriedades medicinais e pelo fascínio que exerciam sobre os europeus os produtos orientais (LIMA, 1997, p: 94).

O hábito de tomar chá, foi bastante divulgado, principalmente entre os estrangeiros no Rio de Janeiro, como na Europa, sendo um momento oportuno para se reunir. Segundo Lima (1997, p. 99), os itens que compunham o ritual do chá, na primeira metade do século XIX, aproximadamente em 1840:

Por essa mesma época, as xícaras com alças – mais difundidas a partir de 1820 – substituíram de vez as pequenas malgas, que deixaram de ser fabricadas em meados século. O equipamento fundamental pra o serviço do chá, que ganhou formas e funções altamente especializadas, incluía então:

- a mesa (teapoy), ponto focal do ritual;
- o bulê – peça principal em torno da qual gravitava a cerimônia – e seu descanso, destinado a proteger a madeira do calor excessivo da infusão;
- uma chaleira e seu suporte de metal, com um pequeno fogareiro para manter a água aquecida;
- a caixa de chá (tea caddy)
- um açucareiro, agora menor, graças a substituição dos antigos cones de açúcar cristalizado;
- uma pequena jarra com leite ou creme;
- uma bandeja com alças, medindo cerca de 60 centímetros de comprimento, com borda elevada par evitar que os objetos escorregassem e caíssem, e pés para impedir o contato direto com a superfície de madeira. Sua função era transportar e sustentar as peças acima. (LIMA, 1997, p. 99).

Com a abertura dos portos e a chegada da família real portuguesa ao Brasil, o chá popularizou-se nos grupos mais abastados, tornando-se um ritual, assim como o jantar tornou-se um elemento de distinção social, o consumo do chá, assim como os

itens que o compunham, possibilitava identificar e diferenciar os grupos sociais. Entretanto “saber as regras” para execução do ritual era um forte elemento distintivo.

O ritual em questão adquiriu grande importância para a sociedade europeia, assim como para o Brasil, pois possibilitava negociações quanto à posição na hierarquia social, tudo dependeria se o anfitrião conseguiria cumprir todas as regras de civilidade e etiqueta que compõe cada um dos rituais, seja ele o chá ou o jantar. Era durante estes que eram realizadas negociações sociais e políticas, assim como se formavam alianças e relações de reciprocidade, onde a etiqueta, ou as regras de civilidades comandavam a cena, através dos gestos e uso dos utensílios à mesa. (TOCCHETTO, 2010).

As regras de civilidade eram muito rígidas, como afirma Lima (1995, p. 143) “o jantar passou a ser governado por uma sequência de regras extremamente rígidas, cuja ignorância ou desobediência eram consideradas imperdoáveis, precipitando o indivíduo no limbo da sociedade”. Abaixo uma xícara¹³⁰ em porcelana, um dos itens de um aparelho de chá.

Figura 129 Xicara para chá em porcelana



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa). Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS.

O ritual do chá também tinha seu protocolo e quantidade de itens disponíveis para a realização dele, como mencionado acima. Os rituais do chá e do jantar simbolizavam o *status* social de um indivíduo em um grupo social mais abastado, estava ainda relacionado à civilidade de seu uso e da posse desses itens.

As refeições começam a ser pensadas, quanto à sociabilidade e elege-se uma delas para demonstrar o grau de civilidade e da sociedade; dessa forma, o jantar passa a ser a refeição, onde se abriam as portas da casa para receber convidados.

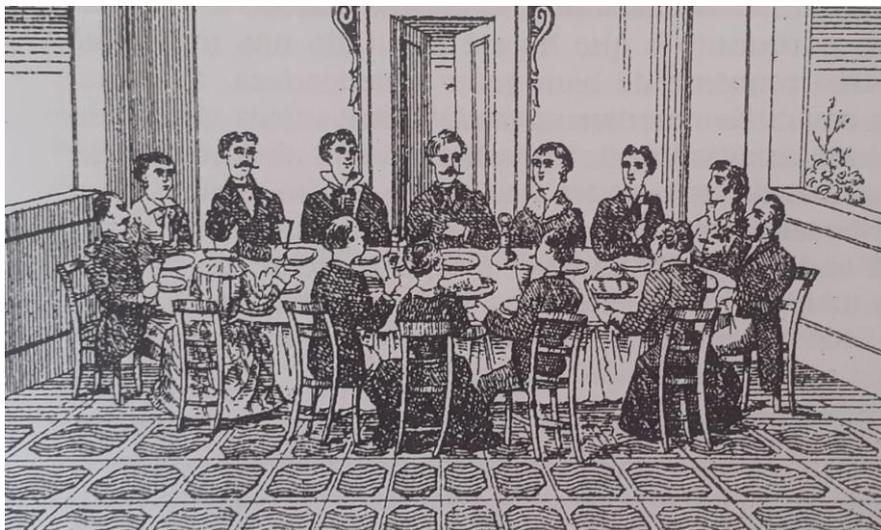
¹³⁰ Exumada durante a segunda intervenção arqueológica, 2009.

A escolha de uma das refeições se deu devido aos custos para realização das mesmas, pois seria oneroso para a sociedade. Por isso, exigiriam um maior rigor no comportamento à mesa, assim como uma quantidade maior de utensílios domésticos utilizados e de alimentos a serem servidos, dentre outros fatores. Desta forma, se fez necessário eleger apenas um, o jantar, que, segundo Lima (1995, p. 137), “[...] por se tratar da refeição feita ao término da jornada de trabalho, propícia ao convívio social, ao relaxamento, à diversão, coube ao jantar o investimento maior, transformado no principal repasto do dia.” Era durante o ritual do jantar que negócios eram fechados, casamentos eram arranjados, quer dizer, exibir o *status* social dos seus anfitriões, através dos utensílios de mesa e cozinha expostos na sala de jantar, atrás de uma cristaleira ou guarda louças.

O Jantar passou a ser considerado um dos deveres sociais mais importantes, e complicados. O ritual do jantar era regido por regras de um rígido protocolo de conduta, seguidas por manuais e guias que orientavam os anfitriões e convidados.

Na imagem abaixo, observa-se a mesa posta e os convidados e anfitriões conversando.

FIGURA 130 - RITUAL DO JANTAR



Fonte: Carvalho, 2003.

Na imagem acima observa-se o espaço destinado ao jantar, a mesa, as cadeiras, os utensílios, a disposição da mesa, os convidados e anfitriões. Entretanto, o mesmo não corresponde as regras sociais impostas.

A complexidade do ritual de jantar é descrita por SCHWARCZ:

[...] Os pratos são trocados com maior regularidade (de preferência a cada nova refeição), e a faca é introduzida para cortar carnes previamente trinchadas, já que as unidades tornam-se menores e o antigo hábito de trazer à mesa grandes pedaços de animal passa a lembrar o canibalismo: essa prática tão oposta à ‘civilização’. Além disso, estabelece-se de maneira mais precisa o uso da faca, em virtude de sua associação com a morte e o perigo, que sugeriam, sempre, os atos pouco polidos e controlados. É também comum, nesse contexto, a reprimenda àqueles que insistiam em limpar os dentes com tal objeto cortante, ‘Tudo em nome da civilização’. (SCHWARCZ, 2008, p. 196).

A forma de colocar a mesa, servir os convidados e até mesmo onde iria se sentar, funcionava como aceitação ou não do grupo. Como afirma Lima (1995, p. 145), ao referir-se ao comportamento à mesa.

[...] As consequências imediatas da adoção desse novo estilo foram a liberação do anfitrião para outras formas de entretenimento dos seus convidados; a diminuição do tempo de duração do jantar; a redução do número de iguarias servidas – que agora inclusive podia ser consumidas mais quentes – mudando em qualidade e em quantidade a estrutura das cobertas e tornando o menu mais flexível; o aumento do número de criadas para o serviço de mesa, na medida em que apenas uma pessoa podia simultaneamente trinchar, administrar o aparador e servir a mesa (LIMA, 1995, p: 145).

O anfitrião deveria escolher além de todo o aparato a mesa, a estrutura do jantar, de acordo com Abrhãõ:

A diferença entre a estrutura dessas refeições estava na concepção dos jantares. O esquema a francesa tinha uma ementa com diferentes serviços. As iguarias eram trazidas à mesa de uma só vez e, ao término de cada coberta, esta era substituída pela seguinte, e assim sucessivamente. (ABRHÃO, 2020, p. 622).

Os periódicos cumpriam o papel de divulgação acerca das novidades vindas Europa, e entre elas qual o serviço estava sendo utilizado por lá, gradativamente o esquema francês foi substituído pelo russo. De acordo com Abrhãõ:

No serviço à la russe, numerosos criados eram indispensáveis do primeiro ao último minuto da refeição. Os pratos eram trazidos á mesa já montados e prontos para o consumo. Ou, então, as iguarias eram colocadas em travessas e os “garçons” passavam oderecendo aos convidados, que se serviam do que melhor lhes aprouvesse.” (ABRHÃO, 2020, p. 622)

4.4. LIVROS DE CULINÁRIA

Para tanto, além dos manuais apresentados, destacam-se os livros de culinária que traziam o paladar europeu, por meio de receitas e instruções, acerca dos utensílios a

servem utilizados na cozinha. De acordo com BEZERRA (2015, 206) “nos séculos XVII, XVIII e XIX, cresce gradativamente o número de livros de receitas que circulavam no Brasil”. Dentre os principais destacam-se: o “Cozinheiro Imperial”, tendo sido editado pela primeira vez em 1839, o autor é desconhecido. A obra foi considerada a primeira de culinária no Brasil. O livro trazia receitas francesas e inglesas, na verdade mesclavam receitas de origens distintas com ingredientes nacionais.

De acordo com Bezerra (2015, p. 209) “Outras obras surgiram posteriormente e tinham como tema central os doces. Dentre esses livros de culinária, destacam-se: Dicionário do Doceiro Brasileiro, publicado em 1892, e Doceiro Nacional, editado em 1895”. Com a busca por civilizar-se, observa-se um crescimento na produção de livros de culinária por todo o século XIX e primeiras décadas do século XX.

Os livros de Culinária ou de Receitas além de ensinar receitas davam dicas importantes quanto ao uso e manuseio de utensílios e ainda a comportar à mesa. Os cuidados com a casa e seus objetos aparecem nos chamados Guias de Administração da casa, assim como as regras à mesa.

Nos séculos XVII, XVIII e XIX, cresce gradativamente o número de livros de receitas publicados e que circulavam no Brasil. Sendo provavelmente, o primeiro, a chegar ao país teria sido “Um Tratado da Cozinha Portuguesa”, manuscrito produzido no século XV cujo autor é desconhecido. Encontra-se dividido em 4 partes: carne, ovos, leite e conservas. Este foi transcrito e adaptado para uma linguagem mais atual.

“Arte da Cozinha”, chegou ao Brasil, tendo sido o primeiro livro de receitas em português impresso e publicado. Seu autor, Domingos Rodrigues, o escreveu direcionando às elites e teria influenciado a culinária portuguesa e os livros de culinária brasileiros, publicados posteriormente. Sua primeira impressão data de 1680.

“O Cozinheiro Imperial”, cuja, teve sua primeira edição data de 1839. Foi considerado o primeiro livro de culinária brasileiro, por usar iguarias e ingredientes nacionais, embora suas receitas mesclassem outras de origem francesa e inglesa. O autor da referida obra é desconhecido.

O segundo livro publicado no Brasil foi *Cozinheiro Nacional*, editado no ano de 1860. Acredita-se que seus editores, os mesmos de *Cozinheiro Imperial*, teriam ‘nacionalizado’ mais esta obra, pois tem influências indígenas e africanas em suas receitas.

Os livros de Receitas cumpriam à época, um papel importante, pois além de ensinar receitas de culinária, também davam dicas de como trincar a carne, como se comportar à mesa, como receber e dos principais utensílios de cozinha e como utilizá-los. Como ilustrado acima, davam ainda uma pequena descrição de cada um dos itens apresentados na obra como, por exemplo: o ‘servidor de ovos’ que, de acordo com a obra *Cozinheiro Nacional*, editado por Eduardo e Henrique Laemert, por volta de 1860, seria:

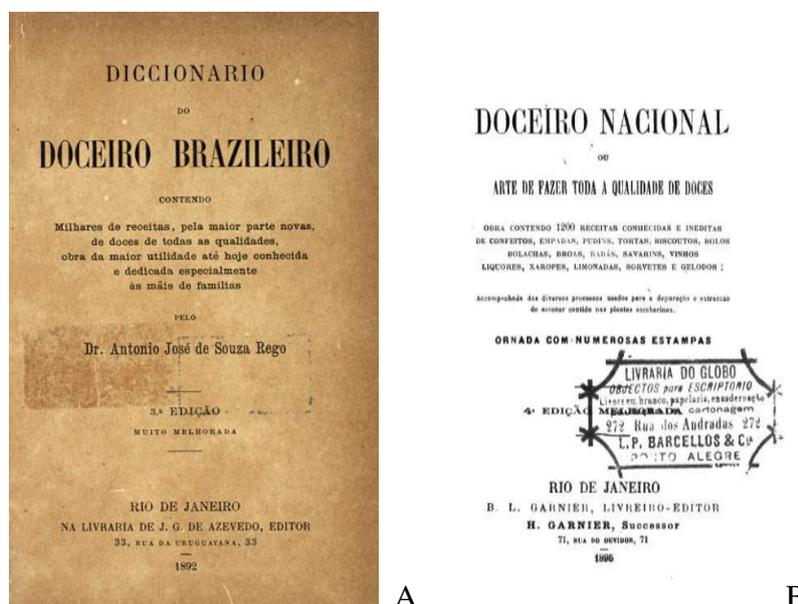
[...] uma terrina de metal ou de prata com uma tampa sobre os pés, com uma lamparina cheia de espírito de vinho por baixo, e dentro um segundo fundo furado para nêlle se collocarem os ovos, constitue o servidor.

Deita-se agua sobre os ovos; coloca-se o aparelho sobre a mesa, accende-se a lamparina, para que os convidados possam comer os ovos como fôr do seu gosto.

Este servidos deve ser acompanhado serviço de ovos para ovos, igualmente de metal, com uma chicara de porcelana e colherinhas de prata. (COZINHEIRO NACIONAL, p. 13).

Outras obras surgiram posteriormente e tinham como tema central os doces. Dentre esses livros de culinária, destacam-se: *Dicionário do Doceiro Brasileiro*, publicado em 1892, e *Doceiro Nacional*, editado em 1895. Como ilustram as capas abaixo:

FIGURA 131 DICIONÁRIO DO DOCEIRO BRASILEIRO E DOCEIRO NACIONAL



Fonte: A <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00655700#page/12/mode/1up>. Acesso em 30/03/2015; B http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/visualizador/i/ult_frame.php?cod=959 Acesso em: 30/03/2015.¹³¹

¹³¹ Nota: A Dicionário do Doceiro Brasileiro; B Doceiro Nacional

4.4.1. Os utensílios de mesa e cozinha

Os utensílios de cozinha listados nas referidas obras, além das orientações que constavam nas obras foram importantes para a aquisição de alguns destes itens, de acordo com o Livro de Culinária Cozinha Nacional, estes eram importantes, além dos utensílios de mesa, para servir e demonstrar sua civilidade e *status* social. Como destaca o trecho abaixo.

Figura 132 - Trecho do Livro Cozinheiro Nacional, 1860

UTENSILIOS DE COZINHA

A primeira necessidade para que um cozinheiro seja perfeito, é um bom fogão, o qual lhe permita temperar o fogo, tornando-o mais ou menos forte, conforme a necessidade o exigir, evitando, todavia, o calor excessivo, que prejudica a saúde.

Na Europa e no littoral do Brazil usa-se para isso de fogões de ferro, mas como o transporte d'esses para o interior se torna nimiamente dispendioso e difficil, deve-se, pelo menos, usar das chapas de ferro furadas, as quaes assentão-se sobre tijolos.

Fonte: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/0600570#page/1/mode/1up> - Acesso em 30.03.2015.

A culinária, assim como os utensílios utilizados pela elite porto alegreense, ou por alguns membros da referida elite, se enquadram nas observações de Schwarz (2008) acerca da utilização de receitas e utensílios de cozinha europeus.

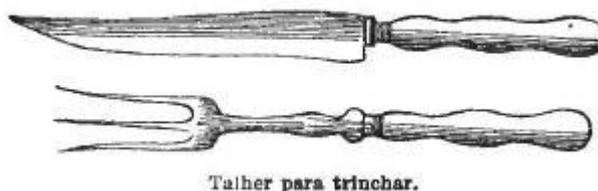
O segredo era introduzir receitas européias principalmente francesas e italianas, mas acrescentar a elas temperos brasileiros. Também para os nobres daqui a saída foi semelhante: um sistema europeu com o qual combinou-se um tempero brasileiro. (SCHWARZ, 2008, p. 205).

Essa tropicalização, como se refere a autora, não se resume à culinária, mas essa tradução pode ser observada também nos utensílios como vasilhas de barro, cabaças e outros. No livro de culinária “Cozinheiro Nacional” (p. 3), o autor apresenta uma lista com “[...] substancias culinárias europeias que podem ser substituídas por outras do Brazil: e reciprocamente substâncias culinárias brasileiras, que podem ser substituídas por outras da Europa”. Neste contexto, observa-se que no próprio livro o autor já faz essa tradução, o que leva a supor que, em Porto Alegre ocorria uma tradução das receitas europeias, assim como dos utensílios utilizados para tanto, e que alguns

membros da elite local adquiriam alguns dos utensílios e dos ingredientes sugeridos, mas nem todos.

Um dos itens descritos no livro “Cozinheiro Nacional”, são os “talheres de trinchar”, que, de acordo com a obra já citada “[...] são estes talheres do mesmo feitio dos outros, com a diferença de serem maiores a faca de ponta, e o grafo, tendo uma mola, que se levanta na ocasião do serviço, a fim de evitar que a faca resvale, e venha à mão que segura o garfo.” (CONZINHEIRO NACIONAL, 1820 p. 10).

FIGURA 133 – INSTRUMENTOS DE COINHA – TAHER PARA TRINCHAR



Nota: Extraído do Livro Cozinheiro Nacional, 1860, p: 152

Fonte: <https://docs.google.com/file/d/0B7HPs2D4H4tBYmMtSFRqeWJDRFE/edit>

Acessado em:

30/03/2015.

5. DA LIXEIRA AO MUSEU. A LOUÇA EM EXPOSIÇÃO

Este capítulo trata do que seria a última etapa da trajetória de um objeto, o descarte. Aqui analisado, a partir de teóricos e depois apresentada as duas intervenções arqueológicas ocorridas no Sítio RS JÁ 06 (Praça Rui Barbosa). O sítio analisado foi formado a partir do descarte coletivo de objetos. Sendo que hoje estes objetos compõe uma coleção, no momento, no Laboratório de Pesquisas Arqueológicas da PUCRS, vinculado ao Museu de Ciência e Tecnologia.

Embora tenham ocorrido duas intervenções no local, foram analisados os fragmentos de louça da segunda intervenção ocorrida em 2007, foram analisados técnicas e padrões decorativos, buscando compreender o comportamento de consumo e despojo dos grupos que descartavam seu lixo no local.

Para compreender o comportamento de consumo e descarte das louças recorreu-se as fontes impressas relatórios, fotografias, plantas, e fontes materiais (fragmentos de louças).

5.1 A FORMAÇÃO DO SÍTIO RS JA 06

A percepção da cidade em camadas permite ao arqueólogo compreender os diferentes períodos de ocupação e os objetos contribuem para uma melhor compreensão do cotidiano dos indivíduos que habitaram a urbe. Para o historiador observar o que está invisível, por intermédio das camadas de documentos e para o arqueólogo a cultura material produzida ou consumida por diferentes grupos que possam tê-los produzidos, consumidos e/ou descartados. A ocupação da cidade e seus diferentes espaços é analisada, tanto pelo arqueólogo como historiador, a partir de suas camadas estratigráficas e sociais.

Dessa forma, a análise da formação do sítio, nesse caso, a partir do descarte de louças, possibilita relacionar com as camadas sociais que ali descartaram seus objetos. Para tanto, se faz necessário compreender a cidade a partir das camadas de aterros, do sedimento e dos fragmentos deslocados pelas enchentes, e outros sinais de ocupação, como as lixeiras e dos diferentes grupos que passaram pela cidade, sendo vestígios coletados pelo arqueólogo e analisado tanto pelo historiador como pelo primeiro.

Um sítio urbano, como é o caso do RS JA 06, é dinâmico, considerando as ocupações ocorridas na área, priorizando seus usos como lixeira coletiva e praça. Sendo considerado um refugio secundário, como descrito por Michael Schiffer e um refugio secundário periférico de acordo com South. Considerando que o refugio secundário foi descartado, em um lugar determinado e longe do local que produziu o lixo, dessa forma se encaixa nos dois.

O local escolhido, nesse caso, dentre os dez pontos designados pela Câmara de vereadores de Porto Alegre, por meio dos Códigos de Posturas Policiais, foi uma área que posteriormente seria uma praça e receberia a denominação de Praça Rui Barbosa, o lixo ali descartado é proveniente de habitações e camadas sociais distintas e períodos diferentes. As práticas de despejo de imundícies na cidade de Porto Alegre se assemelhavam as demais cidades brasileiras, no primeiro quartel do século XIX, descartava seu lixo próximo de suas casas, ruas e becos e no quintal das casas, sendo considerado Schiffer (1996), como refugio primário. Outras formas de formação de um sítio, como dito anteriormente, pode ser mediante o deslocamento de sedimentos, transporte de fragmentos decorrentes de uma enchente, ou ainda provenientes de áreas de aterro. Esses são considerados também, como refugio secundário.

O estudo do sítio em camadas estratigráficas permite entender os diferentes tipos de ocupação, períodos de produção e consumo dos fragmentos coletados. Além disso, pode-se observar se o descarte foi intencional (lixreira) ou acidental (por queda), ou ainda, analisando o deslocamento de sedimento feito pelo transporte realizado durante uma enchente ou colocação de aterro. Ou ainda, no transporte de caixas com mercadorias que podem ter sido descartadas para se livrarem da prisão, no caso de contrabando, ou por queda no traslado entre o trapiche e a casa comercial. Para uma análise mais aprofundada acerca da formação do sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa), se faz necessário, compreender o contexto histórico, social, comercial, cultural e arqueológico da área que compreende a Praça Rui Barbosa. Ressaltando que o objetivo desta pesquisa não é analisar a construção do CPC, e sim os vestígios referentes as ocupações ocorridas no local entre 1837 e 1895, e que, a partir da obra em questão evidenciou fragmentos e estruturas da cultura material que foi exumada na área durante a segunda intervenção arqueológica ocorrida em 2007.

5.1.1. A Primeira Intervenção (1995)

A primeira intervenção arqueológica ocorreu em 1995 durante a remodelação do terminal intermunicipal de ônibus, na referida praça, foram encontrados materiais arqueológicos, o que provocou em uma intervenção arqueológica coordenada pela arqueóloga Fernanda Bodin Tocchetto, resultou no registro do sítio RS JA 06.

Sítio de função mista no século XIX, pública, comercial e de produção. A área, desde o final do século XVIII até os dias atuais, foi pública, com usufruto de comerciantes, artesãos e prestadores de serviços ligados ao transporte. No final do século XVIII, já era ocupada por estaleiros e artesãos ligados à construção e reparação de embarcações e por comerciantes de madeira. [...] Já Praça Rui Barbosa desde 1936, a área torna-se parada de ônibus intermunicipal. (FICHA DE REGISTROS DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS, 1995)

A primeira intervenção arqueológica ocorrida na área, conhecida como Praça Rui Barbosa, foi em 1995, onde construiu-se um abrigo de ônibus e depois realizada sua reformulação, e para tanto foi necessário acompanhamento de uma equipe de arqueologia. Coordenada pela arqueóloga do Museu Joaquim Felizardo, a Fernanda Tocchetto, sendo essa a primeira intervenção realizada no local.

Os Planos de Salvamento Arqueológico de Sítios Históricos no Município de Porto Alegre, RS: RS.JA- 03, 04, 05 e 06 - Relatório Técnico Final. Porto Alegre: SMC/

MJJF. Novembro de 1995. (Documento apresentado ao IPHAN). A área de abrangência do sítio corresponde à “o sítio compreende uma área de 8.174 m² entre a Rua Voluntários da Pátria (ao sul e sudeste) e Av. Júlio de Castilhos (ao norte e noroeste), limitando-se, perpendicularmente, com as Rua Dr. Flores, Bairro Centro, município de Porto Alegre, a 30° 1’ 30” de latitude sul e 51° 13’ 30” de longitude oeste.

O trabalho foi realizado entre seis e vinte e um de junho de 1995, sendo realizado o acompanhamento e salvamento dele. A equipe de arqueologia do Museu Joaquim José Felizardo foi responsável pela realizada do trabalho, assim como a guarda dos artefatos coletados. De acordo com Alberto Tavares:

A Praça Rui Barbosa é uma área pública com aproximadamente 8.000m². A descoberta fortuita deste (RS JA 06), pela arqueóloga do Museu. Ocorreu devido às obras de reformulação do local para instalação de um novo terminal de ônibus, que expôs uma grande quantidade de material arqueológico do século (OLIVEIRA. 2005, p. 104)

O sítio foi identificado, segundo Relatório Técnico Final (1995, s/n) “A descoberta ocorreu durante a obra de construção dos novos terminais de ônibus intermunicipais pela SMOV e SMT, na qual expôs diversos materiais do século XIX”. Por ter sido iniciada, quando a obra já estava em andamento, não foi possível coletar um volume maior de material arqueológico. De acordo com o Relatório Técnico Final (1995, s/n),

Foram escavadas cinco trincheiras para colocação do encanamento pluvial e, perpendicularmente, buracos para as sapatas dos pilares de sustentação dos pilares de sustentação dos terminais. O salvamento arqueológico foi realizado somente na última etapa das obras – no terminal junto à Rua Dr. Flores. Essa área, totalizando 124 m², consistiu em uma trincheira e 91m por 1m, perpendicular à Rua Voluntários da Pátria e Av. Júlio de Castilhos e paralela à Rua Dr. Flores (orientada no sentido NO/SE a 343° do NG), e em onze buracos de 1,5m por 2m de 3m² cada, possibilitando uma amostragem significativa do potencial arqueológico do sítio) [...] O ponto zero determinado para mediação das estratigrafias foi a face superior do calçamento de concreto atual (1ª camada arqueológica). (Relatório Técnico Final, 1995, s/n)

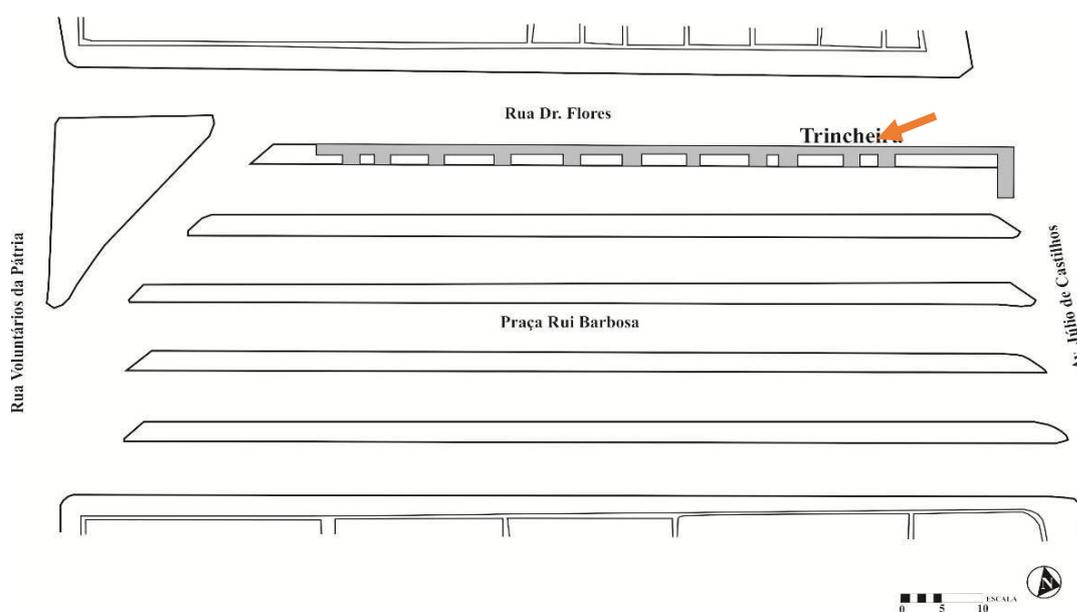
O acompanhamento arqueológico foi realizado apenas na última fase da obra. Tendo o sítio sido descoberto acidentalmente durante a remodelação da praça, a construção de abrigos e colocação de tubulação para esgoto pluvial da obra, foram encontrados ‘acidentalmente’ uma grande quantidade de material arqueológico do século XIX, foi solicitado junto ao IPHAN que fosse realizada a intervenção arqueológica, dessa forma, a equipe passou a realizar o trabalho de acompanhamento e resgate. O material arqueológico foi coletado nas trincheiras e ‘buracos’ abertos de

acordo o Relatório Técnico Final (TOCCHETTO, 1995, s/n) “por amostragem sistemática e assistemática dos vestígios arqueológicos encontrados nos montes de terra retirados das trincheiras abertas para colocação do encanamento pluvial, dos buracos para construção das sapatas dos pilares e do encanamento cloacal.”

A coleta do material arqueológico ocorreu em uma área de 124 m², divididos em, 5 trincheiras perpendiculares, 11 ‘buracos’ de 1,5m por 2m de 3m² para fundações, com trincheiras de 91 x 1m, correspondendo a 1/5 da área total 8.174 m². As camadas estratigráficas com maior concentração de material arqueológico foram localizadas entre 70 e 150 cm de profundidade. O trabalho foi realizado na última etapa das obras de remodelação.

De acordo com Relatório Técnico Final (Tocchetto, 1995, p. 5) o trabalho foi dividido em cinco etapas, são elas: primeira referente a coleta por amostragem sistemática e assistemática do material retirado das trincheiras; a segunda tratou da sondagem junto à parede B da trincheira (Poço-teste 1/ T1); a terceira etapa evidenciou de um calçamento de pedras irregulares; a quarta foi realizado o desenho de cinco perfis estratigráficos dos buracos de assentamento das sapatas para pilares; na quinta, e última etapa foram realizadas fotografias em preto e branco e slides coloridos. Na imagem abaixo observa-se a localização da última trincheira aberta.

Figura 134. Localização da última vala (Trincheira) aberta na obra



Fonte: Oliveira, (2005)

O registro fotográfico realizado pela equipe de arqueologia do MJJF possibilita perceber como foi desenvolvido o trabalho de acompanhamento da obra e remodelação do terminal. Na imagem abaixo, observa-se a referida equipe na trincheira realizando a coleta de material arqueológico.

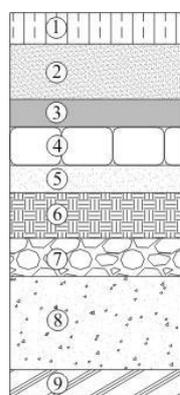
Figura 135. Trabalho de acompanhamento da obra e coleta de material arqueológico.



Fonte: Acevo Museu Joaquim Felizardo – Sítio RS JA (Praça Rui Barbosa)

O registro do perfil estratigráfico abaixo permite visualizar as etapas de ocupação da área estudada, assim como desenho estratigráfico identificando os níveis de formação do sítio. Na imagem abaixo observa-se os níveis de ocupação do sítio.

Figura 136. Diferentes Níveis de ocupação do Sítio (fotografia e desenho estratigráfico) RS JA 06



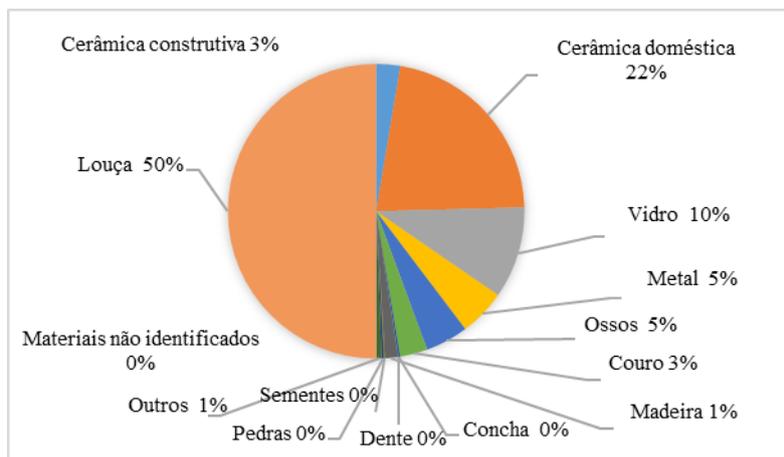
- | |
|--|
| 1-PISO DE BLOCOS DE CONCRETO 9 cm |
| 2-CONTRAPISO AREIA COM BRITA 16 cm |
| 3-PISO DE ASFALTO 8 cm |
| 4-CALÇAMENTO DE PARALELEPÍPEDOS 11 cm |
| 5-CONTRAPISO DE AREIA 8 cm |
| 6- CAMADA ARENOSA ESCURO COM MATERIAL ARQUEOLÓGICO 13 cm |
| 7- CALÇAMENTO DE PEDRAS IRREGULARES 11 cm |
| 8- CAMADA PRETA COM MATERIAL ARQUEOLÓGICO 27 cm |
| 9- AREIA CINZA CLARO 8 cm |

1,11 m

Fonte: Acevo Museu Joaquim Felizardo-Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) (Fotografia); Oliveira (2005, p. 105)

Na primeira escavação foram coletados um total de 4.423 fragmentos, dentre eles: vidro (890), metal (451), osso (413), cerâmica construtiva (231), couro (265), concha (19), dente (02), madeira (126), semente (09), pedras (23), outros (49), materiais não identificados (02).

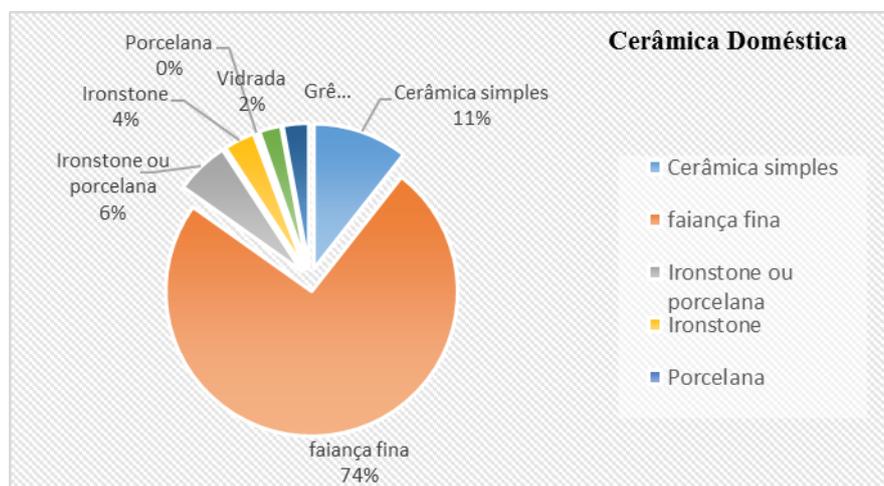
Gráfico 2. Tipologia e quantitativo do material coletado na primeira escavação



Fonte: Elaborado por Bezerra (2021) Adaptado do Relatório Final (1998)

De acordo com Relatório Técnico Final (Tocchetto, 1995, s/n) “sobre os vidros, observou-se a presença, em maior quantidade, dos vidros transparentes planos e os verdes (água e oliva), seguidos pela coloração âmbar”. Dentre o material coletado, observa-se a maior quantidade de vidros e louças, e ainda ossos de gado, isso se deve por ter existido na área matadouros. As louças foram inseridas em um quadro para melhor compreensão.

Gráfico 3. Categoria cerâmica doméstica – coletada.



Fonte: Elaborado por Bezerra (2021). Adaptado do Relatório Final (1998)

O material coletado, como pode ser observado acima, é muito diversificado, destacou-se aqui a louça, denominado no referido relatório de cerâmica doméstica. Optou-se por enfatizar a louça e apresentá-la por tipo de pasta. A quantidade de faiança fina encontrada, assim como sua variedade é justificada, por ser uma área de descarte e pela faiança fina ser menos resistente que a porcelana, por exemplo. Abaixo, observa-se em ordem crescente as pastas encontradas durante a intervenção arqueológica realizada em 1995.

Quadro 27 Categoria cerâmica doméstica – coletada

| PASTA | QUANTIDADE |
|--------------------------------------|------------|
| Simples | 205 |
| Faiança fina | 1.4444 |
| <i>Ironstone ou porcelana</i> | 116 |
| <i>Ironstone</i> | 67 |
| Porcelana | 8 |
| Vidrada | 47 |
| Grês | 56 |

Fonte: Bezerra (2021)

Do material coletado durante a intervenção, destaca-se no quadro acima a louça, elencada, de acordo com sua pasta e a quantidade de fragmentos encontrados. Observa-se que em primeiro lugar destaca-se a faiança fina, presente em praticamente todos os sítios históricos. Ressalto que os artefatos coletados nessa intervenção não serão analisados na pesquisa aqui apresentada. Se faz necessária a exposição dos dados obtidos para uma melhor compreensão do sítio analisado como um todo. A possibilidade de uma segunda intervenção é ressaltada no Relatório Técnico Final, com o objetivo de realização de novas reformas no terminal de ônibus.

O Relatório Técnico Final (TOCCHETTO, 1995), prevê no tópico “2.3. Possibilidade de perfuração futura: Novas reformas”, entretanto não foram realizadas obras diretamente ligadas a reformulação do terminal. Apenas em 2007 foi realizada uma obra para construção do Centro Popular Compras (CPC), aproveitando a estrutura do antigo terminal para instalação do shopping popular, também conhecido como Camelódromo, sendo realizada a segunda intervenção arqueológica no local.

5.1.2. A Segunda Intervenção (2007)

A segunda intervenção arqueológica realizada na área da Praça Rui Barbosa, ocorreu entre outubro de 2007 e julho de 2008, para acompanhamento arqueológico na

construção do Empreendimento Centro Popular de Compras (CPC), atualmente denominado ‘POP Center’. De acordo com o Relatório Parcial do Programa de Salvamento Arqueológico no Sítio RS JA 06 – Praça Rui Barbosa e Tamandaré.

O empreendimento Centro Popular de Compras (CPC) foi construído

entre as ruas Voluntários da Pátria e Mauá no centro de Porto Alegre. Sua estrutura compreende uma área total de 18.169,04 m². No entanto, a área de impacto direto sobre o solo e sub-solo foi de aproximadamente 8.767,11 m². Essa área é dividida pelas praças Rui Barbosa e Tamandaré. A primeira, localizada entre as ruas Voluntários da Pátria e Júlio de Castilhos, abrange uma área total de 8.767,11 m². A qual, em 1995 foi registrada como sítio arqueológico sob a denominação de Praça Rui Barbosa – RS JÁ 06 no IPHAN RS. A outra, localizada entre as avenidas Júlio de Castilhos e Mauá compreende uma área de 3.216,00 m². (RELATÓRIO PARCIAL. 2009, p. 2)

A descrição acima corresponde a área abrangida pelo projeto de construção do referido centro de compras, o trabalho realizado foi de acompanhamento e monitoramento das atividades de perfuração na área. Na imagem abaixo observa-se área designada para a construção do referido Centro Popular.

Figura 137. Construção do Centro Popular de Compras (CPC), em 2007.



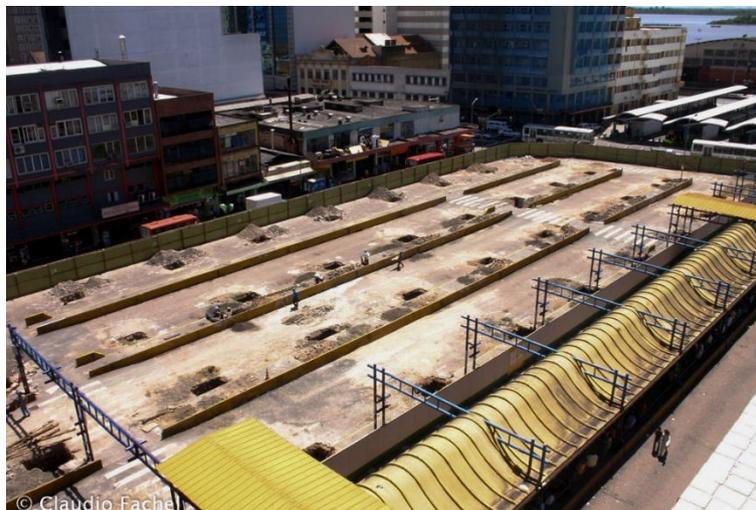
Fonte: Acervo Pessoal Claudio Fachel¹³²

Nas imagens acima, evidencia-se a abertura das primeiras quadras, ainda sem o uso do maquinário pesado, na segunda imagem ocorre o trabalho de abertura com o uso de uma retroscavadeira retirando o sedimento e colocando no caminhão, e ainda membros da equipe de arqueologia e acompanhamento do trabalho da equipe de

¹³² **Nota:** **A** Vista das primeiras quadrículas; **B** Quadrícula com sedimento colocado ao lado.

engenharia. Na imagem abaixo é possível visualizar as primeiras quadras abertas e a área onde foi construído o Centro Popular de Compras (CPC).

Figura 138. Primeiras perfurações da área do empreendimento CPC, em 2007.



Fonte: Acervo Pessoal Claudio Fachel

A metodologia utilizada nessa intervenção se consistiu na abertura de 60 fundações (instalação de pilares) e duas trincheiras abertas para remodelação do esgoto pluvial e cloacal. Na Praça Tamandaré foram abertas 37 fundações. A equipe de arqueologia, coordenada pela arqueóloga Claudia Uessler considerou as fundações como janelas arqueológicas, sendo denominadas de quadra. As perfurações realizadas variavam entre 60 e 90 cm, nas praças citadas, para instalação do HOLD (estrutura para grandes cargas). O trabalho de acompanhamento arqueológico é descrito como:

Durante o acompanhamento da abertura de cada quadra e de suas respectivas etapas do aprofundamento foram aparecendo diversos vestígios arqueológicos. Além da quantidade de artefatos móveis – dos mais variados tipos e matéria-prima, pôde-se evidenciar algumas estruturas, em madeira, cuja funcionalidade acreditamos ter sido a de um trapiche, embarcadouro, e outra tratar-se de um estaleiro. (Relatório Parcial, 2009, p. 6)

Neste cenário, o acompanhamento arqueológico ocorreu em diferentes frentes, nas trincheiras e quadras ou janelas arqueológicas, possibilitando coletar uma quantidade de material arqueológico maior que na primeira intervenção, ocorrida em 1995 e abrangendo uma área maior que a anterior.

Figura 139. Primeiras Perfurações Da Área Do Empreendimento Cpc, Em Outubro De 2007



Fonte: Acervo Pessoal Claudio Fachel

As perfurações foram abertas com maquinário pesado (retroescavadeira e perfuratriz). Para escolha das janelas arqueológicas foi utilizada a planta do projeto estrutural. Desse modo, a metodologia empregada nessa intervenção é realizada:

Conforme a metodologia da engenharia, algumas quadras tiveram três etapas de aprofundamento. As duas primeiras (etapas) com a retro escavadeira e a terceira com a perfuratriz para a concretagem. Acompanhamos e monitoramos as aberturas das quadras. Os pilotos das máquinas e seus auxiliares foram orientados para que quando iniciasse as camadas de terra preta (material arqueológico) fosse retirada uma amostra e depositada ao lado de cada quadra para coleta. (Relatório Parcial, 2007, p. 5)

A área escolhida para construção do shopping compreende as praças Rui Barbosa e Tamandaré, entretanto apenas a praça Rui Barbosa será analisada aqui. A metodologia empregada na Praça Tamandaré,

difere da empregada na Praça Rui Barbosa – na qual seguia um ritmo possível para acompanhar possível para acompanhar as perfurações diárias assim como separar a terra arqueológica, em etapas, para coleta. A abertura das várias quadras, simultaneamente, e a concretagem frenética para alcançarem os prazos de entrega do empreendimento somou-se ao estacionamento de diversas máquinas no canteiro de obras. (Relatório Parcial, 2007, p. 12)

A Praça Tamandaré não foi inserida na pesquisa, primeiro por ter sido aterrada no século XX, e ainda por ter sido:

constatado que todas as camadas de terra da Praça Tamandaré estavam perturbadas. Primeiro pelos diversos aterros e, segundo pelo deslocamento

desse em função das interferências para instalação de sistemas de luz, esgotos, dos terminais de ônibus, entre outras ocorrências (RELATÓRIO PARCIAL, 2007, p. 12)

A tipologia do material arqueológico coletado era variada, constava de retalhos de metais, louça, vidro, madeira, restos de construção e couro. Tal diversidade de material foram encontrados nas duas praças. Destaca-se aqui a Praça Rui Barbosa, por ter sido aterrada no século XIX e por sua diversidade de material arqueológico.

As diferentes camadas deposicionais, evidenciaram as pedras irregulares da primeira calçada da praça, segundo Lazzarotti (2013, p. 46) “na linha ele (L), foi evidenciado antigo piso de pedras irregulares, entre 0,40m e 0,60m de profundidade, sob compacta camada de aterro de cor vermelha. Sob as pedras do calçamento, inicia a sequência de camadas escuras com vestígios arqueológicos.

Na imagem acima observa-se o perfil estratigráfico de uma das perfurações (quadradas) abertas. O antigo calçamento de pedras irregulares da praça pode ser percebido no centro do perfil (seta amarela), abaixo observa-se camadas escuras com material arqueológico (seta azul).

figura 140. Corte estratigráfico - diferentes níveis de ocupação do Sítio RS JA – 06 (2007)



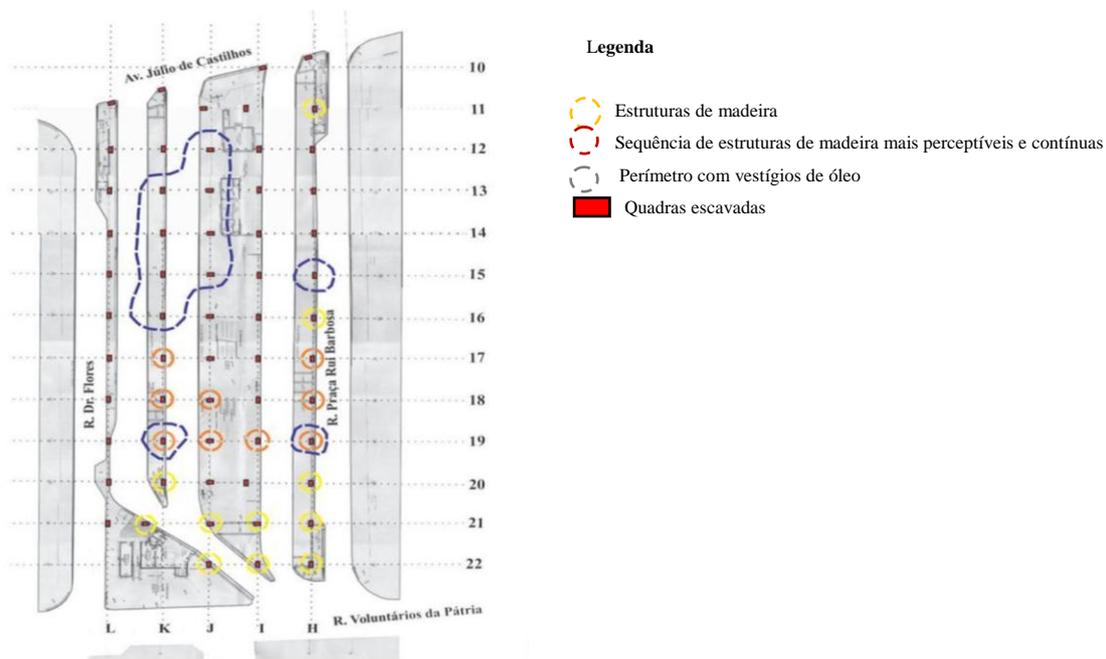
Fonte: Acervo Pessoal Claudio Fachel¹³³

Na imagem acima, observa-se o perfil estratigráfico. Para uma melhor compreensão foi feito perfil estratigráfico com as informações referentes as duas fotografias. Sendo a primeira relativa a imagem abaixo a planta da Praça Rui Barbosa

¹³³ Nota: **A** Corte estratigráficos; **B** Níveis de ocupação do Sítio RS JA 06

com a localização das estruturas de madeira encontradas. Destaca-se aqui a identificação das quadras escavadas.

Figura 141. Localização das quadras (perfurações) escavadas na Praça Rui Barbosa



Fonte: Adaptado da dissertação de Marcelo Lazzarotti (2013, p. 26)

As quadras identificadas acima, variavam de tamanho e profundidade, o grupo de trabalho seguiu a orientação da equipe de engenharia responsável pela construção do Centro Popular de Compras (CPC). Segundo o Relatório Parcial (2009),

algumas sondagens tiveram a dimensão de 1,50m x 1,50m, de 1,50m x 2,0m e 1,60m x 0,80m, aproximadamente. Nessas quadras foram desempenhadas três etapas de aprofundamento: a primeira até 1,50 metros, a segunda entre 2,0m e 2,50m e a terceira entre 4,0m e 5,0 metros, aproximadamente. Para fins de registro as quadras foram nomeadas conforme a sua localização (eixos X e Y) e a etapa de aprofundamento (I, II e III). (RELATÓRIO PARCIAL, 2009, p. 6)

Na quadra J 20 foram coletados cerca de 3.373 fragmentos de *FLOW BLUE*¹³⁴, provavelmente pratos que teriam caído no traslado entre a embarcação e a casa comercial. No diário de campo da técnica em arqueologia Daiane Brum Bitencourt (2007, s/n), no dia 11 de dezembro de 2007 “presença de muita louça estilo borrão”, e no dia 18 do mesmo mês e ano, aparece a descrição “louça borrão em extrema

¹³⁴ Técnica decorativa a ser aprofundada no próximo tópico.

quantidade, localizada na quadra J 20. Em algumas quadras não foi possível coletar o material arqueológico”, como é descrito no diário de campo da técnica/especialista em arqueologia Magda Villanova,

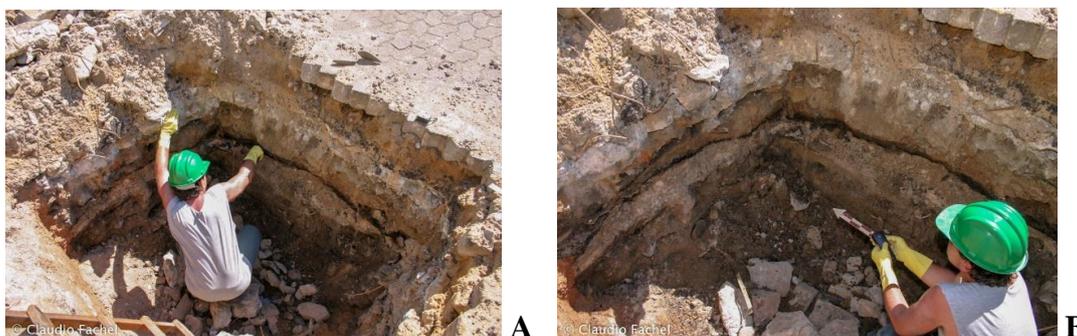
pratos “inteiros”, junto c/ eles uma pilha não foi possível salvar por causa da profundidade e da possibilidade de desbarrancar. Estava muito arriscado. (Villanova, 2007, s/n)

Os diários de campo aqui utilizados como fonte, fornecem informações relativas as atividades realizadas durante o trabalho de campo, assim como a metodologia empregada, nesse caso, a segunda intervenção. Como se pode observar abaixo:

Organizamos a linha L;14, L17, L18. Nas sacolas estão sendo guardados os materiais separados por sondagens, etapas, datas, tipo de material, cor. Quando se reconhece um objeto estamos procurando colocar num mesmo saquinho, para facilitar a montagem no laboratório. Na L 17 foi descartado muito vidro, pouca madeira, pouco metal, colocar num mesmo saquinho, para facilitar. (Villanova, 2007, s/n).

A coleta do material arqueológico foi realizada durante o acompanhamento da abertura das perfurações, nas imagens abaixo pode-se perceber além das camadas estratigráficas, o trabalho realizado pela equipe de arqueologia.

Figura 142 Camadas estratigráficas e o trabalho arqueológico, em destaque.



Fonte: Claudio Fachel¹³⁵

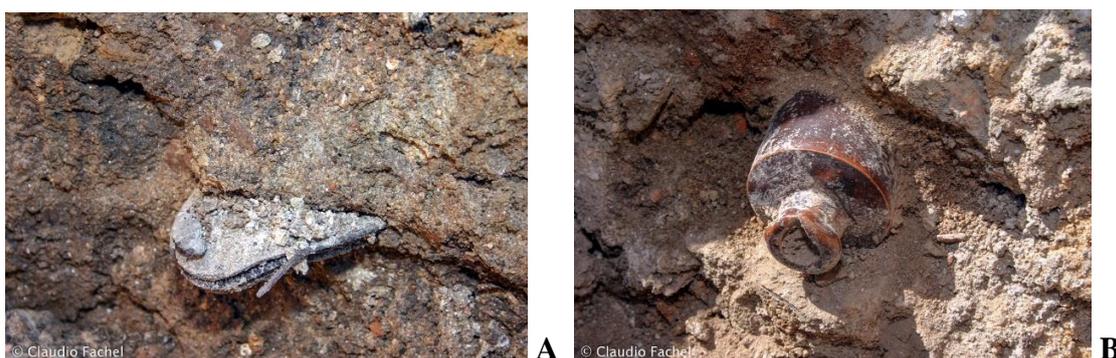
Na imagem acima, observa-se duas unidades de escavação, denominadas de quadras (fundações). A mesmas variavam em dimensão e profundidade, de acordo com a orientação da equipe de engenharia da obra. As quadras variavam entre 1,50m x 1,50m 1,50m x 2,00m e 1,60m x 0,80. (RELATÓRIO PARCIAL. 2009)

¹³⁵ **Nota:** **A** Vista das primeiras quadrículas; **B** Quadrícula com sedimento colocado ao lado.

Nos diários de campo observa-se o relato das atividades desenvolvidas pela equipe, registros individuais, dos trabalhos realizados pelos membros do grupo. A orientação para o registro do diário, assim como na descrição do material arqueológico coletado, aparece na primeira página dos diários. No registro do diário de Daiane Brum Bittencourt (2007, s/n), percebe-se a variedade de material coletado “Quadrícula com presença de louça, bonecas de porcelana, garrafas de vidro, sementes de pêssigo, casca de amendoim, couro.”

A tipologia diversificada do material arqueológico coletado, durante essa intervenção, conforme dito anteriormente, foi encontrada na camada de terra preta, também denominada de camada arqueológica, onde foi possível identificar fragmentos e peças inteiras. Nas imagens abaixo em destaque observa-se um solado de couro, provavelmente de um calçado de uma pessoa adulta, na segunda imagem uma garrafa de grês, possivelmente um tinteiro.

Figura 143. Material arqueológico identificado na camada estratigráfica do sítio.



Fonte: Claudio Fachel¹³⁶

Nas imagens acima registradas in loco, sendo possível perceber a camada arqueológica identificada no perfil estratigráfico. De acordo com o diário de campo de Magna Villanova datado de 02/11/2007, o material arqueológico após ser identificado nas quadras, sondagens ou trincheiras, era etiquetado e “nas sacolas estão sendo guardados os materiais separados por sondagens, etapas, datas, tipo de material, cor. Quando se reconhece um objeto estamos procurando colocar num mesmo saquinho, para facilitar a montagem no laboratório.” Depois da coleta e triagem, os fragmentos eram separados por tipologia, etiquetados e depois inseridos nas sacolas e

¹³⁶ **Nota:** **A** Fragmento de calçado de couro, localizado na camada arqueológica; **B** Tinteiro em grês, localizado na camada arqueológica

acondicionados para ser transportados até o Centro de Pesquisas Arqueológicas da PUCRS.

O material foi levado para o Laboratório de Pesquisas Arqueológicas da PUCRS para ser higienizado, numerado, catalogado e acondicionado em acervo, para depois ser transportado para o Museu Joaquim José Felizardo, quando finalizasse o trabalho e/ou o museu tivesse espaço para receber a coleção.

Durante o trabalho de campo foi possível identificar uma grande variedade de fragmentos de louças de uso doméstico, como mencionado anteriormente, objeto de estudo dessa pesquisa. Todo material coletado foi trasladado para o Laboratório de Pesquisas Arqueológicas da PUCRS para realização das atividades de higienização, análise e acondicionamento do material.

5.1.3. Os artefatos coletados no sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa)

Como é de praxe, arqueólogos escavam e encontram objetos. Na “caixa preta” mágica do seu laboratório, do seu gabinete, os objetos se transformam em texto, em palavras, em números, em imagem, em desenho, em digitações. É isso que se espera de um arqueólogo: transformar objetos em histórias contadas. (HILBERT, 2016 In: MARQUES, 2016, p.8)

A relevância do contexto in situ e a análise no laboratório permite compreender a trajetória dos vestígios arqueológicos, entendendo sua estratigrafia, seu contexto e após sua coleta são trasladados do campo ao laboratório, em alguns casos e condições específicas, alguns arqueólogos montam um laboratório temporário in loco. Não foi o caso aqui, em nenhuma das intervenções realizadas. Após a limpeza e higienização, o objeto se torna mais nítido, um fragmento de vidro pode fornecer informações relevantes sobre o comportamento de consumo, tecnologias empregadas em sua produção, comportamento de descarte e cartografia de artigos importados, aspectos relacionados a ingestão de líquidos, como água, remédios e bebidas espirituosas e, até mesmo a relação das pessoas com os objetos. Além dos estudos relacionados aos rótulos, fábricas, lacre em papel e/ou metal (dependendo do uso das garrafas).

Para tanto, se faz necessário ressaltar que:

entendemos por cultura material a soma de todos os objetos, materiais, substâncias, coisas, artefatos, mercadorias, bens manipulados e materializados em uma sociedade ou que possuem significado. Não se trata,

por nada, em medir seu valor ou peso de significado, mas seu envolvimento no mundo vivido das pessoas. (HILBERT, 2020, p. 2)

Dessa forma, Hilbert corrobora com o que penso acerca da cultura material, possibilitando analisar os hábitos e costumes, comportamento a mesa e de consumo, assim como o refinamento das maneiras, através da análise do material coletado na segunda intervenção arqueológica do sítio RS JA 06.

Os objetos aqui pesquisados, priorizando a louça, foram analisados buscando entender seu contexto, composição, design, relação com a sociedade produtora e de consumo, comportamentos de consumo e descarte e ainda sua trajetória.

O material coletado na segunda intervenção arqueológica, em 2007, foi acondicionado, em aproximadamente 375 caixas, arquivos de papelão e foram identificadas através de etiquetas, ainda durante o trabalho de laboratório foi realizada uma triagem de fragmentos relativos aos brinquedos para montagem de uma exposição¹³⁷, e outros relacionados ao cotidiano.

Figura 144 – Etiquetas utilizadas nas caixas que acondicionavam o material arqueológico coletado em 2007

| LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA - MUSEU DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA FFCH - PUC - RS | | LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA - MUSEU DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA FFCH - PUC-RS | |
|---|----------------------------|---|--------------|
| SÍTIO: RS-JÁ-06 | Nº CAIXA: 16 | SÍTIO: | Nº DA CAIXA |
| MUNICÍPIO: Porto Alegre | | MUNICÍPIO | |
| AMOSTRA: Louça, Cerâmica, Vidro, <i>Modelo</i> | | AMOSTRA | |
| TIPO DE COLETA: Sistemática | PROFUNDIDADE: - | TIPO DE COLETA | PROFUNDIDADE |
| QUADRÍCULA: H16 | DATA: I etapa - 03/12/2007 | QUADRÍCULA | DATA |
| H16 I etapa | 4/12/07 | OBSERVAÇÕES | |
| H16 II etapa | 15/10/08 | | |
| OBSERVAÇÕES: | | | |

Fonte: Arquivo pessoal (Bezerra, 2021)¹³⁸

As etiquetas fornecem as informações referentes as coletas realizadas, indicando o tipo de coleta (assistemático ou sistemático), material (vidro, louça, cerâmica, entre outros) e quadrícula de onde foram retirados os fragmentos. Observa-se que na etiqueta não foi inserida apenas uma tipologia de material. O acondicionamento foi realizado levando em conta a quadrícula de onde foi coletado o material. Abaixo observa-se uma parte das caixas acondicionadas.

¹³⁷ Serão tratadas com mais profundidade no último capítulo dessa tese.

¹³⁸ **Nota: A.** Etiqueta preenchida, utilizada nas caixas. **B.** Modelo de etiqueta utilizada para melhor visibilidade.

Figura 145 Caixas onde foram acondicionados o material coletado em 2007.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Bezerra, 2021)

O acervo acima no início da pesquisa encontrava-se acondicionado em caixas de papelão, como mostra a imagem acima. A cada caixa aberta uma surpresa, a diversidade de materiais, assim como técnicas e decorações. O trabalho do arqueólogo não consiste apenas em achar o vestígio, mas em interpretá-lo, buscar compreender sua trajetória e reinseri-lo dentro de seu contexto. Para Hilbert o trabalho do arqueólogo

é o de reorganizar o passado, contando histórias. Elas devem ser histórias úteis, contadas, escritas e desenhadas para responder às necessidades das pessoas que precisam de compreensão, consolo e ajuda para entender suas tragédias, derrotas e – por que não? – também suas vitórias. (2016, p. 149)

E ainda ‘criar histórias’ a partir do que foi descartado, esquecido e abandonado. Os objetos são analisados dentro de seu contexto social, entretanto o arqueólogo transforma em narrativa e do sentido ao próprio objeto (Hilbert, 2016). O trabalho realizado no laboratório resulta em dados, desenhos, textos e imagens, que contam a história desses objetos e das relações com as pessoas, nesse caso, das pessoas que o produziram, consumiram e descartaram.

Figura 146 - Triagem do material férreo a ser transladado para o laboratório.



Fonte: Claudio Fachel (2007)

5.1.4. Os fragmentos encontrados

O acervo exumado corresponde as seguintes tipologias: cerâmica construtiva, cerâmica doméstica, vidro, metal, osso, couro, concha, dente, madeira, semente, tecido, pedras, entre outros. Na imagem abaixo, observa-se o processo de triagem e separação do material a ser trasladado para o laboratório, neste caso destaca-se o metal.

Nas imagens abaixo, observa-se a cultura material associada aos ofícios praticados na área. Alguns fragmentos de couro coletado durante os trabalhos realizados em 2007, como: retalhos, sapatos infantis e adultos e solas de sapato que nos permitem inferir que pertenciam aos sapateiros que trabalhavam no local ou próximo a ele. Foi observada a utilização de pregos nos solados e a costura na parte superior do sapato.

Figura 147 - Material em couro coletado em 2007



Fonte: Claudio Fachel¹³⁹

De acordo com Lima¹⁴⁰ a confecção de sapatos era manual, e atendia as crianças, adultos (homens e mulheres), entretanto não eram acessíveis a todos. A etapas de produção foram descritas como:

durante la primera mitad del siglo XIX, la construcción del calzado era un proceso enteramente manual que comprendía diferentes etapas. Comenzaba por el corte del cuero o tejido que conformaría la parte superior del zapato, para lo cual se seguía un modelo previamente fijado, generalmente una matriz. Dependiendo del tipo y estilo de calzado, el zapato podía encontrarse compuesto por varias partes (punta, empella, talón, contrafuerte, palmilla, cordones, entre otras) que eran cosidas con aguja curva e hilo. Las piezas eran montadas en una horma de madera que reproducía los contornos del pie humano (LIMA, 2018, p.140)

¹³⁹ **Nota:** A Solados de sapatos; B Tiras de couro, sapatos e solados

¹⁴⁰ Ver LIMA, Tania Andrade. Los zapateros descalzos: arqueología de una humillación en Rio de Janeiro del siglo XIX. In: Félix Acuto y Andrés Zarankin. (Org.). Sed non Satiata II. Acercamientos sociales en la Arqueología Latinoamericana. 1ªed.Córdoba, Argentina: Encuentro Grupo Editor, 2008, v. 1, p. 135-157.

Para confecção do sapato era utilizado um molde de madeira como mostra a imagem 32. Não encontrado nenhum molde de madeira, o que nos permite inferir que a prática de produção artesanal foi substituída ou os sapateiros mudaram de lugar.

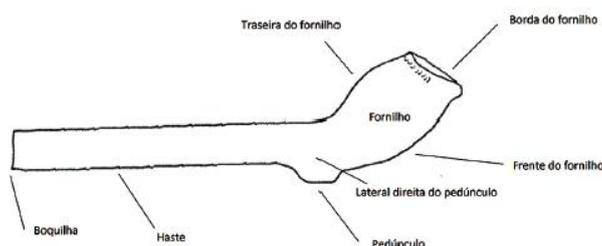
Figura 148 - Molde de madeira para confecção de sapato – século XIX.



Fonte: LIMA, 2008, p. 140.

Os fragmentos de couro exumados, fornecem informações que possibilitam compreender as ocupações tanto na área analisada como em seu entorno, e ainda as práticas sociais, econômicas e comerciais realizadas no período. Além dos fragmentos de couro associados ao ofício de sapateiro, alguns fragmentos nos revelam alguns hábitos da população, não iremos aqui vincular objetos a camadas sociais, mas descrever um pouco de cada um desses hábitos. O primeiro é o uso do cachimbo,¹⁴¹ na imagem abaixo observa-se alguns fragmentos de cachimbo produzidos com diferentes materiais, sendo eles: cerâmica e caulim. Abaixo a nomenclatura utilizada por Hissa e Lima (2017) em seu artigo, com as descrições de cada parte de um cachimbo,

Figura 149 - Nomenclatura e descrição das partes de um cachimbo (HISSA E LIMA, 2017)



Fonte: HISSA & LIMA, 2017, p.227

¹⁴¹ VER Hissa, S. de B. V. (2019). Brancos, castanhos e vermelhos: cachimbos arqueológicos de cerâmica no Forte Orange. *Vestígios - Revista Latino-Americana De Arqueologia Histórica*, 13(1), 3–28. E ainda, HISSA, Sarah de Barros Viana; LIMA, Tania Andrade. Cachimbos europeus de cerâmica branca, séculos XVI ao XIX: parâmetros básicos para análise arqueológica. *An. mus. paul.*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 225-268, Aug. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142017000200225&lng=en&nrm=iso>.access on 10 Feb. 2021. <https://doi.org/10.1590/1982-02672017v25n0209>. Ou HISSA, S. de B. V.; LIMA, T. A. Cachimbos brancos da região do Valongo: o cachimbo cosmopolita no Rio de Janeiro oitocentista. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 32, n. 2, p. 61–85, 2019. DOI: 10.24885/sab.v32i2.700. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/700>. Acesso em: 10 fev. 2021.

A imagem acima, embora represente partes de um cachimbo de caulim, permite analisar os cachimbos produzidos com outras matérias-primas. Para uma melhor compreensão da relevância do uso do cachimbo, a partir de seu descarte na área estudada, se faz necessário um estudo mais aprofundado acerca dos fragmentos presentes no acervo, um trabalho semelhante aos realizados por Sarah Hissa e Tânia Andrade Lima. A proposta de análise feita por elas, permite compreender o comportamento de consumo e descarte, e ainda os hábitos relacionados a seu uso em Porto Alegre. Sabe-se que seu uso está relacionado ao consumo do tabaco, e não está vinculado apenas a uma camada ou grupo social, foram identificados cachimbos de cerâmica que podem ser relacionados aos africanos que foram trazidos para o Brasil e escravizados. Porém, não iremos aqui inferir a que grupo eles pertencem e sim apresentar de forma breve a inserção do cachimbo de caulim no Brasil. Os cachimbos de caulim, segundo Hissa & Lima foram produzidos em larga escala na Europa.

E utilizados por aristocratas e burgueses como também por trabalhadores e operários, seguindo distinções sociais atribuídas aos vários tipos desse objeto. Seu uso foi associado à contemplação e ao lazer nas classes dominantes e ao trabalho e festejos nas classes subalternas. Contudo, o uso desses cachimbos manufaturados não se restringiu àquele continente, e seu comércio atingiu dimensões globais. Eles foram utilizados em permutas nas Américas e em escambo de escravos de matriz africana na África. (HISSA & LIMA, 2017, p. 225)

No caso do acervo da segunda intervenção do Sítio RS JA 06 foram encontrados tanto fragmentos de cachimbo de cerâmica como em caulim, como mostra a imagem abaixo.

Figura 150 - Fragmentos de cachimbo



Fonte: Claudio Fachel (2007)

O comportamento de consumo dos porto alegrenses podem ser analisados, a partir dos fragmentos de vidro (higiene, medicamentos, toalete, bebidas e outros) e

louça (aparelhos de chá e jantar, higiene, toalete entre outros), assim como nos artefatos relacionados aos serviços de barbearia e escritório.

Itens de barbearia, como tesouras, lâminas, navalhas e pentes fornecem elementos importantes para compreender as práticas de higiene e cuidados com o corpo, no caso, do homem.

Figura 151 - Itens de barbearia



Fonte: Claudio Fachel (2007)

Assim como os itens de barbearia, os vidros fornecem informações relacionadas a sua produção, função e uso, e ainda permitem ao pesquisado compreender as escolhas realizadas. No caso, dos vidros de laxantes pode-se relacionar as práticas do humorismo hipocrático, apresentado anteriormente, proporcionando ao paciente uma evacuação regular. Pode-se compreender os hábitos, costumes e comportamento social e cultural da população. Os itens de higiene, cosméticos e perfumaria proporcionam estudos, acerca dos hábitos e costumes dos homens e mulheres, além dos gostos por marcas e fragrâncias, sendo possível compreender as formas de aquisição de tais mercadorias. Abaixo imagens de diferentes tamanhos, cores, formatos e funções de recipientes vídros.¹⁴²

¹⁴² VER SANTOS, Paulo Alexandre da Graça. Contentores de bebidas alcoólicas: usos e significados na Porto Alegre oitocentista. Dissertação (Mestrado em História) - PUCRS. Porto Alegre, 2005, 242p.; SANTOS, Paulo Alexandre da Graça. Mensagens nas garrafas: o prático e o simbólico no consumo de bebidas em Porto Alegre (1875-1930). Tese (Doutorado em História) – PUCRS. Porto Alegre, 2009, 296p.; BITTENCOURT, Daine B. Para sua Saúde e Vigor: Práticas de cura e medicamentos populares em Porto Alegre (1776-1936).

Figura 152 - Fragmentos de vidro

Fonte: Claudio Fachel (2007)¹⁴³

Nos deteremos ao estudo e análise da louça europeia de uso doméstico, entendendo que é um marco cronológico do sítio. Na imagem abaixo pode-se observar além da forma e função do recipiente, um selo/marca da fábrica que a produziu.

Figura 153 - Travessa em faiança fina – século XIX.

Fonte: Claudio Fachel (2007)

Dentre as diversas categorias de material arqueológico histórico, a cerâmica industrializada de origem europeia destaca-se pelo seu potencial informativo (TOCCHETTO, 2001, p. 19)

5.2. O LABORATÓRIO

A louça tem um papel importante no estudo de um sítio histórico, ajuda a definir o marco cronológico dele. Alguns atributos como: pasta, esmalte, decoração, função, técnica decorativa e *design* contribuem para entender melhor seu contexto de produção, distribuição e consumo.

¹⁴³ Nota: A Vidros para perfumaria: B Vidros para remédio

Diante do grande volume de fragmentos presentes no acervo da segunda intervenção do sítio analisado. Entretanto, foi realizado um breve levantamento do quantitativo de fragmentos de louça coletados na primeira intervenção em 1995. Abaixo um quadro com as pastas elencadas, a partir da quantidade encontrada.

Quadro 28 - Em ordem crescente, as categorias cerâmicas coletadas (1995)

| Tipologia |
|----------------------------------|
| 1º Faiança fina |
| 2º Cerâmica simples |
| 3º <i>Ironstone</i> ou porcelana |
| 4º <i>Ironstone</i> |
| 5º Grês |
| 6º Vidrada |
| 7º Porcelana |
| 8º Faiança ¹⁴⁴ |

A análise das louças aqui proposta, foi realizada apenas com o material arqueológico coletado na segunda intervenção (2007). Observando os quadros acima não diferem tanto, apenas sendo acrescentada a faiança (em pouca quantidade), coletada na segunda intervenção.

Para a realização da presente etapa da pesquisa foram selecionados cinco padrões decorativos: Willow pattern, ABC Plate Childs, Shell Edged, Cooper Lustre Ware e Trigal. A escolha das técnicas e padrões decorativos se deram por motivos específicos para cada um (a serem analisados no próximo tópico). Técnicas decorativas: *FLOW BLUE* e *Transfer printed*.

Na segunda intervenção na quadrícula J 20 foram coletados cerca de 3.382 fragmentos de faiança fina (louça) da técnica decorativa ‘*FLOW BLUE*’, abaixo segue quadro com alguns dos padrões decorativos/ motivos e técnicas decorativas coletadas, assim como a quantidade de fragmentos.

Quadro 29 Levantamento quantitativo de cinco técnicas/padrões decorativos.

| TÉCNICA OU PADRÃO DECORATIVO | QUANTIDADE |
|-------------------------------------|-------------------|
| Willow pattern | 2.693 |
| ABC ware | 397 |
| Lustre ware | 207 |

¹⁴⁴ De acordo com Aristides Pileggi (1958, p. 194) “a composição de sua massa requer quase exclusivamente argilade grande plasticidade, à temperatura de cocção reduzida. É muito porosa e pouco resistente.é recoberta de esmalte opaco, à base de compostos de chumbo e estanho, o que a torna mais dura e sonora”.

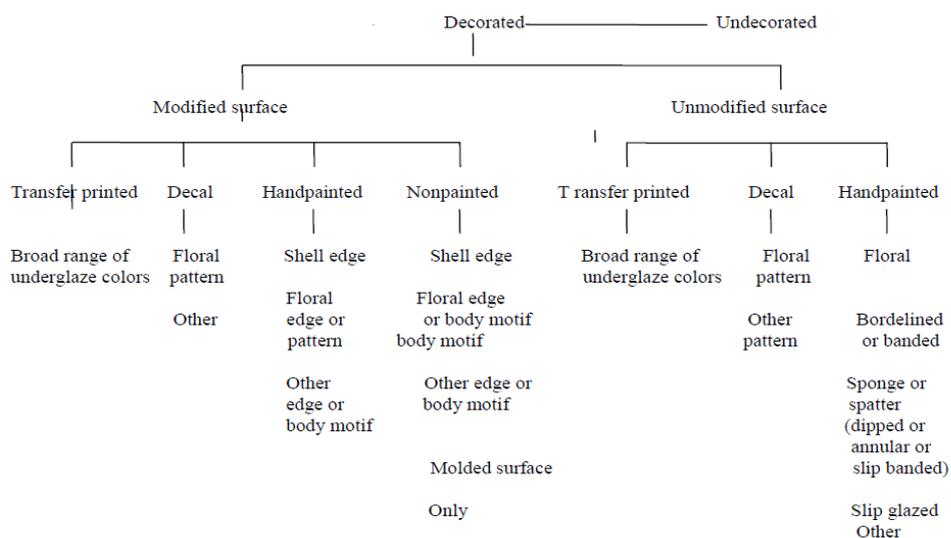
| | |
|------------------|-------|
| <i>FLOW BLUE</i> | 5.115 |
| Shell Edged | 951 |
| Trigal | 613 |

A análise das técnicas e padrões decorativos propostos possibilitam entender as estratégias criadas para inserção/manutenção no mercado consumidor. A quantificação acima foi realizada, a priori, considerando o padrão ou técnica decorativa, e não suas variações.

No caso da pesquisa aqui proposta buscou-se analisar a maior quantidade de atributos para melhor compreender o comportamento de consumo e descarte das referidas louças. Além das estratégias de escolha entre os padrões e técnicas decorativas. Foi realizado um levantamento dos selos/marcas que foram coletados e com isso, foi realizado um mapeamento das fábricas, a ser mais bem trabalhado nos próximos capítulos.

No gráfico abaixo, observa-se um esquema com as técnicas decorativas e padrões decorativos. Partiremos desse estudo para melhor compreender as mesmas. Para uma melhor análise propomos, a partir do estudo acima, o estudo mais aprofundado de algumas técnicas decorativas e padrões decorativos. Ao longo da pesquisa foram identificadas as seguintes técnicas decorativas: impressão por transferência, pintado à mão, esponjado, carimbado e *FLOW BLUE*.

Gráfico 4 - Sistema taxionômico proposto por Majewski & O'Brien



Fonte: O'Brien, 1987, p.137

O *transfer printed* ou impressão em transferência é uma técnica decorativa, de acordo com Brancante (1981, p. 507) conhecido também como processo de transposição:

consiste em decorar a peça passando primeiro em uma chapa de cobre, contendo os desenhos uma tinta preparada com óxidos minerais, e a seguir transferindo os mesmos ainda úmidos, sobre o papel e comprimindo sobre a peça que a seguir era levada ao fogo, com o papel impregnado de óleo. (BRANCANTE, 1981, p. 507)

O processo de transferência de desenho da chapa de cobre para a peça, possuía variantes, eram: *bat-printing* e *cold-printing*, segundo Brancante (1981, p. 507) era aplicada uma camada de pasta gelatinosa ou cola, aplicada sobre a chapa, em vez do papel e esta pasta é que absorvia a tinta e era aplicada pano de seda impregnado do desenho sob o calor era transferido à peça. Este último método deu lugar ao processo moderno do '*silk-screen*'. (BRANCANTE, 1981, p.507)

Figura 154 - Padrões Decorativos Utilizados Em Transfer Printed, Segundo Neale (2005)

| Padrões decorativos | |
|-----------------------------------|--|
| <i>Animals</i> | - Domestic - Exotic - Sporting |
| <i>Birds & insects</i> | - Birds: domestic - Birds: exotic - Insects |
| <i>Buildings</i> | - Ecclesiastical - Castles & Palaces - Colleges & Schools - Houses & Cottages - Bridges - Memorials & Ruins |
| <i>Children & their China</i> | |
| <i>Chinoiserie</i> | - Willow & Variants - Non-Willow Chinoiserie |
| <i>Classical & Mythology</i> | - Classical - Literature & Legend |
| <i>Flowers & Foliage</i> | - Botanically Correct - Stylized |
| <i>Historical</i> | - Commemorative - Armorial & Inscriptions |
| <i>Landscapes</i> | - Rural & British - European - Eastern or "Oriental" - Stylized |
| <i>Maritime</i> | |
| <i>People</i> | - Occupations - Pastimes |
| <i>Sheet patterns</i> | |

Fonte: Adaptado da obra NEALE, Gillian. Encyclopedia of British transfer-printed Pottery Patterns – 1790 – 1930., London: Miller's, 2005.

5.3. A CIRCULAÇÃO DE IDEIAS, E MATERIALIDADES

As Revoluções Industrial e do Consumo contribuíram com as mudanças na produção de diversos artigos de luxo, entre eles: as louças. A busca por um material mais acessível que fosse competitivo com a porcelana chinesa, fez com que muitos ceramistas desenvolvessem técnicas de produção, entre eles Josiah Wedgwood. De acordo com Dogson (2014, p.13) “em suas inovações no processo de fabricação, Wedgwood introduziu o motor a vapor em sua fábrica e, como consequência, a indústria de cerâmica de Staffordshire foi a primeira a adotar a nova tecnologia”. A produção cerâmica local era apreciada, entretanto era necessário atender um mercado que crescia de forma rápida e dinâmica.

Até meados do século XVIII, a indústria europeia da cerâmica havia sido dominada pelas importações chinesas durante aproximadamente 200 anos. A porcelana chinesa, inventada quase mil anos antes, atingiu uma qualidade em material e vidro sem equiparação. Era muito apreciada pelos ricos, porém cara demais para as classes industriais em expansão, cujas rendas e aspirações estavam crescendo durante esse período da Revolução Industrial. Restrições comerciais sobre fabricantes chineses aumentaram ainda o preço das importações para a Grã-Bretanha. A situação estava favorável para que a inovação oferecesse cerâmicas atraentes e a preços acessíveis para um mercado de massa. (DODGSON, MARK, 2014, p. 14)

As olarias já não atendiam o mercado crescente, era necessário expandir. Essa expansão não se restringia apenas produção, mas aos segmentos de produção e o tamanho da propriedade. Ao analisar algumas fábricas foi possível identificar algumas situações vivenciadas durante o processo de mudança, principalmente no século XIX. A primeira estava relacionada a herança, isso ocorria com os ceramistas que descendiam de famílias tradicionais de oleiros, e dessa forma, herdavam os negócios da família, como foi o caso de Henry *Davenport* que tornou-se dono da fábrica que pertencia a seu avó John *Davenport*, a fábrica funcionou de 1793 a 1887; a segunda situação, por meio de aquisição ou construção de uma fábrica, alguns ceramistas adquiriram propriedades para construir suas fábricas (*potworks* ou *manufactures*), estas variavam em tamanho, quantidade de trabalhadores e de segmentos de produção.

Entretanto, nem todos conseguiram adquirir propriedades ou expandir de alguma forma seus negócios, o que provocou a falência de muitas olarias. Em alguns casos a área, onde estavam distribuídos os fornos, prédios e escritórios eram divididos entre duas empresas que trabalhavam em segmentos de produção diferentes; enquanto

outros se associaram a outros ceramistas, para se inserem nesse novo cenário que se apresentava. Grupos foram formados, a partir da aquisição de empresas menores, como é o caso do Grupo *Wedgwood*.

Entre os ceramistas que se adaptaram as mudanças, destaca-se Josiah Wedgwood, que segundo Dogson (2014, p.13) “foi um inovador de produtos, sempre buscando inovação nos materiais usados e nos vidrados, cores e formas de suas mercadorias”. Destaca-se ainda a divulgação de seus artigos, como afirma McCracken (2003, p. 24) “particularmente interessante aqui é considerar a desenvoltura e a habilidade com que Wedgwood manipulava os gostos dos ‘formadores de opinião’ deste período, a aristocracia”. E ainda, sua busca por novas técnicas de produção para melhorar a qualidade de seus produtos, como afirma Dogson (2014, p. 13) “conduziu intermináveis experimentos por meio de tentativa e erro para aumentar de forma contínua a qualidade, removendo impurezas e tornando os resultados mais previsíveis”. A busca por qualidade, novas pastas, novos produtos e meios para divulgar seu trabalho pautou o trabalho do ceramista. De acordo com Dogson outra estratégia adotada pelo ceramista era a terceirização.

Quando os pedidos excediam a capacidade de produção, ele terceirizava para outros ceramistas. O sistema de produção inovador de wedgwood pretendia minimizar o risco operacional e reduzir os custos fixos”. (DOGSON, 2015, p. 15)

O sistema de produção de Wedgwood foi adotado por outros ceramistas. A preocupação com a qualidade de seus produtos, e a preocupação com a produção perpassava todas as etapas, entre elas a medição de alta temperatura dos fornos, tal preocupação o motivou a criar um termômetro ou pirômetro. (DOGSON, 2015)

Entre as mudanças destacam-se as ocorridas no processo de modelagem cerâmica, a priori era realizada em um torno manual movido por rodas e impulsionado pelos pés e mãos do ceramista, sendo substituído pelo torno mecânico, reduzindo o tempo de produção e melhorando a qualidade do produto. Além de modelar servia para estriar, aparar e colorir as peças.

No sentido da realização do trabalho foram empregados trabalhadores para produção da cerâmica, algumas fábricas empregavam mais de mil funcionários, outras tinham um quadro reduzido de funcionários. Entre os trabalhadores estão mulheres e crianças, que trabalhavam 12 horas por dia, as condições de trabalho nas fábricas de cerâmica era, em alguns casos precária. Um exemplo ocorreu com Josiah Wedgwood

que ao utilizar o esmalte creamware, que por volta de 1740, nesse período era produzido com pó de chumbo e misturado com pedra calcinada moída, entretanto o chumbo causava envenenamento entre os oleiros, e ainda poderiam adoecer de podridão de oleiro, causada com o contato com pedras de sílex trituradas. Os ricos a saúde, preocupavam alguns fabricantes, como Josiah Wedgwood que adotou regras de higiene, entre outras. Tais cuidados eram exceção entre os fabricantes, alguns chegaram a ser denunciados e presos pela forma que tratavam seus funcionários.

Com a expansão do modelo de civilidade e a busca por novos ‘modelos’ de louça fizeram com que as fábricas buscassem novas técnicas de produção, decoração e estratégias de inserção em outros países que até então seus produtos não chegavam. Entretanto, a busca por padrões e técnicas decorativas já existentes se mantinha, dessa forma, muitas fábricas reproduziam padrões decorativos e técnicas já patenteadas por suas concorrentes. Em 1842, foram tomadas medidas para evitar a imitação ou cópia de padrões e técnicas decorativas, uma dessas formas foi o registro de patente, onde o inventor ou fabricante registraria como sua propriedade padrões, técnicas e, posteriormente, os selos criados.

5.3.1. **A imitação ao selo de produção.**

Os selos de registro de patente surgem com o objetivo de registrar os padrões decorativos, técnicas e design dos objetos criados, dando ao seu fabricante, que nem sempre era o seu idealizador, o direito de usá-lo. Informações inseridas no selo, fornecem informações importantes, como afirma O'BRIEN & MAJEWSKI (1987, p.165) as marcas no verso ou fundo das peças poderiam ser “impressas, impressas por transferência ou pintadas na parte inferior de vasos cerâmicos fornecem informações importantes sobre a data de fabricação, afiliação da empresa, práticas de importação e outros tipos de informações de marketing”.

O uso dos selos, na Inglaterra, passa a ser utilizado a partir de 1842, o registro de patente (diamante) começou a ser emitido durante o período de 1842-1883. O Escritório Britânico de Patentes passou a emitir uma marca/selo em formato de diamante que ficava junto ao número de registro logo que o desenho/padrão decorativo, no caso da louça, era registrado.

Neste cenário, um dos objetivos era de identificar que o desenho/padrão decorativo havia sido registrado, a referida marca ou selo em formato de diamante oferecia ao consumidor a garantia de que o produto era de origem britânica. E ainda garantia que ao responsável pela patente que seu desenho/padrão decorativo estava de certa forma, protegido de qualquer imitação. Tal proteção dependia do tipo de material e da classe a que o produto pertencia.

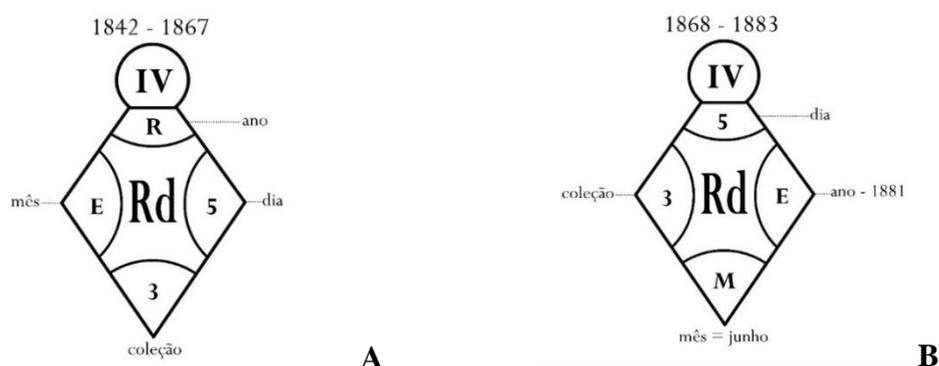
Figura 155 Fragmento com dois selos, sendo um com o nome da fábrica e outro com o selo diamante – patente britânica



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS¹⁴⁵

O Selo de Registro de Patente, em forma de diamante, passou por uma mudança em 1867, dessa forma o Selo A (1842 - 1867) e o selo B (1868 - 1883), após 1883 foi empregado Rd nº, corres. Os selos diamante eram impressos, gravados ou em relevo, podendo ao número de registro, acrescido de números que indicam o ano de registro. Na imagem observa-se os selos correspondentes ao Selo A e Selo B.

Figura 156 Selo Diamante - Registro De Patente Britânico (1842 - 1883)



Fonte: Adaptado de KOVEL'S (1986); FISHER (1970)¹⁴⁶

Nas imagens acima observa-se que o número do registro, como dito anteriormente, não está inserido na marca/selo. Na parte central aparece a inscrição Rd (Desenho Registrado) que indica que o desenho/padrão decorativo foi registrado.

¹⁴⁵ Nota: **A** Selo impresso da Fábrica; **B** Selo impresso em Diamante

¹⁴⁶ Nota: **A** (1842 - 1867); **B** (1867 - 1883) - Imagens Francisco Diego

Segundo Kovel's (1996, p. 238) “o numeral romano no círculo no topo da marca representa o tipo de material de que a peça é feita (ver Tabela 1); o numeral romano na parte superior interna do diamante representa o ano em que a peça foi registrada”, como pode ser observado abaixo.

Quadro 30 - Tipo de material ou classe

| | |
|---------------------|----------------------|
| I – Metal | III – Vidro |
| II – Madeira | IV – Cerâmica |

Fonte: Adaptado de Kovel's (1986, p. 238)

Na tabela 2, de acordo com Kovel's (1986, p. 239) no Selo A “o algarismo arábico do lado direito representa o dia do mês, em que a peça foi registrada; o algarismo arábico na seção inferior representa o número da encomenda, que é um código que indica a pessoa ou empresa que registrou a peça; no caso do Selo B, o autor continua letra à esquerda representa o mês em que a peça foi registrada”

Quadro 31- Ano de produção da manufatura (1842 -1867)

| Código - Ano | | Código - Ano | | Código - Ano | |
|---------------------|------|---------------------|------|---------------------|------|
| A | 1845 | J | 1854 | S | 1849 |
| B | 1858 | K | 1857 | T | 1867 |
| C | 1844 | L | 1856 | U | 1848 |
| D | 1852 | M | 1859 | V | 1850 |
| E | 1855 | N | 1864 | W | 1865 |
| F | 1847 | O | 1862 | X | 1842 |
| G | 1863 | P | 1851 | Y | 1853 |
| H | 1843 | Q | 1866 | Z | 1860 |
| I | 1846 | R | 1861 | | |

Fonte: Adaptado de Kovel's (1986, p. 239)

Para Kovel's na Tabela 4 “o algarismo arábico na parte superior interna do diamante representa o dia do mês; a letra do lado direito representa o ano em que a peça foi registrada.

Quadro 32 - Ano de produção da manufatura (1868 -1883)

| Código – Ano | | Código - Ano | |
|---------------------|------|---------------------|------|
| A | 1871 | L | 1882 |
| C | 1870 | P | 1877 |
| D | 1878 | S | 1875 |
| E | 1881 | U | 1874 |
| F | 1873 | V | 1876 |
| H | 1869 | X | 1868 |

Fonte: Adaptado de Kovel's (1986, p. 239).

Os selos/marcas foram criados com o objetivo de proteger os fabricantes e ou *design* das falsificações ou imitações, dessa forma, a partir de 1842 passaram a ser inseridos selos nas cerâmicas. Observando os selos é possível perceber a diferentes técnicas de inserção e uma diversidade de cores, formas e formas de aplicação, entre outros.

Uma das técnicas de aplicação do selo, é através da incisão, não existe uma uniformidade no desenho aplicado ao selo. Entre os cuidados a serem tomados, o principal é na hora de inserir a marca, pois para realizar a incisão é preciso que a argila esteja mole, ela acontece durante a etapa de fabricação da peça. Era geralmente usado em pequenas fábricas, e poderiam ser em baixo ou alto relevo. O selo abaixo era utilizado pela Fábrica inglesa W. Adams.

Figura 157 Selo com incisão



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS

A técnica da impressão, consiste em realizar a impressão com a argila ainda mole, isso ocorre durante a etapa de fabricação da peça. Os mesmos cuidados que empregados na técnica da incisão são usados aqui, pois o selo pode borrar ou ser apagado. O selo abaixo foi utilizado pela Fábrica Minton.

Figura 158 Selo impresso



FONTE: <http://www.thepotteries.org/mark/general.htm>

A técnica de pintar o selo precisa dos mesmos cuidados aplicados as técnicas anteriores, pois deve-se ter cuidado ao pincelar sobre o esmalte, pois pode borrar. A técnica foi aplicada no selo abaixo.

Figura 159 Selo pintado

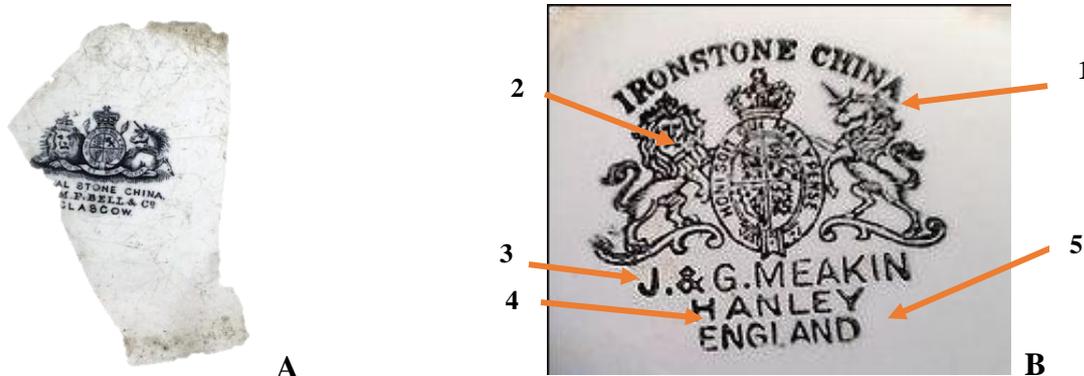
Fonte: <http://www.thepotteries.org/mark/general.htm>

A última técnica apresentada é a impressão por transferência, a aplicação ocorre por chapas de cobre gravadas. Requer cuidados, assim como as demais, se faz necessário manusear com cuidado, pois os selos impressos podem borrar devido a queima ou o esmalte que pode escorrer. O selo abaixo foi usado pela Fábrica Baker & Co.

Figura 160 selo com impressão por transferência

Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS

De acordo com Bezerra (2015, p 80) “Algumas fábricas inglesas, dentre elas destacamos a *Davenport*, passaram a usar os dois últimos algarismos do ano de produção da peça. Estes foram adicionados um de cada lado da âncora, como, por exemplo, '42' para 1842 etc.” A utilização de selos possibilitava identificar as peças produzidas por algumas fábricas. Abaixo um selo da Fábrica J & G Meakin impresso por transferência e do seu lado a indicação de cada elemento presente no selo.

Figura 161 Selo da fabrica j & g meakin com informações acerca da peça produzida.

Fonte: A Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS; B http://www.thepotteries.org/mark/m/meakin_jg.html¹⁴⁷

¹⁴⁷ Nota: A Selo da Fábrica J & G Meakin; B 1 – Pasta; 2- Símbolo da fábrica; 3 – Fábrica; 4 – Cidade; 5 - País de origem

Muitas fábricas utilizam como símbolo, o leão, o unicórnio, a águia, a coroa, o nó de Sttanfordshire, entre outros. Isso se deve a importância dada ao uso de alguns símbolos, como as armas reais.

Em 1891, foi criada a American McKinley Tariff Act que determina que para comercializar com os Estado Unidos, devem ter seus produtos marcados com selos, dessa forma evitaram a entrada de produtos falsificados. O selo nem sempre queria dizer que o fabricante daquele produto era seu inventor, mas que teria direito a usá-lo. Para tanto, poderia ser por aquisição das placas com os padrões, doação, na dissolução de uma fábrica ou herança.

Isso não quer dizer que não fossem “imitados” e não copiados ou falsificados tais padrões ou selos. A estratégia utilizada foi a inserção ou exclusão de elementos ou técnicas para diferenciar um padrão do outro, dessa forma, poderia até registrá-los.

O uso de símbolos ingleses por fabricantes de louça americanos era comum entre 1850 e 1880, além mesmo o uso do selo diamante. Entretanto, as qualidades de seus produtos melhoram após 1875. O que se observa é uma busca por se inserir ou se manter no mercado, para tanto, adotavam diferentes estratégias, como mencionado. Tais estratégias não eram restritas ao selo, ocorria também nos padrões decorativos, técnicas decorativas e até em anúncio de louças.

5.3.2. A Influência chinesa na cultura europeia

A louça ganha um espaço cada vez maior, seja nos grupos mais abastados ou não. A demanda aumenta e são criadas estratégias para inserção em um mercado tão competitivo. Entre elas destaca-se a busca por elementos de culturas que não são europeias, como o caso da chinesa, iraniana e americana. No caso da China o que se observa é o emprego de elementos e lendas chinesas adaptadas para o mercado interno, neste caso, o inglês.

A aproximação comercial entre China e Europa, como afirma Chen Tsung Jye acima, tornou possível o conhecimento da cultura chinesa, e viabilizou sua difusão por toda Europa, como complementa o autor ao tratar da porcelana que foi uma das mercadorias mais comercializadas, Segundo Jye (2000, p. 21802) “Durante vários séculos, milhões de peças de porcelana chinesa foram levadas para a Europa e esta presença maciça influenciou profundamente nos costumes vigentes por tornarem-se objetos domésticos fundamentais para as famílias européias”. Pode-se relacionar a porcelana

chinesa e o consumo de chá, considerando a existência de itens específicos para seu consumo, sendo depois adaptados pelos ingleses.

Nos períodos de Dinastia Song e Yuan, as poucas peças de porcelana chinesa que foram levadas pelos viajantes para Europa através do caminho de seda, eram admiradas pelos imperadores europeus. Eram consideradas tão preciosas que sua posse tornou-se símbolo de poder e riqueza de uma época. (JYE, 2000, p. 21802)

A porcelana passa a ter o caráter de *mercadoria*, que de acordo com Appadurai (2008), “representam formas sociais e partilhas de conhecimento muito complexas. Em primeiro lugar, e grosso modo, tal conhecimento pode ser de dois tipos: o conhecimento (técnico, social, estético etc.) que integra a produção de mercadorias; o conhecimento que integra a ação de consumir apropriadamente a mercadoria.” O autor corrobora com Arjun Appadurai (2008), quando afirma que a importância da trajetória dos objetos, nesse caso da porcelana, pois dessa forma se teria observado a mercadoria por diferentes pontos, como o da produção, da distribuição e do consumo, entendendo que, em cada um desses momentos a sua relação com as mercadorias se encontra no seu tempo e espaço.

A porcelana chinesa tornou-se conhecida no mundo, ainda no século XVI, mas sua produção iniciou segundo David (1991, p. 8) no século IX, na China com o “processo de refinamento de refinamento das técnicas, das formas e da decoração”. A qualidade da porcelana chinesa tornou-se conhecida no Ocidente por volta dos séculos XIV e XV. Madeleine David descreve a trajetória da porcelana em sua obra “Cerâmicas e porcelanas chinesas”, desde sua criação, perpassando pela visita de Marco Polo a China, por volta de 1200, que atribui o nome de *porcella* por assemelhar-se a concha madreperla, e assim inicia seu trajeto pela Europa. A autora descreve como a porcelana foi recebida e difundida na Europa durante os séculos XIV e XV.

Na época, foram considerados raridades tão preciosas que receberam como ornamentos armações de ouro e prata. Somente no século XVI pensou-se em imitá-los. Duas cidades italianas dedicaram-se a esta iniciativa: Veneza, no segundo quartel do século XVI, e Florença, por volta de 1580. (DAVIS, 1991, p. 8)

A técnica utilizada pelos italianos não resultou na tão desejada porcelana, somente em 1709, na cidade de Meissen, Alemanha, o químico Johann Friedrich Böttger consegue produzir a porcelana com as mesmas características da produzida na China. A busca por produzir uma cerâmica, com qualidades semelhantes ou iguais a referida porcelana, ainda é realizada por franceses, ingleses entre outros.

A busca pelo conhecimento da técnica de produção, assim como a apropriação de símbolos chineses utilizados nas referidas peças de porcelana chinesa a inserem na categoria de mercadoria (commodities), defendida por Arjun Appadurai, onde observa-se uma troca de sacrifício', onde “[...] o desejo de alguém por um objeto é satisfeito pelo sacrifício de um outro objeto que é foco do desejo de outrem” (SIMMEL, apud APPADURAI, 2008, p. 16.). Nesse caso, de acordo com Simmel,

o objeto econômico não tem um valor absoluto como resultado da demanda que suscita, mas é a demanda que, como base de troca real ou imaginária, confere valor ao objeto. É troca que estabelece os parâmetros de utilidade e escassez, não o contrário, e é a troca que é a fonte de valor (SIMMEL, Apud APPADURAI, 2008, p: 16).

Não se trata apenas de “trocar valores”, mas sim na “troca de valores”; onde aos objetos são atribuídos significados, valores que carregam consigo, para além de seu uso e podem representar um elemento de distinção social e/ou cultural, onde perpassa seu valor econômico. O que se vende não é o objeto em si, mas o que significa ou simboliza, nesse caso a cultura chinesa. Para tanto, além dos elementos chineses inseridos, nesse caso nas faianças finas produzidas, a priori pelos ingleses, mitos que remetam a China, como foi o caso do padrão decorativo “willow pattern”. Aparecem diferentes versões do referido mito, que foi atribuído aos chineses, mas que observou-se ter sido adaptado e modificado com o tempo. Foram acrescentados e extraídos elementos evidenciados no mito chinês original.

A China era a maior exportadora de porcelana no mundo o que provocou, como já mencionado anteriormente, a buscar a técnica de produção da mesma. Dentre as inúmeras tentativas os ceramistas ingleses da região de Staffordshire descobrem uma pasta, que se aproxima da porcelana, e que tem os custos menores, por isso pode ser produzida em larga escala e com um preço menor, ampliando assim seu consumo. A partir dessa procura pela técnica e a expansão do mercado houve a necessidade de inserir um produto que fosse aceito pelo consumidor.

O que provocou inovações dentre elas: na matéria-prima, na forma ou *design* dos produtos fabricados em larga escala, visando atrair novos mercados consumidores. Para tanto, os fabricantes investiam em novas técnicas na busca de novos produtos, contratando, por exemplo, *designs* e técnicos especializados. A inserção da porcelana nos conjuntos de chá e aparelhos de jantar é explicado por Jye (2000, p. 21802) “Fisicamente a porcelana é mais resistente que a cerâmica de argila cozida e mais barata

que as peças de metal e, gradualmente, substitui as duas no cotidiano, modificando profundamente os costumes domésticos do povo chinês” e, posteriormente modificando os costumes no mundo.

5.3.3. **Chiniserie**

O estilo *Chiniserie* foi muito popular entre os anos de 1816 e 1836, seu surgimento ocorreu a partir das interpretações europeias de padrões decorativos. Segundo Neale (2005, 73) *Chiniserie* “é um termo que significa imitação oriental de padrões e motivos chineses (ou mesmo japoneses). Na cerâmica, os padrões variam de cópias diretas de desenhos chineses e ocidentais”. Uma de suas principais características é o uso da cor azul e os elementos orientais no centro e a borda preenchida densamente com desenhos geométricos, destacando: borboletas, chaves, ovas e peixe, losangos e favos de mel (Tocchetto, 2001). Entre os padrões decorativos do estilo *Chiniserie* mais conhecidos, encontra-se o padrão salgueiro ou Willow pattern.

Figura 162 Travessa em estilo *Chiniserie*,



Fonte: Neale (2005, p. 78).

A imagem acima foi produzida pela fábrica Baker Co, em 1820, e apresenta o estilo *Chiniserie* em uma travessa. Na imagem abaixo dois fragmentos de pratos remontados, sendo o primeiro Borrão Azul e o segundo Willow Pattern,

Figura 163 Fragmentos de pratos, em estilo *Chinoserie*



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS¹⁴⁸

Os fragmentos acima foram produzidos em faiança fina, sendo o primeiro impresso e pintado à mão livre, e o segundo em *transfer print*. Esse estilo é encontrado principalmente em aparelhos de jantar.

5.4 A CIRCULAÇÃO DO MITO E SUA APROPRIAÇÃO

O willow pattern, como mencionado anteriormente, é um dos padrões decorativos mais conhecidos no mundo, assim como elementos que o compunham, como pode-se observar no trecho acima, onde Gillian Neale (2005, p. 73) apresenta uma antiga música cantada por jovens filhos de trabalhadores das olarias no entorno de Staffordshire, na Inglaterra.

Duas pombas voando alto
 Navio chinês navegando
 Salgueiro chorão pendurado o'er
 Ponte de três homens ou quatro
 Templos chineses
 Parece ocupar toda a terra
 Árvores de maçã com maçãs
 Uma pequena ponte para terminar minha música¹⁴⁹ (NEALE, 2005, p. 73).

¹⁴⁸ **Nota:** A Fragmento de prato em *FLOW BLUE* (Borrão Azul) com estilo Chinoserie; B Fragmento de prato em Willow Pattern, estilo Chinoiserie.

¹⁴⁹ Tradução do autor

O mito contado por Neale é uma das variações do referido mito, onde os jovens apaixonados se transformam em dois pombos, pássaros apaixonados e que viveram eternamente juntos. Em uma das versões do mito chinês *Liang Shanbo e Zhu Yingtai* alguns elementos são comuns.

O mito chinês conta a história de Liang Shanbo filha de um mandarin (ou homem rico) e que desejava estudar, porém as escolas eram destinadas apenas para rapazes. Sendo assim, Liang se veste de menino, e passa a frequentar uma escola, onde estuda por três anos, nesse período conhece Zhu, um jovem rapaz que se destacava nos estudos. Se tornam amigos, e muito próximos. A jovem se apaixona pelo amigo, mas não pode se revelar. Após os três anos seu pai pede que retorne. Zhu promete visita-la e casar-se com a irmã de Liang. Ao chegar em casa descobre que foi prometida em casamento. Zhu vai visita-la e fica sabendo que Liang era uma menina e que irá se casar. Este adoece e morre. Liang vai ao seu túmulo despedir-se. O túmulo se abre e a jovem cai dentro dele, fechando-se em seguida. Quando os familiares de Zhu se aproximam do túmulo percebem que dele saem duas borboletas.

O mito acima tem variações e teria surgido na China na Dinastia Tang (618 - 907) e teria sido ambientada na Dinastia Quin (265 – 420). O referido mito não foi difundido como o mito inglês Willow Pattern, sendo necessário um estudo mais aprofundado. A história de Liang Sbanbo e Zhu Yingtai é uma das quatro histórias mais conhecidas na China, até os dias atuais, tendo sido transmitida por várias gerações oralmente, até que foi escrita, não se sabe quem o fez e nem quando. Os elementos apropriados e adaptados do mito acima pelos ingleses foram.

Quadro 33 - Elementos comuns aos mitos

| MITO CHINÊS | MITO INGLÊS |
|--------------------------------------|-------------------------------|
| O jovem casal | O jovem casal |
| A escola (onde se conheceram) | Trabalhava com o pai da jovem |
| O pai | O pai |
| O noivo (prometido) | O noivo (prometido) |
| A separação | A separação |
| ----- | A perseguição |
| A doença de Zhu | A fuga |
| A morte | A morte |
| Borboletas | Pombos |

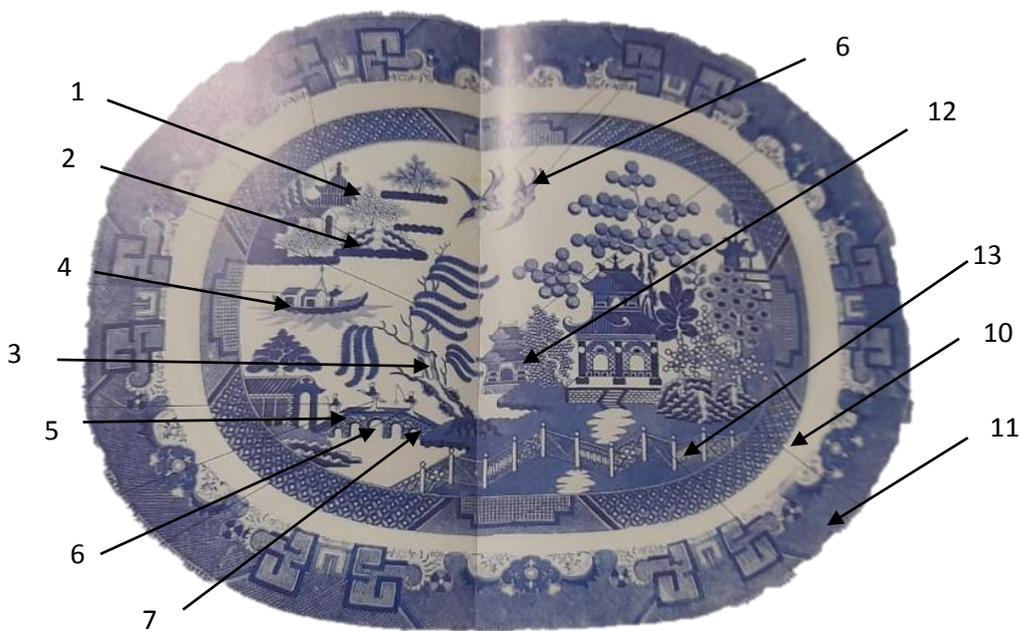
Na tabela acima observa-se os elementos que se apresentam em ambos os mitos, o que se percebe com a substituição de alguns elementos como as borboletas (cúpidos chinês - símbolo chinês) pelos pombos (mensageiro - símbolo ocidental), a

“ocidentalização” do mito, ou seja, a apropriação e adaptação do mito com o objetivo de obter uma aceitação por parte dos consumidores de artigos chineses. Um exemplo disso, é a publicação do mito do willow pattern, em 1849 na Revista “The Family Friends”, na Inglaterra, a adaptação do mito a ser contado para crianças antes de dormir.

5.4.1 Willow Pattern

Para atrair o mercado consumidor foram inseridas as faianças finas europeias, sendo as inglesas as que mais se popularizaram, elementos chineses. Cada signo presente na decoração da porcelana chinesa possuía um significado específico, que foi perdido ao ser copiado por países europeus, como Portugal, Inglaterra, Alemanha, Holanda e Espanha. Os mesmos eram utilizados nas faianças e faianças finas, e foram misturados a elementos europeus, sendo resignificados. As primeiras porcelanas produzidas na China tinham elementos de cunho mítico e ritual, além de simbólico. Dentre os símbolos destacam-se: fênix, animais míticos, folhas, painéis de lótus, ondas, nuvens, perolados, figuras humanas e outros. Esse caráter mitológico foi adaptado para o padrão “willow pattern”.

Figura 164 Willow Pattern (Spode 1815 - 20) padrão três homens na ponte



Fonte: Neale (2005, p.74-75).¹⁵⁰

¹⁵⁰ **Nota:** 1 Alguns padrões mostram chamas vindo do lado da casa; 2 A ilha a qual os amantes escapam; 3 Salgueiro- significa tristeza; 4 Barco usado pelos amantes para escapar; 5 Filha

Na imagem acima observa os principais elementos para identificar o padrão SPODE, entretanto não há um consenso entre os ceramistas acerca de quem teria criado o desenho (placa),

O mistério envolve a origem da lenda, mas o padrão, introduzido por Josiah Spode por volta de 1790 (Spode ser de melhor qualidade e mais comercialmente viável do que as tentativas anteriores de Minton ou Turner), é uma adaptação de um projeto chinês inicial. Muitos oleiros produziram "Salgueiro", com sua característica Fronteira "Nankin", embora nenhuma rivalize com Spode. Há também muitos padrões "tipo salgueiro" que são variações no original, com elementos ausentes ou diferentes.

No entanto, muitos pensam em cerâmica azul e branca em geral (embora erroneamente) como "Blue Willow". (NEALE, 2005, p. 73)

Embora não se tenha uma precisão, acerca da origem do desenho, é certo que o mito criado pelos ingleses, a partir de uma lenda chinesa, tornou o padrão salgueiro ou willow pattern o mais popular em todo o mundo. É importante ressaltar que, embora no Brasil o padrão receba a denominação de pombinhos ou azul pombinhos, são andorinhas e não pombos na imagem. Possivelmente, o emprego de 'pombinhos' tenha ocorrido, por serem mais conhecidos pela população que as andorinhas.

Foram identificados, durante a análise do material, aproximadamente 2.693 fragmentos do padrão Salgueiro. Embora o objetivo desta pesquisa não era quantificar o material e sim analisar suas pastas, esmaltes, padrões e técnicas.

Figura 165 Fragmentos do Padrão Willow Pattern



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS¹⁵¹

Os três fragmentos acima apresentam os mesmos elementos, mas o traço do desenho difere, o que se pode concluir que foram produzidos por fábricas diferentes e/ou períodos diferentes, os esmaltes são diferentes, os dois primeiros whiteware e último em

carregando uma roca, um símbolo da virgindade; 6 Amantes as vezes carregando o caixa de joias; 7 pai carregando um chiclete; 8 os amantes voando juntos; 9 casa onde a filha era mantida prisioneira; 10 borda interna "nankin" – uma característica do *design* chinês, não específica para 'salgueiro'; 11 borda externa; 12 casa do mandarim (pai) rico; 13 cerca construída para separar os amantes.

¹⁵¹ Nota: A; B; C Fragmentos de Willow Pattern

creamware. Foram observados também a qualidade da impressão por transferência, em alguns casos era possível perceber as dobras do papel na hora da impressão, os desenhos com o traço grosseiro e a ausência de elementos que deveria compor o desenho original, eram, por vezes, suprimidos, como a ausência dos pombinhos.

Os poucos selos encontrados não forneceram maiores informações sobre os fabricantes, exceto o que foi registrado abaixo.

Figura 166 Fragmento de Willow Pattern produzido pela Fábrica Baker & Co



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS

Além do desenho o mito foi difundido e apropriado em todo o mundo, desse modo foram incorporados ao cotidiano de seus consumidores.

O padrão willow pattern de acordo com Lima:

[...] é derivado originalmente dos chineses e fez sua aparição na Europa entre 1800/ 1815, atingindo posteriormente uma estandardização. Foi extremamente popular na Inglaterra na Inglaterra, gerando uma lenda e um soneto sobre o motivo. Até 1880 foi fabricado por 54 estabelecimentos cerâmicos ingleses. Apresentava variações de pasta, esmalte e tonalidade azul. Também fabricado nas cores verde e rosa, esta última em Maastricht, Holanda, por Petrus Regout” (LIMA. Et ali. 1989, p. 211)

O que corrobora com a ideia de uma apropriação e adaptação do mito. Existem dúvidas, quanto ao criador do padrão, assim como a origem do mito. Segundo Albuquerque (1993, p. 93) “Thomas Minton, que desenvolveu, para Thomas Turner, de Caughley”, em Staffordshire, no ano de 1780, e depois foi copiado pelas fábricas Royal Worcester, Spode, Adams, Wedgwood, *Davenport*, Clews, Leeds e Swansea. Thomas Minton teria utilizado elementos orientais em seus desenhos, buscando a construção de uma cena de um mito chinês. O que possivelmente teria facilitado seu consumo, considerando que:

O século XVIII viu a transformação do consumo e do mundo no qual esta se deu. O consumo estava começando a se instalar de modo mais frequente, em mais lugares, sob novas influências, desempenhado por novos grupos, em busca de novos bens e em função de novos propósitos sociais e culturais. O ‘mundo dos bens’ estava se constituindo firmemente como coextensivo ao mundo da vida social. (MCCRACKEN, 2003, p. 43)

Durante o setecentos, o consumo de artigos finos, como tecidos, utensílios domésticos, entre outros, expandiu-se pelo mundo, consolidando-se no século XIX, período que vivenciou uma nova forma de consumo. O que teria possibilitado a difusão do referido padrão assim como do mito. O que tornou possível as mais diversas versões, tanto dos mitos quanto do padrão, conforme imagem abaixo.

A descrição acima corresponde um mito atribuído aos chineses representado por aparelhos de jantar, cujo o padrão decorativo de origem inglesa é denominado de “willow pattern”, e foi um dos mais difundidos no mundo. Em seu poema Prato Azul Pombinho, a poetisa Cora Coralina narra a história do referido mito que ouvia, enquanto criança, de sua bisavó.

Era, na verdade, um enlevo.
 Tinha seus desenhos em miniaturas delicadas:
 todo azul-forte, em fundo claro num meio-relevo.
 Galhadas de árvores e flores, estilizadas.
 Um templo enfeitado de lanternas.
 Figuras rotundas de entremez.
 Uma ilha. Um quiosque rendilhado.
 Um braço de mar.
 Um pagode e um palácio chinês.
 Uma ponte.
 Um barco com sua coberta de seda.
 Pombos sobrevoando. (CORALINA.C., 2011, p.: 08)

Dentre as inúmeras versões do mito chinês, buscou-se analisar uma versão apresentada do mesmo, e depois a versão inglesa que se encontra no padrão decorativo aqui analisado. Na versão inglesa, foram difundidas pelo mundo, como foi analisado anteriormente, o artigo publicado em 1993, pelos arqueólogos Paulo Tadeu e Jango Nery abordam alguns elementos do referido mito. Outro estudo a ser analisado é um artigo de Joseph Portanova que trata da inserção do padrão decorativo e do referido mito, e por último a forma de apropriação do mito feito, por meio da poesia de Cora Coralina, onde apresenta suas lembranças acerca do mito, e como este tem um valor afetivo para sua bisavó.

Segundo Barthes (2003, p. 200) “o mito é um sistema de comunicação, uma mensagem. Eis por que não poderia ser um objeto, um conceito ou uma ideia: ele é um

modo de significação, uma forma.” Não se pretende aqui fazer um estudo aprofundado do mito, mas entendê-lo como uma forma de comunicação, e como foi sendo apropriado em diferentes períodos e lugares. E ainda, como foi materializado pelos ingleses em forma de desenho (padrão decorativo) a ser comercializado em aparelhos de jantar. O mito em questão vai sendo apropriado pelos oleiros ingleses, a priori e depois por outros ceramistas europeus, com o objetivo de expandir seu comércio.

O mito chinês “Liáng Shan ó yu zhú ying tái” difere em alguns aspectos do apropriado pelos ingleses e o apresentado na poesia de Cora Coralina, o que permite uma discussão acerca da importância do referido mito e os motivos que levaram a sua difusão. Segundo Barthes (2003, 200) “cada objeto do mundo pode passar de uma experiência fechada, muda, a um estado oral, aberto à apropriação da sociedade, pois nenhuma lei, natural ou não, pode impedir-nos de falar das coisas”. O referido mito é uma das quatro histórias de amor ou lendas mais antigas da China, tendo sido transmitido oralmente por várias gerações chinesas, chegando ao conhecimento europeu, através das relações comerciais, e depois adaptado e contado pelos ingleses.

Uma das versões do mito é contada pelos arqueólogos Paulo Tadeu e Jango NERY.

O conto relata a história de dois apaixonados, *koong-shee*, filha de um rico mandarim e *Chang*, secretário o último, rapaz de origem humilde. O mandarim, como acontece em tais histórias, havia escolhido um rico pretendente para a filha. Mantinha-a além disso, prisioneira, a fim de mantê-la afastada de seu grande amor. De sua prisão, a infeliz noiva enxergava um pessegueiro e escrevia versos cantando a esperança de que antes da floração do pessegueiro ela estaria livre. *Chang* encontrou um meio de comunicar-se com a amada, enviando-lhe, por meio de um pequeno barquinho, uma carta. *Koong-shee* respondeu com uma pergunta escrita em um pedaço de marfim, igualmente carregando pelo barquinho: “*Não deve um marido obter os frutos antes que eles sejam roubados?*” *Chang* não titubeou. Penetra os jardins da casa do mandarim e salva *Koong – Shee*. Foram de bote e navegam até uma ilha onde habitava *Chang*. Lá serão felizes, até que o despeitado noivo rico descobre e incendeia-lhes a casa. Ambos morrem e de suas cinzas nascem duas pombas – as pombas do amor – que para sempre revoarão sobre as regiões terrenas em que foram felizes”. Albuquerque (1993, p. 94)

Na versão acima observa-se uma variação, onde alguns elementos permanecem e outros são acrescentados. Os elementos comuns da variação inglesa são: o pai – a filha – o amante – o pretendente – a fuga (barco) – o esconderijo (a ilha) - a morte (o fogo) – os pombinhos (o amor). O que é acrescentado ou adaptado: pessegueiro (salgueiro) – a carta (não é feita referência em outras versões).

Segundo Joseph Portanova existem variações da lenda.

Um mandarim poderoso e rico morava em uma mansão suntuosa (casa no centro da placa) trabalhou para o imperador como oficial aduaneiro. Ele tinha um trabalhador cuidadoso chamado Chang, que fez o trabalho árduo enquanto o mandarim pegava subornos de comerciantes (em outra versão, o mandarim teme a exposição e Chang prepara os livros para que ele não seja condenado por suborno, depois destitui Chang). Chang já se apaixonou pela filha do mandarim, Koong-See, que correspondeu a seu amor e encontrou-o entre as laranjeiras (árvores perto da mansão). O mandarim descobriu, e construiu uma cerca (cerca em primeiro plano de placa) para separar os amantes e um pagode separado (casa menor para a esquerda da casa central no prato) para isolar sua filha. Ele a prometeu a um rico e amigo idoso, que conhecido como Duque Ta-Jin. Os amantes se preparam para o encontro e a fuga (em alguns versões através de uma mensagem enviada por Chang em um barco feito de coqueiro). Eles fugiram da casa com uma caixa de jóias (em algumas versões do mandarim, em outros Koong-See ou do duque) atravessara uma ponte sendo perseguidos pelo mandarim (três figuras na ponte: Koong-see carregando um fuso como símbolo da virgindade, seguido por Chang transportando a caixa de jóias e, finalmente, o mandarim carregando um chicote). Em outras versões do História eles fugiram com as jóias do duque enquanto ele e o mandarim estavam dormindo depois de uma festa. Os amantes escaparam de barco com a ajuda de um pescador para uma ilha distante (barco e barqueiro, ilha com casa no fundo do prato), onde se estabeleceram felizes (em algumas versões eles compram a ilha com as jóias). Duke Ta-Jin enviou soldados para atacar a ilha e matou Chang (em outra versão, eles não conseguem fazer isso e os amantes fogem para outra ilha, onde Chang ganha reputação, escrevendo um livro sobre jardinagem - o que leva a sua descoberta pelos soldados). Koong-See estava em casa em que ateam fogo e morre nas chamas (em algumas versões ambos os amantes são mortos quando soldados incendiaram para a casa, e em algumas placas de Willow Pattern, as chamas são mostradas vindo da casa na ilha). Os deuses transformaram os dois amantes em pombos imortais que permaneceram unidos para sempre (pássaros no centro superior do design do padrão de salgueiro) (O'HARA, p. 424; NEALE, p. 74-75; HADDAD, p.65) . (PORTANOVA, 2008,p. 7 - 8)

5.4.2 Wheat Pattern (Trigal)

O padrão decorativo Trigal (wheat pattern) se tornou um dos mais comercializados e conhecido. Anteriormente, era conhecido por ceres (cereal). Produzido em larga escala e por um longo período de tempo. Tem como características: relevo modificado, grãos e folhas semelhantes a grama, em branco parcialmente vitrificado, podendo ser encontrado na pasta "*ironstone*" ou "*white granite*". É importante diferenciar os tipos de pastas¹⁵², embora semelhantes em alguns aspectos, o "*white granite*" não deve ser confundida ao *ironstone*, que teria sido patenteado por James Mason, em 1813, sendo esta mais dura.

Exemplos marcados de *ironstone* aparecem pela primeira vez na década de 1840 e foram geralmente simples; ou seja, eles não superfície modificada, além de painéis decorados com frisos que eram próprios das formas peças. O primeiro padrão

¹⁵² Como já mencionado no tópico anterior.

com elementos em cereais (grãos) em superfície modificada foi registrado em 1848, e teria sido um jarro ou ânfora desenvolvido por Minton & Co. O mesmo teria ocorrido nos escritórios de patente da Inglaterra. Além deste padrão Thomas Minton teria criado o willow pattern no período em que trabalhou para fábrica *Spode*, entretanto o mesmo foi patenteado pela referida fábrica. Lembrando que, em 1842 se torna obrigatório o registro de marcas e patentes na Inglaterra.

Em um período, em que a produção de louças de uso doméstico crescia e se diversificava, observa-se que alguns elementos e técnicas foram sendo inseridos nos novos *designs*, como é o caso dos cereais (grãos). Tais elementos faziam referência a colheita, principalmente de grãos, no caso dos Estados Unidos observa-se que a inserção de tais elementos ocorre devido ao período e aos tipos de grãos coletados (como veremos a seguir). A produção inglesa, objeto de análise aqui, foi responsável pela dispersão de tal padrão. De acordo com Sussman (1995) foram criados cerca de vinte novos padrões inspirados no cultivo de cereais (grãos), entre os anos de 1848 e 1883. Tais projetos teriam sido registrados nos escritórios de patentes britânicos. Destaca-se entre eles, um dos mais importantes o “Ceres Shape” que teria sido registrado pela fábrica Elsmore & Foster, em 2 de novembro de 1859, como pode-se observar no selo abaixo:

Figura 167 Selo da Fábrica Elsmore & Forster com o registro de patente do Padrão Ceres, em 2 de novembro de 1859.



Fonte: Disponível em: <http://www.thepotteries.org/allpotters/386a.htm> Acesso em: 20 de setembro de 2021.

Na imagem acima observa-se dois selos a esquerda e ao lado foi inserida uma imagem mais clara acerca das informações dos mesmos. Na imagem B observa-se o nome da pasta na parte superior, no centro o brasão e as armas reais (Leão e unicórnio) e abaixo o nome da fábrica. Na imagem C, o selo em destaque traz acima o nó que representa a região de *Stafforshire*, inserido por alguns ceramistas, abaixo o nome da fábrica, no centro o selo em forma de diamante que apresenta o nome do padrão ‘ceres

shape' no centro o diamante com as informações referentes a patente (como visto anteriormente), na parte inferior a localização da fábrica.

O padrão CERES SHAPE recebeu tal denominação em homenagem a deusa romana da agricultura, *Ceres*. Depois denominado de Wheat pattern ou Padrão Trigo ou Trigal foi muito difundido. É importante ressaltar que mesmo em locais onde o trigo ou outro dos cereais utilizados em alguns padrões, tornam-se populares, e mesmo naqueles locais, em que cultivam tais cereais, como cevada, lúpulo ou trigo, não produzem os referidos padrões em homenagem a deusa, e sim pela abundância da colheita dos ditos cereais. A Fábrica Elsmore & Forster foi a primeira a patentear o referido padrão, o padrão foi reproduzido em uma jarra, conforme a imagem abaixo

Figura 168- Padrão *Ceres Shape* patenteado pela Fábrica Elsmore & Foster, 1859



Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/386a.htm>. Acessado em: 20 de setembro de 2021.¹⁵³

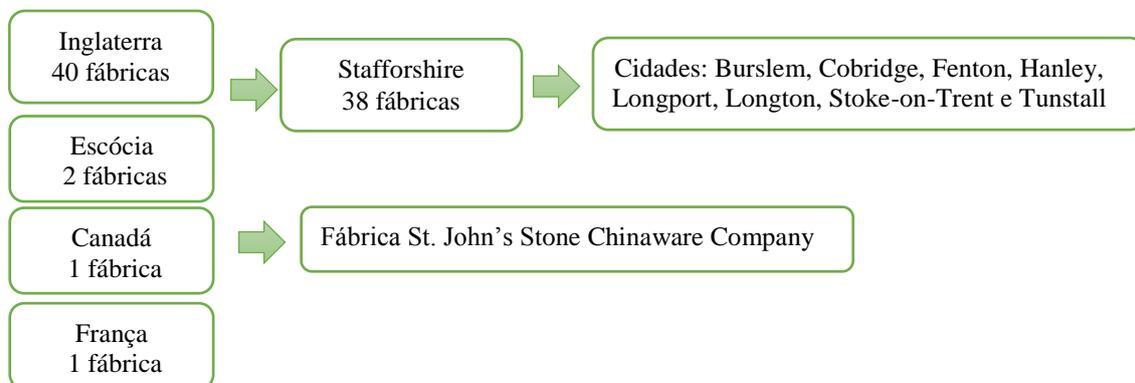
Abaixo observa-se um fragmento de uma xícara no padrão trigal, o mesmo apresenta os elementos decorativos podem ser observados na imagem acima, principalmente em alguns pontos da mesma, são ramos de trigo que se entrelaçam, aparecem em destaque, em algumas partes da jarra.

¹⁵³ **Nota:** Jarra em *ironstone* no padrão *ceres shape*, produzida pela fábrica Elsmore & Forster, em 1859.

Figura 169 Fragmento de xícara no Padrão Trigal

Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS

O padrão Ceres Shape tronou-se posteriormente a versão do wheat pattern (padrão trigo ou trigal). O nome Ceres é atribuído a deusa romana da agricultura. Segundo Sussman (1995) teria sido fabricado por cerca de vinte e quatro olarias e sua produção teria sido continuada até 1985 (ano de edição de sua obra). A referida autora, ainda aponta a produção em *ironstone* por quarenta e duas fábricas e que produziam coletivamente 14 padrões que utilizam o motivo trigo em suas peças, sendo quarenta destes fabricantes britânicos, como se observa abaixo.

Figura 170 Fabricas que produziam o Padrão Trigal

Fonte: Adaptado de Susmann (1985, p. 7).

Com a popularidade, do padrão trigo, algumas fábricas passaram a produzi-lo e inseriram outros cereais ao referido padrão, como observe-se no quadro abaixo

Quadro 34 - Fábricas que produziram o *Wheat Pattern*, na Inglaterra.

| FABRICA | PERÍODO DE PRODUÇÃO | MOTIVO |
|---------------------------------|---------------------|---------------|
| <i>W. Baker & Co</i> | 1840 - 1890 | Hyacinth |
| <i>Livesly, Powell & Co</i> | 1850 - 1865 | Poppy & Wheat |

| | | |
|--|-------------------------------|-----------------------|
| <i>Livesly, Powell & Co</i> | 1850 - 1866 | Prairie Shape |
| <i>John Alcock</i> | 1851 - 1860 | Unidentified Wheat |
| <i>Elsmore & Forster</i> | 1858 - 1870 | Wheat |
| <i>Jacob Furnival & Co</i> | 1860 - 1870 | Wheat & Hops |
| <i>W. Taylor</i> | 1860 - 1870 | Wheat & Hops |
| <i>J. Clementson</i> | 1860 - 1865 | Prairie Shape |
| <i>Turner & Tomkinson</i> | 1861 - 1873 | Wheat & Clover |
| <i>Taylor Bros</i> | 1861 - 1870 | Wheat & Clover |
| <i>Turner & Tomkinson</i> | 1860 - 1872 | Wheat |
| <i>Edward Pearson</i> | 1860 - 1872 | Wheat |
| <i>W. Taylor</i> | 1860 - 1880 | Wheat |
| <i>W. Baker & Co</i> | 1860 - 1892 | Wheat |
| <i>Edmund T. Wood/ John (Wedg)Wood</i> | 1860 - 1875 | Corn & Oats |
| <i>E. & Challinor</i> | 1861 - 1890 | Wheat |
| <i>Robert Cochran</i> | 1861 - 1918 | Wheat |
| <i>Robert Cochran</i> | 1860 - 1918 | Wheat & Hops |
| <i>J. & G. Meakin</i> | 1861 - 1930 | Wheat |
| <i>W. & E. Corn</i> | 1863 - 1890 | Wheat |
| <i>Ford, Challinor & Co</i> | 1863 - 1880 | Wheat & Clover |
| <i>F. Jones & Co.</i> | 1874 - 1885 | Scotia shape |
| <i>T. & R. Boate</i> | 1862 - 1905 | Wheat |
| <i>J. & G. Meakin</i> | 1860 - 1930 | Wheat & Hops |
| <i>Power & Bishop</i> | 1855 - 1868 | Poppy & Wheat |
| <i>Davenport</i> | 1865 - 1888 | Corn & Oats |
| <i>W. & T. Adams</i> | 1869 - 1891 | Wheat |
| <i>Turner, Goddard & Co.</i> | 1870 - 1875 | Wheat |
| <i>Clementson & Bros</i> | 1870 - 1915 | Prairie Shape |
| <i>Clementson & Bros</i> | 1870 - 1915 | Wheat & Hops |
| <i>Power & Bishop</i> | 1870 - 1878 | Wheat in the meadow |
| <i>Hollinshead & Kirkham</i> | 1872 - 1955 | Wheat |
| <i>Thomas Furnival & Sons</i> | 1874 - 1890 | Wheat |
| <i>Power & Bishop</i> | 1872 - 1890 (1872 - 1880) (?) | Wheat & archés |
| <i>St. Johns Stone Chinaware Co.</i> | 1873 - 1900 | Wheat & Hops |
| <i>St. Johns Stone Chinaware Co.</i> | 1874 - 1900 | Wheat |
| <i>Alfred Meakin</i> | 1875 - 1900 (1890 - 1900) (?) | Wheat |
| <i>Hollinshead & Kirkham</i> | 1875 - 1890 | Corn & Oats |
| <i>Clementson & Bros</i> | 1878 - 1918 | Canada |
| <i>Thomas Furnival</i> | 1878 - 1900 (1878 - 1885) (?) | Wheat, rope & ribbons |
| <i>David Methven & Sons</i> | 1880 - 1930 | Wheat |
| <i>Johnson Bros</i> | 1872 - 1900 | Wheat & Daisy |

| | | |
|-----------------------------------|----------------|---------------|
| <i>Mellor, Taylor & Co.</i> | 1873 – 1905 | Wheat |
| <i>Arthur J. Wilkinson</i> | 1873 – 1970 | Wheat |
| <i>Alfred Meakin</i> | 1900 – 1930 | Wheat & Rose |
| <i>Bishop & Stonier</i> | 1902 – 1935 | Wheat & Daisy |
| <i>Deans (1910)Ltd.</i> | 1900 – 1910 | Wheat |
| <i>Alfred Meakin</i> | 1913 – 1930 | Wheat & Hops |
| <i>W. Adams & Sons</i> | 1950 em diante | Wheat & Daisy |
| <i>W. Adams & Sons</i> | 1950 em diante | Wheat |
| <i>J. H. Weatherby & Sons</i> | 1968 em diante | Wheat |

Fonte: Sussman (1985) Adaptado por Bezerra (2021).

As fábricas acima correspondem as fábricas inglesas, entre elas destaca-se: a Fábrica Elsmore & Forster, (citada anteriormente), foi fundada em 1853, na cidade de Tunstall, na região de Staffordsire, na Inglaterra. Funcionava na olaria Clayhills. Passou por algumas mudanças de nomes e donos, conforme figura abaixo:

Figura 171 - Mudanças no nome e proprietários da Fábrica entre 1853 e 1887, período de funcionamento.

| | |
|-------------|------------------------------|
| 1853 - 1855 | Elsmore, Forster& Blackhurst |
| 1855 - 1871 | Elsmore, Forster & Co |
| 1872 - 1887 | Elsmore & Sons |

Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/386a.htm>. Adaptado por Bezerra (2021).

Em 1855, a então sociedade entre Thomas Elsmore, Thomas Forster e Richard Blackhurst foi dissolvida, sendo divulgada no jornal London Gazeta e publicado em 2 de fevereiro de 1855, conforme imagem abaixo:

Figura 172 – Nota de dissolução da Elsmore, Forster & Blackhurst

WE, the undersigned, Thomas Elsmore, Thomas Forster, and Richard Blackhurst, do hereby give notice, that the Copartnership heretofore subsisting between us, as Earthenware Manufacturers, and lately carried on by us at Tunstall, in the parish of Wolstanton, in the county of Stafford, under the style or firm of Elsmore, Forster, and Company, was this day mutually dissolved. All persons having any claims against the said copartnership firm are requested to deliver or transmit particulars thereof to the said Thomas Elsmore and Thomas Forster; and all persons indebted to the said copartnership firm are requested to pay the amount of their respective debts to the said Thomas Elsmore and Thomas Forster, who are authorised to receive the same.—As witness our hands this 31st day of January, 1855.

Thomas Elsmore.
Thomas Forster.
Richard Blackhurst.

Fonte: <http://www.thepotteries.org/allpotters/386a.htm>

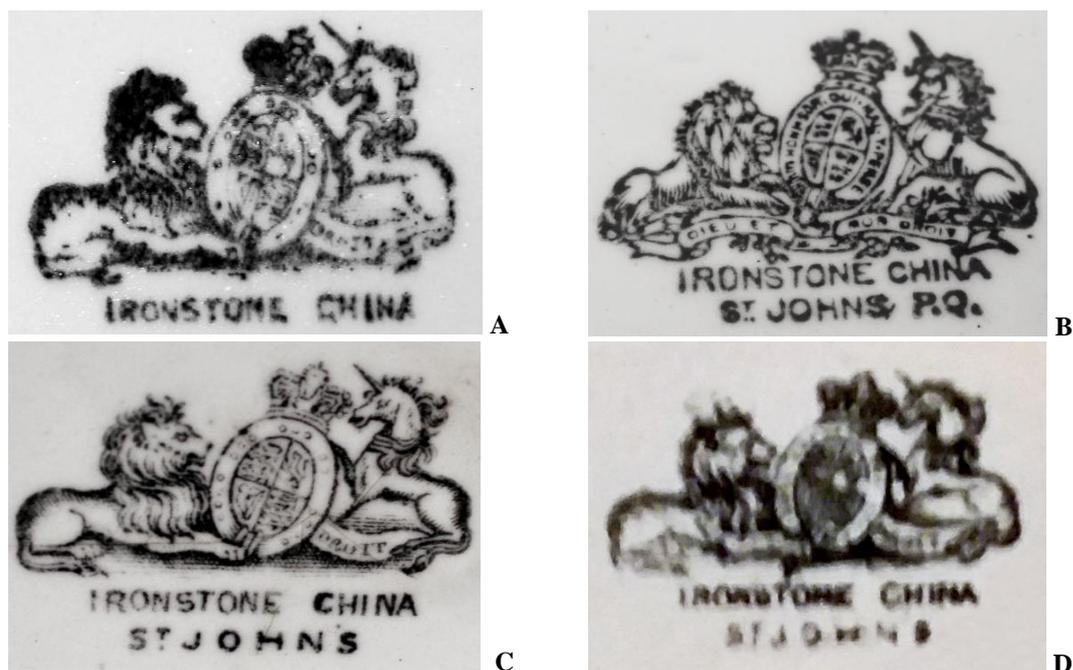
Com o fim da sociedade a fábrica passar a ser apenas Elsmore & Forster e continua a produzir o padrão Trigal (entre outros a serem tratados adiante). Em 1855, a Fábrica Elsmore & Forster foi selecionada para participar da Exposição Universal de 1855, representando as olarias inglesas de Staffordshire.

No catálogo¹⁵⁴ da referida exposição aparece o nome da fábrica, a localização e o tipo de mercadoria produzida e exposta na exposição. A seleção de uma fábrica ou olaria, para participar em exposição, como ocorreu com a Elsmore & Forster denota importância da mesma e, do que ela produz no cenário industrial. Sua participação na Segunda Exposição Universal, ocorrida na França, em 1855 demonstra a relevância de seus produtos e da região na produção de louças.

Outras fábricas de louça de uso doméstico, como visto anteriormente, tentaram competir com as inglesas, principalmente com a produção de artigos em *ironstone*. Entretanto, apenas algumas conseguiram, como é o caso da fábrica canadense St. John's Stone Chinaware Company localizada em St. John's, Quebec, Canadá. Fundada em 1873, ela se diferenciava das demais, contratando trabalhadores provenientes da região de Staffordshire, dessa forma, os mesmos que já teriam trabalhado nas fábricas inglesas conseguiram produzir uma pasta que se aproximava do *ironstone* inglês. Abaixo observa-se uma jarra produzida pela referida fábrica e seu selo com a indicação da pasta.

¹⁵⁴ <http://www.thepotteries.org/allpotters/386a.htm>

Figura 173 – Selos/ Marcas da Fábrica St. John's Stone Chinaware Company



Fonte: Journal White *Ironstone* China Association Inc. Volume 27, nº 2, October 2020, p. 6. Disponível em: <http://whiteironstonechina.com/newsletters/2020/2.pdf>. Acessado em: 26 de setembro de 2021.¹⁵⁵

Outro ponto importante é que o selo acima lembra o da Fábrica J G Meakin, onde se observa o leão e unicórnio e o brasão. A semelhança da pasta e do selo possibilitam uma inserção no mercado externo. Assim como, a utilização de padrões decorativos produzidos pelas fábricas inglesas e exportados por elas.

Foram analisados 951 fragmentos do padrão trigal, porém a dificuldade de identificar suas variações pode ter deixado de inserir na análise mais fragmentos. Foram observados sua morfologia e elementos gráficos. Foram identificados bules e xícaras, possivelmente o maior consumo era de aparelhos de chá ou café. Não foram identificadas as fábricas que os produziram, pois não foi encontrado fragmentos com selo.

¹⁵⁵ **Nota:** Selo/marca utilizado entre 1874 -1877 com as armas, um leão e um unicórnio. A – Apenas a inscrição *IRONSTONE CHINA*; B – Selo/ marca com a inscrição a inscrições *IRONSTONE CHINA* e na segunda linha o nome da fábrica e sua localização ST. JOHN'S P.Q. (Província de Quebec); C – Na primeira linha permanece com *IRONSTONE CHINA* e na segunda o nome da fábrica apenas ST JOHN'S; D- Repete as informações anteriores, porém a escrita apresenta o nome correto da fábrica ST JOHNS, sem o apóstrofo.

5.4.3 Abc Ware ou Alphabet Ware

O padrão decorativo ABC WARE ou ALPHABET WARE foi produzido pela primeira vez, entre os anos de 1793 e 1810, pela fábrica inglesa *Davenport*, teria sido um exemplo de Shell Edged com o alfabeto impresso em um bloco no centro do prato. (Samford, 2015). O padrão decorativo foi produzido pela Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha, é importante destacar que as primeiras peças foram produzidas por oleiros ingleses de Staffordshire. Na tabela abaixo, observa-se as fábricas, seus respectivos países e período de produção.

QUADRO 35 - Fábricas produtoras do padrão decorativo ABC WARE na Inglaterra e América.

| FÁBRICA | PAÍS | Nº DE PADRÕES REGISTRADOS | PERÍODO DE OPERAÇÃO |
|--------------------------------------|--------------|---------------------------|---------------------|
| Charles Allerton & Son | Grã Bretanha | 49 | 1859 -1942 |
| Brownhills Pottery Co | Grã Bretanha | 67 | 1872 -1896 |
| Edge, Malkin & Co | Grã Bretanha | 36 | 1871 – 1903 |
| Elsmore & Foster | Grã Bretanha | 23 | 1853 – 1871 |
| Esmole & Son | Grã Bretanha | 27 | 1872 – 1887 |
| J & G Meakin | Grã Bretanha | 56 | 1851 – 2000 |
| Harker Pottery Co | América | 24 | 1890 – 1931 |
| D. E. McNicol, Ohio & WVA | América | 20 | 1892 -1954 |

Fonte: Adaptado por BEZERRA, 2022 da obra de SUSSMAN, 2015, p. 10. Disponível em https://www.transferwarecollectorsclub.org/bulletin_previews/articles/15_TCC_XVI_No3feature.pdf
Acesso em: 5 de maio de 2021.

De acordo com Sussman (2016, p. 9) foram identificadas “328 padrões britânicos diferentes com marcas de fabricantes”. A autora compara os dados obtidos por outros pesquisadores que chegaram ao dobro dos números obtidos. Para Sussman a diferença entre os dados obtidos ocorre por dois fatores, sendo o primeiro ‘muitos padrões parecem não ter sido marcados ou nenhum exemplo marcado sobreviveu’, Isso se deve por um *design* impresso pode ser atribuído o seu uso a outra fábrica”, e ainda as placas podem ser vendidas ou adquiridas com o fechamento de uma fábrica. O segundo ponto corresponde a escassez e até mesmo ausência de publicidade de época, pois raramente aparecem em anúncio ou propaganda separadas”. (SUSSMAN, 2015)

A produção de ABC WARE por fabricantes britânicos ocorre maior quantidade e variedade que o americano, tendo a impressão ocorrido em maior proporção que o alfabeto moldado. Na imagem abaixo observa-se uma placa moldada (Figura A), com a cena impressa, e outra placa impressa (Figura B) com a cena impressa no centro do prato.

Figura 174 Pratos com o padrão ABC WARE com o alfabeto moldado e impresso.



Fonte:¹⁵⁶ A

https://www.transferwarecollectorsclub.org/bulletin_previews/articles/15_TCC_XVI_No3feature.pdf

Acesso em: 5 de maio de 2021.

B <https://cdn0.rubylane.com/pod/item/319330/AA972/ABC-Childx7827s-Plate-Dog-Manger-1880-full-1o-720-4-f.webp> Acesso em: 5 de maio de 2021.

Os artigos produzidos em ABC WARE eram usados como uma ferramenta educativa para crianças. Em quase todas as placas continham o alfabeto na borda. É importante ressaltar que as peças eram moldadas ou impressas, o alfabeto era inserido ao redor da borda no sentido horário.

Figura 175 Fragmentos da borda de uma prato – Padrão ABC WARE



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS.¹⁵⁷

Para Sussman (2015, p. 10) “As datas médias de início e fim de produção para alfabetos moldados britânicos foram de 1869 a 1887, enquanto os alfabetos impressos britânicos foram de 1883 a 1895”. Na tabela abaixo observa-se alguns dados obtidos pela autora.

¹⁵⁶ **Nota:** **A** placa produzida pela Fábrica J & G Meakin com alfabeto moldado e cena pastoral impressa, no centro, esmaltada; **B** Placa produzida pela fábrica Brownhills Pottery Company com o alfabeto e a cena central impressa e cena com a temática fábula de Esopo (O cachorro na manjedoura).

¹⁵⁷ **Nota A.** Fragmento da borda de um prato Padrão ABC WARE, Moldado; **B** Fragmento da borda de um prato Padrão ABC WARE, impresso.

Quadro 36 - Dados acerca da produção de ABC WARE nos pratos ingleses.

| MÉTODO DE PRODUÇÃO | COLOCAÇÃO DO ALFABETO | # DO ITENS | PERÍODO DE PRODUÇÃO |
|--------------------------|---|------------|---------------------|
| Alfabeto moldado | Envolta da borda | 142 | 1869 – 1887 |
| Alfabeto impresso | Envolta da borda | 53 | 1883 – 1895 |
| Alfabeto impresso | Ao longo das laterais ou no topo da placa | 45 | 1884 - 1895 |

Fonte: Adaptado por Bezerra, 2022 da obra de Sussman, 2015, p. 10. Disponível em https://www.transferwarecollectorsclub.org/bulletin_previews/articles/15_TCC_XVI_No3feature.pdf. Acesso em: 5 de maio de 2021.

A cena central poderia ser produzida em impressão por esmalte e decalques litográficos. De acordo com Sussman (2015, p.11) “os decalques litográficos, introduzidos na década de 1890, substituíram os desenhos impressos sob o esmalte por volta de 1905”. No caso dos fabricantes americanos iniciaram o uso dos decalques em 1890, no mesmo período que a produção inglesa de abc ware estava diminuindo. Na tabela abaixo observa-se:

Quadro 37 - Desenhos centrais em placas ABC WARE

| PAÍS | CENA CENTRAL | TOTAL |
|---------------------|------------------------|-------|
| América | aerógrafo | 1 |
| | decalque | 68 |
| | Total Americano | 69 |
| Grã Bretanha | decalque | 7 |
| | impresso | 349 |
| | Total Britânico | 356 |
| Total Geral | | 425 |

Fonte: Adaptado por Bezerra, 2022 da obra de Sussman, 2015, p. 10. Disponível em: https://www.transferwarecollectorsclub.org/bulletin_previews/articles/15_TCC_XVI_No3feature.pdf. Acesso em: 5 de maio de 2021.

Entre as cenas criadas para decoração os artigos, tinham como temas decorativos: animais domésticos, cenas com crianças brincando, provérbios, fábulas de Esopo, entre outros. A imagem abaixo, é de um fragmento de ABC WARE, com o tema fábulas de Esopo.

Figura 176 Fragmento de uma placa com a fábula do Esopo – The Dog In The Manger

Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS

A imagem acima é de uma fábula de Esopo “O cachorro e a manjedoura”, o uso de fábulas, assim como outros temas, era educar as crianças enquanto realizavam as refeições. Ensinavam as crianças através da ‘moral das histórias’ usando as cenas centrais, outra forma de educar ocorria através da borda com alfabeto impresso ou moldado e, por vezes outros elementos eram agregados, como as horas ou números. No caso americano, os temas eram: atividades infantis, animais e histórias e rimas.

Foram coletados 397 fragmentos de ABC WARE, todas as bordas, destacava-se alfabeto em sua maioria impresso; no caso da placa ou desenho no centro, foram identificados apenas fábulas de Esopo e em maior proporção, O cão na manjedoura.

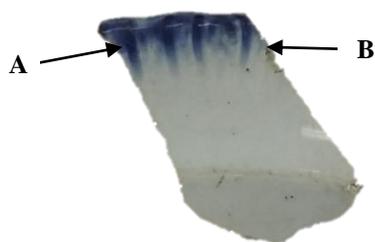
O padrão foi adotado em pratos para ensinar as crianças, como mencionado, o que nos leva a pensar que, apenas os grupos mais abastados poderiam adquiri-los, considerando que estariam inseridos no modelo de civilidade proposto.

5.4.4. Shell Edged Pattern

Criado por volta de 1774, por Josiah Wedgwood, também conhecido como ‘borda de concha’, tem como características principais: ranhuras ou estrias ou incisões moldadas, com aplicação de pintura com pincel, iniciando da borda e seguindo na direção do centro da louça, entre as cores utilizadas, destacam-se o azul, o verde, o rosa, a púrpura e o marrom (GARCIA, 1990).

O padrão decorativo ficou conhecido por outras denominações, como: blue edged ou green edged, (conforme a cor), no Brasil ficou conhecido como “beira azul”, de acordo com Symanski (1998, p. 173). Embora tenha sido produzido em outras cores, como mencionado acima, o shell edged ficou foi mais popular em azul ou verde. É considerado um dos padrões decorativos mais popular, produzido em creamware, e possivelmente foi um dos primeiros padrões decorativos produzido em pearlware. (SUSSMAN, 1977). O padrão decorativo Shell Edged está inserido na categoria de louça pintada a mão e com superfície modificada, como observa-se abaixo,

Figura 177 Fragmento de Shell Edged na cor azul

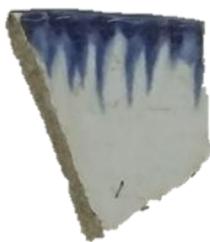


Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS¹⁵⁸

Na imagem acima, observa-se as principais características apresentadas por alguns autores, relevo modelado ou modificado com incisões. Entretanto, o arqueólogo argentino Daniel Schavelzon (1991) as principais características do padrão são incisões e a pintura na borda, os padrões que não apresentam tais características, são considerados ‘imitações’, sendo encontrados entre 1880 e 1890. De acordo com Sussman (1977, p. 107) as “versões simples e estilizadas foram aparentemente fabricadas a mesmo tempo que as intrincadas versões e uma das anterior à que foi reconhecida até agora”.

Sua principal característica, linhas em série, situadas ao longo da borda e perpendiculares a esta, independente da presença de incisões, ou relevo modificado ou moldado (TOCCHETTO, 2001, p. 39). Como pode-se observar na imagem abaixo:

Figura 178 Fragmento de louça padrão decorativo Shell Edged, sem incisões.



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS

De acordo com Sussman (1977, p. 106) o padrão decorativo analisado, teria passado de “um moldado suave nos primeiros utensílios de cozinha com shell edged e mais frequentemente um plissado intrincado que supostamente se destina a representar naturalmente uma borda shell”, destacando a criação de outras versões ou motivos como foram identificados pela autora. Sussman (1977, p. 106) afirma que outro motivo do

¹⁵⁸ **Nota:** **A** - Pintura com pincel iniciando na borda e seguindo na direção do centro; **B** – Ranhuras ou incisões ou estrias moldadas que inicia na borda e segue em direção ao centro.

shell edged “outra versão inicial do padrão shell edged ocorre com frequência em uma série de linhas verticais impressas com espaçamento estreito. A introdução desta versão simples e altamente estilizada pós-data sem dúvida a da borda mais elaborada de shell”.

Outros motivos ou versões como informa a autora foram identificados em suas pesquisas, entre eles “chicken foot” ou “pé de galinha”, de acordo com a Sussman (1977, p. 108) “um grupo de variações de shell edged foi encontrado apenas em pearlware e louças brancas do século XIX, é o ‘pé de galinha’, grupos regularmente espaçados de duas ou três linhas curvas”. Outras variações foram identificadas pela autora, como a ‘pena de pavão’ ou ‘broto’, associadas as linhas curvas, outras com motivos florais, folhas, pergaminhos ou geométricos e pinturas.

Quanto ao esmalte aplicado no padrão shell edged, Miller (1980, p. 7) firma que eram “pintados sobre o esmalte creamware com shell edged foram produzidos pela primeira vez na década de 1770, o shell edged pintado sob esmalte era mais comumente em pearlware ou whitewares com bordas azuis ou green edged”. Outro aspecto apontado por Miller (1980, p. 7) diz respeito a cor “por volta de 1840, a borda shell edged green tornou-se rara, enquanto o shell edged blue refazia um tipo comumente disponível listado na fatura dos ceramistas e comerciantes na década de 1860”. Na imagem abaixo, se observa um fragmento de shell edged na cor verde, com borda ondulada e incisões.

Figura 179 Fragmento de Shell Edged na cor verde



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS

Entre os artigos produzidos, destacam-se peças planas, molheiras, terrinas e potes de manteigas, identificadas com utensílios de mesa (MILLER, 1980; 1991). De acordo com Garcia (1990) as principais fábricas de louça que produziram o padrão decorativo Shell Edged, foram:

Quadro 38 – Fábricas que produziram o padrão Shell Edged

| FÁBRICA | PERÍODO |
|--------------------|---------------------------------------|
| SPODE | A partir de 1783 |
| LEEDS | Introdução ao final da década de 1780 |
| SWANSEA | Aproximadamente desde 1800 |
| HERCULANEUM | 1793 – 1841 |
| PHILLIPHS | 1822 – 1834 |
| DAVENPORT | Posterior a 1805 |
| CLEWS | 1818 – 1834 |
| T. MAYER | 1826 – 1836 |
| ENOCH WOOD | 1818 – 1848 |

Fonte: Adaptado por Bezerra, 2022 da obra de Garcia, 1990.

O quadro acima possibilita e corrobora com Sussman (1977), a autora destaca que as variações de shell edged pattern podem estar relacionadas a diferentes momentos de sua produção e/ou diferentes fabricantes. Outro aspecto importante para ser melhor estudado é a aquisição de moldes e patentes de padrões decorativos, pois Shavelzon entende como imitação as variações encontradas de shell edged. Entretanto, pode ser analisada como aquisição de moldes e patentes, não descartando a cópia ou imitação dos mesmos, mas realizando um estudo mais aprofundado, acerca de suas variações.

Quanto a comercialização e o consumo de shell edged, Symanski (1998, p. 173). “Devido ao baixo custo, este padrão foi tão amplamente consumido que, na década de 1850, seu preço estava se aproximando da louça branca sem decoração, a variedade mais barata de faiança fina”. Em função a essa situação, a produção shell edged foi interrompida imediatamente, no auge de seu consumo por diferentes grupos sociais em lugares distintos, como Europa, América do Norte e do Sul, entre outros. Em um estudo realizado por Miller & Hunter (1990), a partir dos dados coletados e analisados foi possível identificar o início e o fim da produção de sete padrões decorativos, destaca-se aqui o shell edge, entre os anos de 1835 e 1840 e entre 1858 e 1873, o padrão não foi produzido. Entretanto, em 1830, foi o mais vendido no mercado americano (MILLER; SAMFORD; SHLASKO; & MADSEN, 2000).

De acordo com Hunter & Miller (2009) uma das características do padrão decorativo shell edge ou edged é que sua decoração, principalmente em pratos, encontra-se exclusivamente na borda, raramente era aplicada alguma decoração no centro. Alguns fabricantes teriam inseridos cenas chinesas, e em outros casos símbolos norte americanos para se inserirem no mercado.¹⁵⁹

¹⁵⁹ VER HUNTER, Robert &. MILLER George L. Suitable for Framing: Decorated Shell-Edge Earthenware. In *Early American Life*, Volume XL No. 4 August 2009 p. 8 - 19.

A comercialização de shell edged se expandiu por diferentes lugares, chegando ao Brasil e entre as cidades brasileiras, entre elas, destaca-se Porto Alegre, de acordo com Tocchetto (2001, p. 40) “Observou-se que a decoração se apresenta usualmente na borda, quando em recipientes planos, mas ocorre em outras partes quando associada a recipientes côncavos e tampas”.

Na imagem abaixo, observa-se um fragmento em shell edged, de um recipiente para servir, possivelmente uma sopeira, com as incisões feitas alguns centímetros abaixo da borda, e na parte externa. O shell edged pattern foi aplicado em outras formas de recipientes, como molheiras, travessas, manteigueiras e pratos.

FIGURA 180 FRAGMENTO DE SHELL EDGED (RECIPIENTE PARA SERVIR)



Fonte: TOCCHETTO (2001, p. 119) Adaptado por Bezerra, 2022¹⁶⁰

A presença do padrão em estudo na cidade de Porto Alegre, foi identificada em listagens de lojas de louças e nos itens de consumo doméstico, elencados nos inventários analisados, a denominação presente nos inventários é a mesma empregada pelos fabricantes ingleses (beira azul ou “edged with blue) Symanski (1998).

Como foi observado no caso do sítio RS JA 06 foram coletados 951 fragmentos, em sua grande maioria na cor azul, em menor proporção na cor verde. Porém foram encontrados mais fragmentos do padrão willow pattern que do padrão shell edged. Na imagem abaixo, da direita para esquerda, observa-se no primeiro fragmento uma borda lisa e não moldada; na segunda uma borda moldada, com incisões mais separadas e um botão e ondulada; a terceira com borda moldada, dando a impressão de faixa e com incisões realizadas bem próximas.

¹⁶⁰ **Nota:** Fragmento de recipiente para servir, produzido entre 1780 e 1850.

Figura 181 – Fragmentos de *Shell Edged*



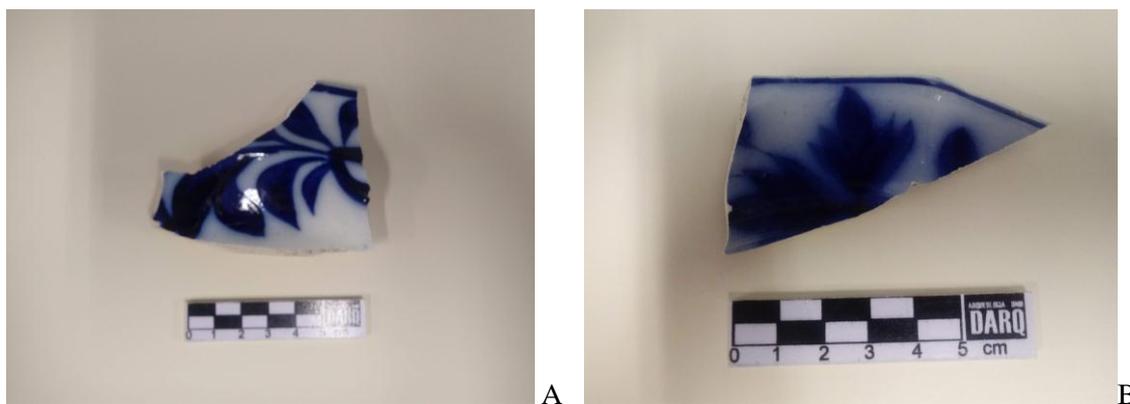
Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS

Os fragmentos do padrão shell edged coletados não nos forneceram informações, acerca dos seus fabricantes. O que impossibilitou analisar sua trajetória desde a fábrica ao descarte. Porém nos permite identificar que foram adquiridas diferentes variações do padrão.

5.4.5 .Flow Blue

A *FLOW BLUE* ou Borrão Azul é analisado aqui como técnica decorativa e que pode ser empregada com outras técnicas para se diferenciar dos demais artigos de mesa comercializados no período.

A técnica consiste no processo pelo qual a tinta é executada fora do padrão da transferência e no corpo branco do item. Isto é conseguido com a adição ao forno de um pó contendo cal ou amônia durante a queima final do esmalte. A reação química desencadeada pelo calor faz a cor correr, dando ao azul uma aparência borrada. A técnica era muito popular no mercado de exportação norte-americano e continua até os dias atuais. Alguns colecionadores, no entanto, acham a cor intensa do esmalte azul profundo irresistível (NEALE, 2005, p. 135).

Figura 182 Fragmentos de *Flow Blue*

Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS¹⁶¹

Entre os padrões e técnicas analisadas, foram coletados 5115 fragmentos da técnica decorativa, o que nos chamou a atenção, pela quantidade e pouca variedade, mas isso se deve por um possível acidente, ocorrido no traslado da mercadoria até seu comprador. Foram coletados mais de quatro mil fragmentos. Tal afirmação é possível, a partir da descrição de uma das pesquisadoras que estava escavando. Ela descreve em seu diário de campo e afirma que existiam mais, entretanto não era possível coletar, pois a área estava alagada e a colocava em risco.

A maioria dos fragmentos coletados eram pratos com halo mais fino, pintado à mão e desenhos fitomorfos na cor azul, como na imagem 188 A.

5.4.6 Lustre Ware

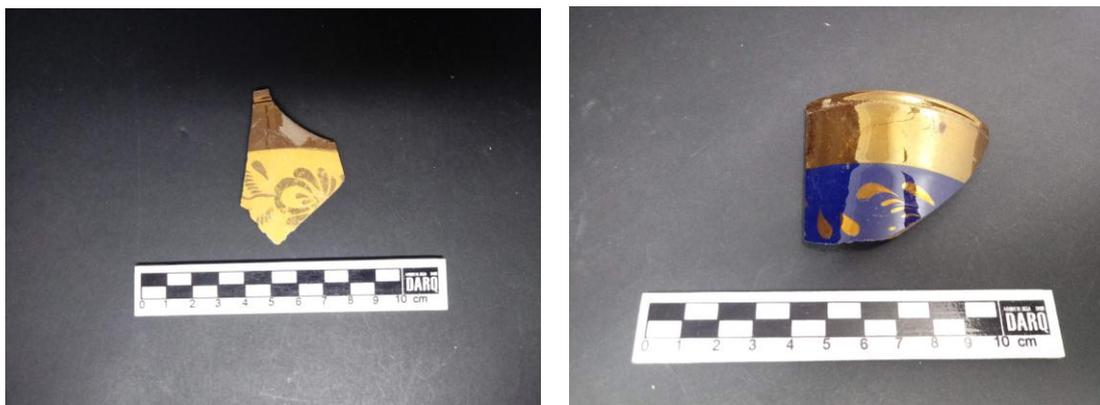
O Lustre ware é uma técnica decorativa que possui um brilho metálico, o que a diferencia das demais louças, isso se deve ao uso de óxidos de metais na decoração. A técnica empregada

para obter o efeito lustroso se mistura dois óxidos com base metálica com balsamo de enxofre, essência de trementina e azeite de lavanda. Esta suspensão se aplicava com pincel plano sobre a cerâmica já cozida e envernizada e as peças se submetiam a outro cozimento entre oito e doze horas em um forno de mufla com atmosfera de redução; O calor dissipa o oxigênio e destrói a matéria orgânica na capa metálica, deixando uma capa dura de metal lustroso. (Garcia,1990, p.161)

O efeito pode ser observado abaixo

¹⁶¹ **Nota:** **A** Fragmento de *FLOW BLUE* com halo mais fino; **B** Fragmento de *FLOW BLUE* com halo mais grosso

Figura 183 Fragmentos de *Lustre Ware*



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS¹⁶²

Teria sido patenteada na Inglaterra, em 1810 por Peter Walburton, entretanto é atribuída a outro inglês John Hancock, da Fábrica Spode, em 1780. A fábrica entre 1885 e 1815 passou a usar e empregar a técnica em outras peças de faiança. Em 1830 a técnica já era conhecida e aplicada por outros ceramistas.

A presença de fragmentos da referida técnica em Porto Alegre nos permite inferir que a mesma era exportada. Foram coletados 207 fragmentos de lustre ware, em sua maioria de canecas, possivelmente para líquidos quentes, como chocolate, considerando seu consumo no inverno gaúcho. Outros itens, em menor proporção foram encontrados, como fruteiras. As cores variavam entre azul e amarelo, em sua maioria.

5DO LABORATÓRIO AO MUSEU

Em 2009, foi idealizada uma exposição sobre brinquedos provenientes de um sítio arqueológico (RS JÁ 06 – Praça Rui Barbosa) com a Coordenadora do projeto Denise Ognibeni e o material para exposição. Infelizmente, não foi possível a realização da mesma. Ela seria realizada no Centro Popular de Compras e tinha como objetivo apresentar ao público um pouco da História do local, a partir dos objetos.

¹⁶² **Nota:** **A** Fragmento de Lustre ware em amarelo e marrom; **B** Fragmento de Lustre ware em azul

Figura 184 - Material para ser exposto em 2009



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS

Na imagem acima alguns fragmentos que seriam colocados em exposição. Fragmentos de brinquedos, alguns em louça.

5.5.1. A louça em exposição no MCT/PUCRS

Em 2017, foram propostas mudanças para as exposições “permanentes” do Museu de Ciência e Tecnologia da PUCRS, e entre elas estava a exposição de Arqueologia.

Como parte do processo de atualização das exposições permanentes do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS, foi requisitado e encorajado aos pesquisadores do laboratório de Arqueologia a elaboração de uma proposta para o setor da área expositiva do Museu dedicado à disciplina. Dentro do local em questão, em primeira instância, o projeto se refere; aos três armários de vidro hoje ocupados por material de matriz africana, indígena brasileira e indígena andina; ao espaço onde se localiza uma urna funerária Guarani; e à vitrine que abriga três cabeças reduzidas da etnia Jivaro, da Amazônia Peruana. (PROJETO PARA ATUALIZAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DE ARQUEOLOGIA – MCT/ PUCRS, 2017)

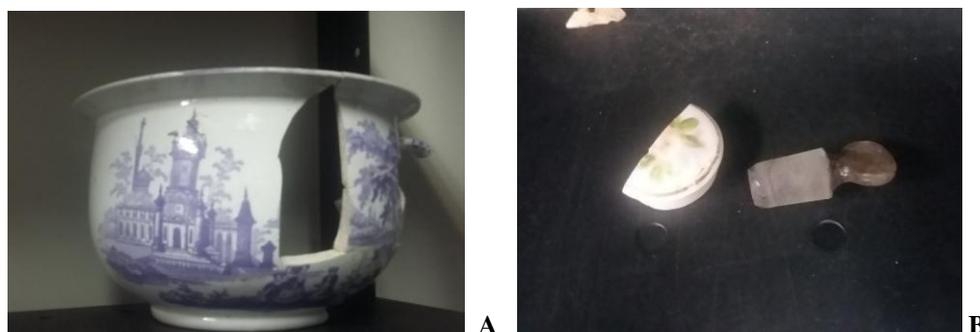
A proposta era trazer uma linguagem nova, onde o público interagisse com os objetos; para tanto a equipe do laboratório de Arqueologia iniciou o projeto. A equipe

era composta por Klaus Hilbert, Filipi Pompeu, Carlos Eduardo Melquiades, Juliano Sauter Priscila Ervin, Bruna Siqueira e Ana Paula Gomes Bezerra.

A equipe de Arqueologia procurou trabalhar orientada pelos desenvolvimentos práticos e teóricos mais recentes da disciplina, que indicam uma aproximação entre a sociedade e a produção científica. Isto vai de encontro com a temática abraçada pelo Museu, que é a *tecnologia*; conceito de caráter amplo no qual a disciplina arqueológica se apoia para realizar suas deduções sobre história, vida e sociedade dos seres humanos através do tempo. (PROJETO PARA ATUALIZAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DE ARQUEOLOGIA – MCT/ PUCRS, 2017)

Foram selecionados alguns fragmentos referentes ao sítio analisado, como pode-se observar na imagem abaixo.

Figura 185 Artefatos selecionados para exposição



Fonte: Acervo Sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa) Laboratório de Arqueologia MCT-PUCRS¹⁶³

O quadro trata de um esquema elaborado pela equipe para expor os artefatos organizados em seus respectivos eixos Temáticos, divididos em três estantes.

Quadro 39 Esquema elaborado para exposição

| | Armário Esquerda | Armário Central | Armário Direita | |
|---|--|---|--|------------------------------------|
| Eixo Temático Ameríndio (provisório) | Título: “Arqueologia: pequenas coisas esquecidas” | Título: a definir | Título: a definir | Eixo Temático “Agora” (provisório) |
| Caça/Pesca | Lascas de osso e pedra; | Boleadeira; Machado; Ponta de Flecha; Flecha; Batedor; | Gaúcho; Serrote colonial; Rede de pesca; Martelo; | Trabalho e Tradição |
| Cultivo | Restos de alimentação; Caco de cerâmica; | Vaso de cerâmica indígena; Milho; Almofariz e pilão de pedra; | Garrafa de cerveja; Liquidificador; Panela; Talheres coloniais; | Sociedade de Consumo |
| Saúde/Cura | Cachimbo; | Tabaco; | Vidro do | Indústria |

¹⁶³ **Nota:** A urinol em faiança fina remontado; B Recipiente em louça e tampa em vidro para licoreira

| | | | | |
|---------------------------------|------------------------------|---|---|--|
| | | Epidemia; Crucifixo; Petynguá; | camelódromo; Urinois; Pílulas; Placa de Proibido Fumar; | Medicinal |
| Religião e Sociedade | Contas de colar; Tembetá; | Chimarrão; Colares (Jeter); Botoques; | Boné; Celular; Alargadores; Piercings; Cuias 'modernas' | Sociedade e Redes Sociais |

Fonte: projeto para atualização da exposição de arqueologia – mct/ pucrs, 2017

A Exposição foi montada, seguindo o projeto elaborado pela equipe do laboratório, foram projetados outros espaços, e foram executados, entretanto, foi selecionada, apenas a área em que os fragmentos do sitio analisado foram expostos, foram incluídos os brinquedos da imagem referente a exposição em 2009.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclusão é a parte mais difícil da tese, para mim. Concluir, colocar um ponto final em uma pesquisa que tanto me debrucei, antes mesmo do doutorado, não é um trabalho sem adversidades. Foi um longo percurso percorrido e, por hora, se faz necessário finalizá-lo.

O início desta pesquisa desenrolou-se com uma proposta de tese analisar *pequenas coisas produzidas, consumidas e descartadas. Circulação de louças europeias na Argentina, Uruguai e Brasil (1837 – 1930)*, as redes de comércio e consumo entre Buenos Aires, Montevideo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Fortaleza, São Paulo e Belém. Porém, ao longo do caminhar da pesquisa, ela foi se moldando, encontrando novos caminhos e novas fontes. Outras escolhas, então, foram necessárias para que a tese tomasse a forma que hoje se apresenta, como *Malgas, Urinóis e Manuais: Da Produção ao Descarte de Louças Europeias na Porto Alegre Oitocentista (1837 – 1895)*.

Resolvo, nesse caso, iniciar a conclusão esclarecendo que, eventualmente, expressa-se importante retornar aos séculos XVII e XVIII, para uma melhor explicação/compreensão de aspectos trabalhados na tese. E, para continuá-la, de maneira mais satisfatória, compartilho alguns dos questionamentos que me acompanharam por toda a pesquisa: Como a cidade de Porto Alegre foi inserida no modelo europeu de civilidade e consumo? Que estratégias foram utilizadas para que a cidade entrasse no referido modelo? As mudanças nos hábitos e costumes foram sentidas por todos os grupos? Qual o papel da louça nesse processo?

Tais questionamentos foram fundamentais para o meu processo de investigação, foram alicerçados nestes que me debrucei sobre o meu objeto de pesquisa, a louça europeia de uso doméstico, mais especificamente, a louça exumada na segunda intervenção arqueológica no sítio RS JA 06 (Praça Rui Barbosa), em 2007. No entanto, como em todo percurso científico, novos questionamentos não se furtaram de aparecer. Dentre eles, a pergunta sobre como responder aos questionamentos anteriores com uma quantidade tão grande de fragmentos?

Decidiu-se, portanto, observar a louça a partir de alguns elementos: a pasta, a técnica decorativa, o padrão decorativo e, por último, os selos/marcas. Almejando que, desse modo, cada um dos elementos nos ajudasse no importante papel de compreender, o que mudava em cada louça e por quais motivos. As principais mudanças observadas,

se iniciavam no setecentos, devido às transformações ocorridas em decorrência das Revoluções Industrial e do Consumo, concomitantemente. Evidenciando, assim, a relação entre o consumo, a civilidade e a economia capitalista, no surgimento de uma sociedade consumista que promove, por meio da aquisição de artigos, uma distinção social atrelada ao modelo europeu de civilidade e consumo.

Na França, nesse mesmo período, o processo civilizador, como relatado por Elias (1994), já havia iniciado, levando, no entanto, cerca de trezentos anos para que os indivíduos internalizassem as chamadas regras de civilidade, que se tratavam do refinamento das maneiras. Com a expansão da economia capitalista, segundo McCracken (2003), um ‘boom’ de consumo ocorre no século XVII, mudando o comportamento de consumo da sociedade inglesa do período,¹⁶⁴ onde a aquisição de itens de luxo se torna elemento de distinção social. A louça torna-se, então, um importante elo entre o refinamento das maneiras e a economia capitalista. Mas não poderia ser qualquer louça, era necessário investir na qualidade, nas formas, no design da mesma.

É o que se evidencia na análise das louças, criam-se novos esmaltes, como: creamware, pearlware ou whiteware. Os investimentos ocorrem não apenas na melhoria da qualidade do esmalte, mas em fornos que atendam às necessidades da produção das louças. Na Inglaterra, por exemplo, Josiah Wedgwood passa a melhorar não apenas a qualidade do material de trabalho, mas a forma de trabalho dos trabalhadores, dispendo estes de mais atenção do ceramista e obedecendo a regras relacionadas à higiene, criadas nesse período. Outra mudança do mesmo momento, é a ênfase na divulgação das fábricas, o tipo de pasta usada na produção das louças, como é o caso do *ironstone*. Observa-se que os anúncios desse período são uma importante fonte de investigação, sendo alguns deles, relacionados à dissolução de sociedades, nos permitindo compreender o funcionamento das cerâmicas, por exemplo.

Outro aspecto importante a ser observado é a mudança na configuração das casas, portanto, agora, um novo cômodo relacionado à sociabilidade, a sala de jantar. A esse espaço é atribuída uma disposição específica da mobília e dos rituais de comensalidade e civilidade, como a composição da mesa e as regras de conduta impostas à esta. Tal mudança pode ser observada nos anúncios dos leilões, nos quais se

¹⁶⁴ Ver McCracken (2003)

evidencia os itens que devem compor tal espaço, além da descrição de alguns itens e de seu caráter distintivo, como é o caso da porcelana alemã.

Nesse percurso de pesquisa, se escolhe analisar os selos/marcas para compreender como ocorreu a trajetória da louça, norteando, fundamentalmente, o mapeamento das fábricas e as descrições de suas histórias. Compreendendo, assim, como foi o processo de expansão das fábricas até a chegada em Porto Alegre. Durante a investigação dos fragmentos de louças, observou-se a presença de mais selos/marcas do que foram catalogadas aqui, no entanto, ou o selo não estava completo, ou não era possível sua identificação por desgaste ou por outros fatores que o tornavam ilegíveis. Em síntese, foram analisadas aproximadamente vinte e sete fábricas europeias, entre elas, holandesas, francesas, alemãs, belgas e inglesas.

O estudo das fábricas possibilitou evidenciar uma questão, questionada por mim e observada em outros estudos que tive acesso, relacionada às estratégias adotadas por algumas dessas fábricas para se inserirem em outros países, como o Irã e os Estados Unidos. O emprego de elementos da cultura do local em seus padrões decorativos é uma das estratégias. Como no caso dos Estados Unidos, em que foram inseridos símbolos estadunidenses, como a águia, em selos/marcas, além estratégia da instalação de fábricas ou representações nos países que tinham interesse em negociar. O que já havia sido observado, anteriormente, era a adoção de mitos e/ou símbolos chineses em peças de faiança fina para se inserirem em outros mercados. Tais elementos facilitaram a aceitação de alguns grupos, e assim foi iniciada a entrada e concorrência das louças, naquele local. Um bom exemplo disso é o willow pattern, padrão decorativo criado na Inglaterra, comportando elementos narrativos de um mito chinês, porém substituindo símbolos essenciais daquela cultura, como é o caso da substituição das borboletas pelas andorinhas. A difusão desse mito, através de revistas destinadas à família inglesa, onde eram lidas inúmeras vezes para as crianças, é outro fator curioso associado à louça e a cultura.

Como ponto assertivo da pesquisa, tem-se o uso dos anúncios de leilão, que não haviam sido pensados até então, e que, definitivamente, auxiliaram para o mapeamento do consumo e da composição da sala de jantar. Ainda que, quantitativamente, poucos anúncios tenham sido analisados, eles foram fundamentais para o caminhar dessa tese.

Ao analisar os modos a mesa, acredito não ter atendido totalmente a proposta de analisar, a partir dos fragmentos de peças que compunham os rituais de jantar e chá, os padrões de comportamento à mesa. Mesmo que não fosse o objetivo principal do

capítulo, a não análise de todos os objetos, impossibilitou uma descrição mais detalhada dos objetos e uma ilustração mais fidedigna do uso dos manuais de civilidade, dos guias de receita ou dos anúncios de leilão. No entanto, acredita-se que os usos de alguns fragmentos contribuíram para explicar, minimamente, o que foi proposto.

No primeiro capítulo desta tese, em que se trata da arte da cura, da urbanização e do comportamento de descarte, foi analisada a formação do sítio arqueológico utilizado para a construção deste trabalho, de lixeira coletiva à campo de pesquisa. Esclarecer que, embora o recorte temporal 1835 -1895 tenha sido definido, este não se deu por conta do período de produção identificado no sítio arqueológico, mas visando o período em que este foi definido como lixeira coletiva até a colocação dos paralelepípedos que cobrem a área.

O segundo capítulo aborda a circulação de ideias, técnicas e matérias-primas fundamentado em uma cartografia dos objetos, em especial da louça. Aqui, foi analisada a cartografia da mobília e da louça, onde foi possível identificar, com a ajuda dos anúncios de leilões, a presença de alguns itens nas casas de famílias específicas da sociedade porto-alegrense. Foram analisados os selos/marcas presentes nas louças exumadas do sítio analisado, que nortearam a produção de uma cartografia relativa às inovações e à difusão das técnicas. Permitindo a observação das estratégias adotadas pelas fábricas estudadas.

O terceiro capítulo averigua as exposições como meio de circulação de ideias, tecnologia e cultura, sejam elas estaduais, nacionais ou continentais. Os selos/marcas cumprem um papel importante aqui, pois auxiliam a compreender como ocorreu a difusão das louças nas casas comerciais porto-alegrenses. Recorremos aos anúncios dos jornais estrangeiros, aos catálogos das exposições e aos anúncios das fábricas de louça identificadas por meio dos selos/marcas, a fim de verificar a participação das fábricas, estudadas na seguinte tese, nas referidas exposições. Outro ponto importante tratado neste capítulo é a exposição Brasileira Alemã, que se diferencia das ocorridas em outros estados, pela inserção de louças produzidas na Alemanha. Foi, então, a partir dela que se fez possível mapear e relacionar as fábricas alemãs às casas comerciais porto-alegrenses de origem alemã.

Em relação ao quarto capítulo, que trata do refinamento das maneiras e das demonstrações de civilidade, com a inserção das regras de bons modos, partimos da literatura de civilidade, de guias de culinária e de itens de mesa coletados no sítio RS JA 06(Praça Rui Barbosa).

Por fim, o quinto capítulo aborda o descarte de objetos, utilizando como referência autores como Schiffer e Schavelzon. Além da discussão sobre as intervenções arqueológicas realizadas no referido sítio e sobre a análise das louças exumadas e selecionadas para uso deste estudo, que, atualmente, se encontram expostas no museu de Ciência e Tecnologia da PUCRS.

Ao finalizar a escrita dos capítulos, vejo que consegui cumprir com a proposta de analisar a inserção da cidade de Porto Alegre no modelo europeu de civilidade e consumo, utilizando a louça de uso doméstico como objeto de estudo. Conclui-se que tal inserção ocorre dentro de um contexto de expansão do mercado capitalista e do modelo europeu de vida, no qual a cidade em questão tinha as condições para se inserir. Percebe-se que a cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, se diferenciava das outras cidades brasileiras pela forte presença de imigrantes alemães e italianos, o que se evidencia, também, no comércio de louça, com a massiva presença de fábricas e modelos alemães, e com a significativa presença de louças italianas.

Outrossim, foram identificadas, no decorrer desta pesquisa, estratégias utilizadas pelas fábricas para comercializarem suas mercadorias e as formas com que diferentes grupos sociais tiveram acesso a estas, influenciando, diretamente, a maneira como os hábitos e costumes dos grupos porto-alegrenses foram alteradas pela presença da louça.

A louça foi o fio condutor desta tese e cumpriu um papel fundamental para análise do comportamento de consumo e descarte destas. Possibilitando compreender como se deu a inserção da cidade de Porto Alegre no modelo europeu de civilidade e de consumo, além das mudanças ocorridas gradativamente na cidade e na sociedade antes, durante e depois de sua inserção.

Finalmente, espero contribuir com estudos futuros relacionados à essa temática e com os trabalhos arqueológicos vindouros.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Eliane M. A coreografia de louças e alimentos nas mesas do Brasil (1860-1930). In: Algranti M. L.; MACÊDO S.C.F. (Org.) **História da Alimentação: Brasil séculos XVI – XXI**. Belém, PA: Paka- Tatu, 2020.

ALBUQUERQUE. P.T de S.; VELOZO. J.N. A faiança inglesa dos sítios arqueológicos históricos brasileiros. In. **Revista Clio**. Série Arqueológica: Ed. UFPE, UFPE, Recife/PE, N° 9, 1993

ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In: **História da vida privada: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

ANGOTTI NETO, H. **A Tradição da Medicina**. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2016. (E-Book)

APPADURAI, Arjun (Org.). **A vida social das coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: EdUFF, 2008.

ARAÚJO, A. G. e CARVALHO, M. R. R. A louca inglesa no século XIX: considerações sobre a terminologia e metodologia utilizadas no sítio Florêncio de Abreu, São Paulo. **Revista do MAE**. 3:81-95, 1993.

ARAÚJO, Avohanne Isabelle Costa de Araújo. **Curar, fiscalizar e sanear: as ações medico-sanitárias no espaço público da Cidade do Natal (1850-1889)**, Teresina: Cancioneiro, 2011.

ARAÚJO, M. L. V. Os interiores domésticos após a expansão da economia exportadora paulista. **Anais do Museu Paulista**. 12:129-160, 2004

BANDEIRA, Beatriz. A faiança portuguesa entre os séculos XVII e XIX. In: **Vestígios – Revista Latino**

BARBUY, Heloisa. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal . **Anais do Museu Paulista**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 211-261 , jan. 1996.

BARBUY, Heloisa. Um sistema comercial-cultural de importação de porcelanas de mesa francesas no Brasil do século XIX. **Varia Historia**, vol. 35, n. 67, p.275-309. 2019.

BEZERRA, A.P.G. Civilidade e consumo: a louça doméstica na Sobral oitocentista. In:

BEZERRA, A.P.G. (Org.) **A cidade sobreposta: a cidade de Sobral através de sua materialidade**. Sobral –CE: Editora SertãoCult, 2020.

BEZERRA, A. P. G.. **Entre pratos, xícaras e manuais: O circuito de louças europeias na Aracati Oitocentista (1850 - 1890)**. 1. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019. v. 73.

- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. 15^a. Ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papyrus, 7^a ed., 2005
- BRAGA, Douglas de Araújo Ramos. A institucionalização da medicina no Brasil Imperial: uma discussão historiográfica. **Temporalidades – Revista de História**, v. 10 n. 1 (2018): Edição 26 - Temporalidades, Belo Horizonte, Vol. 10, n.1 (jan./abr. 2018). <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5943/pdf>
- BRANCANTE, E. F. **O Brasil e a Cerâmica Antiga**. São Paulo, Ed :Lithographia, 1981
- BURKE .P . **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, Coleção Aldus 18.. 2008
- BURKE .P & HSIA, R. Po-Chia. (Org.) **Tradução Cultural nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009
- CAIRUS, H.F.; RIEIRO JR, W.A. **Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005 (E-book).
- CARVALHO, M. R. R.. Pratos, xicaras e tigelas; um estudo de arqueologia histórica em São Paulo, séculos XVIII e XIX: os sitios Solar da Marquesa, Beco do Pinto e Casa no1. **Revista do MAE**. 13:75-99., 2003
- CASCUDO, L.C. **História da Alimentação no Brasil**, 3^a ed. São Paulo: Global, 2004
- CHALHOUB, S. (Org.) **Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de História Social**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril. Cortiços e epidemias na corte imperial**. 2^a ed. Rio de Janeiro – RJ: Companhia das Letras, 2018.
- COSTA, Telmo Cardoso. **Pequena História da Limpeza Pública na Cidade de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora DMLU – Assessoria de Comunicação Social, 1983.
- CRUZ, G. T. D. (2007). A higienização da cidade: Rio Grande no final do século XIX. **BIBLOS**, v. 13, p. 91–104. Acessado em <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/555>
- DANTAS, Rodrigo Aragão; Sangradores do Império: A arte da sangria no Rio de Janeiro oitocentista. **XXVII Simpósio Nacional de História**. Conhecimento histórico e

diálogo social, Natal RN, 22 A 26 de julho de 2013.

http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364488084_ARQUIVO_texto.pdf

DEETZ, James. **In small things forgotten: an archaeology of early American life.** Anchor Books Edition, EUA. 1996.

DOBB, Maurice H. **A evolução do capitalismo.** 2ª Ed., São Paulo; Nova Cultural. 1986

DOGSON, M.; GANN, D.. **Inovação. 1ª Ed. Porto Alegre, RS,: L&M, 2014**

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. (2004) **O Mundo dos bens: para uma antropologia do consumo.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ,

DOWBOR, Ladislau. **A formação do capitalismo no Brasil.** 2ª edição, São Paulo: Brasiliense, 2009.

EDLER, Flavio Coelho; GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. Chernoviz e a medicina no Império. Insight Inteligência, Rio de Janeiro, p. 128 - 146, out./nov./ dez., 2003.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Vol. 1, 1994.

ELIAS, Nobert. **O processo Civilizador: formação do Estado e Civilização,** vol. 2: - Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FERREIRA, L. O. Medicina Impopular. Ciência médica popular nas páginas dos periódicos científicos (1830 - 1840). CHALHOUB, S. (Org.) **Artes e ofícios de curar no Brasil:** capítulos de história social. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Os manuais de medicina e a circulação do saber no século XIX no Brasil: mediação entre o saber acadêmico e o saber popular. **Educar em Revista,** [S.l.], v. 21, n. 25, p. p. 59-73, out. 2005. ISSN 1984-0411. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2238>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Mobiliário Baiano,** Brasília, DF; IPHAN/ Programa Monumenta, 2009.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre e seu comércio, Associação Comercial de Porto Alegre,** 1983

FRANCO S.da Costa **Porto Alegre: Guia Histórico.** 3ª ed. Revist. Ampl. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998.

FREYRE, G. **Sobrados e Mucambos:** decadência do patriarcado e desenvolvimento urbano. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra (Introdução à História da sociedade patriarcal no Brasil, nº 1), 1968

FORTY, Adrian. **Objetos de desejo - design e sociedade desde 1750.** Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FURTADO, Junia Ferreira. A morte com testemunho da vida. In **O Historiador e suas fontes**, 1ª edição, SP: Contexto, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Vida social no Brasil nos meados do século XIX**. 4ª ed. (revista). São Paulo: Global. 2008.

FREYRE, Gilberto. **Os ingleses no Brasil**: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. 3ª edição, Rio de Janeiro: Top Books Editora/UniverCidade, 2000

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento urbano**. 4ª edição, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra (Introdução à História da sociedade patriarcal no Brasil, nº 1), 1968.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências. São Paulo: Martins Fontes, 8ª ed. 1999. — (Coleção tópicos)

FUNARI, Pedro Paulo & ZARANKIN, Andrés & STOVEL, Emily. **Global Archaeological Theory: contextual voices and contemporary thoughts**. Klumber Academic/ Plenum Publishers, New York, 2005.

GARCIA, Patrícia Fournier. **Evidências arqueológicas de la importación de cerâmica em México, com base em los materiales del ex-convento de San Jerónimo. D.F. México**, Colección Científica/Instituto Nacional de Arqueología e Historia, (Serie Arqueologica)1990.

GUIMARÃES, M. R. C.: **Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 2, p. 501-14, maio-ago. 2005.
<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/J7rTR5VG7YXS8jWRfvBZMZm/?lang=pt&format=pdf>

GURGEL, C. **Doenças e curas**: o Brasil nos primeiros séculos. 1ª ed. – São Paulo: Contexto, 2021.

HARRIS, Edward C. **Princípios de Estratigrafia Arqueológica**. Segunda Edição. Editorial Critica, Barcelona/ Espanha. 1991.

HILBERT, KLAUS . Estudos de cultura material: sobre coisas e substâncias na Arqueologia. *Oficina do Historiador* , v. 13, p. 36502-1, 2020.

HILBERT, Klaus. Diálogos entre substâncias, cultura material e palavras. **Métis** (UCS), v. 8, p 11 -26., 2009

HILBERT, Klaus . 'Só achei algumas pedrinhas!': uma sátira sobre o valor de um sítio arqueológico. *Arqueologia Suramericana* , v. 4, p. 76-87, 2008.

HILBERT, Klaus. **Ossos do Ofício**: arqueologia na prática. 1. ed. Curitiba: Appris Editora, 2020. v. 1. 305p

- HILBERT, Klaus. **Ossos do Ofício**: Um manual de Arqueologia. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2016. v. 1. 380p
- HILBERT, Klaus. Dossie: cultura material. In: **Métis: História & Cultura**, v. 8, nº 16, junho – dezembro de 2009
- HOBBSAWM, Eric J. **A Era dos Impérios - 1875-1914**. Rio de Janeiro, Paz e terra, 2007.
- HOBBSAWM, Eric J. **A Era do Capital -1848 – 1875**, Rio de Janeiro, Paz e terra, 2012.
- HODDER. Ian. **Theory and Practice in Archaeology**. Library of Congress Cataloguing in Publication Data. Nova York/ NY, Reimpressão, 1996.
- HODDER. Ian. **Interpretación em Arqueología. Corrinetes actuales**. Editorial Crítica,
- HOLANDA, Cristina Buarque de. **Teoria das Elites**, Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- HURCOMBE, Linda M. **Archaeological Artefacts as Material Culture**. Routledge, Nova York/ NY, 2007.
- JESSUA, Claude. Capitalismo. Porto Alegre: LP & M, 2011.
- JYE. Chen Tsung. **Influência da Porcelana Chinesa no Brasil**. Anais do 44º Congresso Brasileiro do Cerâmica. São Pedro/ SP, 2000.
- KOSMINSKY, D. “Bom gosto”, contradição e a comunicação do simbólico na construção visual do Palácio de Cristal. In: **Cultura Visual**, n. 15, maio/2011, Salvador:
- LIMA, Igor & SILVA, Patrícia G. E. **Tipologia documental**. In: SAMARA, Eni de M. (Org.). Paleografia, documentação e metodologia histórica, São Paulo: Hamanitas, 2010 (CEDHAL Cursos e Eventos, nº 5)
- LATOUR, Bruno. **Reensamblar lo social uma introducción a la teoria del actor-red**. 1ª ed Buenos Aires: Manantial, 2008
- LATOUR, Bruno. **Jamais formos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 4ª Ed., 2019
- LAZZAROTTI, Marcelo dos Santos **Arqueologia da margem Porto Alegre**: a formação de uma cidade portuária (do século XVIII a meados do século XIX). Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- LIMA, T.A. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, no século XIX. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz, v. 2, n. 3, 1995/96, p. 44–96. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/tQF6yH5DFS8d5BRfXX5YJdJ/?lang=pt#>. Acesso em: 21 mar. 2022

LIMA, T.A. *et ali*. A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexo da emergência da pequena burguesa do Rio de Janeiro, **Dédalo**, São Paulo, pub. Avulsa, 1; 205 -230, 1989.

LIMA. Tânia Andrade. Cultura Material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paranaense Emílio Goeldi**. Ciências Sociais, V. 6, n. 1 p. 11-23, jan-abr, 2011.

LIMA. Tânia Andrade. Os marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. 28, n. 2, p. 7-23, dezembro, 2002.

LIMA. Tânia Andrade. O papel da Arqueologia Histórica em um mundo globalizado. In: Zarankin, Andrés; Senatore, Maria Ximena. (Orgs.) *Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul*. Buenos Aires: Ediciones del TRIDENTE, 2002, P. 117 - 127.

LIMA. Tânia Andrade. Arqueologia História no Brasil: balanço bibliográfico (1960 - 1991). **Anais do Museu Paulista**. Nova Série nº1, 1993. p. 225-262.

LIMA. Tânia Andrade. Pratos e mais pratos: louças doméstica, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. In: **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, N. Ser. v. 3, p: 129 – 191, jan. /dez., 1995.

LIMA. Tânia Andrade & Sene, G. & Souza, M. Em busca do Cais do Valongo. Rio de Janeiro, século XIX. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, 24 (1), p. 299-391, 2016

LIMA, Tânia Andrade. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, N. Ser. V. 5, p: 93 – 127, jan/dez, 1997.

MACÊDO, F. R. **História de Porto Alegre**. Porto Alegre: Univerdade/ UFRGS, 1993

MACHADO, D. M. **Nem só inglesas, nem só nacionais: Reflexões sobre as faianças decoradas do sítio Estaleiro Rio Grande, RS**. Monografia (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Bacharelado em Arqueologia, 2014

MALERBA, J. **A Corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência**: Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2000.

MARCHESI, G.; VERCELLONI, L. **A mesa posta: história estética da cozinha**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: Urbanização e Modernidade: a construção social do espaço urbano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

MONTEIRO, Charles. **Breve história de Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. da Cidade, 2012.

MACCRACKEN, Grant. **Cultura e consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003

McKENDRICK, N.; BREWER, J; PLUMB, J.H. **The Birth of a Consumer Society: The Commercialization of Eighteenth-Century England**, Bloomington: Indiana University Press.

MALERBA, Jurandir. **A corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência**: Editora Companhia das Letras, São Paulo (2000)

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Cultura material no estudo das sociedades antigas**. *Revista de História*, São Paulo, n.115, p.103-117, jul.-dez. 1993

MILLER, Daniel. **Trecos, Troços e Coisas: Estudos Antropólogos Sobre a Cultura Material**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2013.

MILLER, G. **Classification and economic scaling of 19 th century ceramics**. *Historical Archaeology*, 14. Acessado em 22 de Abril de 2010
em:http://www.sha.org/publications/onlinepubs_html/pubDetails.cfm?fileName=14-1-01.pdf. 1980

MORAIS, Rubens de Borba In: LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975, p.XIII.

MOREIRA, Paulo Staudt; WITTER, Nikelen Acosta. “O Exercício de Curar supõe o Hábito e Costume de o Fazer”: Boticas e Boticários no Oitocentos no Brasil Meridional. *História em Revista*, v. 26, n. 1, 2020.

NEALE, Gillian. *Encyclopedia of British transfer-printed Pottery Patterns – 1790 – 1930.*, London: Miller's, 2005.

OATES, P.B. **História do Mobiliário Ocidental**, Lisboa: Presença, 1991

O'BRIEN, M. e MAJEWSKI, T. (1987). The use and misuse of nineteenth-century english and american ceramics in archaeology analysis. *Advances in Archaeological method and theory*. 11:97-209.

OGNIBENI, Denise. **Cultura Material e vida cotidiana no meio rural do Rio Grande do Sul, no final do século XVIII e princípio do XIX: o sítio R 23/ Barra Falsa, um estudo de caso. – vias de acesso ao Mercado: a louça e o contrabando no sul**. (Dissertação de Mestrado em História), Porto Alegre: PUCRS, 1998

OLIVEIRA, Ana Lúcia do Nascimento *et ali*. *O exercício das artes da cura no Recife (1828 - 1845): Algumas considerações*. **Revista Ponta de Lança**: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristovão, v. 15, nº 29, jul. – dez., 2021. Dossiê Temático, p.83 -102.

OLIVEIRA, Alberto Tavares de Duarte de. **Um Estudo em Arqueologia Urbana: a carta de potencial arqueológico do Centro Histórico de Porto Alegre.** Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em História) – PUCRS, 2005.

OLIVEIRA, Clovis Silveira de. **A Fundação de Porto Alegre: dados oficiais.** Porto Alegre: Ed. Norma, 1987.

OLIVEIRA, Clovis Silveira. **Porto Alegre. A cidade e sua formação.** Porto Alegre: Impressos no Brasil, 1985

OLIVEIRA, Maria Luiza F. de. **Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiências da urbanização: São Paulo, 1850 – 1900.** São Paulo: Alameda, 2005.

ORSER JR. Charles E. **Introducción a la Arqueología Histórica.** Asociación Amigos del Instituto Naional de Antropología y Ediciones Del Tridente. Buenos Aires, 2000.

PECHMAM, Robert Moses. **Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista,** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

PEDRO, Catarina Marcondes Ferreira. **Casa Importadoras de Santos e seus Agentes: Comércio e Cultura Material (1870-1900).** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2015.

PEIXOTO, L. S. **Louças e modos de vida urbano na Pelotas oitocentista. Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural.** Instituto de Ciências Humanas. UFPEL. Pelotas.164pp., 2009

PESAVENTO, Sandra J.. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: **Revista Brasileira de História**, v. 27, p. 7-23, 2007.

PESAVENTO, Sandra J.. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. In: **Esboços: histórias em contextos globais**, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. pp. 25-30, jan. 2004.

PESAVENTO, Sandra J.. **Álbum de Porto Alegre. 1860-1930.** 1ed.Porto Alegre: Nova Roma, 2007, v. 1, p. 7-15

PESAVENTO, Sandra J.. **Imaginário da cidade: visões literárias do urbano (Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre).** 2. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2002. v. 1. 400p.

PESAVENTO, Sandra J.. **História do RGS.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 2014. 9 ed. 138p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX,** Estudos Urbanos, Editora Hucitec, São Paulo, 1997

PETERSEN FILHO, Germano. Porto Alegre: história e urbanização. 3ª ed. Canoas/RS: Ed. La Salle, 1985.

PILEGGI, Aristides. **Cerâmica no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Ed. Martins, 1958

PIMENTA, Tânia Salgado. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. In VER. História, Ciência, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/ Fundação Oswaldo Cruz, v. 11 (suplemento 1), 67 -92, 2004.

PIMENTA, Tânia Salgado. Entre Sangradores e Doutores: Práticas e Formação Médica na Primeira Metade do Século XIX, Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 59, p. 91-102, abril 2003 Disponível em <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/LF79n7MyS8tYnjFkGmLbvK/?format=pdf&lang=pt>

PIMENTA, Tânia Salgado. Médicos e Cirurgiões nas Primeiras Décadas do Século XIX no Brasil. Almanack, Guarulhos, n. 22, p. 88-119, ago. 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/alm/a/qYtYLMpTth4SgzGSzqWq9Sg/?format=pdf&lang=pt>

PIMENTA, Tânia Salgado & DANTAS, Rodrigo Aragão. Barbeiros-sangradores no Rio de Janeiro Oitocentista: Transformações de um Ofício. Revista da ABPN, v. 6, n. 14, jun./out. 2014, p. 06 -24.

PIMENTA, T. S. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. CHALHOUB, S. (Org.) **Artes e ofícios de curar no Brasil**: capítulos de História Social. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

PIRES, J. V. **Classificados da corte**: o cotidiano do Rio de Janeiro joanino a partir dos anúncios de jornal [s.i.]. Edição do autor, 2021. (E-BOOK)

REFREW, Colin. Bahn, Paul. **Arqueologia, Theories, Métodos and Practice**. Ediciones AKAL, S.A., 2ª ed., 1998.

RITA, Ticiania Santa. Os Boticários da Províncias do Rio de Janeiro (1850 - 1880). Ponta de Lança: **Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, São Cristóvão, v. 15, n. 29, jul. - dez. 2021. ISSN: 1982 -193X Disponível em <https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/15912>

ROCHE. Daniel. **História das coisas banais, o nascimento do consumo séc. XVII-XIX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

RÜCKERT, Fabiano Quadros (2014). Os médicos e a higiene pública na imprensa do Rio Grande do Sul: entre a teoria dos miasmas e a teoria da transmissão hídrica das doenças. **HISTÓRIA UNICAP**, v.1(1), p. 74–90. Disponível em <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/378/346>

SAMPAIO, G. dos R. **Tenebrosos Mistérios**. Juca Rosa e as relações entre crença e cura no Rio de Janeiro Imperial. CHALHOUB, S. (Org.) **Artes e ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SAUTER, Cristina Silva. A organização do mercado de trabalho e agentes do “comércio volante”. In: **Revistas de Estudos Feevale**, Novo Hamburgo: v. 25. n. 1, jul 2002. p. 107-116.

- SCHAVELZON, Daniel. **Arqueología histórica de Buenos Aires (I), la cultura material porteña de los siglos XVIII y XIX**. Editorial Corregidor, Buenos Aires, 1991,
- SCHAVELZON, Daniel. *Arqueología de Buenos Aires*. Editorial Emecé, Buenos Aires, 1996.
- SCHAVELZON, Daniel. **Historias del comer y del beber: arqueología de la vajilla de mesa en Buenos Aires**. Editorial Aguilar, Buenos Aires, 2000.
- SCHAVELZON, Daniel. **The Historical Archaeology of Buenos Aires: a City at the End of the World**. Kluwer / Academic – Plenum Press, New York, 2000,
- SCHAVELZON, Daniel. **Manual de Arqueología Urbana: técnicas para excavar Buenos Aires**. Buenos Aires, 2020
- SCHAVELZON, Daniel. **Catálogo de cerámicas históricas de Buenos Aires (siglos XVI – XX)**. Ediciones Fundación para la Investigación del Arte Argentino y Telefónica Argentina, Buenos Aires, 2018,
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo, Cia das Letras, 1993.
- SCHWARCZ, L. K. M.. **As barbas do Imperador** 12ª edição. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v. 1. 625p.
- SCHIFFER, Michael B. **Formation Processes of the Archaeological Record**. University of Utah Press, Salt Lake City, 1996.
- SOARES, Márcio de Sousa. Médicos e mezinheiros na Corte Imperial: uma herança colonial. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** v. 8 (2), ago 2001, p. 407-438
- SPALDING, W. **Pequena História de Pôrto Alegre**. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1969.
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira ; SOUZA, Rafael de Abreu e. Wheat Pattern Wares, Fascism, and the Building of an Italian Identity in Southern Brazil. **INTERNATIONAL JOURNAL OF HISTORICAL ARCHAEOLOGY** , v. 25, p. 1-23, 2021.
- SYMANSKI, L. C. P. . Práticas econômicas e sociais no sertão cearense no século XIX. **Revista de Arqueologia** , v. 21, p. 73-96, 2008.
- SYMANSKI, L. C. P. ; OSÓRIO, S. R. . Artefatos reciclados em sítios arqueológicos de Porto Alegre. **Revista de Arqueologia** , Rio de Janeiro, v. 9, p. 43-54, 1996.
- SYMANSKI, L. C. P. ; SOUZA, M. A. T. . Análise distribucional intra-sítio em arqueologia histórica. **Revista de Arqueologia** , Rio de Janeiro, v. 9, p. 25-42, 1996.

SYMANSKI, L. C. P. . **Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre no Século XIX**. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. v. 1. 276p.

SYMANSKI, L. C. P. . Grupos Domésticos, Comportamento de Consumo e Louças: o Caso do Solar Lopo Gonçalves. *Revista de História Regional* , Ponta Grossa, v. 2, n.2, p. 81-120, 1997.

TOCCHETTO F.B. **A Faiança fina em Porto Alegre**: vestígios arqueológicos de uma cidade, Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 2001

TOCCHETTO F.B. **Fica dentro ou joga fora?** Sobre as práticas cotidianas na Porto Alegre moderna oitocentista, São Leopoldo: Oikos, 2010.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TRIGGER, Bruce G. **História do Pensamento Arqueológico**. Odysseus Editora, São Paulo, 2004.

VELLOSO, Verônica Pimenta. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887)**: práticas e saberes. Tese (História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2007.

VELLOSO, Verônica Pimenta. Assistência farmacêutica: discursos e práticas na capital do Império do Brasil (1850-1880). **Dossiê: História, Assistência e Saúde. Varia História**. v.26 (44), dez 2010, p. 379-393

XAVIER, R. Dos males e suas curas. Práticas e médicas na Campinas oitocentistas. CHALHOUB, S. (Org.) **Artes e ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003

WEBER, Beatriz Teixeira. Fragmentos de um mundo oculto: práticas de cura no sul do Brasil. In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection, p. 156-215.

WITTER, Nikelen Acosta. A. Curar como Arte e Ofício: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura. In: **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, nº 19,13-25, 2005.

MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES

AVILA, V. F. de. **Saberes históricos e práticas cotidianas sobre saneamento**: desdobramentos na Porto Alegre do século XIX (1850 - 1900). Porto Alegre. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da PUCRS, 2010.

BEZERRA, A.P.G. **Capitalismo e elite no Ceará: Produção, distribuição e consumo de louças europeias em Aracati (1850 A 1890)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, 2015.

BITENCOURT, Daiane Brum. **Para sua saúde e vigor: práticas de cura e medicamentos populares em Porto Alegre (1776-1936)**. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BRANCHELLI, Fabiano Aiub. **Vida material e econômica da Porto Alegre oitocentista**. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

COMPANY, Zeli Teresinha. **Os salvadores das garras da morte: medicamentos populares, medicina humoral em Bom Jesus/RS (1898-1928)**. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

COMPANY, Zeli Teresinha. **Procurando bem todo mundo tem pereba: práticas e recursos de cura a partir da cultura material na Porto Alegre do século XIX (1815-1898)**. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

DINIZ, Denise Scofano. **A” Ciência das Doenças” e a “ Arte de Curar”**: trajetórias da Medicina Hipocrática. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

RÜCKERT, Fabiano Quadros. **O saneamento e a politização da higiene no Rio Grande do Sul (1828-1930)**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. UNISINOS: São Leopoldo, 2015.

SANTOS, P. **Contentores de bebidas alcoólicas: usos e significados na Porto Alegre e Oitocentista**. Dissertação de Mestrado em História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. PUCRS, Porto Alegre, 2005.

SANTOS, Paulo Alexandre da Graça. **Mensagens nas garrafas: o prático e o simbólico no consumo de bebidas em Porto Alegre (1875-1930)**. Tese (Doutorado em História) – PUCRS. Porto Alegre, 2009,

SOARES, F. C. **Vida material de Desterro no século XIX: as louças do Palácio do Governo de Santa Catarina** Tese (Doutorado) Universidade de Trás-os- Montes e Alto Douro, UTAD, Portugal. 2012.

SOUZA, R. A. **Louça branca para a pauliceia: arqueologia histórica na fábrica de louças Santa Catharina / IRFM – São Paulo e a produção da faiança fina nacional (1913-1937)**. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP. São Paulo, 2010.

TAKEYA, Denise Monteiro. **Europa, França e Ceará: origens do capital estrangeiro no Brasil**, Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

THIESEN, Beatriz Valladão. **As paisagens da cidade:** arqueologia da área central de Porto Alegre no século XIX. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

WITTER, Nikelen Acosta. **Males e Epidemias:** sofredores, governantes e curadores no sul do Brasil (Rio Grande do Sul, século XIX. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Rio de Janeiro. Niteroi, 2007.

FONTES

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagem pela província do Rio Grande do Sul.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia: São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorios para uso das familias, contendo a descrição das Causas, symptomas e tratamento das moléstias; as receitas para cada molestia; As plantas medicinaes e as alimenticias; As aguas mineraes do Brazil, de Portugal e de outros paizes; e muitos conhecimentos uteis.** 6ª ed consideravelmente augmentada. Paris, A. Roger & F. Chernoviz, 1890.v. 1 <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6947>

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorios para uso das familias, contendo a descrição das Causas, symptomas e tratamento das moléstias; as receitas para cada molestia; As plantas medicinaes e as alimenticias; As aguas mineraes do Brazil, de Portugal e de outros paizes; e muitos conhecimentos uteis.** 6ª ed consideravelmente augmentada. Paris, A. Roger & F. Chernoviz, 1890.v. 2 <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6948>

ISABELLE, Arsené. **Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul.** Tradução e nota sobre o autor Teodemiro Tostes; introdução de Augusto Meyer. - Brasília: Senados Federal, Conselho Editorial, 2006.

LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil.** Livraria Martins, São Paulo, 1942

SAINT-HILAIRE, A.de. **Viagem em Porto Alegre: 1820-21.** Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Porto Alegre, 1979.

BRASIL **Regulamento da Junta de Hygiene Publica, Mandado Executar pelo Decreto D'esta Data,** Decreto 828, de 29 de setembro de 1851, Cap. IV, Art. 42, p. 267

PORTO ALEGRE (RS). Secretaria Municipal da Cultura. **Livro de registro das posturas municipais de 1829 até 1888.** Porto Alegre, Editora da Cidade: Letra & Vida, 2013 VIEIRA, Silvia Rita de Moraes (Org).

PORTO ALEGRE (RS). Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Cultura, Arquivo Histórico. **Catálogo das Atas da Câmara de Vereadores de Porto Alegre; 1866 -1875,** v. XI. Porto Alegre, EU/ Secretaria Municipal da Cultura, 2001.

PORTO ALEGRE (RS). Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Cultura, Arquivo Histórico. **Catálogo das Atas da Câmara de Vereadores de Porto Alegre; 1876 -1885**, v. XII. Porto Alegre, EU/ Secretaria Municipal da Cultura, 2004.

PORTO ALEGRE (RS). Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Cultura, Arquivo Histórico. **Catálogo das Atas da Câmara de Vereadores de Porto Alegre; 1886 -1900**, v. XIII. Porto Alegre, EU/ Secretaria Municipal da Cultura, 2004.

TOCCHETTO. F. B. **Relatório Técnico Final**. Porto Alegre, 1995.

TOCCHETTO. F. B. **Relatório Técnico Final**. Porto Alegre, 1998

UESSLER, C.de O. Relatório Parcial, Porto Alegre, 2009.

Diário de Campo (2ª INTERVENÇÃO – 2007 - 2009)

GLOSSÁRIO

- Carimbada (*cut sponge*)** Técnica decorativa manual, baseada na aplicação de pintura com auxílio de um carimbo. Datação aproximada: entre 1845 até início do séc. XX. (TOCCHETTO, 2001, p. 27)
- Cena** Constituída por uma paisagem (comum nas louças decoradas com a técnica do *transfer printing*) (TOCCHETTO, 2001, p. 25)
- Chinoiserie** Estilo de inspiração chinesa, com representação de cenas de lendas orientais, pagodes e elementos da paisagem natural e cultural do extremo oriente. Geralmente em tom de azul, ocorrendo eventualmente em rosa e verde; apresenta bordas densamente impressas com desenhos geométricos, como borboletas, chaves, ovas de peixe, losangos e favos de mel. Datação aproximada: início da década de 1830 até início do séc. XX. (TOCCHETTO, 2001, p. 36).
- Creamware** Tipo de esmalte aplicado nas faianças finas, este possui uma cor leitosa e esverdeada adquirida pela aplicação de óxido de chumbo ocorrido no processo de vitrificação.
- Decalque** Técnica decorativa na qual é aplicada uma espécie de adesivo sobre um recipiente, normalmente são feitos na cor dourada, pode apresentar relevos suaves depois que a peça passa pelo processo de queima. No final do oitocentos substituiu o *transfer printing* (Soares, 2011).
- Esmalte** Camada de vidro opaca, branca ou colorida, colocada sobre as peças, vidrado (BRANCANTE, 1981, p. 704).
- Flow Blue (*Borrão Azul*)** Técnica de decoração com pintura, na qual os desenhos se apresentam com aspecto borrado, em virtude da colocação de recipientes contendo cloretos voláteis, durante a queima. Pode ser aplicado em louças decoradas tanto com a técnica de *transfer printing* quanto pintada à mão. Datação aproximada: início da década de 1830 até início do séc. XX. (TOCCHETTO, 2001, p. 36)
- Ironstone** Categoria cerâmica com dureza maior que a faiança e menor que a porcelana. Essa dureza é causada pela adição de “Stone China” na pasta (inserido no selo/marca das fábricas). Translúcidas como porcelana, mais espessa e absorvente (Soares, 2011).
- Louça branca (louça lisa)** louça sem decoração por pintura, podendo receber decoração por modificação de superfície (exemplo: trival).

| | |
|--|--|
| <i>Pearlware</i> | Esmalte encontrado nas faianças finas, possui uma cor azulada, adquirida pela aplicação de óxido de cobalto no processo de vitrificação da cerâmica, foi criada pelo ceramista Josiah Wedgwood, no século XVIII. (Soares, 2011). |
| <i>Whiteware</i> | Esmalte branco utilizado nas faianças finas. (TOCCHETTO, 2001). |
| Porcelana | Constituída de caulim, feldspato e quartzo, cozida a altas temperaturas, em torno dos 1400°. Possui um aspecto branco, vitrificado, sonoro, estrutura sólida e translúcida. (Brancante, 1981). |
| <i>Peasant style</i> | É um estilo da técnica de pintura a mão livre, com motivos florais, diferenciado conforme o traço: caracteriza-se pelas largas pinceladas cobrindo quase toda superfície da peça. Datação aproximada: de 1810 a 1860. (TOCCHETTO, 2001, p. 25). |
| Pintada a mão | Técnica manual, artesanal, de pintura, que inclui as técnicas de decoração a mão livre (com pincel) e com impressão manual (carimbada, <i>sponge</i> , <i>spatter</i> , banhado (<i>dipped</i>) e <i>faixas e frisos</i>). |
| Pintada a mão livre | Técnica decorativa manual, caracterizada pela pintura com pincel, com motivos florais. Datação aproximada: de 1810 a 1860. (TOCCHETTO, 2001, p. 25). |
| <i>Shell edged (blue e green)</i> | Padrão decorativo aplicado na extremidade interna de louças com superfície modificada, caracterizado por sucessivas linhas curtas perpendiculares e contíguas à borda, que tentava imitar a textura de uma concha. Caracterizado por ter superfície pintada e moldada ou modificada, podemos em alguns casos, não ter uma das características descritas. Sua denominação varia de acordo com a coloração: as cores predominantes são o azul e o verde, ocorrendo também, em menor número, marrom, púrpura, rosa, vinho, preta e vermelha. (TOCCHETTO, 2001). |
| <i>Sponge</i> | Técnica decorativa manual, resultante da aplicação de pintura com auxílio de uma esponja, frequentemente em toda a superfície, o resultado era uma peça com aspecto “manchado”. (TOCCHETTO, 2001). |
| <i>Spring style</i> | Um dos estilos da técnica de pintura a mão livre, tem como característica o emprego de motivos florais, diferenciado conforme o traço: caracteriza-se pela pintura de pequenos elementos florais, através de finas pinceladas, deixando grande parte da peça sem decoração, sua aplicação era mais |

comum em *whiteware*. (TOCCHETTO, 2001).

Transfer printing

Técnica decorativa caracterizada por impressão por transferência, constituindo um procedimento mecânico, não artesanal. A técnica consiste: a gravação de um desenho em uma placa de metal, com incisões profundas; a tinta é espalhada nas incisões da placa aquecida; o excesso de tinta é limpo com espátula; a superfície é limpa com uma almofada. Em seguida, cobre-se a placa com papel de seda umedecido e, após, durante uma prensagem normal, o desenho é transferido do papel à peça de cerâmica, que já sofrera uma primeira queima. Para maior adesão, uma flanela e sabão de potássio eram esfregados sobre o papel, causando aderência do desenho à superfície. A peça era então colocada na água, para o deslocamento do papel de seda. E por último, mergulhavam-na na solução para obtenção do esmalte, retornando ao forno, a fim de ser queimada novamente. (TOCCHETTO, 2001).

Willow (Padrão Salgueiro ou Azul Pombinho)

Padrão decorativo do *transfer printing*, inserido no estilo *Chinoiserie*, predominando no tom azul, mas ocorrendo com frequência em rosa e verde. Caracteriza-se pelas cenas orientais, associadas à decoração com padrões geométricos.